

Vinte Anos de Diálogos: Os Esportes na Antropologia Brasileira

Wagner Xavier de Camargo | Mariane da Silva Pisani | Luiz Fernando Rojo
ORGS.

ABA PUBLICAÇÕES

BK
BRAZIL PUBLISHING

Conselho Editorial Internacional

Presidente: Prof. Dr. Rodrigo Horochovski	(UFPR – Brasil)
Profª. Dra. Anita Leocadia Prestes	(ILCP – Brasil)
Profª. Dra. Claudia Maria Elisa Romero Vivas	(UN – Colômbia)
Profª. Dra. Fabiana Queiroz	(Ufla – Brasil)
Profª. Dra. Hsin-Ying Li	(NTU – China)
Prof. Dr. Ingo Wolfgang Sarlet	(PUC/RS – Brasil)
Prof. Dr. José Antonio González Lavaut	(UH – Cuba)
Prof. Dr. José Eduardo Souza de Miranda	(UniMB – Brasil)
Profª. Dra. Marília Murata	(UFPR – Brasil)
Prof. Dr. Milton Luiz Horn Vieira	(Ufsc – Brasil)
Prof. Dr. Ruben Sílvia Varela Santos Martins	(UÉ – Portugal)



Comitê Científico da área Ciências Humanas

Presidente: Prof. Dr. Fabrício R. L. Tomio	(UFPR – Sociologia)
Prof. Dr. Nilo Ribeiro Júnior	(Faje – Filosofia)
Prof. Dr. Renee Volpato Viaro	(PUC/PR – Psicologia)
Prof. Dr. Daniel Delgado Queissada	(Ages – Serviço Social)
Prof. Dr. Jorge Luiz Bezerra Nóvoa	(Ufba – Sociologia)
Profª. Dra. Marlene Tamanini	(UFPR – Sociologia)
Profª. Dra. Luciana Ferreira	(UFPR – Geografia)
Profª. Dra. Marlucy Alves Paraíso	(UFMG – Educação)
Prof. Dr. Cezar Honorato	(UFF – História)
Prof. Dr. Clóvis Ecco	(PUC/GO – Ciências da Religião)
Prof. Dr. Fauston Negreiros	(UFPI – Psicologia)
Prof. Dr. Luiz Antônio Bogo Chies	(UCPel – Sociologia)
Prof. Dr. Mario Jorge da Motta Bastos	(UFF – História)
Prof. Dr. Israel Kujawa	(Imed – Psicologia)
Prof. Dr. Luiz Fernando Saraiva	(UFF – História)
Profª. Dra. Maristela Walker	(UTFPR – Educação)
Profª. Dra. Maria Paula Prates Machado	(Ufcsa – Antropologia Social)
Prof. Dr. Francisco José Figueiredo Coelho	(UFRJ – Ensino de Biociências e Saúde)
Profª. Dra. Maria de Lourdes Silva	(UERJ – História)
Profª. Dra. Ivonete Barreto de Amorim	(Uneb – Educação, Formação de Professor e Família)
Prof. Dr. César Costa Vitorino	(Uneb – Educação/Linguística)
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação	(Uneb – Educação, Religião, Matemática e Tecnologia)
Prof. Dr. Everton Nery Carneiro	(Uneb – Filosofia, Teologia e Educação)
Profª. Dra. Elisângela Maura Catarino	(Unifimes – Educação/Religião)
Profª. Dra. Sandra Célia Coelho G. da Silva	(Uneb – Sociologia, Gênero, Religião, Saúde, Família e Internacionalização)

Wagner Xavier de Camargo

Mariane da Silva Pisani

Luiz Fernando Rojo

(Organizadores)

VINTE ANOS DE DIÁLOGOS:
OS ESPORTES NA ANTROPOLOGIA BRASILEIRA

ABA PUBLICAÇÕES


BRAZIL PUBLISHING

Brasília e Curitiba, 2021



© **Brazil Publishing Autores e Editores Associados**
Rua Padre Germano Mayer, 407
Cristo Rei - Curitiba, PR - 80050-270
+55 (41) 3022-6005



Associação Brasileira de Editores Científicos
Rua Azaleia, 399 - Edifício 3 Office, 7º Andar, Sala 75
Botucatu, SP - 18603-550
+55 (14) 3815-5095



Associação Brasileira de Normas Técnicas
Av. Treze de Maio, 13, 28ª andar
Centro - RJ - 20031-901
+55 (21) 3974.2324



Câmara Brasileira do Livro
Rua Cristiano Viana, 91
Pinheiros - SP - 05411-000
+ 55 (11) 3069-1300

Comitê Editorial

Editora-Chefe: Sandra Heck

Editor-Superintendente: Valdemir Paiva

Editor-Coordenador: Everson Ciriaco

Diagramação e Projeto Gráfico: Rafael Chiarelli

Arte da Capa: Paula Zettel

Revisão Editorial: Thais Valentim

Revisão de Texto: Julia Caetano

DOI: 10.31012/978-65-5861-462-3

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária: Maria Isabel Schiavon Kinasz, CRB9 / 626

V789

Vinte anos de diálogos: os esportes na antropologia brasileira / organização de Wagner Xavier Camargo, Mariane da Silva Pisani, Luiz Fernando Rojo – 1.ed. – Brasília: ABA Publicações; Curitiba: Brazil Publishing, 2021.
[recurso eletrônico]

Vários colaboradores
ISBN 978-65-5861-462-3

1. Esportes. 2. Antropologia – Brasil. I. Camargo, Wagner Xavier de (org.).
II. Pisani, Mariane da Silva (org.). III. Rojo, Luiz Fernando (org.)

CDD 306 (22.ed)
CDU 39(81)



[1ª edição – Ano 2021]

www.aeditora.com.br

COMISSÃO EDITORIAL DE LIVROS CIENTÍFICOS
ABA – CELCA

Coordenador: Carlos Alberto Steil (UFRGS, UNIFESP)
Antônio Carlos Motta de Lima (UFPE)
Bernardo Fonseca Machado (USP)
Nathanael Araújo da Silva (UNICAMP)
Rodrigo Toniol (UFRJ)
Tânia Welter (UFSC)

CONSELHO EDITORIAL

Andrea Zhouri (UFMG)
Antonio Augusto Arantes Neto (Unicamp)
Carla Costa Teixeira (UnB)
Carlos Guilherme Octaviano Valle (UFRN)
Cristiana Bastos (ICS/Universidade de Lisboa)
Cynthia Andersen Sarti (Unifesp)
Fabio Mura (UFPB)
Jorge Eremites de Oliveira (UFPEl)
Maria Luiza Garnelo Pereira (Fiocruz/AM)
María Gabriela Lugones (Córdoba/Argentina)
Maristela de Paula Andrade (Ufma)
Mónica Lourdes Franch Gutiérrez (UFPB)
Patrícia Melo Sampaio (Ufam)
Ruben George Oliven (UFRGS)
Wilson Trajano Filho (UnB)

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA

Presidente

Patrícia Birman (UERJ)

Vice-Presidente

Cornelia Eckert (UFRGS)

Secretaria Geral

Carla Costa Teixeira (UnB)

Secretaria Adjunta

Carly Barboza Machado (UFRRJ)

Tesoureira

Andrea de Souza Lobo (UnB)

Tesoureiro Adjunto

Camilo Albuquerque de Braz (UFG)

Diretor

Fabio Mura (UFPB)

Diretora

Patrícia Maria Portela Nunes (Uema)

Diretor

João Frederico Rickli (UFPR)

Diretora

Luciana de Oliveira Dias (UFG)

www.portal.abant.org.br

UNB - Campus Universitário Darcy Ribeiro - Asa norte Prédio do ICS - Instituto de
Ciências Sociais Térreo - Sala AT-41/29 - Brasília/DFCEP: 70910-900

*Este livro é dedicado à Simoni Lahud Guedes,
à dama da antropologia (dos esportes), por nos
ter apresentado o jogo, explicado a tática e,
sobretudo, por ter conosco tabelado, jogando por
um mundo melhor.*

Agradecimentos

A escrita deste livro a muitas mãos só foi possível mediante a colaboração de muitas e muitos pesquisadoras(es), que acreditam que o esporte é um tema potente para compreender as sociedades em que vivemos. Muitas e muitos colegas foram convidadas(os) para o diálogo e, por inúmeros motivos, algumas/alguns não puderam contribuir, talvez em razão do pouco tempo para produzir e enviar a contribuição. Nosso primeiro agradecimento é justamente a quem aceitou o desafio e nos ajudou a viabilizar esta coletânea.

Dito isso, a partir do livro *imaginado* lá em Brasília, na Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), em fins de 2018, que agregou uma sinergia de vozes e temas, eis agora o livro *real*, construído pela equipe que conseguiu ficar até o final. Assim como numa prova de maratona – para usar de uma metáfora do mundo dos esportes –, a dificuldade do percurso foi vencida e, apesar dos percalços, completamos a longa prova.

Esta obra pretende resgatar a trajetória do Grupo de Trabalho (GT), responsável por incrementar debates e conhecimentos antropológicos sobre práticas esportivas, futebolísticas e de outras modalidades, nos últimos vinte anos. Como produto coletivo aqui encampado, uma vez que haverá um resgate histórico de trajetórias acadêmicas dedicadas a tais estudos, este livro traz um pouco da voz de todas as pessoas que compuseram (ou ainda compõem) esse subcampo dos estudos nessas duas décadas passadas.

Agradecemos, igualmente, à parecerista anônima (ou ao parecerista anônimo) da primeira versão do manuscrito, que além de nos chamar atenção para as lacunas contidas na proposta, nos abrilhantou com considerações pertinentes, que poderiam ser inseridas como introito aos capítulos arregimentados. Nossas elaborações, a partir dessas sugestões, estão contidas na apresentação a seguir.

Para a concretização deste projeto acadêmico, contamos com o inestimável apoio da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), que em meados de 2020 nos contemplou com a possibilidade de publicação da

obra sob o selo ABA, o que muito nos honra e enaltece pela referência que tal instituição representa junto às Ciências Humanas e Sociais no país. Portanto, nosso mais profundo agradecimento.

Parte da trajetória desses vinte anos deu-se em sessões de GTs, organizados em eventos nacionais e internacionais e, mesmo não contando nesta coletânea com a presença de todas(os) as(os) colegas que deles participaram, deixamos nossa gratidão pelas discussões acaloradas, pelos debates promovidos e por *insights* possibilitados naqueles momentos tão importantes de apresentação e revisão de ideias, conceitos e melhoramentos entre pares.

Além disso, nesta celebração do vigésimo aniversário queremos prestar homenagem a quem nos deixou, porém ainda habita nossas memórias e sentimentos: o prof. Gilmar Mascarenhas, que foi o pioneiro no desenvolvimento de uma articulação entre a Antropologia dos Esportes e a Geografia. Mediante suas pesquisas sobre territorialidade, em particular acerca dos impactos dos megaeventos esportivos, Gilmar traçou pontes importantes em um olhar sobre a cidade e as múltiplas formas de apropriação do urbano. Sua partida prematura nos priva do aprofundamento dessa relação ainda a ser realizada e para a qual ele apontou inúmeras possibilidades; à querida, prof.^a Simoni Guedes, nossa matriarca, uma das figuras mais importantes na conformação e consolidação do campo da Antropologia dos Esportes no Brasil, que nos deixou um legado do qual esta coletânea é, igualmente, um compromisso da tentativa de manter e ampliar o que ela semeou em toda uma vida dedicada ao ensino e à pesquisa de qualidade; e à colega, Cilene Oliveira, que se foi em tempo tão fugaz, como numa prova de velocidade do atletismo, deixando um vácuo na promessa que representava.

Desejamos que a leitura e as provocações dos textos desta coletânea possam inspirar outras gerações de pesquisadoras e pesquisadores críticos acerca das práticas esportivas e do que as envolvem.

Niterói, Campinas e Tocantinópolis, novembro de 2020.

A organizadora/Os organizadores

Apresentação

Luiz Rojo
Wagner Camargo
Mariane Pisani

A proposta deste compêndio é inédita no sentido de que até hoje não houve uma tentativa de sistematizar as discussões relativas ao futebol e às práticas esportivas, oriundas dos GTs ocorridos em eventos brasileiros e do Mercosul, dentro da Antropologia, desde que o fórum específico para esse debate de ideias foi criado em 2000 e do qual logo falaremos. As pesquisas têm se avolumado nos últimos anos e ampliado a produção de conhecimentos no que se conhece como campo esportivo das ideias em âmbito antropológico. É nesse momento, portanto, que aproveitamos para organizar essa contribuição, que pretende deixar registrado algo dessa trajetória.

Como Pablo Alabarces afirma em seu texto nesta coletânea, definir o marco de fundação de um campo de estudos dentro da Antropologia não é uma tarefa simples. A "Antropologia dos Esportes" no Brasil pode, em uma leitura mais generosa, ter seus primeiros escritos datados dos anos trinta do século XX – portanto, há quase cem anos – com as formulações sobre o estilo brasileiro de jogar futebol, presentes na obra de Gilberto Freyre. Em uma perspectiva mais difundida, essa primazia oscila entre a dissertação de mestrado de Simoni Lahud Guedes (GUEDES, 1977) e a coletânea "O universo do futebol", de 1982, organizada por Roberto DaMatta (DAMATTA, 1982).

Esta obra, mais do que elencar algumas elaborações sobre o futebol, teve o papel de emprestar reconhecimento a este nascente campo de estudos dentro da academia brasileira. "Isto porque Roberto DaMatta, já amplamente legitimado e reconhecido no campo da antropologia brasileira, legitimava também o objeto" (GUEDES, 2017, p. 366). Porém, a contribuição de DaMatta não se limita a esse papel.

Embora sem realizar pesquisas empíricas, seu ensaio na coletânea mencionada trouxe considerações sobre a dimensão ritual presente no futebol, a qual o autor irá retomar e aprofundar em posterior análise comparativa entre a relação da sociedade brasileira com a Copa do Mundo e com os Jogos Olímpicos (DAMATTA, 2003). Desse modo, em que pese a generalização de suas análises para a "sociedade brasileira" e a ausência de dados etnográficos, DaMatta pode ser considerado um dos precursores dos estudos não apenas sobre o futebol no Brasil, como sobre a potencialidade de um estudo comparativo entre o futebol e os demais esportes – no caso, os Jogos Olímpicos – abrindo um campo ainda não completamente explorado.

De qualquer forma, dos tempos damattianos à atualidade, vimos vários(as) antropólogos(as) sendo formadas(os), nas gerações seguintes. Cada um a seu modo, tanto Guedes quanto DaMatta inspiraram colegas a tomar o esporte como mote de uma analítica do social, e muitas investigações (primeiro muito sobre o futebol e depois acerca de outros esportes) foram sendo desenvolvidas.

Ainda um autor contemporâneo de DaMatta e Guedes que merece destaque pela produção ao longo dos anos 1980-1990 e pela atuação marcada no Museu Nacional (da Universidade Federal do Rio de Janeiro) é José Sérgio Leite Lopes. Ensaios decisivos como *A morte da Alegria do Povo* (LOPES; MARESCA, 1992) e *A vitória do futebol que incorporou a pelada* (LOPES, 1994), entre outros escritos subsequentes, influenciaram e balizaram muitas investigações antropológicas em todo o país.

As publicações de Leite Lopes também alcançaram repercussão fora do Brasil, notadamente no contexto científico das Ciências Sociais da França, a partir de um diálogo direto na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS), particularmente com Pierre Bourdieu e Roger Chartier. Uma vez vertidos ao francês, os artigos desse antropólogo, colaboraram para projetar os estudos futebolísticos brasileiros na Europa.

Dois herdeiros dessa tradição de pensamento e que trilharam caminhos originais nos debates de uma nascente Antropologia dos Esportes brasileira foram Luiz Henrique de Toledo (orientado por José Guilherme Magnani, da Universidade de São Paulo) e Arlei Sander Damo (orientado por

Ruben Oliven, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Eles se mantiveram firmes no propósito de dar contornos a um campo ainda incipiente, sem perder de vista diálogos com uma formação mais ampla de rebentos, tanto das Ciências Sociais, quanto da Educação Física. Talvez possam ser considerados a segunda geração a partir da qual uma plêiade de outros e outras investigadores(as) sociais vão tematizar, particularmente o futebol, como fonte pesquisa.

Se Toledo, a partir das pesquisas de mestrado e doutorado, respectivamente materializadas nas obras *Torcidas de Organizadas de Futebol* (1996) e *Lógicas no Futebol* (2002), vai se tornar uma referência no tratamento analítico de questões que envolviam o futebol, Damo vai ser influenciado por ele e ambos vão estabelecer uma parceria que, durante vários encontros nacionais (tanto da Associação Brasileira de Antropologia, quanto da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais), funcionará como uma "tabelinha" entre dois jogadores, a partir da qual as novas "jogadas" e "estratégias" contribuiriam, pouco a pouco, para a solidificação das pesquisas com temática de uma Antropologia dos Esportes. Como Damo diz sobre a produção dos anos 1980-90: "Iela é, em boa medida, o resultado de um projeto coletivo não intencional, de intenso diálogo entre as produções que foram se acumulando lentamente no período" (DAMO, 2018, p. 45).

Ambos pesquisadores são presenças incontestes no meio, e de extrema relevância teórica e empírica. De Damo, salienta-se, em especial, sua leitura crítica em relação a DaMatta (1998), principalmente, no debate que instaura na proposição de uma chave analítica crítica de superação os fundamentos de um "pai fundador" do campo, e também sua investigação resultante de tese doutoral (DAMO, 2007), que foca na matriz do futebol espetacular, no mercado da bola, no clubismo e no quanto tais dimensões inter-relacionadas estão longe de preparar jogadores para o campo profissional.

Do desenvolvimento aqui e acolá de diálogos e reflexões antropológicas acerca do esporte e suas práticas corporais e de lazer, um momento é incontroverso na trajetória de consolidação desse campo na Antropologia brasileira. Na 22ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em Brasília, no ano 2000, foi organizado, pela primeira vez, um Fórum de Pesquisa, como

se chamou naquela ocasião o que viriam a ser os GTs de hoje. Chamado "Futebol, Antropologia e Imagem", coordenado pelo já citado prof. José Sérgio Leite Lopes e pela prof.^a Carmen Silvia de Moraes Rial, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), figuraria como o primeiro esforço no sentido de institucionalizar o esporte sob análise socioantropológica.

Estamos, nesse sentido, comemorando vinte anos de uma trajetória que partindo dos estudos sobre o futebol, como o próprio nome daquele Fórum de Pesquisa indicava, se complexificou e ampliou para abarcar outras modalidades esportivas. Conforme destacou Simoni Guedes, há dez anos:

A legitimação dos estudos sobre lazer e esportes na Antropologia brasileira, concomitante ao crescimento extraordinário das pós-graduações nas duas últimas décadas, ocasionou notável crescimento da produção de livros, teses, dissertações e monografias, nas mais diversas instituições brasileiras, cobrindo variados aspectos das práticas esportivas. Nesse período, dois deslocamentos importantes começam a ocorrer: esses estudos se autonomizam, paulatinamente, em relação aos estudos sobre o lazer; e amplia-se o escopo empírico, introduzindo novas questões, deixando de ser uma Antropologia do futebol para transformar-se em uma Antropologia das práticas esportivas (GUEDES, 2010, p. 442).

Portanto, as metamorfoses a que vem sendo alvo e mesmo suas múltiplas denominações (seja a mais tradicionalmente utilizada, Antropologia dos esportes, seja a Antropologia das práticas esportivas, como defende Luiz Henrique de Toledo nesta coletânea), o campo busca além da legitimação, uma vinculação profícua com outras áreas do conhecimento; tanto com aquelas já consolidadas (por exemplo, estudos de gênero, etnicidade, etnologia e política), quanto com outras igualmente emergentes na Antropologia brasileira, como as áreas do turismo e das emoções, entre outras, no sentido que os diversos capítulos desta coletânea procuram abarcar. A própria autora supracitada já reconheceu isso anteriormente: "E, por dialogarem os estudos sobre esporte com outros temas clássicos das Ciências Sociais, entre eles identidade social, relações raciais, gênero e sociabilidade, muito de sua produção encontra-se inserida em temáticas mais amplas" (GUEDES, 2010, p. 432).

Durante esses vinte anos, para além desse intenso diálogo interdisciplinar, duas questões merecem ser destacadas na trajetória do grupo. A primeira delas é que, em que pese os estudos sobre a temática futebol terem sido numericamente hegemônicos, nas duas primeiras RBAs, como indica a tabela adiante, seu peso simbólico (atestado pela continuidade temática nas apresentações dentro do grupo de trabalho, característica de pesquisas consolidadas, frente a trabalhos extemporâneos) apenas recentemente se nuançou em relação às pesquisas sobre outras práticas esportivas.

Tabela 1 – Distribuição de trabalhos por tema nas RBA.

Edição	Trabalhos sobre futebol	Trabalhos sobre outros esportes
22ª ABA – Brasília (DF) - 2000	7	0
23ª ABA – Gramado (RS) - 2002	22	14
24ª ABA – Recife (PE) - 2004	9	12
25ª RBA – Brasília (DF) - 2006	9	7
27ª RBA – Belém (PA) - 2010	12	8
28ª RBA – São Paulo (SP) - 2012	17	12
29ª RBA – Natal (RN) - 2014	10	17
30ª RBA – João Pessoa (PB) - 2016	18	17
31ª RBA – Brasília (DF) - 2018	13	9

Fonte: Dados oriundos de anotações (ROJO, 2018).

A segunda questão é que, no decorrer do crescimento desse campo de estudos antropológicos, tivemos que lidar com dois momentos decisivos na conformação e continuidade do GT. O primeiro deles ocorreu em 2008, quando o grupo de trabalho sobre Antropologia dos Esportes, proposto para a 26ª RBA, não foi aceito pela organização do evento. O que poderia ser um motivo de desânimo e de abandono de uma temática que ainda lutava para se legitimar gerou, no entanto, não apenas uma reação por parte das principais lideranças de nossa área, como também um fortalecimento na construção de nosso campo. Como uma de suas consequências, esse fato

está na raiz de nosso segundo momento decisivo, desta vez de teor diametralmente oposto. Durante a organização prévia do GT para a 28ª RBA, em São Paulo, frente a uma enorme quantidade de resumos encaminhados, deparamo-nos com o seguinte dilema: como dar conta, dentro do limite de apresentações estipulado pela coordenação do evento, de garantir a renovação, incorporando uma série de novas pessoas que enviavam seus resumos, sem excluir os "veteranos" que mantinham participação ativa.

Assim, uma solução foi encontrada em reunião ocorrida logo após a apresentação dos trabalhos, na qual decidimos passar a propor dois GTs articulados: um grupo mais amplo, abarcando o conjunto das proposições relativas a qualquer aspecto da Antropologia dos Esportes e um segundo no qual, a cada evento e sempre de forma articulada com os grupos de trabalho sobre esportes nas RAM (Reunião de Antropologia do Mercosul), fosse abordada uma temática específica (gênero, corporalidade, emoções, entre outras), de modo a permitir um maior aprofundamento teórico de tais questões. Durante os anos em que o país viveu a realização de vários eventos esportivos de grande importância, essa decisão foi histórica para consolidar um trabalho que estava em desenvolvimento e que se projetava para o futuro.

É nesse contexto que esta coletânea se propõe a, simultaneamente, celebrar esses vinte anos de participação dos estudos sobre esportes nas Reuniões Brasileiras de Antropologia (RBA), realizando um balanço desses diálogos entre nosso campo de pesquisas e as diversas áreas com as quais construímos interlocução durante esse período, e apontar novos caminhos para as próximas etapas de construção da Antropologia dos Esportes no Brasil (bem como no aprofundamento de suas relações internacionais que se consolidaram durante esses vinte anos iniciais). Cada capítulo, portanto, pretende indicar como essa relação entre estudos e uma área temática específica interagiram, indicando potenciais desdobramentos teóricos e etnográficos para futuras investigações.

Haveria muitas possibilidades de organizar os capítulos, cada uma delas enfatizando determinado olhar para a construção desse campo na Antropologia brasileira e seus diálogos internacionais. Dessa forma, inclusive

para reforçar a trajetória pela qual a área da Antropologia dos Esportes se constituiu e como, nesse processo, os diversos diálogos aqui realizados contribuíram para a consolidação do GT, optamos por uma organização que acompanhasse o período no qual cada um dos temas abordados surgiu nos Grupos de Trabalho de Antropologia dos Esportes, nas diversas Reuniões Brasileira e do Mercosul de Antropologia nestas duas décadas.

De modo a facilitar a identificação dessa trajetória, colocamos no título de cada capítulo o ano em que cada temática apareceu pela primeira vez em nossas sessões. Nesse sentido, vale destacar que não necessariamente os autores que escrevem aqui foram os que apresentaram tais temáticas nos GTs formados nos eventos.

Portanto, iniciamos nossa coletânea com a contribuição de Luiz Henrique de Toledo, um dos primeiros a participar dos GTs de Antropologia dos Esportes nas RBAs. Em seu capítulo ele analisa como as práticas esportivas, em particular as interações presentes nas torcidas organizadas de clubes de futebol, permitem uma incursão etnográfica sobre o conceito de sociabilidade. Inicialmente apresentando o percurso por meio do qual o conceito de sociabilidade percorreu nas Ciências Sociais até chegar aos estudos das práticas esportivas, o autor desdobra o rendimento desse conceito na análise particular das sociabilidades entre torcedores, para a qual deu fundamental contribuição teórica com sua obra.

Ainda na primeira RBA em que o tema dos esportes surgiu, tivemos trabalhos que discutiram as questões do gênero, da etnicidade e um diálogo com a Etnologia, que aqui são representados pelas contribuições de Leonardo Turchi, Mariane Pisani e Carlos Eduardo Costa. Leonardo Turchi Pacheco nos traz, no capítulo dois, por meio de suas pesquisas sobre futebol, vôlei e rugby – no imbricamento com a mídia esportiva –, alguns caminhos para o entendimento do contato entre a Antropologia dos Esportes e os estudos de masculinidade/gênero. O autor mostra como, na trajetória de pesquisas sobre tais modalidades e na tessitura de sua produção científica, houve um empenho em compreender a masculinidade e a feminilidade nos esportes como construções sociais, dadas pelas relações de poder engendradas nos espaços da prática e do discurso no próprio campo.

Em seguida, Mariane da Silva Pisani, no terceiro capítulo, apresenta algumas reflexões sobre como as relações étnico-raciais aparecem inseridas nas práticas esportivas e/ou de lazer. A autora demonstra como esse Marcador Social da Diferença é uma categoria extremamente relevante e atual para pensar o lugar da mulher negra no espaço esportivo brasileiro, especificamente no futebol. O futebol praticado por mulheres, por sua vez, é a temática sobre a qual a autora pesquisa e estuda desde o ano de 2011, e as relações étnico-raciais são extremamente importantes neste contexto esportivo, conforme sua pesquisa científica.

Fechando esse primeiro bloco, Carlos Eduardo Costa irá abordar, no capítulo quatro, as práticas esportivas em populações indígenas, destacando as relações entre os estudos dos esportes e a etnologia indígena. Partindo da análise dos rituais e mitos envolvidos na luta alto-xinguana que encerra um ritual pós-funerário, o autor apresenta algumas das possibilidades de interação entre as pesquisas realizadas na área das práticas esportivas e aquelas mais tradicionais feitas entre populações indígenas. Nesse processo, o entendimento da entrada do futebol nas comunidades indígenas passa por uma análise que enfatiza sua relação com a constituição da ideia de nacionalidade e com um investimento estatal que busca alterar as práticas tradicionais e os valores centrais de tais comunidades.

Dois anos depois, na segunda participação do tema dos esportes na RBA, em 2002, consolidamos a diversidade de questões abordadas com a presença de seis novos campos de diálogo. Particularmente, nesse ano iniciamos um profícuo intercâmbio internacional, que é aqui representado, no capítulo cinco, pelo trabalho de Lía Ferrero, que contribui para situar o campo de estudos desenvolvidos no Brasil dentro de um contexto mais amplo, do qual ela própria é uma das principais vertentes, particularmente nas Reuniões de Antropologia do Mercosul (RAM). Realizando uma tarefa de recenseamento histórico das diversas temáticas abordadas pelos GTs ligados às práticas esportivas e de lazer nesses eventos, ela identifica o processo pelo qual o grupo conseguiu diversificar e complexificar suas análises, ampliando não apenas seus objetos – inicialmente muito identificados com o futebol – mas, principalmente, seus referenciais teóricos. Dessa forma,

Lía Ferrero finaliza seu capítulo apresentando caminhos possíveis para a maior inserção do campo da Antropologia dos Esportes no rol das temáticas centrais de nossa disciplina, de modo a abandonar uma posição periférica à qual ainda estaria relegada.

Pablo Alabarces, por sua vez, vai além de fazer uma justa homenagem à Professora Simoni Guedes que, como já assinalado, foi o ponto de partida para a constituição desse campo na Antropologia brasileira e latino-americana. Ele nos indica como, nessa fundação, a dimensão política da Antropologia dos Esportes era um componente inseparável de sua constituição, dada a necessidade de se contrapor ao rótulo de "ópio do povo" com o qual não apenas o futebol, mas uma série de manifestações culturais das classes trabalhadoras era entendido. Portanto meio da opção de acompanhar a produção teórica e etnográfica de Simoni Guedes, o autor vai desenhando a construção de um campo que não pode ser senão político, porque mediante o esporte analisa, interpreta e discute nosso devir como sociedade hierárquica, injusta, periférica e pós-colonial. Foi nesse segundo encontro que também iniciamos uma importante interlocução com os estudos de mídia e comunicação e com os estudos históricos, aqui representados por dois de seus principais expoentes.

Dessa forma, Édison Gastaldo, no capítulo sete, discorre sobre os produtivos diálogos "indisciplinados" entre a Antropologia, a Comunicação e outros saberes do que denomina como "estudos sociais do esporte". Desde os primeiros momentos, os discursos midiáticos têm sido simultaneamente objeto de análise e fonte de dados para as pesquisas antropológicas, e o olhar de Gastaldo recenseia parte dessa produção, majoritariamente realizada durante os vinte anos de existência do GT nas Reuniões Brasileiras de Antropologia.

Víctor Melo, uma das pessoas que participou desde o início dos diálogos entre a Antropologia e a História na constituição do campo de estudos sobre os esportes no país, apresenta-nos, no capítulo oito, como a formação desse campo acadêmico se realizou de forma praticamente simultânea nas duas ciências irmãs, articulando elementos teóricos – tais como a valorização do conceito de cultura, a reflexão sobre as práticas, en-

tre outros espaços de diálogo que atravessavam as duas áreas – e a própria construção dos espaços nos quais essa elaboração adquiria legitimidade institucional e concretude em terreno brasileiro, como na Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) e nos encontros da Associação Nacional de História (Anpuh). Seu artigo finaliza com um inventário dos temas que permitiram e seguem permitindo não apenas este diálogo entre História e Antropologia, mas principalmente sua mútua colaboração. Finalizando o segundo bloco tivemos, ainda nessa segunda edição do evento, os primeiros trabalhos envolvendo as dimensões do corpo e da sexualidade que são, nesta coletânea, tematizados por Cilene Oliveira e Wagner Camargo.

No capítulo nove, Cilene Oliveira parte de suas pesquisas de mestrado e doutorado para discorrer sobre a profícua conversa entre as Antropologias do corpo e do esporte. Chamando a atenção para a presença ainda extremamente limitada de trabalhos que enfoquem as práticas esportivas em outros grupos de trabalho (tais como o de Saúde), ela aponta que a intensificação desse debate poderá contribuir para superar as barreiras que, muitas vezes, limitam as reflexões teóricas comparativas a partir de uma imersão exclusiva sobre os "objetos próprios" de cada área temática. Dessa forma, o estudo das corporalidades nas práticas esportivas, segundo a autora, não pode se realizar sem incorporar o diálogo com outras temáticas tais como de gênero, envelhecimento, emoções etc., o que tem sido um dos esforços constantes desde a construção do GT de Esportes nas RBAs.

Wagner Xavier de Camargo, no décimo capítulo, traz a sexualidade como uma temática controversa, mesmo para as abordagens mais progressistas na área de Antropologia. Relacionada aos estudos de gênero e deles signatária, a sexualidade é pouco ou nada desenvolvida como assunto de pesquisa dentro dos estudos sobre práticas esportivas, bem como sua tímida discussão na trajetória dos vinte anos dos GTs de Esporte. Da sexualidade ao gênero, o autor propõe-se a pensar, no contexto esportivo, como a centralidade do sexo mobiliza saberes e poderes em um tipo de controle mais sofisticado e complexo (o biopoder), que com suas tecnologias envolve elementos jurídicos e disciplinares de modalidades de poder passadas.

A partir de 2004 a relação entre esporte e religião passou a ser um tema discutido em diversas edições do evento. Sendo assim, no décimo primeiro capítulo, Carmen Rial, aborda a interface entre os estudos do esporte e a religião, um dos temas centrais da Antropologia mundial, a partir de suas etnografias com futebolistas brasileiros e brasileiras que percorrem o mundo e que, nos últimos anos, têm sido um dos grupos que ampliam a visibilidade das denominações neopentecostais. Seu escrito mostra como o esporte contribui tanto para a análise dos processos de migração e do fenômeno religioso, como para o acúmulo teórico dessas temáticas, propiciando novas reflexões para o campo da Antropologia dos Esportes. Dessa forma, as transformações dos estilos de vida e dos valores incorporados, relatadas em suas etnografias, permitiram a ela interpretar as conversões dos e das atletas a partir dos impactos que causam no desenvolvimento de suas carreiras e na construção ou reforço das redes que mantêm os vínculos simbólicos com o país de origem.

Dois dos mais recentes temas a serem incorporados ao diálogo com a Antropologia dos Esportes foram as emoções e o turismo, ambos em 2010, na 27ª RBA de Belém (PA). Para abrir o último bloco desta coletânea, portanto, Luiz Fernando Rojo discute, no capítulo doze, as potencialidades de colaboração recíproca entre a Antropologia das Emoções e a Antropologia dos Esportes. Partindo de uma perspectiva crítica ao estatuto das emoções no trabalho de Elias e Dunning sobre o lugar do esporte na contenção das emoções no processo civilizatório, o autor aponta como o diálogo entre as duas áreas pode contribuir para uma renovação teórica do debate no campo dos esportes. Ao mesmo tempo mostra como os trabalhos etnográficos, que abordam as práticas esportivas, podem colaborar no sentido de um adensamento na reflexão entre as interações entre emoção e corporalidade, reconhecidamente uma área que carece de maior aprofundamento.

Concluindo a trajetória apresentada em treze capítulos, Marília Bandeira irá discutir como as relações entre a Antropologia dos Esportes e os estudos sobre turismo se constituem, no Brasil, principalmente considerando os denominados esportes de aventura. Nesse diálogo, ao mesmo tempo em que as etnografias em ambientes esportivos trazem elementos

para problematizar leituras que apontam para um caráter democratizante do fenômeno turístico, as relações entre turismo, lazer e aventura problematizam a própria definição de esporte em sua associação com essas práticas.

Essas são algumas das conexões interdisciplinares desenvolvidas, nos últimos vinte anos, nos Grupos de Trabalho das Reuniões Brasileiras de Antropologia. Cabe ressaltar, como esperamos tenha ficado explicitado com as contribuições de Pablo Alabarces e, particularmente, com as de Lía Ferrero, a qual abordou os diálogos estabelecidos com o grupo de esportes nas Reuniões de Antropologia do Mercosul, que desde o início procuramos ultrapassar o marco de uma iniciativa que se restringisse às fronteiras nacionais.

Dessa forma, é possível afirmar que esses vinte anos marcam o coroamento de um duplo movimento. Por um lado, a existência do GT ajudou a consolidar a constituição de uma Antropologia dos Esportes brasileira, caracterizada pela pluralidade de áreas temáticas (que desde cedo ultrapassou o limite de uma antropologia do futebol) e de enfoques teóricos, fruto também do descentramento de sua produção que, apesar de uma relativa concentração nas regiões Sul e Sudeste, não se limitou a um ou poucos programas de pós-graduação, tendo rapidamente se difundido em termos nacionais. Por outro lado, procuramos dialogar com outras antropologias nacionais, beneficiando-nos não apenas do intercâmbio com a Argentina e com os demais países da América do Sul, mas também contribuindo com a formação das reuniões da Associação Latinoamericana de Antropologia (ALA), na qual as trocas com Roger Magazine e com o grupo de estudos que se consolidou em torno da "Red de Investigadores sobre Deporte, cultura física, ocio y recreación".

Nessa mesma direção, nos últimos três anos, a Antropologia dos Esportes brasileira jogou em um papel central na constituição da Comissão de Esportes da International Union of Anthropological and Ethnological Sciences (IUAES), que tem sido um espaço de interlocução global das diversas experiências nacionais nesse campo temático. E assim seguimos a trajetória.

Referências

DAMATTA, Roberto. Em torno da dialética entre igualdade e hierarquia: notas sobre as imagens e representações dos Jogos Olímpicos e do futebol no Brasil. *Antropolítica*, v. 14, p. 17-39, 2003.

DAMATTA, Roberto (Org.). *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982. p. 19-42.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec, 2007.

DAMO, Arlei Sander. Futebóis: da horizontalidade epistemológica à diversidade política. *FuLiA*, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 37-66, 2018.

GUEDES, Simoni. Esporte, lazer e sociabilidade. In: MARTINS, Carlos B.; DIAS DUARTE, Luiz Fernando (Coords.). *Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: antropologia*. São Paulo: Anpocs, 2010. p. 431-456.

GUEDES, Simoni. *O Futebol Brasileiro: instituição zero*. 1977. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – UFRJ, Rio de Janeiro, 1977.

GUEDES, Simoni. Sobre permanências e transformações em contextos acadêmicos-institucionais: um relato pessoal. *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia*, Niterói, v. 1, n. 42, p. 340-373, 2017.

LOPES, José Sérgio Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada: A invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro. *Revista USP: Dossiê Futebol*, n. 22, p. 64-83, 1994.

LOPES, José Sérgio Leite; MARESCA, Sylvain. A morte da “alegria do povo”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS)*, v. 20, p. 113-134, 1992.

ROJO, Luiz Fernando. Aspects of the Anthropology of Sports in Brazil. In: IUAES World Congress, 18., 2018, Florianópolis. *Comunicação oral* [...]. Florianópolis, 2018.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no Futebol*. São Paulo: Hucitec, 2002.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. São Paulo: Autores Associados; Anpocs, 1996.

SUMÁRIO

Sociabilidade: etnografia de um conceito 24
Luiz Henrique de Toledo

Futebol, vôlei, rúgbi e mídia: tecendo os fios entre esportes e relações de gênero 43
Leonardo Turchi Pacheco

A Negra no Futebol Brasileiro 56
Mariane da Silva Pisani

Práticas esportivas ameríndias e etnologia indígena: diálogos e contribuições . 70
Carlos Eduardo Costa

**Antropologías, deportes y prácticas de ocio en las Reuniones de Antropología del
Mercosur, un recorrido histórico y perspectivas futuras. 85**
Lía Ferrero

El fútbol y el deporte como política: la *Fundación Simoni* 97
Pablo Alabarces

**Esporte, Antropologia e Comunicação no Brasil: explorando encruzilhadas de um
campo indisciplinar. 105**
Edison Gastaldo

**Amigas e irmãs: os diálogos entre a Antropologia do Esporte e
a História do Esporte. 119**
Victor Andrade de Melo

**“O corpo não traslada, mas muito sabe”: refletindo sobre construção de
corporalidades na Antropologia dos Esportes no Brasil 131**
Cilene Lima de Oliveira

Sexualidade e Esporte: contribuições para um diálogo 143
Wagner Xavier de Camargo

Fragmentos de Pesquisa no Futebol: a circulação transnacional e as práticas religiosas de futebolistas brasileiros(as)	159
<i>Carmen Silvia Rial</i>	
Emoções e esporte em diálogo	174
<i>Luiz Rojo</i>	
Provocações das práticas de lazer de aventura à antropologia: entre esporte e turismo, ou não	183
<i>Marília Martins Bandeira</i>	
Epílogo	199
Índice remissivo	201
Sobre as(os) organizadoras(es)	203
Sobre as(os) autoras(es)	204

Sociabilidade: etnografia de um conceito

Luiz Henrique de Toledo¹

Advertência

Este texto é uma tentativa de estabelecer uma percepção etnográfica em torno da gênese de um conceito sociológico fundante chamado sociabilidade². Na medida do possível se esquivará do formato balanço bibliográfico atinente à rentabilidade que tal conceito ameahou nas pesquisas que tematizaram práticas esportivas no interior da Antropologia. Não obstante as inevitáveis remissões conceituais que aparecerão aqui e acolá, trata-se daquilo que tento definir como um exercício de *memória outra* (TOLEDO, 2019a) estabelecido a partir do conceito extemporâneo de *sociabilidade* que, da perspectiva etnográfica, ambientou recortes empíricos e práticas partilhadas entre alguns antropólogos e seus interlocutores. No que me diz respeito, os usos desse conceito estiveram atados às incursões de um neófito etnógrafo urbano no universo esportivo que alcançaria os torcedores

1 Antropólogo, professor e pesquisador do PPGAS-UFSCar, coordenador do LELuS (Laboratório de estudos das práticas lúdicas e sociabilidade).

2 Fundante no sentido que Tönnies atribui ao termo *vontade* (BRANCALEONE, 2008, p. 99) e a seus dois correlatos, vontade natural e vontade arbitrária. Segundo ele, seriam fundamentos das interações sociais, sendo a primeira durável pela indistinção entre corpo, natureza e cooperação em contraposição à segunda, que romperia o elo entre corpo e exterioridade (natureza), fundando a subjetividade e a intersubjetividade, móveis das transformações sócio-históricas, portanto “artificial e mutável” (BRANCALEONE, *ibid.*). Sociabilidade nasceria dessa sobrenatureza como matiz de relações. Um texto inescapável e “quente” para se pensar o conceito de sociabilidade é *Salão*, presente em Waizbort (2013), autor que mobilizarei a seguir. Outras investidas e abordagens rotinizaram esse conceito, que se tornou popular não somente na Antropologia brasileira (ao menos num determinado período antes da efervescência dos autores “pós-sociais” nas bibliografias, destacadamente Strathern e Roy Wagner), como se manteve presente em outras searas, tais como na educação física, exemplifico com González (2007) ou na comunicação, como se pode notar em Maia (2001). Sociabilidade ganharia um “frio” verbete no Dicionário de Ciências Sociais publicado pela FGV nos anos 1980.

de futebol em pesquisas iniciadas nos anos 1990, contribuindo com alguma coisa para que uma subárea no interior da disciplina pudesse ocupar um lugar de visibilidade relativa, tanto de pesquisadores, etnografias e lugares³, abrindo interlocuções e possibilidade de diálogos multidisciplinares.

Em tempo, defino *memória outra* como um recurso à viabilidade da pesquisa ou espécie de condição para o exercício de uma sociabilidade pretérita acionada pela memória. Nesse sentido, *memória outra* não pode ser fiadora do

[...] presente etnográfico, mas expressão de mobilização permanente de "passados etnográficos", atividade constante de uma memória que espacializa o tempo na experiência da pessoa do etnógrafo. [...] Anotações, cadernos de campo, gravações de depoimentos, conversas informais, entrevistas são todos descritores reificantes que tentam estabilizar o conteúdo vivido de nossas incursões a campo e, obviamente, se fazem necessários, mas qualquer experiência em campo minimamente entusiasmada parece produzir sempre algo mais, um excedente capturado aqui pela noção de memória outra que, controlada a pieguice, nostalgia e aderência excessiva e reativa a qualquer ordem moral nativa, pode oferecer uma fonte de informações não pelo suposto viés subjetivista do método etnográfico, mas por instaurar um regime de intencionalidades que fluido, porém sensível às demandas convencionadas [...] reposicionaria a memória do pesquisador a serviço quase que perpétuo da etnografia [...] Em outros termos, permitiria reajustar a própria pessoa do etnógrafo e reposicioná-lo no contexto etnográfico, reindexando acontecimentos passados, distantes ou muito laterais em motes reconvertidos em dados, digamos, desorganizados pelo encontro com os "outros" na memória (TOLEDO, 2019a, p. 258).

Portanto, nem balanço bibliográfico, nem exegese conceitual, tratarei da aparição da noção de sociabilidade em textos de perspectiva etnográfica ou, como queiram, dentro de um expediente que passo a chamar de *memória outra* para estabelecer um ponto de intersecção mais

3 Giglio e Spaggiari (2010) trazem além de um percurso bibliográfico do futebol nas pesquisas brasileiras uma cartografia dos lugares e centros de produção dos estudos sobre futebol no Brasil.

estrito entre um objeto e o subcampo dos estudos das práticas lúdicas e esportivas que o acomodou.

Interessa especular sociabilidade a partir de uma etnografia específica que realizei e cujos resultados tornaram-se conhecidos na dissertação de mestrado *Torcidas Organizadas de Futebol: lazer e estilo de vida na metrópole*. Interessa também mencionar a partir desse trabalho o modo como tal conceito foi redimensionado a uma condição quase de categoriaêmica de pesquisadores, no caso, daqueles que gravitaram em torno da antropologia urbana, subárea da disciplina que, por um bom tempo, abrigou e tutelou formalmente os estudos sobre esportes antes que alguma antropologia dos esportes, ou como procuro definir sem muitos adeptos *antropologia das práticas esportivas*⁴, pudesse tomar algum contorno formal e mais definido como lócus apropriado de encontros científicos e falação séria sobre esportes dentro da Antropologia.

Obviamente *Torcidas...* serviu como tijolinho no muro de arrimo que cada vez mais passou a se erguer e delimitar esse feixe de interesses na disciplina há mais de 37 anos, desde que iniciativas pioneiras de uma geração de pesquisadores (DAMO, 2016) assentou os "orixás" bibliográficos dessa produção brasileira no ano de 1982⁵. Como consta, os esportes como assunto de sociabilidade intelectual em congressos debutariam formalmente em uma reunião da ABA, anos depois, em 2000.

4 Expressão que seria formalizada no volume organizado por mim e pelo etnólogo e antropólogo esportista Carlos Eduardo Costa, reunindo vários temas associados aos esportes, tais como religião, política e gênero (COSTA; TOLEDO, 2009).

5 Vale mencionar lateralmente o modo como se espalhou a perspectiva antropológica sobre outras áreas do conhecimento, redundando, e me perdoem a metaforização da noção, em uma sociabilidade acadêmica alargada (AGIER, 2011) a bem do status dos objetos esportivos dentro das ciências humanas. Exemplo é o fato dos já citados autores, do docente em educação física Sérgio Giglio e o antropólogo Enrico Spaggiari, escreverem uma revisão bibliográfica multidisciplinar sobre a produção brasileira (GIGLIO; SPAGGIARI, 2010). Muito comum nos dias que correm encontrar publicações escritas a muitas mãos envolvendo historiadores, geógrafos, sociólogos, museólogos, jornalistas, psicólogos etc. Fica aqui o registro de *A Torcida Brasileira* (HOLANDA *et al.*, 2012).

Movimentações

O fato de ao menos parte das pesquisas sobre práticas esportivas estar contida no descritor formal antropologia urbana praticada no Brasil⁶ é um dado tão relevante quanto a presença da teoria sociológica que historicamente modelou os estudos urbanos. Nesse sentido parece que o conceito de sociabilidade sofreu significativos deslocamentos entre os quais eu destacaria três: o primeiro que fez deslizar sociabilidade de seu contexto sociocultural originário e apuro sociológico, protegido no interior da sociologia simmeliana para alcançar as etnografias urbanas, movimento iniciado bem antes, desde as investigações em torno do que ficou conhecido por escola de Chicago⁷, cujos pesquisadores e seus trabalhos seriam apropriados tanto na sociologia quanto na antropologia brasileira. Depois a relativa acomodação do conceito em várias áreas do conhecimento e, por último, apropriado no âmbito das etnografias sobre esportes e práticas lúdicas. É nesse primeiro movimento que vale mencionar, infelizmente de modo caricatural, o contexto em que tal conceito vicejou, reconhecidamente tomado como uma das contribuições senão decisivas de Simmel (1983), ao menos persistentes nas ciências sociais⁸.

Para uma instigante apreensão contextual desse conceito destaca-se a biografia intelectual e conceitual que Waizbort (2013) fez de Simmel, sociólogo que se deteve sob o substrato primário e empírico das interações (sociação) de seu tempo. Waizbort captura Simmel em pleno exercício de autocontemplação sociológica e se disponibilizando como pessoa no epicentro de rela-

6 Como imprimo a esse texto uma perspectiva etnográfica, parto de uma específica antropologia urbana feita no Brasil, praticada no contexto “paulista” de onde intelectualmente descendo pela via da linhagem uspiana, que pode ser vislumbrada no capítulo *Linhagens e trajetórias* de Magnani (2012) e mais contextualizada numa ampla pesquisa de doutorado em Torres (2016).

7 Conforme Becker (1996), Velho (2002), Frúgoli Jr. (2005) e Hirata (2010).

8 *Sociabilidade, um exemplo de sociologia pura e formal* é o texto traduzido para o português que se elevou como referência icônica de todo pretendente a etnógrafo urbano. Ofereço uma definição de sociabilidade de Simmel presente em outro texto: “Toda sociabilidade é um símbolo da vida quando esta surge no fluxo de um jogo prazeroso e fácil. Porém, é justamente um símbolo da vida cuja imagem se modifica até o ponto em que a distância em relação à vida o exige. Da mesma maneira, para não se mostrar vazia e mentirosa, a arte mais livre, fantástica e distante da cópia de qualquer realidade se nutre de uma relação profunda e fiel com a realidade” (SIMMEL, 2006, p. 80).

ções e reações intersubjetivas, para trazer a perspectiva originária daquilo que viria a se cristalizar como conceito. Contexto que revela a relação semântica, na Alemanha simmeliana do segundo império, entre espaços concebidos em regimes de atitudes estéticas e morais, ou aquilo que o autor melhor identifica no interior das frações burguesas e intelectuais da sociedade germana pela simbiose entre salão (espaço híbrido de uma experiência aristocrática e ao mesmo tempo burguesa, fadada à extinção com a metropolização e suas formas impessoais de sociação) e sociabilidade:

O salão de Sabine Lepsius foi um dos grandes salões berlinenses da época guilhermina. Ele é um dos locais privilegiados para vislumbrarmos Simmel, o tipo de sociabilidade no qual ele está envolvido e os círculos sociais com os quais ele está em contato (WALZBORT, 2013, p. 444).

Importante reter dessa apercepção contextual os momentos que anteciparam a formalização do conceito⁹, narrando o movimento de Simmel em meio a uma névoa de relações que o fabricava não somente como pessoa, mas também como elo de cadeias mais abrangentes de relações diádicas fatorialmente multiplicadas no interior de uma atmosfera protegida e propícia ao exercício especulativo do pensamento que se pretendia horizontalizado, lugar onde as vozes, ainda que dissonantes, podiam ser ouvidas numa fusão de perspectivas de classe. Ainda, como uma mônada fechada em si mesma, a sociabilidade simmeliana experienciada no interior dos salões capturaria algumas linhas mais gerais que logo apareceriam no conceito e rotinizados em seus usos, mas paulatinamente abandonando outras, tais como o sentido mais fugidio e igualitário de democracia:

É sobretudo por isso que sociabilidade ocorre apenas no salão, pois somente no interior é possível esse ambiente, essa atmosfera protegida, na qual é possível construí-la. No exterior, ela seria completamente sufocada. Por um lado, no exterior não

9 Frúgoli Jr. (2007) e Cordeiro (2008), resenhando o livro de Frúgoli Jr. (Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1838>. Acesso em: 7 set. 2009), já destacariam uma definição sintética e curiosamente transcendente oferecida por Simmel à sociabilidade: “forma lúdica arquetípica de toda a socialização humana” (FRÚGOLI, 2008, p. 9).

há a homogeneidade dos membros, o elemento por assim dizer "intraclássista" do qual a sociabilidade depende – entre diferentes classes essa sociabilidade torna-se impossível –; por outro lado o exterior é o ambiente da indiferença e da competição, da concorrência que a economia monetária estimula e da qual depende, absolutamente não regulada por critérios como o tato e a discrição [...] (WAIZBORT, 2013, p. 453).

Distante desses momentos decisivos e já enunciando um segundo movimento, obviamente tardio e muito apartado em relação à gênese fugidia das considerações sociológicas simmelianas, agora orientado na direção da perspectiva etnográfica urbana, sociabilidade se prestaria amiúde como estratégia de acercamento de objetos e interlocução metodológica tanto na sociologia urbana quanto na prática etnográfica antropológica. E abrindo metodologicamente as mônadas fechadas dessa sociabilidade simmeliana, subáreas, como antropologia urbana, as colocariam no torvelinho e a serviço da observação de relações mais assimétricas e negociadas, lugar em que etnografia e sociabilidade se encontrariam como método de apreensão não mais *intra* identidades, tais como no salão simmeliano, mas *entre* identidades. Sociabilidade se amplia, convertendo não raramente em índice onomástico de grupos discretos. Mônada aberta pela prática etnográfica, se fecharia epistemologicamente a favor das valências identitárias.

Vale dizer que esse deslocamento empírico sofrido pelo conceito de sociabilidade foi para além, ou melhor, antecipou o movimento dos estudos sobre esportes e ganhou outras áreas que se debruçaram sobre temas como comportamentos e grupos jovens, popularizando pesquisas tanto numa sociologia urbana e da juventude quanto na antropologia brasileira na virada dos anos 1970 para os 1980, cuja bibliografia também apontava para os usos empiricamente diversificados do conceito sociológico originário de sociabilidade¹⁰. Posteriormente, já abandonando relativamente esse segundo movimento, a sociabilidade passaria por um terceiro deslizamento ainda no interior de uma antropologia urbana dos espaços¹¹, agora se fazem-

10 Há uma extensa bibliografia sobre comportamento jovem e formas de sociabilidade, impossível mobilizá-la inteiramente aqui. Ficam as menções etnográficas mais caseiras e de uma geração posterior contidas em Magnani e Souza (2007).

11 Antropologia urbana dos espaços é como defino a Antropologia praticada na USP, tendo o professor José Guilherme Magnani à frente de uma extensa prática de orientação. A destacar também o professor Heitor

do presente também nos estudos que começaram a tematizar fenômenos esportivos. Guardemos um pouco esse momento.

Em relação a esse segundo movimento, os usos de sociabilidade foram pouco adensados na rotinização a sua menção, o que vale antever, senão desastres de maiores proporções na escala dessas apropriações, ao menos uma certa inércia que não foi benéfica ao próprio conceito. Ainda, passando a adjetivar situações sociais genéricas, não raramente sinonimizando "social" e ou totalidades locais, marcando presença ostensiva em subtítulos de trabalhos científicos em várias áreas, acabou paulatinamente e tomando a antropologia em específico, preterido por outras noções que foram incorporadas por etnografias e outros aportes categoriais.

Penso particularmente na noção rentável, plástica e rigorosamente etnográfica de *circuito*, proposta por Magnani, continuamente reapropriada em pesquisas tematizando diversos objetos, inclusive esportes¹². Se tomarmos os títulos dos trabalhos defendidos sob sua orientação numa lista que consta em Magnani (2012) percebe-se que descritores dos títulos e subtítulos dos trabalhos como "sociabilidade" e "circuito" praticamente se sucedem na linha temporal ordinária das defesas de mestrados e doutorados (MAGNANI, 2012, p. 72-74)¹³. Não cabe aqui uma discussão detida sobre *circuito*¹⁴, mas tal categoria introduziria no ordenamento da observação participante a dimensão do deslocamento em contextos de práticas simbolicamente contíguas, mas espacialmente descontínuas, aspecto que a expectativa/experiência inercial de sociabilidade parecia não dar mais conta. Pode-se afirmar tam-

Frúgoli Jr., ex-orientando de Magnani no mestrado, que imprime outra dinâmica e agenda de pesquisas no mesmo departamento. Ambas antropologias, obviamente ao meu juízo, focam as metaforizações em torno da categoria espaço, daí a valorização dos conceitos gerativos de cidade e sociabilidade na formação ou captura de outras noções derivadas de categoria êmicas.

12 Só para deixar registrado um único exemplo, cito a etnografia de Chiquetto (2014).

13 Não somente uma disputa terminológica ente circuito e sociabilidade, mas também a oferta de outra noção cara à Antropologia, socialidade, tal como se observa em Ramos (2014).

14 Numa definição do próprio autor, pode-se ler: "A novidade que circuito introduziu [...], em virtude de sua capacidade de vincular domínios não necessariamente marcados pela contiguidade espacial [...] foi a de ligar pontos descontínuos e distantes no tecido urbano, sem perder, contudo, a perspectiva de totalidades dotadas de coerência [...]" (MAGNANI, 2014, p. 2). Arrisco algumas considerações a respeito do potencial etnográfico da noção de circuito em bancas de defesa que participei a convite de Magnani. Algumas dessas considerações podem ser consultadas em Toledo (2019b).

bém que circuito ampliaria a observação de redes de similitudes, uma vez que resguardaria em sua proposição original a coerência ou nostalgia de uma totalidade dispersa no espaço.

Sociabilidade *alargada* (AGIER, 2011; FRÚGOLI JR., 2007) é expressão acionada por outros etnógrafos urbanos que talvez e em certo sentido faça sociabilidade se aproximar de circuito (ou vice-versa), questão que valeria maiores ponderações. Sociabilidade *violenta* (SILVA, 2004) foi outra expressão utilizada como hipótese para circunscrever ou tipificar conjuntos de práticas cotidianas tomadas por “crimes comuns violentos”, aproximando-se de uma abordagem, senão êmica, menos “desencarnada”, como afirma o próprio autor, no interior da sociologia urbana, mas que teve acolhida na antropologia urbana.

Sigamos com o movimento do conceito de sociabilidade rumo à antropologia das práticas esportivas. Creio que seu uso esportivo pode entrever um importante contraste entre perspectivas que tomaram os esportes, sobretudo o futebol, como projeção identitária (local, regional, nacional) e trabalhos mais etnográficos que passaram a mirar cada vez mais os regimes de diferença, nos quais sociabilidade remeteria menos às formas de uma positividade imaginada em similitude de relações e passaria a reivindicar uma perspectiva em que o(s) outro(s) não poderia(m) mais ser ignorado(s). A questão seria perscrutar *quem* seriam esses outros em um futebol que permanecia como fonte do mesmo. Noções sublimadas como “povo”, “nação” e “torcida brasileira”¹⁵ chegariam paulatinamente aos torcedores em carne e osso e suas miríades particularizantes de expressões e sociabilidade¹⁶. Processo de investigação etnográfica necessariamente inconcluso.

Portanto, nesse terceiro caso de deslizamento tectônico do conceito de sociabilidade parece notório, tal como sugerido, o enraizamento ou produção de um nicho específico de retroalimentação entre conceito e recorte etnográfico. Da sua formalização sociológica e pretensa abstração

15 Como ensinou o mestre: “O futebol permite [...] também descobrir nossa ‘alma’ e o nosso ‘coração’ de modo positivo [...] sem um sentimento generoso de que realmente valem a pena como povo e nação, qualquer proposta de transformação social pode cair facilmente num vazio ideológico [...]” (DAMATTA *et al.*, 1982, p. 15).

16 Ver Campos e Toledo (2013).

analítica universalizante ulterior passou a definir ou ser definido quase como uma categoriaêmica partilhada tanto por antropólogos quanto pelos sujeitos pesquisados.

A pregnancy entre o conceito simmeliano de "salão", que esteve na origem do conceito de sociabilidade e sua posterior torção ou abertura etnográfica, fruto da "descoberta" de novos objetos na antropologia urbana, alcançando posteriormente temas em torno dos fenômenos esportivos, resultou na expansão da própria subárea, oferecendo outros interlocutores e inventando novos etnógrafos¹⁷. Daí, para renomear a subárea da antropologia dos esportes (irmã preguiçosa da expressão já reificada sociologia dos esportes) para antropologia das práticas esportivas, ao menos em contexto local, foi um pulo¹⁸, resultando em mais um tijolinho na colaboração e intensificação da produção sobre esportes do ponto de vista etnográfico. Não é mero capricho inserir a palavra "práticas" interpondo Antropologia e Esportes. Práticas, aqui, investe na ideia de que os fatos esportivos se fazem continuamente: nomeados, renomeados ou (des)nomeados; concebidos e desconcebidos e que tais esportividades fruem das ações antes mesmo de suas morfologizações e espacializações, quer dizer, dizem respeito àquela arte de encontros e desencontros performados, estilizados, esteticizados que o conceito simmeliano de sociabilidade ainda parece sugerir com vigor.

Futebol e outros tantos esportes não apenas se somariam ao rol dos temas urbanos como trouxeram problemas etnográficos novos na ordem da escala, das apropriações dos espaços e das dimensões simbólicas que costumeiramente pautam as pesquisas sobre modos de vida urbano e apro-

17 Exemplos de etnografia que estabelecem tessituras entre esporte, sociabilidade, territorialidade, cidade podem ser consultadas na coletânea publicada pelo Grupo de estudos em Antropologia da cidade (Geac-USP) em Frúgoli Jr., Spaggiari e Aderaldo (2019).

18 Nem preciso dizer que atividades vigorosas de orientação, formação de núcleos de pesquisa espalhados pelos programas de pós-graduação em Antropologia pelo país, disciplinas em cursos de graduação e pós-graduação, criação de grupos de estudos formalizados e não formalizados, revistas, sites... enfim, espaços que se colocaram como "salões" importantes e propiciaram acúmulo e fortuna crítica, redundando na formação de demanda e consequente aprovação seguida de propostas de grupos de trabalho, mesas redondas, conferências em congressos em que antropólogos esportivos se fizeram notar. A esse respeito volto a recomendar Giglio e Spaggiari (2010), bem como Damo (2016). O LELuS (Laboratório de estudos das práticas lúdicas e sociabilidade), cadastrado no CNPq em 2013 é a iniciativa local de fomento de pesquisas na UFSCar, disponível em: dgp.espelhogrupo/8026064908575989. Acesso em: 7 set. 2019.

priação das cidades. Noções atinentes aos esportes como corporalidade e manejos técnico-espacializados, implicando outras sociologicamente mais indigestas e "pré-reflexivas" noções, tais como percepções táteis, reflexos, velocidade e percepção temporal, ritmo, motrização, artefatos e próteses corpóreas, substâncias e práticas esportivas dissonantes em corpos ciborgues, protéticos e abjetos¹⁹, vigor e rendimento... muitos desses atributos aparentemente tangíveis de uma ordem natural e ou moral estranhados na economia analítica de rendimento sociológico²⁰, puderam ser traduzidos em percepções e sensibilidade simbólica ou, ainda, promovidos a extensões metafóricas diferenciadas de regras e condutas morais da vida realizada nas cidades às voltas ainda com a gama de interesses políticos renovados nos jogos públicos disputados pela cidadinidade²¹. Ademais, estudos sobre comportamento jovem, centro e periferia, criminalidade, movimentos sociais, até perspectivas e temas alcançando a seara da etnologia foram tocados pela perspectiva etnográfica via os esportes.

Um novo acesso mais insurgente no domínio popular, que chamo aqui de *via torcedora*, somou-se ao amplo movimento nas ciências sociais, antropologia urbana inclusa, que esteve em plena atividade e simbiose política com as camadas populares urbanas desde o final dos anos 1970. A via torcedora chancelou um universo relativamente "livre" e horizontalizado de pesquisas objetivadas nas primeiras etnografias sobre torcedores, alimentadas pela ética das reciprocidades em que as interações e relações entre pesquisados e pesquisadores fluíram criativamente e momentaneamente com pouca dificuldade em um processo de coetaneidade (FABIAN, 2013) no qual acrescentaria capciosamente também as relações de empatia (geracional, clubística, de classe).

Essa etnografia pela via da sociabilidade torcedora não raramente horizontalizou ou implicou contextualmente pesquisadores e pesquisados²²,

19 Cito a pesquisa de pós-graduação de Camargo (2013-2016), sob minha supervisão.

20 Cabe notar que vários desses temas como corpo e ritmo já constavam da agenda de autores clássicos como Mauss desde o início do século XX, sendo que outros dessa listinha foram menos problematizados na sociologia e mesmo nas antropologias urbanas.

21 Conforme Machado (2017).

22 Vale mencionar a colaboração entre o historiador Bernardo Buarque de Holanda e o antropólogo José Paulo Florenzano no esforço de publicar um original levantamento de entrevistas com dirigentes torcedores. A

fato que contrastava com a maior dificuldade daqueles que, também pela via etnográfica, primeiro tentaram adentrar outros domínios desse mesmo futebol, espaços certamente mais interditos, tais como os universos profissionais de jogadores e dirigentes esportivos, *loci* da altíssima circulação monetária e de inconfessos interesses políticos. Um universo tradicionalmente penetrado e ocupado sobretudo pelas narrativas jornalísticas e seus profissionais e especialistas (mananciais do prestígio alheio) que souberam melhor jogar o jogo da sociabilidade pelos "salões" esportivos dos clubes, centros de treinamento, federações e confederações esportivas.

Esses primeiros etnógrafos de torcedores e etnógrafos torcedores tatearam ambientes, agora já bastante espalhados pelo país, cuja sociabilidade estava menos comprometida com aquilo que o sociólogo Gabriel Cohn destacava justamente como traço da finesa teórica por toda obra simmeliana, mostrando que "as relações econômicas de troca marcadas pela legalidade racional [eram] insuficientes por si mesmas para estabelecer vínculos duradouros entre os homens" (COHN, 1998). Tal sociabilidade traria algo de insurgente, questão ainda longe de suficientemente estudada.

Sociabilidade torcedora

Acionemos, então, os recursos mnemônicos da *memória outra* para mencionar modestamente a primeira pesquisa sobre torcedores que realizei, como antropólogo iniciante e como torcedor, cujos resultados vieram à público em 1994, publicada em 1996 (TOLEDO, 1994), portanto quatro anos antes do primeiro encontro de pesquisadores antropólogos sobre esportes no contexto de uma reunião da ABA. Obviamente que não há aqui qualquer vaidade ou mérito individual em firmar essa precedência diante da produção que se espraiaria e ainda que a sociabilidade entre antropólogos e antropólogas esportistas (mas desde início não somente) tenha ocorrido mais tardiamente, inclusive em relação a outras áreas do saber, ela foi um

fala torcedora sem mediações traz uma nova percepção não somente das torcidas organizadas, mas do futebol, da política, da cidade e de outros temas que se articulam pela via da participação popular e interstícios da sociabilidade por onde esses personagens controversos circularam. Cf.: Holanda e Florenzano (2019).

fator crucial para motivar e despertar o interesse cada vez maior pelas coisas esportivas e, também, o interesse cada vez maior de outros saberes pelas coisas antropológicas sobre esportes.

Protagonista desses movimentos iniciais, *Torcidas...* revelou-se ali como parte da bibliografia e da sociabilidade naqueles primeiros encontros que, para além de redundarem em colaborações, formações de núcleos aglutinadores de pesquisa em esportes, encontros em ABAs, conexões estendidas, salões e amizades sinceras, trouxe a marca simmeliana indelével presente no conceito original, ou seja, o exercício horizontalizado da sociabilidade jogada com torcedores de futebol, tingindo ou matizando a objetividade entre sujeito e sujeitos pesquisados.

Àquela altura não foi mesmo difícil acolher o conceito de sociabilidade ou retirá-lo em parte da canga mais conceitualista ou contextual em que foi gestado sociologicamente, uma vez que a intimidade conceitual com outra noção, aí sim muito cara ao "nosso" campo de acadêmicos esportistas, ou seja, a noção de *jogo*, já estava dada de antemão pelo próprio pai do conceito:

Essas formas [de sociabilidade], contudo, se tornam autônomas dos conteúdos e estímulos autônomos dentro do próprio jogo, ou melhor, **como** jogo. Caçar, conquistar, contrapor forças físicas e espirituais, competir, pôr-se à mercê do acaso e do capricho de poderes sobre os quais não se tem qualquer influência – tudo isso que antes adería à vida em sua seriedade, agora se subtrai a seu fluxo, à sua matéria, desapega-se da vida. Autonomamente, escolhe ou cria os objetos nos quais irá se testar e representar-se em sua pureza. Isso confere ao jogo tanto sua alegria quanto seu significado simbólico, tornando-o diferente do puro divertimento (SIMMEL, 2006, p. 62, grifo nosso).

Se houve algum pioneirismo em *Torcidas...*, e sabidamente em outros trabalhos e pesquisas sobre torcedores anteriores e ou contemporâneos a ele que colaboraram com o campo na mesma proporção, talvez esteja nesse deslizamento conceitual de uma formulação geral acomodada nas etnografias à crítica um tanto velada ao que poderia ser notado somente como expressão de forças coesivas comunitárias implicadas na ideia de so-

ciabilidade (STRATHERN, 1999). Isso pode ser entrevisto nas considerações feitas por Torres (2016) ao abordar um trabalho subsequente, *Lógicas no Futebol*, tese defendida em 2000²³. Porém, quem atentou para o rendimento teórico do conceito ou usos metodológicos de sociabilidade em *Torcidas...* foi outro antropólogo, Arlei Damo, que numa urdida argumentação e a propósito de um balanço não tão extenso, mas denso, sobre a produção intelectual brasileira escreveu:

A dissertação/livro de Toledo buscou compreender o significado do engajamento a esses grupos organizados e as múltiplas faces de suas dinâmicas segundo o ponto de vista dos próprios torcedores, atentando para suas performances estéticas e políticas. A categoria [não exatamente o conceito, acrescento] **sociabilidade** é a mais englobante, daí porque aquilo que outros viam como "violência", uma categoria já decantada pelas formas discursivas exógenas, seria tratado como uma modalidade de sociabilidade atravessada pelo conflito e, em boa medida, englobado pela dinâmica mais ampla desses grupos, fosse ela interna ou externa (como outros grupos, com a idade, com outros torcedores e assim por diante) (DAMO, 2016, p. 335, grifo nosso).

Como se nota, o termo sociabilidade não está no título do trabalho, mas se faz presente assombrando categorias igualmente importadas de outras sociologias provenientes da leitura já à época desgastada de uma sociologia do lazer (DUMAZEDIER, 1973), que servira maliciosamente como alteridade conceitual na dissertação, bem como a apropriação mecânica de outra categoria originariamente simmeliana, *estilo de vida*, mas pela via bourdiesiana (BOURDIEU, 1983).

Sociabilidade, lazer e estilo de vida acabariam permutando ou intercambiando com os dados etnográficos sem muito rigor conceitual, oscilando pela etnografia, mas diria que com alguma vitalidade descritiva, como se pudéssemos comparar etnografia com os itinerários simmelianos,

23 "De uma perspectiva mais sincrônica e etnográfica, Toledo privilegiou algumas práticas cotidianas que constituem um rol variado de relações de sociabilidade como as que ocorrem nas 'mesas de bares' em contraponto às 'mesas redondas' das discussões especializadas, que tem lugar nos meios de comunicação de massa (2000:242)" (TORRES, 2016, p. 199).

suas experiências de sociabilidade que impactaram sua subjetividade, produzindo conceituações vindas desses retratos compósitos de relações e de momentos estilizados e aparentemente fugazes. De todo modo, não se tratava de uma

[...] discussão vertical e abstrata do conflito e da sociabilidade, mas, seguindo a tradição etnográfica, em captar, interpretar e comparar os mecanismos utilizados pelos torcedores para manifestar seus sentimentos, atribuir legitimidade a suas visões de mundo, enfim, emergir do anonimato para o centro do espaço político e social (DAMO, 1996, p. 195).

Etnografia não cessa com o presenteísmo da observação direta e com a dita fruição prazenteira e fugidia de uma sociabilidade, o recurso à *memória outra* sugere algo bem diverso, todavia implica sustentar o jogo livre da sociabilidade que em parte a promove, mas que jamais pode ser levada inteiramente para dentro dos nossos textos. Observa-se ainda que noções trazidas de outras searas da antropologia, tal como a stratherniana *socialidade*, também permutaram ou simplesmente substituíram amiúde sociabilidade, diluindo ainda mais qualquer pretensão ou potência gerativa analítica²⁴.

Relendo retrospectivamente *Torcidas...*, podemos afirmar que etnografia e sociabilidade se enredam em uma espécie de disputa pelos territórios da descrição textual e da fabricação da pessoa do etnógrafo e estão longe de serem tomadas como meras técnicas de pesquisa ou, no que se refere à sociabilidade, tão somente um fator emocional, retido dentro daquilo que ironicamente foi colocado por Strathern quando afirma: "Uma das razões por que eu gosto da palavra 'socialidade' é precisamente o fato de ela não ser a palavra 'sociabilidade'. 'Sociabilidade', em inglês, significa uma experiência de comunidade, de empatia" (STRATHERN, 1999).

É preciso retomar um ponto e reafirmar que *Torcidas...* foi um livro gestado em um ambiente coletivo de pesquisa no interior do Núcleo de

24 Usos que variam na paisagem antropologia pelo país. Só como referências elucidativas e fazendo uma breve busca no Google Acadêmico deparamo-nos com trabalhos fora da etnologia que mencionam em seus títulos o termo socialidade, por exemplo em etnomusicologia (JAQUES, 2007) ou antropologia sobre populações de rua (MELO, 2011).

Antropologia Urbana da USP²⁵, em um ambiente, digamos, de acolhedora sociabilidade acadêmica de trocas intelectuais, mas sobretudo um lugar que vicejou e esgarçou na antropologia brasileira um dos melhores usos produtivos do conceito de sociabilidade em etnografias. Não há espaço para desenvolver aqui esse outro argumento de salão, só é necessário e por último, arrematar o texto.

Sociabilidade, um conceito sedutor?

Categoria sempre à espera de substância etnográfica, o movimento do conceito de sociabilidade, melhor definido se também percebido como *contexto* etnográfico de produção de relações de alteridade, deteve-se com a abertura consistente de outras linhas de pesquisa, novas abordagens e a invenção de novos objetos dentro dos estudos etnográficos sobre esportes.

Ademais, sociabilidade partilhou, em um horizonte mais amplo das investigações sobre o urbano e práticas esportivas, esse salão (ou salada) conceitual com outras noções, tais como as já aludidas, *lazer*, *estilo de vida*, acrescidas ainda de *cultura*, *relacionalidade*, *territorialidade*, bem como a própria noção pedagógica de esporte.

Vale outra menção à socialidade que segue essa direção, agora ambientada e capturada em trabalhos sobretudo na Educação Física, seara acadêmica e parceira assimétrica dos estudos etnográficos sobre esportes. Nesse caso, observam-se os usos sinonimizados de sociabilidade e socialidade²⁶, oferecidos por autores como Mafessoli, que deliberadamente justapõem tais conceitos. Nem é preciso alertar para o fato de que a noção simmeliana de salão é por ele retomada, misturada aos esportes:

Da corrida de cavalos ao cassino, da bocha aos diferentes jogos esportivos (futebol, rúgbi, etc.), mas igualmente nos comentários públicos dos acontecimentos ou *faits-divers* mais ou menos espetaculares, e também nas conversas de salão sobre tal filme ou peça de teatro, encontramos a comunhão de emoções [...]

25 Hoje Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana (Lab-NAU-USP).

26 Por exemplo Pimentel (2006).

o lúdico não é, portanto, um divertimento de uso privado, mas, fundamentalmente, o efeito e a consequência de toda socialidade em ato (MAFESSOLI, 1984, p. 44).

Deleuze e Guattari (1997), ao estenderem as metáforas em torno da noção de *máquina de guerra*, em tudo dessemelhante ao Estado, apontaram para a noção de mundanidade como contraposição moderna à sociabilidade. Acolhida fora dos centros de prestígio que reverberam o poder centralizado, tal como sociabilidade ali é percebida, mundanidade revelaria seu potencial irruptivo, elidindo um corte profundo entre grupos sociais que embora contíguos, viveriam sobrepostos, superpostos ou à margem das lógicas estatais. Práticas ditas transgressoras, corpos abjetos (CAMARGO, 2013), nomadismos, enfim, podem tentar reajustar dessa perspectiva o conceito de sociabilidade por demais desajustado quando se depara com paisagens etnográficas mais insurgentes, por assim dizer.

É sabido que outras sociologias e antropologias (inclusive trabalhos de fatura etnológica) alimentaram e seguem contribuindo com os estudos sobre esportes e fenômenos lúdicos da perspectiva antropológica, alguns inclusive evidenciados nos balanços bibliográficos sobre esportes (TOLEDO, 2001; TOLEDO, 2021; ALABARCES, 2004; GIGLIO; SPAGGIARI, 2010; DAMO, 2016). O que faltaria para esse movimento antropológico em torno dos esportes inverter um pouco a direção e passar a contribuir metodologicamente e ou conceitualmente com outras subáreas dentro da própria antropologia?

As relações com uma antropologia urbana foram aqui evidenciadas, mas tais contribuições parecem bem mais evidentes quando folheamos as bibliografias de trabalhos oriundos de algumas outras áreas (alguma contribuição nas abordagens em Psicologia, pouco mais nas áreas da Economia e Administração, bem mais em subáreas da Educação Física e contribuições que vão se adensando na medida em que se aproxima da História e outras Ciências sociais, talvez em menor escala na Geografia e Ciências políticas)²⁷.

27 Aqui outro impressionismo de salão, por isso caberia, obviamente, uma pesquisa aprofundada sobre esses itinerários e fluxos multidirecionais entre essas abordagens e suas contribuições recíprocas em torno dos estudos sobre esportes.

Contudo, no interior de outras antropologias possíveis essas contribuições ainda parecem um tanto tímidas, laterais ou mesmo eclipsadas pela especialização de categorias analíticas que, igualmente nascidas em salões e jogos de sociabilidade em seus respectivos trabalhos de campo e interlocuções acadêmicas, ainda não foram instigadas a se relacionarem com aquelas forjadas na militância intelectual dos antropólogos e antropólogas esportistas. Segue o jogo.

Referências

- AGIER, Michel. *Antropologia da cidade*: Lugares, situações, movimentos. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
- ALABARCES, Pablo. Veinte años de ciencias sociales y deporte en América Latina: um balance, uma agenda. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, v. 58, p. 159-179, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. Gosto de classe e estilo de vida. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983. Coleção Grandes Cientistas Sociais.
- BRANCALEONE, Cassio. Comunidade, sociedade e sociabilidade: revisitando Ferdinand Tönnies. *Revista de Ciências Sociais*, v. 39, n. 2, 2008. p. 98-104.
- CAMARGO, Wagner Xavier de. *Práticas esportivas dissonantes nas antinomias de jogo e antijogo*: considerações antropológicas. Apoio Fapesp, Relatório final de pesquisa Fapesp. Processo 2013/00047-7. 2013.
- CAMPOS, Flavio de; TOLEDO, Luiz Henrique de. O Brasil na arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedora. *Revista USP*, São Paulo, n. 99, p. 123-138, 2013.
- CHIQUELTO, Rodrigo Valentim. *A cidade do futebol*: etnografia sobre a prática futebolística na metrópole manauara. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – USP, São Paulo, 2014.
- COHN, Gabriel. As diferenças finas. de Simmel a Luhmann. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 13, n. 38, 1998. p. 1-10. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000300003. Acesso em: 7 set. 2019.
- CORDEIRO, Graça Índias. *Resenha*: Sociabilidade Urbana. Heitor Frúgoli Jr. 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1838>. Acesso em: 7 jul. 2019.
- COSTA, Carlos Eduardo; TOLEDO, Luiz Henrique (Orgs.). *Visão de jogo*: antropologia das práticas esportivas. São Paulo: Terceiro Nome; Fapesp, 2009.
- DAMATTA, Roberto et al. (Orgs.). *Universo do Futebol*: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.
- DAMO, Arlei Sander. Novas abordagens sobre o esporte em Ciências Humanas no Brasil (Posfácio). In: SPAGGIARI, Enrico; MACHADO, Giancarlo M. C.; GIGLIO, Sérgio Settani (Orgs.). *Entre jogos e Copas*: reflexões de uma década esportiva. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2016.

DAMO, Arlei Sander. Torcidas organizadas de futebol (resenha). *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 11, n. 31, p. 193-195, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. São Paulo: Editora 34, 1997.

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

FABIAN, Johannes. *O tempo e o outro: como a antropologia estabelece seu objeto*. Petrópolis: Vozes, 2013.

FRÚGOLI JR., Heitor. O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia. *Revista de Antropologia*, v. 48, n. 1, p. 133-165, 2005.

FRÚGOLI JR., Heitor. *Sociabilidade Urbana*. Coleção Passo a Passo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2007.

FRÚGOLI JR., Heitor; SPAGGIARI, Enrico; ADERLDO, Guilherme (Orgs.). *Práticas, conflitos, espaços: pesquisas em antropologia da cidade*. São Paulo: Terceiro Nome; Gramma, 2019.

GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). *Revista de História*, n. 163, p. 293-350, 2010.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Sociabilidades e práticas corporais. In: STIGGER, Marco Paulo; GONZÁLEZ, Fernando Jaime; SILVEIRA, Raquel da (Orgs.). *O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

HIRATA, Daniel Veloso. *Sobreviver na adversidade: entre o mercado e a vida*. 2010. Tese (Doutorado em Sociologia) – USP, São Paulo, 2010.

HOLANDA, Bernardo B. Buarque de et al. *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2012.

HOLANDA, Bernardo B. Buarque de; FLORENZANO, José Paulo (Orgs.). *Territórios do Torcer: depoimentos de lideranças das torcidas organizadas de futebol da cidade de São Paulo (anos 1960-1990)*. São Paulo: Educ, 2019.

JAKES, Tatyana de Alencar. *Comunidade rock e bandas independentes de Florianópolis: uma etnografia sob socialidade e concepções musicais*. 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – UFSC, Santa Catarina, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/89649>. Acesso em: 14 jul. 2019.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. *A cidade dos picos: a prática do skate e os desafios da cidadania*. 2017. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – USP, São Paulo, 2017.

MAFFESOLI, Michel. O espaço da socialidade. In: MAFFESOLI, Michel. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. p. 79-93.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Circuito: proposta de delimitação de uma categoria. 2014. *Ponto Urbe: Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP*, n. 15. 1-14. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/>. Acesso em: 10 mar. 2021

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Linhagens e trajetórias: da periferia ao centro – trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana*. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de. *Jovens na Metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MAIA, Rousiley. Sociabilidade: apenas um conceito? *Geraes: Revista de Comunicação*, jan. 2001. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/317051024>. Acesso em: 5 jul. 2019.

MELO, Tomás Henrique de Azevedo Gomes. *A rua e a sociedade: articulações políticas, socialidade e a luta por reconhecimento da população em situação de rua*. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – UFPR, Paraná, 2011. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/48438>. Acesso: 15 jul. 2019.

PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. *Risco, corpo e socialidade no voo livre*. 2006. Tese (Doutorado em Educação Física) – Unicamp, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/275230>. Acesso em: 16 jul. 2019.

RAMOS, Thais Henriques. *Jovens, festa e luxo: uma etnografia de um circuito de lazer de elite em Florianópolis/SC*. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – UFPR, Paraná, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/38131>. Acesso em: 7 jul. 2019.

SILVA, Luiz Antonio Machado da. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. *Sociedade e Estado*, v. 19, n. 1, p. 53-84, 2004.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo (Org.). *Simmel*. São Paulo: Ática, 1983. p. 165-181.

STRATHERN, Marilyn. No limite de uma certa linguagem (entrevista). *Mana*, v. 5, n. 2, p. 157-175, 1999.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Balanços bibliográficos e ciclos randômicos: o caso dos futebóis na antropologia brasileira. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, n. 94, p. 1-32, jan. 2021.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Futebol e teoria social: aspectos da produção acadêmica brasileira (1982-2002). *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, v. 1, n. 52, p. 133-165, 2001.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Presente etnográfico e “presente museográfico”: o caso do Museu do Futebol visto por um antropólogo urbano. *Revista Cadernos de Campo*, v. 28, n. 1, p. 249-272, 2019a.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Remexer anotações: o trabalho de um arguidor antropólogo*. São Carlos: Edufscar, 2019b.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol: lazer e estilo de vida na metrópole*. 1994. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – USP, São Paulo, 1994. [Publicação: *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas: Anpocs; Autores Associados, 1996].

TORRES, Lilian de Lucca. *Uma cidade dos antropólogos: São Paulo nas dissertações e teses da USP (1960-2000)*. 2016. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – USP, São Paulo, 2016.

VELHO, Gilberto. Becker, Goffman e a Antropologia no Brasil. *Ilha Revista de Antropologia*, v. 4, n. 1, p. 5-16, 2002.

WAIZBORT, Leopoldo. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Editora 34, 2013.

Futebol, vôlei, rúgbi e mídia: tecendo os fios entre esportes e relações de gênero¹

Leonardo Turchi Pacheco

Introdução

O objetivo deste texto é apresentar, sumariamente, os temas e as reflexões desenvolvidas durante os anos em que a pesquisa em Antropologia dos Esportes passou a fazer parte do meu *métier*. Nesse sentido, pretendo desvelar o novelo que me fez tecer fios nas dimensões das relações de gênero em que os pontos bordados foram do futebol à mídia, passando pelo vôlei e rúgbi e retornando à mídia por um viés diferente do inicial. Pode-se dizer que nessa costura o “ponto atrás”, o ponto forte e permanente, é composto pelas reflexões em torno das relações de gênero e seus desdobramentos. O empenho em compreender a masculinidade e a feminilidade – suas construções sociais, as relações de poder engendradas nos espaços da prática e do discurso no campo esportivo. Os “pontos x”, aqueles que se cruzam, são compostos pelas modalidades esportivas – futebol, voleibol e rúgbi – e, mais recentemente, a mídia por meio do jornalismo esportivo. Assim recorto este texto em quatro pontos.

O primeiro apresenta a reflexão da masculinidade nas derrotas brasileiras em Copas do Mundo de futebol por intermédio do olhar da mídia esportiva. Nessa perspectiva enfocam-se as narrativas midiáticas de acusação para compreender as derrotas nessa competição. O segundo ponto aborda a masculinidade no voleibol. Esporte que não é considerado na cultura brasileira como área reservada à construção da identidade masculina (DUN-

1 O tema do gênero apareceu pela primeira vez no GT de Antropologia dos Esportes na 22ª RBA (2000) por meio do trabalho de Anderson Cavalcanti, *Os homens que não gostam de futebol e a masculinidade no Brasil*.

NING, 1992). Por meio das vozes de seus praticantes, atletas profissionais de clubes de Minas Gerais, evidencia-se que a masculinidade nesse esporte é construída por meio de suas aproximações e distanciamentos com o futebol. O terceiro ponto trata de jovens mulheres universitárias que escolheram praticar o rúgbi (como lazer). Além de revelar as dificuldades e embates para se inserirem nesse espaço, também apontam para os discursos que elas produzem para compreender a feminilidade e a corporeidade em um esporte de reserva masculina. O último ponto a ser costurado apresenta as desigualdades de gênero no jornalismo esportivo. É sobre as possibilidades de ocupação de espaços e desempenho de funções no jornalismo esportivo por mulheres em Belo Horizonte que esse ponto se atém.

Ponto 1: derrota e masculinidade

Como pano de fundo para pensar a masculinidade abordei as derrotas em Copas do Mundo. Entendo que a derrota esportiva é um bom tema para se refletir como uma sociedade se autoidentifica. No caso do futebol e mais especificamente em competições como a Copa do Mundo isso se torna mais significativo na medida em que "[...] talvez sejam um dos últimos redutos do nacionalismo no mundo moderno e, por esta via, talvez sejam um dos mais importantes espaços para a produção simultânea das identidades nacionais" (GASTALDO; GUEDES, 2006, p. 9).

Pois bem, identifiquei por meio dos discursos da mídia escrita brasileira três categorias para dar sentido às derrotas nas Copas do Mundo (PACHECO, 2010): tragédia (1950 e 1982), batalhas (1954 e 1978) e fracassos (1966 e 1974). As tragédias são aquelas derrotas que de tão inconcebíveis, pois a vitória era dada como uma certeza, causam comoção nacional, pedem explicações aprofundadas dos seus motivos e exigem mudanças radicais. As batalhas são derrotas ambíguas, que podem, de alguma forma, ser compreendidas pelo viés positivo. Neste os jogadores são considerados quase vencedores pois não levam desaforo para casa, defendem a honra e se dão ao respeito. Por outro lado, podem ser compreendidas pelo viés negativo;

neste os jogadores são considerados como covardes que não se controlam frente a um desafio e tremem diante de homens mais bem preparados física e moralmente. Os fracassos são derrotas entendidas como provenientes da soberba e consequência da falta de planejamento. São geralmente precedidas por grandes conquistas exitosas. Nelas se questiona a maneira do estilo de praticar o futebol tendo como referência as conquistas passadas. Exige-se mudanças que são diversas daquelas exigidas nas tragédias.

Um exemplo de tragédia: Em 1982, depois de uma primeira fase apresentada pela imprensa como o resgate do futebol-arte que definiria a identidade do homem brasileiro no campo esportivo do futebol, a seleção brasileira foi considerada a grande favorita à taça do mundo. Logo após a convincente vitória sobre a Argentina, as masculinidades dos atletas foram descritas a partir das características de cada um em campo: Sócrates era o doutor eloquente e cerebral; Falcão, era o elegante; Éder, era o bomba sedutor; Cerezo, era o peladeiro aguerrido; Zico, era o homem amadurecido e grande craque. Juntos eles eram apresentados como sendo os supercraques possuidores da *hipermasculinidade*, característica da masculinidade associada aos homens competitivos e aguerridos que fazem de seus corpos armas na arena esportiva (CONNELL, 2002; WHITSON, 2002). A bola, por sua vez, era descrita como uma mulher seduzida e controlada pelos pés desses supermachos: "Por ser uma mulher, a bola é dengosa: rola melhor no pé, no peito e na cabeça do brasileiro" (PLACAR, 1982). No final, com a derrota para a Itália em uma partida tida como impossível de se perder, a narrativa muda. Os jornalistas entendem que faltou preparo físico e um pouco de virilidade: "Leandro [...] estava visivelmente cansado. [...] Luizinho. Este, em vez de entrar duro, foi com o pezinho mole [...]. Muito sapato alto é difícilimo de escrever em uma lauda [...]" (SALDANHA, 2002, p. 102).

Agora citando um exemplo de fracasso, em 1974, na Alemanha, havia a pressão de manter o êxito e o estilo de jogo do campeonato de 1970. No entanto, o que se viu foram jogos sem gols e atletas que foram acusados de não aguentarem as pancadas e o jogo viril dos europeus. Um deles era o atacante Paulo César Caju, um jogador considerado craque dentro de campo e politicamente contestador fora ele. Como sua função era marcar

gols e nos dois primeiros jogos havia "passado em branco", assim como toda a seleção brasileira, diga-se de passagem, recaiu sobre ele a acusação de ausência de masculinidade. A acusação é reiteradamente reforçada por imagens publicadas em duas revistas de grande circulação na época: *Placar* e *O Cruzeiro*. A revista *Placar* enfatiza a sua submissão corporal. Ele é retratado caído de quatro apoiado sobre as mãos e joelhos e é descrito como alguém a quem falta "coragem, garra e técnica". A revista *O Cruzeiro*, retrata o jogador segurando uma boneca (portanto associa sua imagem ao universo feminino e à poluição e desordem que isso acarreta no universo masculino do futebol), descrevendo-o como alguém a quem falta hombridade: "um simples comprador de boneca" (O CRUZEIRO, 1974).

Percebe-se que nas vitórias a mídia representa os atletas e metonimicamente a nação brasileira positivamente de maneira a ressaltar suas virtudes. Ao contrário, nas derrotas as narrativas evidenciam os defeitos desses atletas. Esses defeitos tornam-se categorias de acusação (VELHO, 2004), carregadas de denúncias morais que associam os atletas à ausência de virilidade e masculinidade. Portanto, os perdedores são retratados como sendo pouco viris, associados a estereótipos da feminilidade e do mundo feminino – "salto alto", "pezinho mole" e "compradores de boneca".

Agora, dando um exemplo de batalha, podemos citar que nem sempre a associação com a feminilidade é associada para compreender a derrota. Esse foi o caso da Copa do Mundo de 1978. Nessa competição os brasileiros foram declarados "campeões morais" e souberam defender sua honra por meio de um jogo viril contra os donos da casa. A "Batalha de Rosário"² como ficou conhecido o encontro Brasil versus Argentina foi marcada por um futebol pouco vistoso e por intimidações violentas de parte a parte. A revista *Manchete Esportiva* decretou que aquela partida foi um "jogo para

2 Como mencionei anteriormente as derrotas denominadas de batalhas são ambíguas. Se, em 1978, a honra foi mantida e os relatos foram positivos, o mesmo não aconteceu em 1954. A "Batalha de Berna", como ficou conhecido o encontro entre Brasil e Hungria naquele mundial, teve uma conotação diversa da "Batalha de Rosário". Em Berna os brasileiros (principalmente os negros, assim como havia acontecido em 1950 no *Maracanazo*) foram acusados de moralmente fracos, pois não aguentaram suportar a pressão de jogar contra os majestosos europeus caucasianos. Não conseguiram se autocontrolar e tremeram. Ao tremerem partiram para a violência, única possibilidade encontrada para ganhar o jogo. Desse evento a mídia cunhou o epíteto para caracterizar a seleção brasileira em 1954: "o *scratch* tremedeira".

machões" em que os brasileiros não se intimidaram demonstrando toda sua virilidade (MANCHETE ESPORTIVA, 1978).

Pelo teor das narrativas coletadas é possível afirmar que existem Derrotas e derrotas. Nota-se que os discursos da mídia se alternam ao sabor das pluralidades e ambiguidades para compreender as derrotas maiúsculas e as minúsculas, não tão importantes, e assim representar as masculinidades do homem brasileiro em campo.

Ponto 2: vôlei e masculinidade

Se por um lado a pesquisa sobre derrota e Copa do Mundo foi realizada em arquivos (quase uma antropologia de gabinete), a pesquisa sobre voleibol e masculinidade foi realizada por meio de trabalho de campo. Entre as arquibancadas dos ginásios esportivos em dias de jogos, treinos e sessões de recuperação dos atletas em uma clínica de fisioterapia foram coletadas narrativas de profissionais do voleibol, que atuavam em Minas Gerais, sobre a construção e representação da masculinidade.

No Brasil o voleibol não é considerado um esporte de socialização masculina. Esse papel cabe ao futebol. Pairam sobre a prática do vôlei a pecha de ser um esporte para mulheres e gays. Porém, o vôlei é praticado profissionalmente por homens independentemente da orientação sexual e/ou identidade de gênero. Tendo essas premissas em vista, procurei compreender como os profissionais dão sentido ao fato de serem homens e praticarem voleibol. E quais foram os achados?

Bom, as narrativas dos atletas indicavam que a sexualidade não era pensada como um entrave para a prática do esporte e muito menos para definir masculinidades. No entendimento dos atletas, o vôlei, mesmo não sendo um esporte de contato físico entre os participantes, é um esporte para homens, porque é marcado pela potência e pela impossibilidade de se omitir. A potência do saque, a violência da bola contra o corpo, o desprezo da dor no contato com a bola e com a quadra.

É relevante apontar que a masculinidade nesse contexto toma como referência o futebol como medida de masculinidade hegemônica (CON-

NELL, 2002), seja para se aproximar ou para se afastar das características do esporte. Assim como no futebol, a potência, a racionalidade, a liderança e o estoicismo são características colocadas em cena para construir uma definição de masculinidade em quadra. Percebe-se, pelos relatos, que essa masculinidade é plural. Da mesma forma que foi evidenciada com as narrativas da mídia sobre os supercraques na Copa do Mundo, os atletas de vôlei de alto rendimento também associaram em suas narrativas cada posição ocupada e a função desempenhada a uma característica ideal típica de masculinidade. Os levantadores acionaram a explicação da racionalidade e da magia, além do comando para dar conta de suas funções. Os liberos exploraram a precisão e a coordenação dos movimentos como fatores decisivos. O ponteiro passador dá significado para sua atividade por meio do volume de jogo e a capacidade e habilidade de definição. O meio de rede se coloca como o que faz tudo, portanto imprescindível para o sucesso da equipe, e o oposto é o homem da potência e da regularidade.

Na tentativa de se afastar do futebol de alto rendimento, os atletas de vôlei realizavam uma diferenciação entre ser homem e menino no desempenho de suas atividades. A masculinidade (ser homem) no universo do vôlei estaria ligada à responsabilidade, ao cumprimento da rotina, ao compromisso com os pares e à definição e execução de metas. Contrariamente, a masculinidade incompleta (ser menino) estaria ligada à irresponsabilidade, ao descompromisso, à falta de palavra e respeito pelo coletivo, à indefinição e omissão – características associadas ao que eles entendem ser o mundo do futebol.

Ademais, as narrativas ainda diferenciam homens e meninos pela independência financeira e o provimento da família, que seriam não somente a diferença entre homens e meninos, mas também entre profissionais e amadores. Nota-se que, mesmo sendo homens profissionais, atletas de qualquer modalidade podem ser percebidos como meninos amadores dependendo do estilo de vida que escolhem levar em relação aos compromissos com a prática.

Ponto 3: rúgbi e mulheres

Se o lugar dos homens também é no voleibol, o mesmo poderia ser afirmado das mulheres em relação ao rúgbi? Verifiquei que sim, apesar do rúgbi ser um espaço circunscrito por desafios e negociações (PACHECO, 2016).

Não é demais lembrar que o rúgbi é um esporte de elite com um *ethos* masculino definido e delimitado na sua prática (DUNNING; SHEARD, 2005), no qual, como apontam os estudos australianos e franceses, as mulheres podem estar presente nos campos, mas somente para torcer, apoiar filhos e maridos, lavar os seus uniformes e preparar a comida. A presença no terceiro tempo³ está limitada a ser tema das canções obscenas e servidoras sexuais dos atletas de rúgbi (SAOUTER, 2003; NAURIGHT; CARLE, 2005).

Tendo em vista esse histórico, fiquei curioso ao me deparar com jovens mulheres universitárias do interior de Minas Gerais praticantes de rúgbi. Decidi refletir sobre as mesmas questões propostas pelo vôlei, só de que de maneira inversa. Se naquele esporte era a masculinidade que estava sendo colocada em questão, neste era a feminilidade das praticantes. Apoiado nas leituras de Mackinnon (1987), e suas reflexões sobre a possibilidade de ser mulher em um espaço masculino como o Direito, e de Wittig (2019), que questionava a categoria mulher como um dado natural enfatizando suas características políticas, fiz a seguinte pergunta: o que é ser mulher e praticar rúgbi?

Assim como aconteceu entre os atletas de vôlei, as respostas das mulheres praticantes de rúgbi indicavam para a feminilidade no plural: "Todo tipo. Todo tipo, assim [...] as mais sentimentais, as mais resistentes, as mais velhas, as mais novas [...]. Qualquer tipo de mulher. Eu conheci vários tipos de mulheres que joga (sic)" (Rugbier, Odontologia).

Essa e as demais narrativas apontavam para a característica democrática da prática do rúgbi. Um esporte inclusivo que não fazia distinção

3 O terceiro tempo no rúgbi é a atividade festiva e ritualística que ocorre depois dos dois tempos regula res do jogo. É uma atividade que de tão tradicional se incorporou na dinâmica do esporte e, desse modo, permite afirmar que não existe jogo de rúgbi sem o terceiro tempo. Em suma é um momento em que, em meio ao consumo em excesso de bebidas alcoólicas, brincadeiras iniciatórias, paqueras e romances, se discute o jogo que acabou de ocorrer – eliminando possíveis desavenças e rusgas –, criam-se laços de amizade e, decidem-se os próximos jogos e encontros.

entre mulheres e corporeidades, desde que essas estivessem dispostas a doar seu tempo e seu corpo às pedagogias do rúgbi. E no que consistiam essas pedagogias?

Em primeiro lugar, exigiam a aprendizagem da superação das dificuldades impostas pela prática. Era frequente a falta de equipamentos, locais e treinamentos adequados para se jogar rúgbi. Era comum o desconhecimento das regras do jogo por treinadores, treinadoras e jogadoras. Não havia incentivo institucional e financeiro para a prática e, para completar, sendo universitárias, as jogadoras não tinham tempo para investir na prática esportiva. O comprometimento com treinos e a conciliação destes com uma vida de estudos e de festas em abundância tornou-se impeditivo para várias praticantes que não entendiam o rúgbi como um compromisso sério. Somados esses desafios a serem enfrentados não fica difícil compreender por que as equipes não se mantinham atuantes.

Em segundo lugar, uma aprendizagem que exigia disciplina para transformar o corpo em uma ferramenta adequada para se praticar o esporte. Não somente para tornar o corpo forte, resistente, veloz e ágil para enfrentar os contatos, derrubar ou driblar as adversárias e correr em direção à linha de fundo do campo para realizar o *try*⁴ sem ser derrubada, mas também para criar um modo prático de *incorporação direta* (WACQUANT, 2002) de domínio da bola oval de forma a manuseá-la sem deixá-la cair, a coordenar o passe para trás e as demais nuances da posição em que se escolhe atuar em campo. Uma pedagogia de ocupação de espaço e de construção de força corporal a qual as mulheres são desencorajadas a desenvolver em suas experiências com os esportes.

Nesse sentido é uma pedagogia de redescoberta e empoderamento corporal feminino que refuta a premissa do "*throwing like a girl*" (YOUNG, 2005) como algo natural e biológico. É a ação prática de resistência e de ocupação de espaços que lhes permitia expressar suas feminilidades plurais dotando essas universitárias de poder em uma esfera esportiva. Isso era um fato concreto, mesmo que no nível discursivo os termos para se referir a

4 O *try* é uma das formas de se marcar ponto no rúgbi. Ele ocorre quando a jogadora ultrapassa a linha de fundo (*in goal*) do campo adversário e encosta a bola no chão.

essas experiências fossem emprestados do universo masculino sugerindo uma mera reprodução das práticas deles nas vivências delas.

Por fim, mas não menos importante, aprender a enfrentar a misoginia e a homofobia que é característica desse espaço, o que consiste em fazer ouvidos moucos para o machismo e para as grosserias da audiência masculina – “não importa se perder ou se ganhar eu quero é ver o peitinho balançar”. Consiste também em desestabilizar as acusações de masculinização corporal e comportamental por praticar ou por se destacar no rúgbi e, o que se mostrou mais complexo em se tratando das relações estabelecidas nessa esfera esportiva, o desvencilhar da tutela masculina da “família” rúgbi, realizada por meio de direcionamentos, proibições e condescendências relacionadas à prática e às praticantes.

Ponto 4: mulheres e jornalismo esportivo

Assim como no rúgbi, o jornalismo esportivo também se configura como um espaço de monopólio masculino. Os dados dos associados da Associação Mineira de Cronistas Esportivos (AMCE) reforçam essa argumentação. Em 2016, para cada mulher havia 30 homens cadastrados.

Além dessa disparidade, durante o ano de 2017, entre observações realizadas em campo e entrevistas com algumas jornalistas da área, percebi que certos espaços não eram ocupados por mulheres. Certamente algumas estão na beirada do campo como repórteres, algumas estão nas reportagens cotidianas dos programas esportivos, outras estão na apresentação de programas e mediação de mesas-redondas. Ainda há aquelas na produção e edição – “na cozinha das redações e emissoras”.

Creio que esses são os espaços possíveis de serem ocupados. Contudo, mesmo assim, são ocupados com certo cuidado, já que para ocupá-los as jornalistas têm que se desvencilhar dos assédios de colegas, torcedores, jogadores, técnicos e dirigentes. Acrescente-se a isso o fato de serem tratadas com condescendência infantil pelos colegas e chefes, serem constantemente avaliadas sobre conhecimentos básicos acerca da dinâmi-

ca do jogo de futebol, terem suas ideias pouco valorizadas e sua voz quase não ouvida, sendo desacreditadas em sua competência profissional. Na percepção dessas mulheres esse é o preço a se pagar por estar ocupando um espaço de monopólio masculino.

Uma série de "tetos de vidro" (ACKER, 2009; ANDRADE, 2012) impedem que mulheres ocupem determinados espaços na esfera do jornalismo esportivo. Poucas são aquelas que atingem uma posição de poder e decisão nas emissoras de televisão e de rádio, nas redações de jornais e revistas e na assessoria de comunicação de clubes. As que são bem-sucedidas na carreira – ou porque ascenderam a cargos de comando e decisão ou porque conseguiram furos de reportagem – têm seu sucesso associado (por colegas homens, diga-se de passagem) à beleza física ou ao fruto de favores sexuais que teriam ofertado a superiores.

Poucas participam como comentaristas em mesas-redondas. Poucas estão na cabine de transmissão, seja como locutoras/narradoras seja como comentaristas. Aqui a dimensão de poder é explicitada. Como a cabine de transmissão é o local no qual a verdade do futebol é construída, em que a situação do que acontece no jogo é definida, em que o olhar do torcedor e suas emoções são direcionadas pela voz do locutor (TOLEDO, 2002; GASTALDO, 2006), ela se configura em um espaço de poder e prestígio no campo esportivo.

Nesse espaço as mulheres não são bem-vindas, como entendem as próprias jornalistas. Não são consideradas capazes de ocupar esse lugar e são sugestionadas a pensarem que não têm legitimidade para ocupá-los. Uma série de fatores as fazem acreditar serem incapazes ou mesmo não imaginar a possibilidade de assumir o protagonismo na cabine de transmissão.

O primeiro fator se refere à tonalidade da voz feminina. É de entendimento comum entre homens e mulheres torcedores e jornalistas que a voz feminina é muito aguda para narrar futebol. Portanto é uma voz que se torna desagradável para o ouvinte – quase um ruído ou o que Le Breton (2016) chama, em outro contexto, de uma "charabiá", uma voz que não se compreende, que tem a elocução grotesca. Nesse sentido, a voz feminina pode ser pensada como a voz da alteridade radical no espaço da transmissão de futebol.

O segundo, também de entendimento de torcedores e jornalistas homens e mulheres, é a falta de credibilidade e de seriedade da voz feminina para falar de um tema tão importante como o futebol. A credibilidade e a seriedade estão associadas à voz masculina. Essa é a legítima voz do futebol e, independentemente de sua tonalidade, possui as características desejáveis para relatar, noticiar e narrar esse esporte.

O terceiro fator está relacionado com as desigualdades de exigência para narrar e comentar jogos. Na percepção das jornalistas, sobre as mulheres recai o excesso de exigências: qualquer pequeno erro é amplificado e transforma-se na evidência de que elas não compreendem nada do esporte. Sobre os homens não há tamanha exigência e os erros são percebidos como algo corriqueiro, um pequeno lapso. No mesmo sentido, o quarto fator diz respeito ao medo proveniente das exigências desiguais. Muitas jornalistas relataram não ter vontade de investir na locução esportiva por medo de se exporem ao erro e serem ridicularizadas. O perfeccionismo e a pressão que elas se sofrem dentro da estrutura do jornalismo esportivo contribuía para desestimular qualquer tentativa de assumir a função de narradora.

O quinto fator está relacionado ao domínio da linguagem do jogo. As jornalistas entendiam que os homens, por serem socializados brincando de narrar futebol, tinham maior facilidade para dominar os meandros da narração. Assim, os termos do jogo, suas definições, as posições dos jogadores, as especificidades do espaço, as regras e os equipamento, as metáforas e demais aspectos da linguagem seriam do universo masculino (SPENDER, 1990). Portanto uma linguagem masculina construída tendo em mente uma audiência masculina.

Por tais razões, as narrativas dessas mulheres jornalistas enfatizavam a dificuldade em se inserir na cabine de transmissão e evidenciavam os motivos pelos quais elas nem se imaginavam ocupando a função de locutora esportiva. Ademais os limites impostos pela própria estrutura do campo profissional eram concebidos como uma questão de escolha individual. Assim, era frequente nas narrativas a ideia de que não havia narradoras e comentaristas por falta de interesse das próprias jornalistas e que a ausência de mulheres em espaços de poder, decisão e mando era resultado de uma

falta de esforço individual destas. Afinal, quem se esforça e é competente sempre alcança cargos de direção, afirmavam as jornalistas citando sempre os mesmos três nomes daquelas que “chegaram lá”.

Em suma, do entendimento da masculinidade nas derrotas do futebol pela narrativa da mídia, passando pela construção da masculinidade, da feminilidade e suas correlações com o corpo no voleibol e no rúgbi, até finalmente voltar o olhar para a mídia mediante as relações de gênero no jornalismo esportivo, expus como o meu caminho de pesquisa no campo da antropologia dos esportes foi sendo tecido. Caminho esse que se desdobra na tessitura de mais pontos, em pesquisas vindouras, na abordagem da relação entre política e jornalismo esportivo, temas tão caros e urgentes para compreender a sociedade brasileira contemporânea.

Referências

ACKER, Joan. From glass ceiling to inequality regimes. *Sociologie du Travail*, v. 51, n. 2, p. 199-217, 2009.

ANDRADE, Silvana Rodrigues de. *Eu sou uma pessoa de tremendo sucesso*: representações, identidades e trajetórias de mulheres executivas no Brasil. Tese (Doutorado em História) – FGV, Rio de Janeiro, 2012.

CONNELL, Robert. Debates about men, new research on masculinities. In: SCRATON, Sheila; FLINTOFF, Anne (Eds.). *Gender and sport*: A reader. London: Routledge, 2002. p. 161-168.

DUNNING, Eric. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais da identidade masculina e as suas transformações. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Diffel, 1992. p. 389-412.

DUNNING, Eric; SHEARD, Kenneth. *Barbarians, Gentleman and Players*: a sociological study of the development of rugby football. London: Routledge, 2005.

GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud. De pátrias e de chuteiras. In: GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud (Orgs.). *Nações em campo*: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006. p. 7-12.

GASTALDO, Édison Luis. “Os campeões do século”: notas sobre a definição da realidade no futebol espetáculo. In: GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud (Orgs.). *Nações em campo*: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006. p. 15-38.

LE BRETON, David. *Antropologia dos sentidos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MACKINNON, Catharine. *Feminism unmodified*: discourses on life and law. Cambridge: Harvard University Press, 1987.

MANCHETE ESPORTIVA. Copa-78 – As lições para 1982. *Manchete Esportiva*, Rio de Janeiro, n. 38, 4 de julho de 1978.

NAURIGHT, John; CARLE, Alison. Crossing the line: women playing rugby union. In: NAURIGHT, John; CHANDLER, Timothy (Eds.). *Making the rugby world: race, gender, commerce*. London: Frank Cass, 2005. p. 128-148.

O CRUZEIRO. Brasil na Copa – o primeiro degrau do tetra. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, Ano XLVI, n. 25, 19 de junho de 1974.

PACHECO, Leonardo Turchi. Mulheres e rúgbi: desafios e negociações de uma conjugação possível. In: SPAGGIARI, Enrico; MACHADO, Giancarlo Marques Carraro; GIGLIO, Sérgio Settani (Orgs.). *Entre jogos e copas: reflexões de uma década esportiva*. São Paulo: Intermeios/Fapesp, 2016. p. 239-260.

PACHECO, Leonardo Turchi. *Tragédias, batalhas e fracassos: as derrotas brasileiras nas Copas do Mundo (1950-1982)*. Goiânia: Cânone Editorial, 2010.

PLACAR. Guerra em Barcelona – o tetra mais perto. *Placar*, São Paulo, Abril, n. 632, 2 de julho de 1982.

SALDANHA, João. *O trauma da Bola: a Copa de 82*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SAOUTER, Anne. A mãe e a prostituta: os homens, as mulheres e o rugby. *Movimento: Revista de Educação Física da UFRGS, Porto Alegre*, v. 9, n. 2, p. 37-52, maio/ago. 2003.

SPENDER, Dale. *Man made language*. London: Pandora Press, 1990.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas do futebol*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.

VELHO, Gilberto. Duas categorias de acusação na cultura brasileira contemporânea. In: VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 55-65.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume e Dumaré, 2002.

WHITSON, David. The embodiment of gender: discipline, domination and empowerment. In: SCRATON, Sheila; FLINTOFF, Anne (Eds.). *Gender and sport: A reader*. London: Routledge, 2002. p. 227-240.

WITTIG, Monique. Não se nasce mulher. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 83-94.

YOUNG, Iris Marion. *On female body experience: “throwing like a girl” and others essays*. Oxford: University Press, 2005.

A Negra no Futebol Brasileiro¹

Mariane da Silva Pisaní²

Introdução

Antes de iniciar a reflexão que se pretende desenvolver, faz-se necessário apresentar – mesmo que de maneira breve – a trajetória pessoal da autora que agora escreve a fim de contextualizar os(as) leitores(as) nos meandros deste texto.

A primeira vez que participei de um evento científico – ainda enquanto aluna de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina – foi na 27ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada na cidade de Belém, Pará, no ano de 2010. Naquela época, mesmo sem saber, era acolhida em uma rede (nacional e internacional) de pesquisadores e pesquisadoras que já existia há, pelo menos, dez longos anos. Sob o nome de *Antropologia do esporte*³: *abordagens teórico-metodológicas do estudo das práticas esportivas*, aquele Grupo de Trabalho (GT) me recebia pela primeira vez para apresentação de uma pesquisa⁴. Eram os primeiros passos que dava no mundo dos congressos científicos e redes acadêmicas de troca e – por que não?! – de afetos.

1 O tema da etnicidade apareceu pela primeira vez no GT de Antropologia dos Esportes na 22ª RBA (2000) por meio do trabalho de Arlei Damo, *Raça e classe social na rivalidade Gre-Nal*.

2 Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) que financiou esta pesquisa, inicialmente enquanto tese de doutorado em Antropologia Social e que agora se desdobra em artigo.

3 Cabe dizer que o termo “Antropologia dos Esportes” não é um consenso entre todos(as) os (as) antropólogos(as) participantes da nossa rede nacional e internacional de trabalho. Porém isso é uma discussão para outro artigo.

4 O trabalho em questão era *Outsiders e estabelecidos: a representação estrangeira dos jogadores de futebol brasileiros que atuam no exterior*, fruto de uma extensa pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida, desde o ano de 2007, sob orientação da professora Dr.^a Carmen Rial.

De 2010 até o presente momento, foram dez anos participando – anualmente – dos encontros dessa rede que buscou – desde o seu início – privilegiar o debate antropológico a partir de diferentes práticas esportivas e de lazer. A cada ano em que participei do Grupos de Trabalho, pude perceber o quanto a rede cresceu: tanto em número de participantes (uma vez que sempre buscamos acolher novos(as) antropólogos(as)), quanto em qualidade, refletida nos trabalhos apresentados. Ao me referir à qualidade dos trabalhos apresentados quero ressaltar, sobretudo, o processo de amadurecimento da rede – como um coletivo de pesquisadores(as) –, bem como enfatizar a consolidação da temática esportiva nas discussões antropológicas em âmbito nacional e internacional.

Os trabalhos foram consolidados! A nossa rede de discussões antropológicas sobre as práticas esportivas e de lazer orgulhosamente apresenta neste livro as principais temáticas discutidas⁵ ao longo dos últimos vinte anos de existência. O presente livro – intitulado *Vinte Anos de Diálogos: Os esportes na Antropologia Brasileira* – nasce a partir da ideia coletiva de resgatar os principais pontos que foram debatidos nas últimas duas décadas nos grupos de trabalho das últimas Reuniões Brasileiras de Antropologia (RBA) e nas Reuniões de Antropologia do Mercosul (RAM).

A parte que me cabe, portanto, é apresentar uma breve reflexão sobre como as **relações étnico-raciais** aparecem inseridas nas práticas esportivas e/ou de lazer. É preciso advertir, contudo, que o objetivo deste artigo não é o de realizar um levantamento histórico sobre todos os trabalhos que foram apresentados nas últimas RBAs e nas RAMs que versaram sobre a temática. O nosso objetivo aqui é demonstrar como esse marcador social da diferença é uma categoria extremamente relevante e atual para o lugar da mulher negra no espaço esportivo brasileiro, especificamente no futebol. O futebol praticado por mulheres, por sua vez, é a temática sobre a qual pesquiso e estudo desde 2011 (PISANI, 2012; PISANI, 2018), explica-se, portanto, a escolha de abordar as relações étnico-raciais dessa perspectiva.

5 Por vezes de maneira bastante calorosa e até clubística!

Raça, relações étnico-raciais e etnicidade: categorias de análise das Ciências Sociais

Antes de apresentar nosso contexto de pesquisa e discussão antropológica e teórica, é preciso contextualizar que a categoria analítica de raça, bem como a categoria relações étnico-raciais, é bastante controversa e carece de compreensão histórica a respeito da sua formulação.

Autores como Peter Fry (2005), Lília Schwarcz (1993) e Kabenguele Munanga (2003) nos falam que a origem do termo raça, como conhecemos hoje, foi consolidado no final do século XVIII e início do século XIX, com o racismo científico. Os autores resgatam – ao longo de diversos trabalhos – como Arthur Gobineau propôs a existência de três raças: branca (caucasiana), negra (negroide) e amarela (mongoloides). Para Gobineau, os brancos seriam superiores em termos de inteligência, moral e força de vontade; já os negros e amarelos seriam inferiores, amorais e instáveis emocionalmente. O racismo científico foi uma corrente teórica que justificou o imperialismo e o colonialismo europeu, uma vez que se acreditava que haveria superioridade entre raças.

A categoria de “raça” – assim como outras categorias analíticas como gênero ou sexualidade – precisa ser compreendida a partir de uma perspectiva histórica, social e cultural. A antropóloga Verena Stolcke nos fala que o conceito de “raça” foi considerado por muito tempo um dado “natural” e biológico inscrito nos corpos humanos (STOLCKE, 1991). O conceito de “raça” era utilizado para diferenciar e separar as pessoas a partir de características biológicas e corporais pensadas como naturais, por exemplo: formato dos cabelos (lisos ou crespos), cor da pele (branca ou negra), cor dos olhos (claros ou escuros), formato do nariz (fino ou largo), formato do crânio, dentre outras características. As “diferenças raciais” ou as “diferenças de cor”, portanto, foram ancoradas inicialmente em noções sobre o que se considerava – ou não – um corpo branco, sendo o homem europeu geralmente o modelo referencial para as comparações. Essas diferenças, historicamente marcadas ao longo do tempo, constituíram-se enquanto produtoras de noções e relações de poder.

Contudo, Verena Stolcke, revisando outros autores, reafirma a importância de desvincular a concepção da categoria "raça" do plano biológico e, por consequência, amenizar os racismos que vêm com a utilização do conceito. Ela percebe que, numa certa medida, alguns autores propõem que no lugar de "raça" use-se o conceito de etnicidade. Segundo a autora, tanto a categoria de raça quanto a de etnicidade devem ser compreendidas nos contextos de dominação em que são significados; logo, ao utilizar-se do conceito de etnicidade faz-se a tentativa de minimizar as discriminações e exclusões antes calcadas e ideologicamente justificadas em uma herança genética e/ou racial (STOLCKE, 1991).

Podemos afirmar que nas Ciências Sociais o conceito de raça foi superado na medida em que se sabe que não existem separações estanques entre pessoas que não pertencem aos mesmos "grupos raciais". Mesmo assim, o conceito de raça ainda é utilizado por autores das Ciências Sociais uma vez que o racismo, a violência e a discriminação racial – ainda existentes na sociedade brasileira – apoiam-se na noção de raça para existirem. Segundo Nogueira, Felipe e Teruya (2008), o uso da categoria "raça" pode ser encarado atualmente como uma forma de posicionamento político para informar e salientar determinadas características físicas como a cor da pele ou mesmo o tipo de cabelo. Essas características, por sua vez, interferem e até determinam o destino e o lugar social dos sujeitos no interior da sociedade brasileira. Assim, "o conceito de raça ao ser usado com conotação política permite, por exemplo, aos negros valorizar as características que os diferem das outras populações e romper com as teorias raciais que foram formuladas no século XIX e até hoje permeiam o imaginário popular" (NOGUEIRA; FELIPE; TERUYA, 2008, p. 4).

Assim, compreendida como construção histórica e cultural, a categoria pode ser usada – a depender do seu contexto – enquanto instrumento político de afirmação de identidade.

O negro no futebol brasileiro: as relações étnico-raciais no contexto esportivo na perspectiva do jornalista Mário Rodrigues Filho

O livro do cronista e jornalista Mário Rodrigues Filho, intitulado *O negro no Futebol Brasileiro*, realizou na década de 1960 um resgate de histórias e relatos sobre a consolidação do homem negro nessa prática esportiva. Até meados da década de 1920, o futebol no Brasil era considerado esporte de elite, no qual apenas os homens brancos poderiam jogar. Foi somente no ano de 1930 que os primeiros negros começaram a participar – enquanto jogadores – de partidas de futebol. Nessa época, havia discursos que apresentavam as diferenças de jogar, bem como os sentidos do futebol para homens negros e homens brancos. As concepções à época explicitavam que os homens brancos seriam essencialmente superiores em suas capacidades cognitivas e que ao participarem dos jogos de futebol, faziam-no por lazer, fidalguia, noções de cavalheirismo e *fair play* (RODRIGUES FILHO, 1964). Ou seja, o futebol era compreendido como um espaço de construção de uma masculinidade intelectual e aristocrática.

Já os homens negros, por sua vez, eram compreendidos enquanto detentores de força física e agressividade naturais – atributos considerados herança do trabalho escravo no período colonial (OGLESBY, 1981) – que poderiam ser aplicadas nas práticas esportivas mediante pagamento. O futebol, para eles, era considerado um momento para o emprego adequado de sua força e agressividade, ou seja, a prática esportiva do futebol era o lócus para a construção e conformação de uma masculinidade agressiva, mas de forma controlada e servil (RODRIGUES FILHO, 1964).

O primeiro negro a ficar famoso e a se tornar um ídolo do futebol brasileiro foi Artur Friedenreich – filho de uma lavadeira negra e um imigrante alemão. Friedenreich, com seu gol, levou o Brasil à vitória contra o Uruguai na final de 1919. O jogador chegou a “ganhar” um choro em sua homenagem: *Uma Zero*, de Benedito Lacerda, Pixinguinha e Nelson Ângelo. Outro jogador brasileiro que se destacou nessa época foi Leônidas, o Diamante Negro. Ele se tornou o expoente das contradições de uma sociedade na época em que a aceitação do negro no futebol passava por rápidas e conturbadas mudanças.

Leônidas era um jogador que todos os clubes queriam em seu time, talvez à exceção do Fluminense, que mantinha sua política "antinegros" na equipe. Porém, ao mesmo tempo em que era desejado por todos os times por seu excepcional desempenho no futebol, Leônidas era perseguido por torcedores e jornalistas da época, em virtude de um roubo de um colar de contas. A culpa, é claro, recaiu sobre Leônidas, o negro. Sempre que o jogador entrava em campo para jogar, os torcedores da arquibancada começavam a perguntar para o jogador onde estava o colar, ao que Leônidas reagia com raiva (RODRIGUES FILHO, 1964).

As mulheres negras nos esportes brasileiros

Ainda que o conteúdo deste artigo seja diferente daquele que nos traz o jornalista Mário Rodrigues Filho, o título deste busca resgatar algumas observações etnográficas realizadas na cidade de São Paulo entre os anos de 2013 a 2016. As observações etnográficas aqui apresentadas foram realizadas no trabalho de campo que resultou na tese de doutorado (PISANI, 2018) intitulada: *"Sou feita de chuva, sol e barro": o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo*. A tese teve como objetivo compreender como os Marcadores Sociais da Diferença – descritos enquanto categorias analíticas de gênero, raça, sexualidade e classe – permeavam a prática futebolística de mulheres na cidade de São Paulo, orientando a construção de corpos e tornando possível a construção de redes diversas de afetividade entre elas.

Sabe-se que no Brasil, até meados da década de 1970, as mulheres não podiam participar de determinadas modalidades esportivas. No mesmo sentido, a primeira pesquisa brasileira sobre mulheres e futebol só surgiu ao final da década de 1990⁶. Contudo, fala-se da mulher enquanto categoria essencializada, ou seja, não se pensa no lugar da mulher negra dentro do ambiente esportivo especificamente. É preciso recorrer aos registros de

6 Ao realizar uma busca no Banco de Teses e Dissertações de Capes, encontra-se a primeira dissertação defendida no Brasil sobre a temática mulheres e prática futebolística, de autoria de Lucia da Costa Leite Rei e orientada por Sebastião Josué Votre. A pesquisa se intitula *Representações da mulher que joga futebol*, e foi publicada em 1997, na área temática de Educação Física.

algumas competições, para se ter uma ideia, mesmo que superficial, da trajetória de mulheres negras no esporte. Este artigo, em alguma medida, ocupa-se desta lacuna das produções das Ciências Sociais.

Ao descrever de quais maneiras a mulher negra se inseriu na sociedade brasileira a partir da década de 1950, Gonzalez estabelece o que ela chama de soma de opressões entre gênero, raça e classe:

Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais alto nível de opressão [...] onde sofrem um processo de reforço quanto à internalização da diferença, da subordinação e da "inferioridade" (GONZALEZ, 2016, p. 408).

Concretamente, no que tange a essa tripla opressão e discriminação, podemos averiguar nos dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) que 60% das mulheres assassinadas no Brasil entre os anos de 2011 e 2012 eram negras; e que são as mulheres jovens, negras e pobres as que mais sofrem com a violência doméstica e familiar (BRANDÃO; COELHO, 2013). Da mesma forma, em dados mais atuais do Atlas da Violência do ano de 2019, das quase 5 mil mulheres assassinadas no Brasil no ano de 2017, mais de 66% delas se identificavam enquanto negras (BRASIL, 2019). O que demonstra um aumento na taxa de homicídio das mulheres negras. Ainda nesse sentido, do ano de 2007 ao ano de 2017, a taxa de homicídio – ou seria feminicídio? – de mulheres negras cresceu quase 30%, em contrapartida a taxa de homicídio das mulheres não negras cresceu menos de 5%.

No campo das práticas esportivas, é preciso recorrer aos registros de algumas competições, como os Jogos Olímpicos, por exemplo, para se ter uma ideia, mesmo que superficial, da trajetória de mulheres negras no esporte brasileiro. No ano de 1948, Melânia Luz⁷ foi a primeira mulher negra a representar o Brasil em um jogo olímpico. Praticante do salto em distância e da corrida, ela disputou as Olimpíadas de Londres daquele ano e bateu o

7 Cf.: JUSTIÇA DE SAIA. Melânia Luz: a primeira mulher negra na história a representar o Brasil em uma Olimpíada. *Justiça de Saia*, nov. 2016. Disponível em: <http://www.justicadesaia.com.br/melania-luz-a-primeira-mulher-negra-na-historia-a-representar-o-brasil-em-uma-olimpiada>. Acesso em: 24 nov. 2017.

recorde sul-americano no revezamento 4x100, ao lado de outras mulheres brasileiras. Doze anos depois, no ano de 1960, a paulistana Wanda dos Santos, segunda mulher negra brasileira a participar da competição, embarcava junto com a delegação brasileira para os Jogos Olímpicos de Roma, sendo a única mulher entre 81 atletas naquela delegação; ela disputou os 80 metros com barreiras. Quatro anos depois, no ano de 1964, Aida dos Santos⁸ conquistaria o 4º lugar no salto em altura nos Jogos Olímpicos de Tóquio (PESSOA, 2016).

Atualmente, Marta (futebol), Fabiana Claudino (vôlei), Fofão (vôlei), Érika Cristina de Souza (basquete), Karen Rocha (basquete), Maria Elizabeth Jorge (levantamento de peso), Daiane dos Santos (ginástica artística) e Rafaela Silva⁹ (judô) figuram como mulheres negras brasileiras que possuem destaque em suas modalidades esportivas.

A negra no futebol brasileiro: observações etnográficas de uma pesquisadora

A reportagem de outubro de 1983 da *Revista Placar* traz a reportagem intitulada *A bela... e as feras* na qual as categorias de raça, sexualidade e gênero aparecem articuladas em uma sucessão de imagens e textos que revelam racismo e sexismo. Está clara na linha editorial da revista que a "bela" do futebol é uma mulher branca – que aparece retratada em fotografias coloridas, trajando biquíni, sorrindo e segurando uma flor – e que as "feras" são as mulheres negras – fotografadas em retratos preto e branco, sérias e de cabelos curtos (MARTINS, 1983).

Esses dois tipos de futebolistas – "belas" e "feras" – são colocados em oposição pela narrativa jornalística. Enquanto as primeiras

8 Cf.: PESSOA, Thalita. Aida dos Santos, a mulher que o pódio não pôde suportar. *O Globo*, jan. 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/rio-2016/aidados-santos-mulher-que-podio-nao-pode-suportar-18528315>. Acesso em: 24 nov. 2017.

9 MONIZ, Gustavo. Negra, pobre e Silva: o primeiro ouro da Rio 2016 é a cara do Brasil. *El País*, São Paulo, 12 ago. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/09/deportes/1470695638_790195.html. Acesso em: 24 nov. 2017.

trazem consigo todas as características necessárias ao padrão atribuído pela imprensa a uma boa futebolista [...] as outras são pensadas como demasiadamente violentas para estarem em campo (ALMEIDA, 2013, p. 108).

Outros elementos ainda nos levam a pensar sobre as relações étnico-raciais, bem como sobre a noção de etnicidade que se descortina a partir da reportagem supracitada. Ao descrever uma partida entre os times de futebol de mulheres da cidade do Rio de Janeiro, na qual o Radar venceu o Bangu por um a zero, o técnico Castor de Andrade e as jogadoras do Bangu agrediram física e verbalmente o juiz por conta de um pênalti não marcado a favor do seu time – o que supostamente faria com que a partida terminasse empatada, caso a cobrança do pênalti configurasse gol. Segue transcrito o trecho final da matéria:

Na semana passada, Castor e suas perigosas meninas receberam uma suspensão preventiva por 30 dias. Quem acha que foi pouco pode esperar pelo novo julgamento, marcado para esta terça-feira, dia 25. Mas sem muitas esperanças. "Futebol é paixão", filosofa o eterno presidente da Federação de Futebol do Rio de Janeiro, Otávio Pinto Guimarães. "E paixão é assim mesmo". Se isso pode prenunciar alguma absolvição, resta torcer para que, no futuro, o futebol feminino tenha muitas belas, inspiradas na atraente estrela do Inter – e que as **feras voltem às jaulas** (MARTINS, 1983, grifo nosso).

No ano de 2012, ou seja, 29 anos depois, o mesmo discurso se repetiria com a então judoca negra Rafaela Silva. Nos Jogos Olímpicos de Londres 2012, Rafaela Silva era esperança de medalha para o Brasil, contudo, quando foi eliminada da competição, sofreu uma série de comentários racistas na rede social Twitter: "esse macaco deveria estar nas jaulas"^{10,11} (O GLOBO, 2016).

10 Frase retirada de mensagens enviadas para Rafaela Silve via Twitter, rede social que permite a troca de mensagens – de maneira pública – entre seus usuários.

11 O GLOBO. Em 2012, Rafaela Silva foi vítima de racismo após desclassificação. *O Globo*, ago. 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/em-2012-rafaela-silva-foi-vitima-de-racismo-apos-desclassificacao-19877192>. Acesso em: 25 nov. 2017

Após perceber como as mulheres esportistas são (re)tratadas nas redes sociais e nos meios de comunicação, cabe aqui a descrição de uma cena etnográfica compartilhada entre pesquisadora e jogadoras de futebol da cidade de São Paulo. A jogadora Dani possuía um jeito muito despojado e diferente das outras atletas do time. Enquanto ela possui os cabelos curtos e trançados, bem como usava roupas largas e folgadas, as demais performativavam uma identidade mais "feminina". Segundo Dani, "roupas masculinas e confortáveis, são melhores para preservar os meus movimentos".

Naquela tarde, o jogo aconteceu em um estádio com um gramaço em ótimo estado de conservação e com arquibancadas para alocar a presença de possíveis torcedores e torcedoras. Como era de se esperar, as arquibancadas estavam parcialmente ocupadas, algo em torno de 30 espectadores. Para minha surpresa, além dos poucos familiares, amigos e amigas das jogadoras, vi alguns homens mais velhos com latinhas de cerveja nas mãos. Achei muito interessante a presença deles por ali e sondei rapidamente as atletas, pois elas pareciam bastante animadas com a possibilidade de que outras pessoas estivessem interessadas na partida.

Assim que as jogadoras entraram em campo, os homens da arquibancada levantaram-se e aproximaram-se da grade que separava o campo da área de torcida. Compreendi que assistiriam ao jogo daquele espaço. O grupo de homens, visivelmente inflamados, aproximaram-se o máximo que podiam do campo de futebol e toda vez que Dani passava perto gritavam: "Isso daí não é mulher! Nem peito essa porra tem!"; "Olha o cabelo desse macho! Raspa o pelo desse macaco!". Por um momento, eu parei meu trabalho de observação, abaixei minha câmera e olhei, em um misto de choque e repulsa, para aqueles homens. Não sei como, mas Dani conseguiu manter a calma e a frieza diante da situação. Certamente ela já ouvira de tudo dentro do campo, mas – aparentemente – não se deixou afetar por nenhum dos comentários, nem ao menos deu a entender que os havia escutado. A equipe ficou em segundo lugar naquela final, perdeu por 2x1, o único gol marcado por Dani. Nunca tive coragem de perguntar, depois do jogo, como ela havia se sentido naquele momento.

Algumas (breves) reflexões teóricas

A historiadora Ane McClintock, ao estudar as mulheres negras no contexto colonial, nos aponta outra maneira de classificar a mulher negra: a besta. A bestialização dos corpos negros entra como uma possibilidade de análise¹². As mulheres negras ao transgredirem as fronteiras "entre o público e o privado, entre o trabalho e o lazer, entre o trabalho pago e o não pago, tornavam-se cada vez mais estigmatizadas como espécimes de regressão racial" (MCCLINTOCK, 2010, p. 75). Essas "transgressoras" deixavam então de habitar a história propriamente dita e eram percebidas como projetos incompletos de seres humanos e/ou como animais. Muitas foram taxadas de infantis, irracionais, regressivas e atávicas, existindo assim em um anacronismo permanente.

Ao longo da etnografia pudemos perceber ainda que as relações étnico-raciais entre as jogadoras etnografadas, às vezes, tinham um tom de jocosidade. Chamavam-se mutuamente de negrinhas; faziam piadas com os cabelos crespos, chamando-os de cabelo ruim; por vezes, o tom era sério e duro quando teciam comentários racistas dizendo "não se pode confiar em negro para fazer nenhum tipo de trabalho sério". Sempre permaneci em silêncio durante esses momentos. Certa vez, uma jogadora afirmou para mim que possuía o cabelo ruim, apenas me limitei a dizer que cabelo crespo é lindo, que o meu era crespo e eu adorava. Ela riu e negou veementemente dizendo: "você fala assim porque o seu cabelo é crespo, mas é bom". Ao meu cabelo crespo somavam-se outras características como, por exemplo, pele branca, olhos verdes, cabelos claros. Todas as atletas da equipe de Dani

12 A bestialização do corpo da mulher negra remonta a outras épocas. O filme *Vênus Noire*, ambientado em meados do século XIX conta a trajetória de Saartjie Baartman, uma mulher sul-africana da etnia hotentote – mundialmente conhecida pelas medidas "desproporcionais" de suas mulheres. No filme, Saartjie deixa seu país com a promessa feita por Hendrick Cezar, irmão do seu patrão, de que na Inglaterra ela conseguiria emprego em um circo e isso lhe renderia muito dinheiro. Entre os anos 1810 e 1814, Saartjie viajou, sob a tutela e cuidados de Cezar, por todo território inglês exibindo seu corpo. Aos mais curiosos era oferecida, por uma pequena quantia em dinheiro, a oportunidade de passar a mão em seu corpo. No ano de 1814, Saartjie é vendida a um domador de animais francês e passa a viver em condições sub-humanas: encontrava-se sempre presa a coleiras e era constantemente enjaulada. Infelizmente, no ano de 1815, Saartjie falece em decorrência a uma infecção.

– com exceção dela – possuíam cabelos alisados e, além disso, tomavam muito cuidado antes de entrar em campo: passavam protetores solares fator 50 para não ficarem com a pele ainda mais escura.

Algumas conclusões

Na década de 1980, encontramos em uma revista de circulação nacional, sem o menor pudor, matérias esportivas que incitam ou ao menos lembram a prática humilhante de submeter mulheres negras, jogadoras de futebol, a um tratamento destinado aos animais. Pouco mudou, entre os anos de 2013 e 2017, veja-se o tratamento ofensivo recebido pela jogadora Dani.

Assim como Dani, muitas das mulheres negras da etnografia continuam enfrentando uma série de violências cotidianas sobre seus corpos. Mesmo na relação entre elas, é possível ver como a violência atravessa seus corpos e a necessidade de “apagar” ou mesmo diminuir características que remontem ao fenótipo negro, por exemplo, o formato dos cabelos e a cor mais escura da pele. Acredito que esse comportamento é fruto das violências vivenciadas no cotidiano e, logo, reproduzidas em suas relações pessoais.

Pode-se afirmar, portanto, que durante a etnografia no contexto esportivo, as mulheres negras são geralmente identificadas na chave da bestialização: feras, perigosas, macacas, que deveriam estar em jaulas. Assim como as mulheres negras observadas por McClintock (2010) no período colonial, as jogadoras negras são rebaixadas ao protótipo humano anacrônico da infantilidade – “perigosas meninas” –, bem como têm seus corpos bestializados a partir de múltiplos discursos – “e que as feras voltem às jaulas”; “raspa o pelo desse macaco”. A exotização e a bestialização do corpo da mulher negra são práticas recorrentes na cultura ocidental, como pudemos ver no presente artigo.

Referências

ALMEIDA, Carolina Soares de. *Boas de bola*: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/106921?show=full>. Acesso em: 2 set. 2017.

BRANDÃO, Gorette; COELHO, Marília. Negras são vítimas de mais de 60% dos assassinatos de mulheres no país. *Senado Notícias*, nov. 2013. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2013/11/21/negras-sao-as-vitimas-de-mais-de-60-dos-assassinatos-de-mulheres-no-pais>. Acesso em: 25 nov. 2017.

BRASIL. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Atlas da Violência 2019*. Brasília; Rio de Janeiro; São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/12/atlas-2019>. Acesso em: 1 mar. 2021.

FRY, Peter. *A persistência da raça*: ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África austral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. 350 p.

GONZALEZ, Léila. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. In: RODRIGUES, C.; BORGES, L.; RAMOS, T. R. O. (Eds.). *Problemas de Gênero*. 1. ed. Rio de Janeiro: Funarte, 2016. p. 399-416.

MARTINS, Lemyr. A Bela... e as Feras. *Revista Placar*, p. 48-50, out. 1983. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=wUk27LXg1jEC&printsec=frontcover&vq=As+belas+e+as+feras&hl=pt-BR#v=onepage&q=As%20belas%20e%20as%20feras&f=false>. Acesso em: 30 mar. 2021.

MCCLINTOCK, Anne. *Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. 1. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

MONIZ, Gustavo. Negra, pobre e Silva: o primeiro ouro da Rio 2016 é a cara do Brasil. *El País*, São Paulo, 12 ago. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/09/deportes/1470695638_790195.html. Acesso em: 24 nov. 2017.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Palestra In: SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO – PENESB, 3., 2003, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro, 5 nov. 2003.

NOGUEIRA, Juliana Keller; FELIPE, Delton Aparecido; TERUYA, Teresa Kazuko. Conceitos de gênero, etnia e raça: reflexões sobre a diversidade cultural na educação escolar. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 8: CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 2008, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: UFSC, 2008. Disponível em: https://nt5.net.br/publicacoes/Nogueira-Felipe-Teruya_01.pdf. Acesso em: 24 nov. 2017.

OGLESBY, Carole A. Myths and realities of black women in sport. In: GREEN, Tina Sloan et al. (Eds.). *Black Women in Sport*. Reston: Aahperd Publications, 1981. p. 1-18.

O GLOBO. Em 2012, Rafaela Silva foi vítima de racismo após desclassificação. *O Globo*, ago. 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/em-2012-rafaela-silva-foi-vitima-de-racismo-apos-desclassificacao-19877192>. Acesso em: 25 nov. 2017.

PESSOA, Thalita. Aida dos Santos, a mulher que o pódio não pôde suportar. *O Globo*, jan. 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/rio-2016/aidados-santos-mulher-que-podio-nao-pode-suportar-18528315>. Acesso em: 24 nov. 2017.

PISANI, Mariane da Silva. *Poderosas do Foz*: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2012.

PISANI, Mariane da Silva. *“Sou feita de chuva, sol e barro”*: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – USP, São Paulo, 2018.

RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1964.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças*: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

STOLCKE, Verena. Sexo está para gênero, assim como raça para etnicidade? *Estudos Afro-Asiáticos*, v. 20, p. 101-119, 1991.

Práticas esportivas ameríndias e etnologia indígena: diálogos e contribuições¹

Carlos Eduardo Costa

Introdução

Este texto pretende debater as associações, ainda incipientes, porém, com vasto potencial, entre etnologia indígena e antropologia das práticas esportivas. Dentre os motivos para tal aproximação, destaco a ampliação temática desenvolvida nos últimos anos que consolidou o universo esportivo enquanto objeto antropológico. Mais do que isso, o que se viu foi a expansão das práticas, atores e sociabilidades para além da configuração inicial que tinha como pedra angular os estudos sobre o futebol e tudo aquilo que o envolve: o jogo, as torcidas, a formação dos atletas, o imaginário nacional, a imprensa.

A fundamentação vinda com o futebol trouxe a reboque o interesse etnográfico por inúmeras modalidades². O que era visto nos encontros, cada vez mais frequentes, nesses vinte anos dos GTs sobre esportes presentes nas RBAs, RAMs e encontros da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), garantindo o intercâmbio e aumen-

1 O tema da etnologia apareceu pela primeira vez no GT de Antropologia dos Esportes na 22ª RBA (2000) por intermédio do trabalho de Ronaldo Fassheber e Ricardo Fernandes, *Identidade e paixão Kaingang*.

2 Por exemplo, Toledo e Costa (2009). Todavia, etnografias traziam – e trazem – para os grupos de pesquisa interconexões temáticas que abordavam capoeira, skate, jogos universitários e a esportificação das práticas; os *Gay Games* e as relações de gênero; a relação entre humanos e animais nos esportes de equitação; o “ciborgue” e o “corpo-máquina”. Exatamente por essa multiplicidade de práticas e contextos diferenciais que envolvem as maneiras em que são disputadas, desde aspectos religiosos, artísticos, culturais, simbólicos, enfim, adotamos a expressão “práticas esportivas”. Não em oposição aos esportes, mas com o objetivo de explorar etnograficamente algo mais que o jogo em si. E é com esse procedimento que aqui entendemos as práticas esportivas indígenas e suas disputas rituais.

tando a qualidade da produção. Pensando nisso, e para não correr o risco de replicarmos para os contextos indígenas uma abordagem centrada no futebol, trataremos nesse texto da importância conferida às chamadas modalidades tradicionais, ou seja, disputas indígenas realizadas em diferentes contextos etnográficos e espaços simbólicos por elas ocupados em cada região.

A questão basilar é tratar como as relações de alteridade passam a ser marcadas por confrontos que visam a obtenção da vitória sobre o adversário e não a morte do inimigo. Na paisagem etnográfica encontramos contextos que evidenciam a pacificação das relações obtidas mediante a esportificação das práticas e ressignificação no uso das armas. Certo que isso deve ser mensurado etnograficamente por conta das especificidades regionais, o que reforça a importância da descrição no atual momento dessa cooperação.

Sobremaneira, a proposta de Elias e Dunning (1992), se nos for permitida essa transposição contextual, ajuda a pensar no desenvolvimento da relação debatida em determinadas regiões das terras baixas da América do Sul, sobre a pacificação e as transformações entre as dinâmicas da guerra e do ritual. Desse modo, essas duas ontologias do pensamento ameríndio são colocadas em relação por meio de práticas concretas e não apenas segundo abstrações conceituais. As disputas esportivas indígenas, notadamente realizadas em momentos ritualísticos, apresentam forma e conteúdo que nos permitem traçar tal paralelo com a configuração assumida pelos esportes no desenvolvimento civilizacional do ocidente, ou ainda, as práticas esportivas como mecanismos de pacificação social – apesar de desdobradas em outros níveis, como econômico, político, cultural.

Temos assim, ao menos duas maneiras iniciais de correlacionar etnologia e antropologia das práticas esportivas: pensar os esportes a partir do material etnológico – que, na América do Sul, teria o “idioma da corporalidade” como inspiração teórica –; e, de maneira etnográfica e descritiva, tratar as práticas nativas como caminhos para aumentar o escopo empírico da etnologia – em vista da variedade de práticas conhecidas.

Com esta dupla pretensão, passaremos por temas na tentativa de evidenciar algumas contribuições que perpassam: os processos de fabricação do corpo; as associações entre armistício, pacificação e as transformações entre guerra e ritual; a relação entre as modalidades nativas e as ocidentais, especialmente o futebol. Nosso objetivo é demonstrar, por meio do trabalho etnográfico específico, as possibilidades de expansão da antropologia das práticas esportivas em contextos indígenas. Para tanto, começaremos com a relação entre mito e história a partir da luta alto-xinguana (*kindene*) que encerra o ritual pós-funerário do *egitsü*³.

Mito, história e transformações entre guerra e ritual: a luta alto-xinguana

Em uma rápida leitura sobre algumas narrativas míticas alto-xinguanas perceberemos a ressignificação das armas de guerra/caça, que passam a ser disputadas esportivamente. Karl von den Steinen (1940) e Eduardo Galvão (1979) já relatavam os ensinamentos sobre os dardos *jawari* que deveriam ser arremessados para que não ocasionassem a morte dos oponentes. No mito de origem dessa prática, Sol (um dos gêmeos demiurgos) acertou um dardo na cabeça de seu adversário e o matou. Então, Sol disse que dali em diante os dardos deveriam ser atirados na altura da coxa, para evitar golpes mortais⁴.

Processo de pacificação das práticas semelhante ao ocorrido no mito de origem *arawak/karib* que estabelece as diferenças entre os tipos de Outros que existem no vasto panteão da alteridade. As lutas mitológicas encerram o ritual *egitsü*, realizado em homenagem à mãe dos gêmeos Sol

3 *Egitsü* é o nome *karib* para o *kwarup* em *tupi*. É um ritual pós-funerário em homenagem aos chefes falecidos. É o momento de maior integração regional dos povos alto-xinguanos, que se reúnem nas aldeias anfitriãs para estabelecerem relações de trocas comerciais, matrimoniais, desportivas, sendo a luta que o encerra o evento a ocasião de maior visibilidade – e nosso principal tema. O *egitsü* é recorrente na literatura sobre a região, por diversas frentes, mas aqui destacamos as disputas da luta *kindene* que envolve os jovens que estão se formando para serem futuros chefes, os “substitutos” dos chefes atuais.

4 Para melhor entendimento da relação entre mito, história e as diversas formas de arte (marciais, cantos, danças) que compõem o complexo ritual do *jawari* consultar as obras de Menezes Bastos (1993, 2001).

e Lua, e são disputadas entre os peixes e os animais terrestres – não sem alguma ambiguidade na composição dos times. De determinado ponto de vista, a relação entre eles é marcada pela coexistência pacífica, delimitada pela luta desportiva que ficou como ensinamento para os humanos atuais. Diferente da relação entre peixes e ariranhas, que chegam após o término das lutas para guerrear contra os peixes, pedindo para comer “a cabeça do chefe”, o peixe cachorra e também do peixe piranha vermelha⁵.

A questão que trabalharemos, trazida por essa breve passagem pela narrativa de origem, é a de diferenciar a guerra, em que se pede para comer a cabeça dos chefes, das lutas esportivas entre os rivais, dupla possibilidade de se relacionar como o outro que tem nas disputas ensinadas mitologicamente um caminho para a pacificação das relações históricas. Caminho esse em que o armistício e o regramento das práticas passam a estabelecer o confronto entre adversários e não mais a eliminação dos inimigos. Essa relação entre armistício, mito e história ficou conhecida como *pax xinguana*, em que tais grupos étnicos passaram a desenvolver relações de troca – econômicas, matrimoniais, rituais, discursivas, desportivas – em vez relações de guerra⁶.

Como na elaboração de Carlos Fausto:

A guerra não é um momento necessário de reprodução social, adquirindo a feição de guerra defensiva. A sua substituição por outras práticas sociais é explicitamente afirmada pelos povos do Alto Xingu, que dizem não fazê-la por preferirem realizar festivais para os chefes, aos quais convidam todas as aldeias para cantar, dançar, trocar e lutar. No Xingu, a violência foi ritualizada e expressa na forma da *luta esportiva*, evento obrigatório nos

5 Para esses e outros mitos alto-tinguanos consultar Villas Boas e Villas Boas (1970), Agostinho (1974), Galvão (1979).

6 Embora, ressalte-se, a feitiçaria seja um propulsor de inimizades veladas, desde as relações domésticas até o âmbito regional – tema que não seria possível de ser aqui abordado. No Alto Xingu os povos Kalapalo, Kuikuro, Matipu e Nahukua (*karib*); Yawalapiti, Wauja, Mehinaku (*arawak*) e Kamayurá e Aweti (*tupi*) partilham essas narrativas, feitiçarias e práticas rituais – que estão intimamente conectadas, uma vez que dada a ausência da guerra e a não ideia de morte “natural” é somente pela ação da feitiçaria que se morre. Nesse contexto multilinguístico, ancorado em etiquetas ritualísticas, esses povos estabelecem as mais variadas relações de trocas. Para além das inúmeras pesquisas monográficas realizadas nas aldeias, Franchetto e Heckenberger (2001) propõem a relação entre a “visão local” e a “visão regional” do sistema alto-tinguano. Sistema esse que tem na pacificação das relações, a *pax xinguana*, uma de suas especificidades.

rituais intertribais. A essa *esportificação da violência* juntam-se uma cuidadosa etiqueta da moderação e um regime alimentar fundado em uma ideologia antivenatória e anticainibal, expressa pela exclusão de carne de caça na dieta (FAUSTO, 2007, p. 28, grifo nosso).

Portanto, nosso interesse é buscar as modalidades nativas, descrevê-las, tomá-las enquanto modos relacionais fundamentais da alteridade em seu contexto particular. As práticas tradicionais são disputadas entre aqueles que se consideram e são considerados humanos. O corpo que luta é preparado para ser "humano de verdade" (*kuge hekugu*), em um ambiente em que ser um campeão é requisito para ser um chefe, o ápice do que seria a pessoa. São esses corpos campeões os *corpos-casas*, síntese analítica estabelecida por Guerreiro Júnior (2012) para formular a relação entre a chefia alto-xinguana e seu sistema pós-funerário – do qual a luta ritual é o momento de maior visibilidade.

No decorrer desse processo de formação da pessoa, o jovem é feito chefe por meio de uma associação entre preceitos *inatos* e *adquiridos*, que têm na construção da corporalidade o idioma simbólico de referência: a descendência bilateral, sendo mais chefe aquele que é filho de pai e mãe chefes, o aspecto consanguíneo e hereditário. A constituição corpórea, do sêmen que o pai coloca na mãe mediante repetidas relações sexuais, a ideia de fabricar o filho como o aspecto substancial, e o aprendizado técnico dos procedimentos e performances que um chefe deve ter durante o contato com outro, o momento do perigo, da diferença, da feitiçaria, mas também a alteridade com a qual se compartilha, se trocam bens, mulheres, palavras e gestos rituais em um contexto multilinguístico e em um aspecto moral.

Durante a reclusão⁷ dos jovens que estão se formando lutadores, seus corpos vão sendo fabricados a partir de procedimentos técnicos, como

7 A reclusão é um momento definidor na carreira de um lutador, mas todos devem enfrentá-la, meninos e meninas, ao atingirem a puberdade. O processo de fabricação corporal se baseia em esconder o corpo dos neófitos do convívio social. No canto mais escuro da casa são preparados gabinetes com lonas e cobertores para que fiquem longe dos olhares, falando diretamente apenas com pai, mãe e irmãos. Uma pequena brecha é feita no sapé para que o indivíduo recluso possa acompanhar o que acontece no pátio da aldeia. Embora seja dito que todos devam passar por tal procedimento, os lutadores campeões ficam mais tempo

arranhar, vomitar e treinar, segundo uma lógica substancial de perda de fluidos. O suor nos treinos realizados no sol a pino, a incontinência moderada do vômito obtido com o uso de eméticos e do sangue tirado por meio de uma arranhadeira e a continência imoderada do sêmen – campeões devem abster-se completamente de relações sexuais, uma vez que o cheiro do sexo é a *causa* da derrota por desagradar aos espíritos. Esses jovens feitos pelos pais durante a infância, que têm seus corpos fabricados na reclusão para serem campeões, devem também saber se portar ritualmente. É aí que aprendem a “se sentar”, a não ficarem bravos, a serem “conduzidos pelos pulsos” para serem apresentados como substitutos dos chefes atuais.

Muito ainda se poderia dizer sobre esse processo de fabricação corporal: a relação com os donos dos remédios, que cedem a força para os campeões, ou a relação com os seres míticos que são os campeões de luta, como a sucuri, a onça e o tatu. A sucuri, grande campeã, quando quer transmitir seus poderes a um neófito, realiza um encontro com o jovem sozinho na mata, “roteiro” típico das relações com a alteridade cosmológica, no qual o jovem deve segurá-la pelo rabo e receber uma mordida em sua mão, sinal de aceitação por parte da sucuri. A partir de então o jovem terá uma fabricação diferencial de seu corpo, será deixado passar fome (para jamais ficar bravo), ficará mais tempo do que os outros na reclusão, sonhará com a cobra, momento em que ela vai lhe ensinar seus golpes e segredos. Este é considerado o procedimento ideal de reclusão quando o fato acontece com algum jovem chefe.

É importante destacar o lugar da cobra, da transformação, para o pensamento alto-xinguano. A obra de Barcelos Neto (2005, 2011) vai nesse sentido ao opor a cobra⁸ e os princípios transformacionais do sistema da *pax xinguana*, perante a onça e a predação de outras cosmologias amazônicas – o que por si só nos remete à ideia de pacificação das relações. A relação entre cobra e neófito se dá na produção dos corpos e exige sacrifícios, individuais e coletivos. Jovens podem ficar cinco ou seis anos presos, retirados das

presos para garantir melhores resultados nas lutas rituais, o que estabelece uma relação dialética espaço-temporal entre produção doméstica cotidiana e exibição de performances rituais. O local e o regional, o dia a dia e o evento. Sobre isso, consultar Verani (1990), Costa (2013).

8 Trata-se aqui da sucuri (*Eunectes murinus*) ou *konto*: “anaconda”.

atividades coletivas diárias da aldeia, o que implica que alguém deva fazer por eles – aqui a relação entre cunhados, símbolo da sociologia ameríndia, é fundamental. Em outras palavras, toda essa fabricação corporal, diferencial a partir do evento cosmológico, é tida como sendo responsável por fazer um campeão de lutas.

Destaco aqui a necessidade de um olhar treinado para as práticas esportivas em contextos indígenas, para o detalhamento dos dados quantitativos e qualitativos sobre vitórias, derrotas e empates, sobre as técnicas e performances dos corpos, algo que os antropólogos esportistas têm muito a oferecer. Em uma primeira observação, a luta ritual no *egitsū* pode trazer algumas confusões. Primeiro porque as relações entre os grupos participantes são extremamente complexas, dependendo de um cálculo ancorado no parentesco segundo o qual os que se consideram parentes do falecido homenageado compõem o mesmo time contra os outros, os adversários. Esse é um cálculo-base, mas, etnograficamente, outras situações aparecem em que os lutadores deixam seus times para lutarem por outro, desde rusgas faccionais até mesmo preferências individuais⁹.

A formação inicial dos confrontos apresenta os anfitriões ao centro e os convidados separados entre si formando um semicírculo no pátio da aldeia. As primeiras lutas garantem visibilidade aos campeões (*kindotoko*), sendo um contra o outro e uma de cada vez – por volta de dez ou quinze combates. Encerradas essas refregas é a vez dos lutadores de segundo escalão, também um contra o outro, mas em blocos, às vezes com mais de vinte lutas ao mesmo tempo, o que faz com que somente a poeira seja vista. Terminado esse confronto, entre o anfitrião e o povo convidado, começa-se novamente: os primeiros do time anfitrião contra os primeiros do outro povo

9 Por isso afirmamos que a relação entre os lutadores é de “afinidade potencial”, tal como definida por Viveiros de Castro (2002). Apesar da complexidade na formação dos times de luta, os combates só acontecem entre os afins potenciais, pois, os consanguíneos estão no mesmo time que se reconhece na homenagem ao falecido e os afins não podem se digladiar devido ao comportamento *ihütsu*, a “vergonha” (BASSO, 1973) que coloca o “doador de mulher” como hierarquicamente superior. Se uma luta estiver prestes a acontecer entre dois oponentes que tenham qualquer relação de afinidade, um deles se retira e é substituído – provavelmente aquele que está na posição hierárquica inferior. Para outro caso em que um combate desportivo é tomado a partir da relação de afinidade potencial entre os oponentes, consultar Magnus Course sobre o *palin* mapuche (2008).

convidado e assim até que os anfitriões tenham enfrentado todos os convidados, um de cada vez¹⁰.

Isso já seria algo a estranhar para um pesquisador esportista: como os anfitriões fazem cinco ou seis confrontos e os convidados apenas um? Qual a lógica, posto que é claro não se tratar da igualdade de condições e diferenciações de performances, da imparcialidade arbitral, da ingenuidade do *fair play*¹¹? Não, a questão aqui é aguentar, é não perder, é não deixar que se diminua em nada o chefe que está sendo homenageado – daí a grande incidência de empates. E só se consegue isso, tornar-se campeão, aquele que não perde, que é o primeiro a lutar (*hotugui*); quando se tem os quesitos citados anteriormente (consanguinidade, aprendizagem, disponibilidade familiar, sacrifícios individuais, relações cosmológicas), como no caso da sucuri.

Aliás, acompanhei em campo a formação de um jovem que passou por essa relação descrita como típica: encontro solitário em um lugar liminar, mordida na mão, reclusão, sonhos. É dito que o contato com a sucuri faz um campeão, mas de maneira mecânica, sem pormenores – destacando algo que já foi debatido sobre esse aspecto circunstancial dos esportes, relativo. Há pouca informação sobre os desencadeamentos das lutas após essa relação com a alteridade cosmológica, do desempenho empírico, dado nos combates entres os corpos. Então, e para reafirmar a importância de se colocar o aprendizado sobre as práticas nativas na descrição etnográfica, no ano seguinte esse jovem sequer foi escalado para fazer parte do time de lutadores campeões, os primeiros a lutar. Lutou somente durante as lutas coletivas e mesmo assim perdeu.

Pois é com esse rigor etnográfico que os antropólogos esportistas devem mirar a enormidade de competições indígenas. Trazer esses co-

10 A *kindene* tem uma dinâmica intensa, um tipo de *grappling*, com combates de curta duração em que, apesar do amplo predomínio dos empates, ocorrem vitórias de duas maneiras: agarrar a parte de trás da coxa ou derrubar o oponente, tipo de vitória ideal e mais celebrada. Não há contagens de placares ou arbitragem, ficando a cargo da torcida e de seus “observadores” (*nginiko*) cantar os resultados, o que, por vezes, gera disputas e contradições entre os presentes.

11 Sobre a relação entre as regras do jogo e as moralidades esportivas consultar Brito, Moraes e Barreto (2011).

nhcimentos em seus pormenores para os fóruns acostumados a debater as práticas esportivas e não, como parece ser o mais comum, limitar-se às primeiras e superficiais observações. Dado esse conhecimento acumulado em anos de debates – dos quais esta coletânea é produto – pensamos ser necessário ir para aquilo que a antropologia teria como marca diacrítica: o estudo dos povos tradicionais, em que pese a relação das práticas nativas com o universo sociocosmológico. O que se espera é que essa moldura, que envolve os estudos dos esportes, também seja usada para dar forma a essa variedade de disputas nativas e às maneiras em que são realizadas, notadamente em momentos de rituais.

Futebol ameríndio e seus outros: expansão e exteriorização da alteridade

Até aqui passamos brevemente, devido ao destaque à pesquisa etnográfica, pela luta alto-xinguana. Todavia, existiriam ainda as disputas com dardos, arcos e flechas, bastões, zarabatanas, os casos *karajá/javaé*, as lutas xavante, com ou sem bordunas, o jogo de bola paresi, a luta marajoara, a luta *yanomami* que se alterna com as disputas discursivas¹². São esses embates entre corpos, muitas vezes preparados especificamente para tal, os responsáveis por estabelecerem relações diretas com a alteridade não mais marcadas pela guerra, mas pela disputa mediante técnicas e táticas previamente definidas e conhecidas.

Essas e muitas outras práticas que ainda precisariam ser etnografadas, são chamadas por “modalidades tradicionais” ou “nativas”, no sentido de serem próprias a cada contexto etnográfico e delimitarem suas fronteiras

12 Alguns exemplos podem ser vistos no YouTube, como: PREKETÉ, André. *Combate*. 2010. (00m28s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3X6RydAuK6A>. Acesso em: 3 mar. 2021; ULTRA, Mari Ultramaratonista. *DERRUBA O TOCO* – luta tradicional do casamento indígena Pataxó Carmésia 2015. 2015. (01m01s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=syEJ4iCbZ50https%3A%2F%2F>. Acesso em: 3 mar. 2021; OREWAVE, Silverio. *Luta livre do povo xavante*. 2013. (00m57s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w-jUvCHLXh0>. Acesso em: 3 mar. 2021; PGMBBOXCULTURAL. *Xingu – Huka Huka*. 2010. (03m28s). Box Cultural. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gahPr4tUrHs>. Acesso em: 3 mar. 2021.

sociocosmológicas. Restaria ainda, nessa tarefa de pensar a esportividade ameríndia, elucidar melhor o entendimento indígena pelo futebol, esporte que é praticado com entusiasmo nas mais diversas localidades, como alguns trabalhos recentes têm mostrado. Seja no sul do Brasil nos povos *Kaingang*, no Brasil Central, na Amazônia peruana ou nas fronteiras entre Brasil e Venezuela, pesquisadores passam a colocar o futebol como foco de pesquisa etnológica.

Ainda, em que pese o recorrente interesse pelas "origens" do futebol, quase sempre associadas a uma dupla entrada, via Estado ou comunidades religiosas, o fato é que o futebol se tornou um grande mecanismo de exteriorização, de expansão das relações de alteridade. É nesse sentido, por exemplo, que Walker (2013) refuta a tese, muitas vezes aceita sem maiores considerações conceituais, de que os esportes são ritualizações da guerra.

No caso tratado, a prática do futebol entre as comunidades peruanas no Alto Orinoco, o futebol seria mais um agente de expansão do colonialismo estatal – que ele associa com a escolarização – no sentido de dominação territorial e simbólica. Ou seja, futebol e escolas transformam as relações de modo a alterarem as fronteiras geográficas e as relações internas à comunidade, seja por meio do aprendizado do espanhol, da quebra das relações tradicionais, principalmente aquelas ligadas à chefia e "mais velho mais novo" que se sentem ameaçadas pela entrada da figura do professor como mediador nessas relações. Um professor que, geralmente, também é o técnico do time de futebol e como tal é quem recebe os convites para as disputas intercomunitárias. Portanto, argumenta o autor, o futebol não seria uma forma de guerra, pois, antes de produzir a fragmentação e a dispersão, elementos essenciais da guerra indígena clastreana, o futebol promove a integração entre as comunidades e o avanço do sentimento de nacionalismo peruano – demonstrado nas bandeiras que enfeitam as canoas nas viagens e nos cantos do hino nacional a cada competição. Em vez da guerra contra o Um, contra o Estado, o futebol promove a unidade estatal, juntamente com a língua espanhola ensinada nas escolas.

Porém, e aqui é fundamental pormenorizar essas questões, não se trata de outra prática que não o futebol, sabidamente um esporte com ele-

vado teor universalizante. Então, faz-se necessário diferenciar o futebol das práticas nativas relatadas anteriormente, ou ainda, estabelecer as relações entre o futebol e tais práticas, como fez Vianna (2008) na relação entre "a bola e as toras" para os Xavante. Seu trabalho é ainda elucidativo por um sem número de aspectos, a busca da "esportividade ameríndia", dos quais destacamos sua entrada em campo por conta de sua posição de ex-futebolista. Vianna foi para ser técnico do time xavante, ou melhor, uma de suas contrapartidas pela estadia na aldeia, algo absolutamente recorrente na relação de campo para sua permanência. Isso lhe possibilitou uma maior entrada no universo xavante, suas divisões e maneiras como as relações entre o futebol e a corrida de toras se davam nesses contextos de transformações sociais e políticas.

Análise semelhante realizada por Delgado (2010), ao associar o futebol – e sua rápida entrada nas comunidades *Yanomami* da Venezuela – com algumas práticas nativas e suas interconexões. Um dos pontos de partida para demonstrar as diferenças é estabelecer que a partir dos projetos do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (Clacso) desenvolvidos por Pablo Alabarces, o futebol seja entendido a partir de, pelo menos, de três princípios analíticos: a cultura das arquibancadas; as identidades territoriais e a globalização cultural. Aqui nos deteremos na última, em que pese: a diferenciação entre o futebol e as modalidades nativas, e as maneiras com que os processos de exteriorização e interiorização das relações interétnicas podem ser percebidos por intermédio dessas diferentes disputas esportivas:

En la Amazonía, el fútbol introducido a los piaroa, ye'kuana o yanomami, por medio de misioneros, criollos y medios de comunicación, traen como consecuencia significativa el hecho de que en los Juegos Panindígenas que se celebran cada año en diversos lugares, acapare más expectación y se le dé más importancia que a las prácticas autóctonas como el tiro de precisión con arco y flechas, o con cerbatana, lascuales, aunque aún se mantengan vivas, han perdido valor, *por lo constituir éstas un lenguaje comprensible* en el que se pueda dialogar de igual a igual *con aquellos que viniendo de fuera* van imponiendo progresivamente las condiciones de vida, al encarnar el «progreso» y la civilización (DELGADO, 2010, p. 115, grifo nosso).

Este é o ponto primordial: mais do que buscar as origens e maneiras com que o futebol adentrou nas comunidades indígenas, o importante é estabelecer as relações desencadeadas a partir dele, tanto do ponto de vista interno às comunidades, como da universalização tão reconhecida dessa prática. Assim, cabe a nós, antropólogos esportistas, pensar as relações entre as relações, ou seja, as alteridades consolidadas pelo futebol e pelas práticas nativas e, mais ainda, demonstrar como essas práticas esportivas desencadeiam distintos modos relacionais próprios a cada contexto etnográfico (COSTA, 2016). Em especial aquelas em que algum tipo de arma tenha passado por processos de ressignificações de uso, ou seja, por esportificações que fizeram delas. Sendo não mais armas de guerra ou caça (que é um tipo de guerra na cosmologia amazônica da predação), mas sim de disputas esportivas: arcos e flechas, dardos, bordunas, lutas corporais.

Essas disputas delimitam fronteiras da alteridade, algo que o futebol simplesmente rompe ao aumentar significativamente a quantidade de possíveis confrontos (o que não reduziria o interesse pelo futebol ao "moderno" ou "civilizado"). O futebol exacerba as possibilidades, não mais apenas entre aqueles que detêm certas técnicas dos combates nativos, a "linguagem comum", mas ampliando a disputa contra qualquer Outro, brancos, inclusive. É aqui que o futebol merece ser mais detidamente investigado de um ponto de vista etnológico: tanto em suas relações com as práticas nativas como a partir das possibilidades relacionais trazidas por ele, especialmente durante os "Jogos Indígenas"¹³ que ocorrem nos mais variados complexos regionais.

O futebol é agregador, expansionista, unificador (se joga contra todo mundo). Já as práticas nativas são endógenas, limitantes e limitadas – no alto Xingu, por exemplo, "só é gente quem sabe lutar". Nesse sentido, o futebol seria uma antiguerra clastreana, ao passo que as práticas nativas seriam formas enfraquecidas dessa guerra, que teriam em sua repetição a condição de existência.

13 Não por acaso, na onda dos "megaeventos" o Brasil sediou em 2015 na cidade de Palmas, TO, a 1ª edição dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas (JPMI). Esses eventos ocorrem em grandes números, com organizações de comissões institucionais, inclusive, os JPMI tiveram apoio do Ministério dos Esportes.

Considerações finais

Ainda que esses temas e autores não esgotem a produção bibliográfica, são algumas das principais referências para uma abordagem inicial. Entretanto, é claro que descrições sobre as práticas podem ser encontradas em um sem número de trabalhos sobre etnologia indígena. Aliás, isso nos traz novamente para o problema da observação superficial, da "confusão" promovida pelas lutas mesmo nas mais conceituadas etnografias sobre o *egitsü* alto-xinguano. As disputas esportivas devem ser alvos preferenciais na abordagem e não apenas epifenômenos, para que não se repitam informações muitas vezes distorcidas ou incompletas.

Isso é parte do cenário, atual e prospectivo, dos estudos sobre práticas esportivas ameríndias. Como ocorrido com os esportes, tomados em uma relação hierárquica com temas ditos mais importantes (como o trabalho ou a política nas décadas de 1960-1970), as práticas esportivas indígenas ainda não suscitaram maiores interesses perante outros temas como cosmologia, mitologia, parentesco ou organização social. Muitas vezes, sem dar conta de que as práticas envolvem e são envolvidas por todas essas temáticas, algo semelhante ao que Lévi-Strauss (1964) diz sobre a culinária: é a totalidade da sociedade, embora não a seja completamente – ou ainda, na comparação feita por Geertz (2011) entre a rinha de galos balinesa e o jogo de pôquer ou corrida de carros norte-americanos como eventos totais que se abrem à observação.

Apesar da variedade etnográfica, as disputas, em certas ocasiões, são descritas pela ludicidade, remoendo preceitos colonialistas do estágio pueril de determinadas práticas nativas. Outras, destacando a entrada do "mundo dos brancos" nos cotidianos das aldeias e os riscos da aculturação nesse espaço, o que demonstramos estar bem longe da realidade dos fatos relativos à luta *kindene*.

Por certo, está mais do que na hora de fortalecer as aproximações entre antropologia das práticas esportivas e etnologia indígena. Senão pelo esgotamento de outras temáticas, pelo enorme interesse que tais práticas, nativas ou exógenas como o futebol, despertam nas mais variadas comunidades.

Referências

- AGOSTINHO, Pedro. *Kwarip: mito e ritual no Alto Xingu*. São Paulo: EPU/Edusp, 1974.
- BARCELOS NETO, Aristóteles. *Apapaatai: rituais de máscaras no Alto Xingu*. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – USP, São Paulo, 2005.
- BARCELOS NETO, Aristóteles. O despertar das máscaras grandes do Alto Xingu: Iconografia e transformação. *R@U: Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar*, São Carlos, v. 2, n. 2, p. 43-66, 2011.
- BASSO, Ellen. *The Kalapalo Indians of Central Brazil*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1973.
- BRITO, Simone Magalhães; MORAIS, Jorge Ventura de; BARRETO, Túlio Velho. Regras de jogo versus regras morais: para uma teoria sociológica do fair play. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* [on-line], v. 26, n. 75, p. 133-146, 2011.
- COSTA, Carlos Eduardo. A busca da esportividade ameríndia: antropologia das práticas esportivas e sociedades indígenas em debate. In: SPAGGIARI, Enrico; MACHADO, Giancarlo Marques Carraro; GIGLIO, Sérgio Settani (Eds.). *Entre jogos e copas: reflexões de uma década esportiva*. São Paulo: Intermeios/Fapesp, 2016. p. 185-211.
- COSTA, Carlos Eduardo. *Ikindene hekugu: uma etnografia da luta e dos lutadores no Alto Xingu*. 2013. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – UFSCar, São Carlos, 2013.
- COURSE, Magnus. Estruturas de diferença no palin, esporte mapuche. *Mana*, v. 14, n. 2, p. 299-328, 2008.
- DELGADO, Ángel Acuña. Estructura y función del fútbol entre los yanomami del Alto Orinoco. *Revista Española de Antropología Americana*, v. 40, n. 1, p. 111-138, 2010.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Tradução de Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Diffel, 1992.
- FAUSTO, Carlos. Entre o Passado e o Presente: mil anos de história indígena no Alto Xingu. *Revista de Estudos e Pesquisas*, v. 2, n. 2, p. 9-52, 2005.
- FRANCHETTO, Bruna; HECKENBERGER, Michael (Orgs.). *Os Povos do Alto Xingu: história e cultura*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2001.
- GALVÃO, Eduardo. O uso do propulsor entre as tribos do Alto Xingu. In: GALVÃO, Eduardo. *Encontros de Sociedades: índios e brancos no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, [1949] 1979.
- GEERTZ, Clifford. *Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- GUERREIRO JÚNIOR, Antonio Roberto. *Ancestrais e suas sombras: uma etnografia da chefia kalapalo e seu ritual mortuário*. 2012. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – UNB, Brasília, 2012.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Cru e o Cozido*. São Paulo: Cosac & Naify, [1964] 2004.
- MENEZES BASTOS, Rafael José de. A Saga do yawari: mito, música e história no Alto Xingu. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo (Orgs.). *Amazônia: etnologia e história indígena*. São Paulo: USP-NHII/Fapesp, 1993. p. 117-146.

MENEZES BASTOS, Rafael José de. Ritual, história e política no Alto Xingu: observações a partir dos Kamayurá e do estudo da festa da jaguatirica (Jawari). In: HECKENBERGER, Michael; FRANCHETTO, Bruna (Orgs.). *Os Povos do Alto Xingu: História e Cultura*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001. p. 335-357.

OREWAVE, Silverio. *Luta livre do povo xavante*. 2013. (00m57s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w-jUvCHLXh0>. Acesso em: 3 mar. 2021.

PGMBOXCULTURAL. *Xingu – Huka Huka*. 2010. (03m28s). Box Cultural. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gahPr4tUrHs>. Acesso em: 3 mar. 2021.

PREKETÉ, André. *Combate*. 2010. (00m28s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3X6Ry-dAuK6A>. Acesso em: 3 mar. 2021.

STEINEN, Karl von den. Entre os Aborígenes do Brasil Central. Tradução de Egon Schaden. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, separata: XXXIV e LVIII, 1940.

TOLEDO, Luiz Henrique; COSTA, Carlos Eduardo (Orgs.). *Visão de Jogo: antropologia das práticas esportivas*. São Paulo: Terceiro Nome/Fapesp, 2009.

ULTRA, Mari Ultramaratonista. *DERRUBA O TOCO: luta tradicional do casamento indígena Pataxó Carmésia* 2015. 2015. (01m01s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=syEJ4iCbZ50https%3A%2F%2F>. Acesso em: 3 mar. 2021.

VERANI, Cibele. A “Doença da Reclusão” no Alto Xingu: estudo de um caso de confronto intercultural. 1990. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – UFRJ, Rio de Janeiro, 1990.

VIANNA, Fernando Fedola de Luiz Brito. *Boleiros do cerrado: índios Xavantes e o futebol*. São Paulo: Anna-blume Editora/Fapesp/ISA, 2008.

VILLAS BOAS, Orlando; VILLAS BOAS, Cláudio. *Xingu: os índios, seus mitos*. São Paulo: Círculo do Livro, 1970.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. Atualização e contra-efetuação do virtual: o processo do parentesco. In: VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. p. 403-455.

WALKER, Harry. State of play: the political ontology of sport in Amazonian Peru. *American Ethnologist*, v. 40, n. 2, p. 382-398, 2013.

Antropologías, deportes y prácticas de ocio en las Reuniones de Antropología del Mercosur, un recorrido histórico y perspectivas futuras¹

Lía Ferrero

Introducción

En *Pionerismos, continuidades, deudas* Pablo Alabarces y José Garriga Zucal establecen que "nuestras investigaciones [sobre análisis sociales del deporte] permanecen – y permanecerán – condenados a la periferia de la legitimidad académica" (2014, p. 327). Esa frase – que la entiendo como un malestar propio del campo² de los estudios sociales del deporte – es mi punto de partida para el recorrido histórico que propongo en este ensayo, a los fines de plantear hacia el final algunas propuestas que puedan corrernos de ese aparente destino poco feliz.

Desde los pioneros en la región, Roberto DaMatta (1982) en Brasil y Eduardo Archetti (1984) en Argentina, pasando por la primera generación que continuó el camino abierto por ellos y sobre todo lo cimentó – Simoni Lahud Guedes en Brasil, Pablo Alabarces y Julio Frydenberg en Argentina – la producción sobre deportes y ciencias sociales no hizo más que multiplicarse y diversificarse en gran parte debido a los diálogos establecidos en las reuniones y encuentros internacionales. Con aproximaciones del objeto más o menos estrictas: más o menos modélicas al estilo weberiano – que per-

1 O estabelecimento de diálogos internacionais ocorreu pela primeira vez no GT de Antropologia dos Esportes na 23ª RBA (2002) por intermédio dos trabalhos de: Eduardo Archetti, *Transforming Argentina: Sport, Modernity and National Building in the Periphery*; Gastón Gil, *El equipo de la ciudad e Las narrativas de cohesión en el fútbol marplatense*; José Garriga Zucal, *Fútbol: identidad territorial y prácticas violentas* e Maria Veronica Morera com *Hinchadas vs. Cuerpo Policial: una rivalidad particular*.

2 Bourdieu (1988) Programa para una sociología del deporte.

miten ver en el microcosmos del deporte y los juegos las características del macrocosmos de la sociedad moderna –; o las más históricas que destacan las cualidades específicas del deporte en la era pós-industrial – secularismo, igualdad de oportunidades para competir y en las condiciones de competencia, especialización de roles, racionalización, organización burocrática, cuantificación y búsqueda de records³ –, el campo fue tomando unas dimensiones impensadas en sus orígenes y fue cobrando mayor autonomía conforme el paso del tiempo.

Apoyados en la noción de "zonas libres" de Eduardo Archetti⁴, o en la idea del deporte moderno como poseedor de una lógica interna propia y específica (GUTTMANN, 1978) y/o en Bourdieu, en tanto les otorga relativa autonomía a las prácticas deportivas⁵, el abordaje de estos fenómenos fue legitimando un espacio con sello propio en los sucesivos encuentros académicos/científicos de la región.

RAM, deportes y prácticas de ocio: ausencias y presencias

Las Reuniones de Antropología del Mercosur se originan a partir de la creciente participación de los países de la región en los encuentros entonces llamados *Antropologia no Sul do Brasil*⁶ (ABA-Sul). El primero de esos encuentros se realizó en 1987 y continuaron realizándose de manera bianual en años impares para evitar la superposición con las reuniones de la Asociación Brasileña de Antropología que se realizan en años pares. En 1995 se decide abrir esas reuniones al ámbito internacional con foco en la región Mercosur – recientemente creada –, y toman el nombre de Reuniones de

3 Allen Guttmann (1978), *From ritual to record*.

4 Las "zonas libres" "...permiten la articulación de lenguajes y prácticas que pueden desafiar un dominio público oficial y puritano [y que] son espacios para la mezcla, la aparición de híbridos, la sexualidad y la exaltación de desempeños físicos" (ARCHETTI, 2003, p. 42).

5 Cuando refiere a la constitución progresiva de un "campo de los profesionales de la producción de bienes y servicios deportivos (entre ellos, por ejemplo, los espectáculos deportivos), en el interior del cual se desarrollan los intereses específicos, ligados a la competencia, de las relaciones de fuerzas específicas, etcétera" (BOURDIEU, 1988, p. 181).

6 Todos los nombres (de las RAM, GT y MR) respetan los idiomas originales con los que fueron publicados.

Antropología del Mercosur (RAM en adelante). En el contexto de creación del Mercado Común del Sur, las RAM buscan ampliar o resignificar los sentidos de ese acuerdo entre los países, para que no se limite solamente a cuestiones económicas o de aduanas. En ocasión de la presentación de la V RAM realizada en 2003, Theophilos Rifiotis – su presidente – inscribe el origen de estas reuniones en el proceso de internacionalización que se estaba dando en los países que conforman el bloque Mercosur.

El Mercosur es un acuerdo comercial originalmente firmado en 1991 en Asunción del Paraguay entre Argentina, Brasil, Paraguay y Uruguay con el objetivo de lograrla integración competitiva de las economías nacionales en el mercado internacional, generar acuerdos de tipo comercial, político o de cooperación y el fortalecimiento de la integración regional a partir de la libre circulación de personas etc. Estos 4 países más Venezuela (que luego es suspendida) conforman los "estados parte". Bolivia, Chile, Colombia, Ecuador, Guyana, Perú y Surinam son "estados asociados" del bloque. El acuerdo se diversificaría con el correr de los años y las definiciones políticas de los países del Cono Sur, teniendo en la actualidad un estatus de relativa inestabilidad y fragilidad.

En 1995, con el Mercosur aun resolviendo sus formas de funcionamiento, se realiza la primera RAM promovida en ese momento por la Asociación Brasileña de Antropología (ABA). La RAM consiste en un encuentro científico/académico bianual de diálogo e intercambio fundamentalmente de las antropologías de la región organizado por Universidades y/o Instituciones científicas de los países miembro del Mercosur. Las reuniones tuvieron lugar de manera itinerante por ahora en Brasil, Uruguay y Argentina; aunque no se excluye la posibilidad de realización en otros países de la región. Las reuniones se realizaron de manera ininterrumpida desde la I hasta la XIII edición actual de 2019.

Si bien la RAM no está formalmente institucionalizada, cuenta con una Asamblea que podría tomarse como su órgano decisor, que se reúne hacia el final de cada evento, y donde se decide por ejemplo donde será la siguiente sede y se realiza una evaluación del evento en curso. A esa asamblea pueden concurrir todos los participantes del Congreso y el orden

del día se arma en esa misma instancia, y se resuelven con votación a mano alzada. Algunas asambleas han sido más quietas y otras tomaron un carácter de mayor intensidad; dependiendo de las temáticas y protagonistas que hubiere en cada una.

La I RAM ya mencionada se realizó en la Universidad Federal de Rio Grande do Sul – Brasil – bajo el lema "Cultura e Globalização" en consonancia con las discusiones propias de la época y los cambios que se vislumbraban como propios de lo que se entendía por globalización/mundialización de la organización política, social, cultural, académico-científico etc. La conferencia central la dio el antropólogo francés Marc Auge y versaba sobre *La antropología hoy*. A casi 25 años de esa conferencia, podríamos pensar hasta donde reflejaba preguntas de nuestras antropologías del Sur, y hasta donde era producto de preocupaciones de antropologías centrales o imperiales.

La II RAM en 1997 tiene lugar en Uruguay, en la Universidad de la República con el tema *Fronteras culturales y ciudadanía*. La conferencia central estuvo a cargo del antropólogo uruguayo Daniel Vidart. Las problemáticas abordadas en ella y demás conferencias del congreso refieren a procesos que estaban siendo problematizados en los países de la región, como son la nación, la territorialidad, las identidades, tradiciones y reemergencias étnicas; todo ello en el marco de una supuesta porosidad y debilitamiento de las fronteras nacionales.

En 1999 la III RAM se celebra en la Universidad Nacional de Misiones, Argentina pensando en "Nuevos escenarios regionales e internacionales" y la IV (2001) en la Universidad Federal de Santa Catarina, enfocada en *Etnografía e Antropología*. Esta edición se organizó en Foros y Simposios, cumpliendo los Foros de alguna manera las funcionalidades de los actuales Grupos de Trabajo⁷. En 2001 vamos a encontrar el primer Foro específico con 20 presentaciones sobre deporte y prácticas de ocio que reúnen objetos de estudio tan diversos como: montañismo, rodeos, capoeira, skate, deporte moderno en aldeas indígenas, la nación a través de los deportes, clubes, parentesco,

⁷ Espacios abiertos a los que se convoca a partir de un tema específico, definido en una propuesta previamente enviada por los coordinadores y aprobada por la organización de cada RAM.

fútbol, hinchadas, violencias y mujeres skaters y surfers. Es el inicio de una presencia que se sostiene ininterrumpidamente en los sucesivos encuentros.

En 2003 la tendencia se mantiene y bajo el lema "Antropología en perspectivas" los deportes son abordados en un Grupo de Trabajo coordinado por Simoni Lahud Guedes y Simone Pereira da Costa bajo el título *Antropología del deporte: las múltiples dimensiones de una práctica moderna en el Mercosur* en consonancia con la centralidad del bloque en las discusiones propuestas por la organización del evento.

En Uruguay dos años después la VI RAM se va a desarrollar alrededor de la *Identidad, fragmentación y diversidad*; nuevamente Simoni Lahud y Simone Pereira, y esta vez se suma Pablo Alabarces van a coordinar un grupo de trabajo sobre un tema específico dentro del campo de los estudios sociales del deporte: las corporalidades⁸. Nuevamente la apelación a la región, demarcando de alguna manera el tipo de discusiones y preguntas desde la que se partirán para generar la conversación propuesta.

Los "desafíos antropológicos" van a estar en el centro de la escena en 2007 en la Universidad Federal de Rio Grande do Sul. El Grupo de Trabajo n. 23 *Antropologia do Esporte: práticas esportivas, lazer e corporeidades no Mercosul* remite al GT de la edición anterior, agregándole las prácticas de ocio, ampliando el objeto empírico. El GT con 31 ponencias se va a dividir en 3 sesiones que van a organizar la diversidad de temas y enfoques abordados. Fútbol profesional e hinchadas o torcidas van a tener su espacio, pero también el género, prácticas deportivas "otras", el vínculo entre nación y deporte y finalmente la relación entre deporte, política y ciudadanía.

En Buenos Aires la VIII edición del congreso lo organiza la Universidad de San Martín, bajo la idea de *Diversidad y poder en América Latina*. Las conferencias van a estar a cargo de Otavio Velho de la Universidad Federal de Rio de Janeiro reflexionando sobre pos-colonialismo y de Claudio Lomnitz de la Columbia University, EEUU, sobre la genealogía de la "raza mexicana". Con 30 Mesas Redondas, la antropología de los deportes aún no era tematizada en ese formato. *Antropologia do esporte: abordagens teórico-metodológicas do estudo das práticas* se va a denominar el GT que en esta ocasión nuclea

8 "Prácticas deportivas y corporalidades en el Mercosur" se va a llamar el GT.

las producciones del campo, coordinado nuevamente por Pablo Alabarces y Simoni Lahud, más Luiz Henrique de Toledo en esta oportunidad. El GT estuvo dividido en 6 sesiones y recibió un total de 49 propuestas. Además de la sesión ya casi estable sobre hinchadas/torcidas, las otras sesiones focalizaban en reflexiones teórico-metodológicas que hacen al abordaje del deporte como objeto de estudio, los procesos de producción de los atletas, los deportes operando como sistemas clasificatorios y de estilos de vida, los deportes en las disputas por la memoria y la historia y las prácticas competitivas en áreas rurales e indígenas.

2011 será el turno de las *Culturas, encuentros e desigualdades* en la Universidade Federal do Paraná, Brasil. Tres conferencias serán las que marcarán las conversaciones en este evento, la primera sobre *Homo Clonicus: cultura y/o naturaleza* de Verena Stolcke-España, la segunda sobre el desarrollo de la antropología de la salud en Brasil a cargo de Esther Jean Langdon – Brasil y la tercera sobre *Horizontes de la descolonización: el ayllu y el estado plurinacional* dictada por Raúl Praza Alcoreza (Bolivia), en consonancia con los procesos políticos que se estaban desarrollando en ese país. Se inaugura en esta edición la primera Mesa Redonda propuesta por el equipo que venía sosteniendo los grupos de trabajo sobre antropología, deportes y prácticas de ocio: "Jogos de identidade e poder na América Latina: do mundial de 1978 aos Jogos Olímpicos de 2016". Participaron como expositores Simoni Lahud Guedes y Edison Gastaldo de Brasil, Pablo Alabarces de Argentina y José Martínez López de México.

En el espacio de los grupos de trabajo se repetía la consigna de la RAM anterior, y se provocaba un cambio generacional en las coordinaciones. Esta vez Luiz Rojo, M. Verónica Moreira y Matías Godio hacían las veces de coordinadores. El GT se dividió en 3 sesiones, la primera sobre procesos deportivización de las prácticas sociales y los significados del fútbol fuera de los grandes estadios. La segunda sobre género y cuerpo y la tercera sobre hinchadas/torcidas y análisis de narrativas y representaciones mediáticas sobre el deporte.

La Universidad Nacional de Córdoba en Argentina va a ser el lugar donde se va a desarrollar la X RAM en 2013. "Situación, actuar e imaginar antro-

pologías desde el Sur" va a determinar el marco del dialogo. Paradójicamente la conferencia central va a estar en manos de Joao de Pina-Cabral de la Universidad de Lisboa, Portugal con el tema "Mundo y condición humana". Con la mitad de MR en comparación con la RAM anterior, las Mesas Redondas referidas al deporte se duplican. Una de ellas está dedicada a Eduardo Archetti y Roberto DaMatta en reconocimiento a su lugar como fundadores del campo en Latinoamérica; y una segunda organizada por ABA sobre actualidad del fútbol en el Mercosur.

Respecto de los GT, luego de contemplar el incremento en el volumen de propuestas recibidas en cada nueva edición de la RAM (proceso similar al que se daba en las Reuniones Brasileñas de Antropología), se decidió en la edición previa desdoblar el espacio de GT para la discusión, uno general al campo y otro específico que iría tomando las características de los intereses de los integrantes del grupo. Es así que para esta edición hubo un GT sobre "Antropología del Deporte: reflexiones, relaciones y dimensiones de las prácticas deportivas" dividido en 3 sesiones, una sobre significados del juego y del deporte, la segunda sobre mediatización y mercantilización deportiva y en clave de género y la tercera sobre fútbol, identidades, jugadores; hinchadas/torcedores. Y un segundo GT más específico alrededor de la temática de "Cuerpo y prácticas corporales en el deporte y actividades de ocio", también dividido en sesiones: 1. "Aprendizagem de técnicas corporais", 2. "Cuerpos intervenidos y cuerpos intervinientes", 3. "Gênero" y 4. "Corporalidade e a problematização dos espaços urbanos".

2015 nos encontró a todxs en la Universidad de la República, Uruguay, alrededor de "Diálogos, prácticas y visiones antropológicas desde el Sur". Nuevamente la perspectiva geopolítica está presente desde el mismo planteo del equipo organizador del evento, ratificado desde las conferencias de apertura y cierre. Para abrir Otavio Velho (UFRJ-Brasil) se preguntaba "¿qué es pensar desde el Sur?", y en el cierre Alejandro Grimson (UNSAM-Argentina) planteaba los "desafíos para una antropología desde el Sur".

Los deportes y actividades de ocio se concentraron en dos GT, el primero dedicado a "Antropología del deporte: entre la copa del mundo y los juegos olímpicos", guiado por los mega eventos deportivos que se desarro-

llaron en Brasil en 2014 y 2016. El GT abordaba 5 temáticas relativas a esos eventos; 1. Oferta e Demanda no campo esportivo: análises teóricas e metodológicas do mercado dos bens esportivos, 2. O espectador do espetáculo esportivo: consumidor ou torcedor?, 3. O evento esportivo como divisor de agua: impactos, legados e consequências, 4. Relações políticas no campo esportivo: quais as representações em jogo? y la 5. Formação de atleta, profissionalismo e mercado esportivo: relatos etnográficos de instituições esportivas. El segundo GT estaba dedicado a "Perspectivas antropológicas no esporte e no lazer: corpos, gêneros e sociabilidades", con las siguientes problemáticas, 1. Corporeidade, prazeres e dores, 2. Espaços de Sociabilidades e Estilo de vida, 3. Mulheres e Futebol.

La reunión nº XII se celebró en la Universidad Nacional de Misiones, Argentina, titulada *Experiencias etnográficas: desafíos y acciones para el siglo XXI*. El objetivo era pensar el lugar de la etnografía en nuestra y otras disciplinas, abriendo el dialogo también por fuera de la profesión. Los desafíos se plantearon a partir del contexto de crisis sociopolítica de los países del Cono Sur y las respuestas que se pueden dar a partir de la producción de conocimiento.

Las conferencias se dieron en ese marco. La apertura estuvo a cargo del sociólogo Horacio González (Argentina): *Antropología y Nación: Estados Plurinacionales*; una segunda a cargo de la Dra. Anne-Chritine Taylor (Francia) *Simetrizar la etnografía de lo íntimo*, la tercera a cargo del Dr. en Ciencias Sociales y Lic. en Economía Daniel Mato (Argentina): *Educación Superior y Pueblos Indígenas. Situación en el Mercosur comparada con otras regiones de América Latina y el mundo*, una cuarta sobre *¿Domesticación o anti-domesticación en Amazonia indígena?* (Dra. Manuela Carneiro da Cunha, Brasil) y el cierre lo realizó la Dra. Rosana Guber (Argentina): *Experiencias etnográficas sudamericanas ¿parte del problema o de la solución?*.

La superposición con otro evento que reunía a colegas del campo en Montevideo ocasionó que las presentaciones al GT "Deportes y actividades de ocio en América Latina: producciones e intervenciones etnográficas; nuevos desafíos" fueran relativamente pocas (19), centradas alrededor de 3 áreas: 1. Deporte: conflictos, disputas e relações de poder, 2. Corpos, emoções e experiências en el deporte y las actividades físicas, y 3. Identidades e per-

tencimentos em el deporte y atividades de ócio. Al GT se le sumó una MR titulada *A dimensão das políticas públicas nas práticas esportiva*.

Las "Antropologías del Sur" fueron el eje de la última RAM realizada en 2019 en Porto Alegre. La palabra resistencia tuvo un destaque particular ante el impacto del giro a la derecha en Latinoamérica, la desfinanciación y ataque directo a las ciencias –particularmente la antropología – proponiendo el camino colectivo/asociativo como posibilidad de supervivencia.

Una MR y dos GT agruparon los estudios del campo. Los GT divididos en uno general sobre antropología de los deportes y prácticas de ocio y un segundo específico sobre "Antropologia dos Esportes: intersecções de Gênero, Relações Étnico-raciais e Deficiência".

Con el objetivo de hacer dialogar a los estudios del deporte con otros subcampos de la antropología, y en virtud del contexto de retrocesos y violaciones de los derechos humanos que recrudecieron en nuestra región en los últimos años, se le propuso a la organización de la RAM una MR sobre "Esporte e Lazer como Direitos Humanos". Por cuestiones de fuerza mayor la Mesa se reconvirtió en un muy sentido homenaje a Simoni Lahud Guedes, donde se recogió su legado y se reconoció su lugar como pionera del campo de los estudios sociales del deporte en Brasil y Latinoamérica toda.

Cerrar para abrir

A partir del recorrido realizado por las sucesivas RAM y la focalización en los espacios que reunieron las conversaciones sobre deporte y prácticas de ocio, se puede percibir el proceso de consolidación de este campo en la región. Esta consolidación es producto de una multiplicidad de espacios (locales, nacionales y regionales) de intercambio entre profesionales latinoamericanos-desde los precursores hasta las nuevas generaciones – quienes a fuerza de dialogo y generosidad en el intercambio lograron construir un espacio sólido, articulado y dinámico. Es un campo que a la vez que se ha consolidado se ha diversificado, lo que garantiza de alguna manera su continuidad en el tiempo.

Este campo con cualidades inherentes a su posición geopolítica, con preguntas/temas/problemáticas/maneras de hacer que responden a procesos propios de la región se proyectó a nivel mundial con la creación de una comisión dentro de la Unión Internacional de Ciencias Etnológicas y Antropológicas (IUAES), con Luiz Rojo (UFF-Brasil) como uno de sus impulsores y coordinadores.

Esto plantea para el campo un gran desafío considerando las relaciones desiguales Norte-Sur. El desafío está en posicionarnos en tanto antropologías *del Sur*, o sea aquellas que generan y usan "[...] conocimiento antropológico básicamente centrado en y partiendo de las particularidades de las regiones del mundo menos favorecidas por la globalización capitalista clásica y la neoliberal actual" (KROTZ, 2016, p. 59) y desde ese posicionamiento político insertarnos en las antropologías mundiales.

Pero el desafío no termina allí. ¿Cómo superar el destino académicamente periférico del campo? Ese al que nos referíamos – con malestar – en la introducción. Y aquí estamos pensando en la legitimidad académica entre nuestras propias antropologías, compartiendo por otra parte con todas ellas el lugar de periferia en la relación con las del Norte.

Si volvemos al recorrido descriptivo por las sucesivas ediciones de las reuniones RAM realizado más arriba podemos ver que la diversificación del campo se dio no solamente por la multiplicidad de miradas y lecturas disciplinarias en el mismo, sino por la incorporación al campo de temas/problemas que podemos considerar que gozan de total legitimidad y centralidad en nuestras academias. Me refiero a la tematización del género, la raza, la nación, las nacionalidades, los cuerpos y corporalidades, la política, las identidades, la memoria, los estilos de vida, las masculinidades, las mujeres, los medios y las mediatizaciones, las representaciones y las prácticas, los mega eventos, las violencias, lo legal y lo legítimo, las emociones y la lista puede continuar. Esas problemáticas fueron articuladas y traccionadas en forma centrípeta por nuestras conversaciones generando conocimiento hacia el interior, pero con poca comunicación con el exterior.

El proceso inverso, o sea, insertarnos a la manera de fuerzas centrífugas en las conversaciones "centrales" de nuestras antropologías puede

crear los intersticios que nos permitan abandonar la periferia de la legitimidad académica; y a su vez a partir de lo novedoso del objeto, generar nuevas perspectivas que desafíen el sentido común disciplinario (RESTREPO, 2016).

Esta propuesta no es innovadora en absoluto. Basta con recorrer las producciones del campo para darse cuenta de ello. Como ejemplo podemos tomar a Eduardo Archetti y la manera en que proponía abordar "las patrias del deporte argentino". Archetti (1984) planteaba al fútbol en tanto *arena pública* donde se desarrollan *dramas sociales* que simbolizan aspectos centrales de la cultura y el ethos de un colectivo. Abordó el fútbol en tanto este acuña símbolos que permiten pensar cómo se materializan y reproducen las relaciones sociales, y a su vez esos símbolos tienen incidencia en la manera en que los actores sociales se piensan a sí mismos y al mundo que los rodea. Los actores involucrados en esos *dramas sociales* comunican a través de sus prácticas sus orientaciones valorativas y su visión del mundo. En sus palabras: "En Argentina, Inglaterra y aquellos países donde el fútbol es considerado un deporte nacional, éste no sólo refleja procesos sociales y culturales, sino que forma parte de esos procesos sociales y culturales. El fútbol es una arena en la que actores sociales simbolizan y reproducen a través de sus prácticas los valores dominantes en un período determinado" (ARCHETTI, 1994, p. 39, mi traducción).

El recorrido que realiza en sus análisis parte de la especificidad del deporte para llegar a las explicaciones sobre el mundo social. De esa manera, siguiendo ese recorrido desde el interior hacia el exterior del campo, y sin perder la especificidad y autonomía lograda; más bien producto del cúmulo de conocimiento producido durante todos estos años, considero que podremos trascender los límites del campo y abandonar la periferia de la legitimidad académica.

Referencias

ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José. Pionerismos, continuidades, deudas. *Revista del Museo de Antropología*, [s. l.], v. 7, n. 2, p. 327-330, 2014. Disponível em: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/antropologia/article/view/9183>. Acesso em: 26 fev. 2021.

ARCHETTI, Eduardo. Fútbol y Ethos. *In: Serie: Monografías e Informes de Investigación n. 7.* Argentina: Flacso, 1984.

ARCHETTI, Eduardo. *Masculinidades: fútbol, tango y polo en la Argentina.* Buenos Aires: Antropofagia, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Programa para una sociología del deporte. *In: BOURDIEU, Pierre. Cosas Dichas.* Buenos Aires: Gedisa, 1988.

DAMATTA, Roberto. *O universo do futebol: esporte e sociedade brasileira.* Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

GUTTMANN, Allen. *From ritual to record the nature of modern sports.* New York: Columbia University Press, 1978.

KROTZ, Esteban. Dos retos para las antropologías latinoamericanas: orientalizarse y popularizarse, en Los debates históricos sobre las Antropologías Latinoamericanas. *Boletín CEAS, AC.* México, 2016.

RESTREPO, Eduardo. Antropologías disidentes y sentido común antropológico, en los debates históricos sobre las antropologías latinoamericanas. *Boletín CEAS, AC.* México, 2016.

Material consultado

Libros de resúmenes y programas de las Reuniones de Antropología del Mercosur.

El fútbol y el deporte como política: la *Fundación Simoni*¹

Pablo Alabarces

1. El primer texto dedicado al deporte por la antropología brasileña es un texto político – pero no es el primer texto. Resolver esa paradoja nos exige algunas explicaciones.

2. Ese primer trabajo que no fue el primero se llamó “Esporte na Sociedade: Um Ensaio sobre o Futebol Brasileiro”, y lo escribió Roberto DaMatta en 1982, aunque sus notas al pie aclaran que había tenido presentaciones previas entre 1979 y 1980, en los Estados Unidos y en Francia. Esa datación demuestra que el interés por el fútbol ya estaba en el DaMatta que en 1979 había publicado su hoy clásico *Carnavais, malandros e heróis*: si la gran preocupación de DaMatta habían sido las dramatizaciones de la jerarquía, el *malandragem*, la carnavalización, la inversión o la reproducción de la sociedad brasileña, en su trabajo de 1979-1982 el fútbol aparece como uno de esos *dramas sociales* privilegiados.

Pero, para ello, DaMatta precisa desmontar el clásico calificativo del *opio de los pueblos*: desde comienzos de los años 70, este lema se había desplazado de la religión al deporte, constituido en – presuntamente – nueva y gigantesca herramienta de alienación de masas. Pensado como petición de principio y punto de partida, su consecuencia sólo podía ser la clausura de un debate que nunca había comenzado: si el fútbol consistía en un mecanismo meramente alienante, no podía encontrarse allí sino reproducción y manipulación de las masas – es decir, opio de los pueblos – y,

1 O tema da política apareceu pela primeira vez no GT de Antropologia dos Esportes na 23ª RBA (2002) por meio do trabalho de Simoni Guedes, *O Brasil nas Copas do Mundo*.

por lo tanto, no había nada para debatir sino, apenas, reclamar su abolición. No en vano, a principios de los 80 sólo podían contabilizarse dos libros importantes sobre el tema, ambos producidos desde esta sociología crítica y apocalíptica, y traducidos al español por editoriales latinoamericanas: el clásico de Gerhard Vinnai, *El fútbol como ideología*, de 1970 y traducido en un temprano 1974; y el de Jean-Marie Brohm, *Sociología política del deporte*, traducido en 1982. Brohm, a su vez, venía produciendo una sostenida serie de trabajos críticos sobre el deporte en su revista *Quel corps?*, que pueden leerse en alguna compilación tardía (AA.VV., 1994) y en la colección de artículos publicados a fines de los 60 en la revista *Partisans*, editada en España en 1978 (AA.VV., 1978).

Para DaMatta, en cambio, la tesis del opio de los pueblos revela una visión "instrumental-funcionalista" de lo social, incompatible con teorías más modernas y complejas del rol de los deportes en las configuraciones culturales de cualquier sociedad – y de lo que ampliamente será el mundo de la cultura popular: el carnaval y la religión, dice DaMatta, pero también podríamos agregar la música, la danza, la alimentación, los lenguajes y los cuerpos populares, por ejemplo. Por supuesto, hay una jerarquización previa asignada por el observador: se trataría de zonas marginales y "sin importancia" de lo social, en comparación con la historia, la economía, la política; lo que esos observadores no comprenderían es que en esos espacios marginales – liminales, dice DaMatta; "zonas libres", dirá poco después Eduardo Archetti – también se discute la historia, la economía y la política; y junto a ellas, la raza, la masculinidad, el género, la comunidad, el pasado y el futuro; más aún, la Nación.

El ensayo de DaMatta abre su colección titulada *O universo do futebol*, publicada en 1982. Todos los trabajos de la compilación (el suyo propio, el de Luis Felipe Baêta Neves Flores, el de Arno Vogel y el de Simoni Lahud Guedes) deben comenzar señalando la ausencia de trabajos anteriores o contemporáneos, y explicando las razones de la legitimidad de su propio esfuerzo. Y luego, todos producen textos políticos. DaMatta, como dijimos, privilegia el debate teórico que recolocque al fútbol como drama social que permite debatir ampliamente la sociedad brasileña; Neves Flores lo discute

como ideología, pero no como "falsa conciencia" sino, exacta y contrariamente, como texto de la transformación social. Vogel, por su parte, decide discutir las Copas del Mundo como rituales narrativos de la identidad, y para ello propone entender la Copa de 1950 como ritual funerario y la de 1970 como ritual carnavalesco. El uso de la categoría de *ritual* será de gran importancia en los estudios culturales latinoamericanos posteriores – no sólo en los dedicados al deporte. Es explícita la cita de la antropología interpretativa del Clifford Geertz de *La interpretación de las culturas* (GEERTZ, 1987), pero particularmente su celeberrimo trabajo sobre la riña de gallos balinesa, que por desplazamiento permitía entender los mecanismos puestos en juego en los universos deportivos: *jugar con fuego sin quemarse*, la idea de la apuesta simbólicamente relevante porque lo que se discute es la jerarquía, el estatus, la identidad, la pertenencia a un colectivo, a través de una práctica tan periférica como la riña de gallo o el fútbol, para nuestro caso.

De estas indagaciones inaugurales deriva una afirmación fundamental para la antropología del deporte en toda América Latina: el fútbol puede ser visto como un foco, un punto de pasaje de la mirada crítica que a través de esa focalización se interroga por la dimensión de lo simbólico y su articulación problemática con lo político. Pero también: el fútbol es un espacio donde se despliegan algunas de las operaciones narrativas más pregnantes y eficaces para construir identidades. Entonces, en esa periferia de lo legítimo (porque el lugar central seguirá siendo la cátedra o la política o los medios, según su capacidad históricamente variable de instituir y administrar legitimidades del discurso) podemos leer operaciones de tipificación que colaboren en las dificultosas construcciones de las narraciones de identidad. Micro, local, barrial; pero también nacional.

3. Al mismo tiempo, la clave antropológica permitió deconstruir empíricamente el mito del "opio": al igual que lo hiciera con las religiones, el trabajo etnográfico permitía comprobar la distancia entre la ilusión alienante y la práctica significativa de los nativos. En su trabajo de 1982, DaMatta demo-
lía definitivamente esta pretensión en el plano teórico, aunque la necesidad de radicalizar el debate lo llevara, durante un tiempo, a posiciones antimar-

xistas. En 1998, en la conferencia de la Latin America Studies Association (Lasa) en Chicago, en un panel que organizó Jeffrey Tobin, antropólogo norteamericano, discutimos con DaMatta y Joseph Arbenas las líneas que se estaban diseñando en ese momento en las investigaciones; DaMatta aún estaba convencido de que el mito de la alienación continuaba obturando la investigación latinoamericana, mientras que en mi opinión esa clausura estaba superada – entre otras razones, porque el marxismo había perdido peso en la organización teórica y metodológica de nuestras disciplinas; y por ello, justamente, debíamos recuperar algunas de sus posiciones, aunque rediscutiendo continuamente la noción de alienación en relación con el deporte. En ese mismo año, en el Prólogo con el que acompañó nuestro *Deporte y Sociedad* – la primera colección argentina producida en la universidad y dedicada íntegramente al objeto –, Archetti lamentaba el bloqueo que estos estudios habían sufrido y el peso excesivo que aún tenían las posiciones más apocalípticas – en el sentido clásico que Umberto Eco (1965) asignara a las interpretaciones sobre la cultura de masas deudoras de la teoría crítica. Ante ese panorama, la agenda que proponía Archetti ya se estaba volviendo legítima y guiaría toda la década siguiente: la centralidad del juego como zona de libertad y creatividad, la necesidad de leer las apropiaciones socialmente diferenciadas de las prácticas deportivas, los procesos de construcción de identidades, la violencia como fenómeno complejo. Y todo ello debía ser hecho con “un esfuerzo teórico más sofisticado y una pasión por los análisis empíricos” (ARCHETTI, 1998, p. 12).

4. Pero esos análisis empíricos ya estaban siendo producidos desde veinte años atrás. Aquí se revela la paradoja del primer texto que no fue primero, de la fundación de un campo que ya estaba fundado.

En 1977, Simoni Lahud Guedes había presentado y defendido exitosamente su Tesis de Maestría en Antropología Social “O Futebol Brasileiro – Instituição zero”, en el Museu Nacional (UFRJ). Esa tesis, que nunca se editó públicamente, permitió a Simoni Guedes la producción de su artículo “Subúrbio: Celeiro de Craques”, en la colección organizada por DaMatta en 1982. El cuarto texto del volumen era, en realidad, el primer trabajo dedicado

al fútbol en la antropología brasileña y latinoamericana. Guedes debía partir, como sus compañeros de volumen, de la defensa de la legitimidad de ese objeto, para lo que recurría a la comparación antropológica:

Parece-me, pelo contrário, que, no caso brasileiro, deixar de se preocupar com fenômenos como o futebol, o carnaval e a umbanda seria equivalente a deixar de se preocupar com a bruxaria entre os Azande, o cerimonialismo entre os grupos Gê do Brasil Central ou a pajelança entre os Tupi (GUEDES, 1982, p. 61).

La gran novedad de su trabajo, en el contexto del volumen de DaMatta, es que es el único basado en análisis empírico y precisamente etnográfico, a partir de su trabajo de campo con obreros fabriles en los suburbios cariocas. De ese modo, las tesis de DaMatta adquieren base empírica, con sujetos sociales concretos que revelan el juego complejo de significados que el fútbol permite discutir, y muy especialmente entre las clases populares:

Premidos pelas circunstâncias, com "chances", "sorte" e "apoio" alternando-se, quando o sucesso depende de sua conjugação, vão concomitantemente constituindo uma experiência cada vez mais rica da vida como operários. Vivência e ideologias, juntas, constróem pouco a pouco, percepções críticas do valor dos "craques" e do futebol profissional, tendendo, cada vez mais, a delimitar seu espaço social de prática do futebol, consolidando-o enquanto "peladeiro" local. Neste nível, o jogo de futebol cumpre funções simbólicas e sociais complexas, atualizando inclusões e exclusões, reforçando, criando e cortando laços sociais, atuando como mecanismo reprodutor e reinterpretativo de ideologias (GUEDES, 1982, p. 74).

Pero esta novedad fundacional del campo – la comprobación empírica de que el fútbol es un espacio de debate y reinterpretación de significados sociales – posee un pliegue decisivo, y es un pliegue de género: el universo futbolístico es fundamentalmente masculino, pero es interrogado, por primera vez y exitosamente, por una mujer. Muchos años más tarde, en una entrevista en el sitio *Ludopédio*, Simone Guedes recuerda:

Não, eu descobri rapidamente que ser mulher é uma grande vantagem naquele contexto. Claro que tinha uma série de desvantagens, o tal do terceiro tempo, por exemplo, que me era vedado. Mas, ao mesmo tempo, com os operários, por exemplo, tinha uma inversão, porque você sabe que na etnografia trabalhamos com várias estratificações. Assim, de um lado, eu era uma mulher, de classe média, com posses; mas de outro, eles é que sabiam das coisas e eu não. Então, eles estavam me ensinando coisas. Então eles partiam do princípio que eu não sabia nada de futebol, o que seria natural, e aí eles podiam me explicar coisas, enfim, eu podia fazer perguntas bobas, que parecessem bobas para eles: "como é que é o campeonato, como é que é jogar aqui". Então, tem uma série de vantagens (EQUIPE LUDOPÉDIO, 2013, s.p.).

5. Guedes publica en 1998 su *O Brasil No Campo de Futebol: Estudos Antropológicos Sobre Os Significados do Futebol Brasileiro* y allí produce la segunda y definitiva fundación del campo de estudios. El desplazamiento que allí propone es el de debatir, a través del fútbol, el significado de lo nacional. Si esta pretensión estaba contenida en las apuestas de la colección de DaMatta en 1982, lo estaba apenas como posibilidad teórica. El trabajo de Guedes vuelve a darle anclaje empírico – etnográfico, pero también al proponer preguntas antropológicas a materiales periodísticos y ensayísticos, en la larga tradición brasileña que arranca en el célebre "Futebol mulato" de Gilberto Freyre. Desde allí, la antropología del deporte – muy especialmente del fútbol, pero no únicamente del fútbol – elegirá ese tópico como central; para Guedes, será un gran organizador de su trabajo, poco a poco en diálogo con la producción argentina, y más tarde con el resto de América Latina.

En 2002, siguiendo a Levy Strauss, Guedes afirma que: "O futebol [é] um signifiante privilegiado, um veículo cuja exigência de significação é tamanha que só não admite a ausência de significado. [...] O processo semântico desencadeado pelo jogo constrói-se em um campo de debates, no qual diversas posições se confrontam" (GUEDES, 2002, p. 3).

En esta proliferación de discursos, prosigue Guedes, "várias dimensões identitárias são disputadas, negociadas e construídas [...]. Uma delas seria a da nação" (GUEDES, 2002, p. 4). Fue Hobsbawm (2012) uno de los pocos historiadores y analistas del proceso de "invención" de las nacio-

nes modernas en señalar la importancia del rol de los deportes modernos en esa invención, especialmente en la construcción "desde abajo" de los nacionalismos. Y el papel de la alteridad, en estos discursos, es esencial. Por ello, Guedes afirma que:

Sob tal ponto de vista, não é, absolutamente, irrelevante o fato de ser o futebol o esporte mais popular do mundo. Trata-se de construir a diferença no interior de um código que todos dominam e em uma prática a que todos atribuem valor, mesmo desigual. A alteridade, portanto, conforme já nos ensinaram os estudiosos dos grupos étnicos [...] não sucede à identificação: é parte do mesmo processo (GUEDES, 2002, p. 5).

Aun cuando su trabajo también visitó otras zonas y otros problemas – como, por ejemplo, la evaluación crítica de los "Projetos sociais esportivos" –, la preocupación de Guedes con las grandes narrativas de la identidad nacional fue una constante en su obra, presente hasta sus últimos textos. "Mudanças nos significados da Copa do Mundo e da seleção brasileira de futebol para os brasileiros", que presentó en un panel en 2019, poco antes de su fallecimiento, repiensa su trabajo entero a la luz de los procesos que comenzaron en 2013, con las protestas de la Copa de las Confederaciones, y desembocaron, en 2019, en la elección de Jair Bolsonaro para la presidencia de Brasil. Simoni Guedes discutió, a través de una antropología del fútbol y del deporte, toda la historia moderna brasileña.

6. La antropología brasileña y latinoamericana del deporte no puede sino ser política, porque a través del deporte – no solamente del fútbol: también a través del rugby y del básquet, del automovilismo y de los X-sports, de los deportes paraolímpicos y del boxeo, del ciclismo y del béisbol, entre tantos otros ejemplos – analiza, interpreta y discute nuestro devenir como sociedades jerárquicas, injustas, periféricas y postcoloniales. Esa politicidad está anunciada en una tesis escrita en 1977, verificada en un artículo publicado en 1982 y establecida a lo largo de toda una obra. Toda la antropología del deporte latinoamericana está propuesta en esas líneas, desde hace cuarenta y tres años. Ese es el legado – nuevamente: político, porque así debía ser – de Simoni Guedes.

Referencias

- AA.VV. Deporte, cultura y represión. *Partisans*. Barcelona: Gustavo Gili, 1978.
- AA.VV. *Materiales de sociología del deporte*. Madrid: Genealogía del Poder/23; Ediciones de la Piqueta, 1994.
- ARCHETTI, Eduardo. Prólogo. In: ALABARCES, Pablo; DIGIANO, R.; FRYDENBERG, J. (Comps.). *Deporte y Sociedad*. Buenos Aires: [s. n.], 1998.
- BROHM, Jean-Marie. *Sociología política del deporte*. México: FCE, 1982.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, [1978] 1983.
- DAMATTA, Roberto. *O universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinacothèque, 1982.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados en la cultura de masas*. Barcelona: Lumen, 1965.
- EQUIPE LUDOPÉDIO. Simoni Lahud Guedes. Pesquisadores(as). *Ludopédio*. 8 maio 2013. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/entrevistas/simoni-lahud-guedes/>. Acesso em: 2 mar. 2021.
- GEERTZ, Clifford. Juego profundo: la riña de gallos en Bali. In: GEERTZ, Clifford. *La interpretación de las culturas*, Barcelona: Gedisa, [1973] 1987. p. 339-372
- GUEDES, Simoni Lahud. De criollos e capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 26., 2002, Caxambú. *Anais [...]*. Cxambú: Anpocs, 2002.
- GUEDES, Simoni Lahud. Subúrbio: celeiro de craques. In: DAMATTA, Roberto (Org.). *O universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982. p. 59-74.
- HOBBSBAWM, Eric J. *Nations and nationalism since 1780: programme, myth, reality*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- FLORES, Luiz Felipe Baêta Neves. Na Zona do Agrião: Algumas Mensagens Ideológicas do Futebol. In: DAMATTA, Roberto (Org.). *O universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982. p. 43-58.
- VINNAI, Gerhard. *El fútbol como ideología*. México: Siglo XXI, 1974.
- VOGEL, Arno. O momento feliz. In: DAMATTA, Roberto (Org.). *O universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982. p. 75-115.

Esporte, Antropologia e Comunicação no Brasil: explorando encruzilhadas de um campo indisciplinar¹

Edison Gastaldo

Introdução

O objetivo deste capítulo é apresentar alguns elementos do denso cruzamento entre os campos acadêmicos da Comunicação, da Educação Física e da Antropologia, área "indisciplinar" (devo o termo a Luiz Carlos Rigo) a que chamo, por conveniência, de "Estudos sociais do esporte" (GASTALDO, 2010b). Para isso, revisito alguns dos artigos, livros, projetos e vídeos que constituem a história acadêmica desse cruzamento. Delineio também potenciais agendas de pesquisa para futuros(as) pesquisadores(as).

Início este percurso destacando a convergência histórica entre o surgimento dos esportes modernos e o da imprensa moderna, derivada da implementação dos meios de comunicação de massa, com o paulatino aumento das tiragens e circulação de jornais impressos e formação de um numeroso público leitor. Os fatos esportivos – resultados de corridas de cavalos, regatas e *matches* de *foot-ball* – fazem parte dos jornais modernos desde sua fundação. A imprensa esportiva nasceu ao mesmo tempo que a imprensa moderna.

Nesse período, o *ethos* esportivo tornou-se ideal de conduta para as elites ilustradas de todo o mundo, ao mesmo tempo em que as artes gráficas e as tecnologias de comunicação audiovisual experimentaram extraordiná-

1 O diálogo com os estudos de mídia e comunicação apareceu pela primeira vez no GT de Antropologia dos Esportes na 23ª RBA (2002) por meio do próprio Édison Gastaldo, com a pesquisa *Publicidade, Esporte e Nacionalidade na Grã-Bretanha: representações sociais na publicidade dos Jogos Olímpicos de Sydney*.

rios avanços – fotografia, telefone, fonógrafo, cinema e impressão *offset* –, na virada entre os séculos XIX e XX, forneceram condições tecnológicas para o surgimento desses dois importantes fundamentos da cultura de massa do século XX: mídia e esporte.

Mais do que fenômenos paralelos, esporte e mídia construíram-se mutuamente, reflexivamente. A característica "espetacular" (isto é, "para ser vista") inerente às competições esportivas e seu poder de mobilização coletiva (pela metonímia que coloca nações ou bairros dentro de campos, pistas ou ringues) articulam-se perfeitamente com o surgimento dos jornais impressos em rotativas, destinados a um grande número de leitores, em pleno processo de expansão urbana. No caso brasileiro, jogos e competições fazem parte da cultura nacional desde tempos coloniais. Embora nos períodos colonial e monárquico os jogos mais populares estivessem ligados à colonização ibérica e à economia rural, como rinhas de galo, touradas e corridas de cavalo em cancha reta, os espetáculos de esporte moderno surgiram principalmente no ambiente urbano, como nos casos do turfe e do remo.

Nas páginas dos primeiros jornais de massa publicados no Brasil, já se dedicava a última página aos resultados esportivos, inicialmente das corridas e das regatas (MELO, 2016). Em poucos anos, a supremacia das práticas esportivas no Brasil foi conquistada em definitivo pelo futebol. Sem necessitar das condições geográficas altamente específicas demandadas pelo remo, e envolvendo comunidades, bairros e associações em sua lógica de jogo coletivo, os clubes de futebol rapidamente se espalharam pelo Brasil no início do século XX. A imprensa moderna, com seus jornais diários de grandes tiragens, colaborou decisivamente para a separação de papéis entre dois grupos muito distintos: o dos jogadores e dos torcedores, criando as bases para o fenômeno que hoje chamamos de "futebol-espetáculo".

Assim, essa construção reflexiva de ambos os fenômenos ao longo do século XX evidencia que comunicação e esporte não apenas têm muito em comum, mas que a própria forma que ambos assumiram contemporaneamente é, em grande parte, resultante dessa interação.

Reflexões sobre os estudos do esporte e da mídia de massa no Brasil: uma abordagem indisciplinar

Os fenômenos esportivos, como vimos, constituem fatos jornalísticos desde os primórdios da imprensa moderna, em meados do século XIX. No Brasil, as práticas esportivas chegaram junto com os ventos da modernidade, em fins do século XIX. Em menos de 20 anos, a escravidão foi abolida (1888), o Império derrubado (1889), a febre amarela erradicada (1904-1908) e o centro do Rio de Janeiro reconstruído (pela Reforma Pereira Passos, entre 1902-1906).

Nesse período efervescente, conhecido no Rio de Janeiro como a "*Belle Époque* carioca", além da Lei Áurea e da Proclamação da República, também foram fundados clubes de remo (como o Clube de Regatas Botafogo, de 1894, e o Clube de Regatas do Flamengo, de 1895) e, pouco depois, de futebol (Fluminense Football Club, de 1902)². Desde que a prática de esportes começou a se tornar índice de modernidade e alinhamento com as elites internacionais, a cobertura de fatos e eventos esportivos passou a fazer parte do cotidiano da imprensa no Brasil. Dos resultados dominicais de *turf* e *rowing* ("corrida de cavalos" e "remo", nos termos da época), ainda no século XIX, até a popularização e a paulatina consagração do futebol como esporte nacional, houve crescente espaço para a cobertura midiática dos eventos esportivos. Em 1908, por exemplo, Jean Claude Bernardet (1979) relata que as primeiras sessões públicas de cinema em São Paulo já apresentavam em sua programação filmes em forma de "compacto" de jogos de futebol locais.

A entrada de novas tecnologias de comunicação nesse cenário ampliou os já fortes vínculos entre esporte e mídia. A radiodifusão (particularmente a *Rádio Nacional*, a partir dos anos 1930) não apenas fez surgir uma "escola" brasileira de transmissão esportiva ao vivo, como elevou o público de partidas de futebol a ponto de alcançar milhões, dada a sua capacidade de transmissão, que cobria todo o território nacional (HELAL; LOVISOLLO; SOARES, 2001). Uma consequência nada desprezível desse momento histórico de máxima centralização midiática no Rio de Janeiro – então sede do

2 Sobre a história da criação dos clubes de futebol no Rio de Janeiro, ver Mattos (1997).

Distrito Federal – foi a dispersão de torcedores dos clubes cariocas por todo o interior do Brasil, ainda hoje.

A consolidação de competições esportivas internacionais, como os Jogos Olímpicos e as Copas do Mundo, também funcionou como poderoso estímulo ao desenvolvimento de tecnologias de comunicação, em nível mundial. Durante a Copa do Mundo de 1938, foi realizada a primeira transmissão de rádio intercontinental; nos Jogos Olímpicos de Tóquio (1964), a primeira transmissão de TV a cruzar o Pacífico via satélite; na Copa de 1998, foi feita a primeira transmissão internacional de televisão de alta definição (HDTV); e na Copa da África do Sul (2010) foi realizada a primeira transmissão internacional de TV em 3D. Em exemplos ainda mais recentes, em 2014, no Brasil, ocorreu a primeira transmissão em 4K e na Rússia, e em 2018, a primeira transmissão em UHD, além de, dentro de campo, ter sido adotado o sistema VAR, o chamado “árbitro de vídeo” (GASTALDO, 2002).

Como dito, essa convergência entre futebol e mídia é histórica e de fundamental importância para a compreensão dos processos contemporâneos de midiatização social do esporte. Entretanto, o campo acadêmico das humanidades ainda dedica relativamente pouca atenção ao tema, ao menos se levarmos em conta a diversidade de abordagens da área, manifesta em indicadores como o pequeno número de Grupos de Pesquisa cadastrados no CNPq, Grupos de Trabalho em congressos da área e número de periódicos especializados. Como argumentei já faz algum tempo (GASTALDO, 2010b), o tema do futebol e dos esportes – em todos os seus múltiplos desdobramentos – “pertence” muito mais à área de Educação Física do que a qualquer outra, por ampla maioria em todos os critérios já citados.

Por exemplo, no diretório dos Grupos de Pesquisa CNPq, há somente nove grupos cadastrados na área de Comunicação com o termo “esporte” em suas ementas, em um universo de mais de 660 grupos, dos quais mais de 250 na área de Educação Física. Entre grupos cadastrados que incluam o termo “futebol”, de um total de 67 grupos, apenas cinco são da área de comunicação³.

Quero deixar claro que existem excelentes pesquisas e produções bibliográficas relevantes sobre comunicação e esporte no Brasil, mas que,

3 Fonte: Diretório dos Grupos de Pesquisa CNPq. Levantamento realizado em 2020.

como um todo, a pesquisa sobre esportes carece de maior afirmação institucional, à altura da relevância do fenômeno e a par da qualidade da produção já existente.

Apesar da superioridade numérica da Educação Física, áreas como a Antropologia e Sociologia apresentam, há mais de trinta anos, consistente e relevante produção teórica e metodológica sobre fenômenos esportivos, bibliografia que exerce grande influência também no campo da Educação Física. Os "estudos sociais do esporte", termo que emprego para denominar esse amplo espectro de pesquisas, são essencialmente transdisciplinares (ou "indisciplinares", como sugeriu o colega Luiz Carlos Rigo), e também podem ser encontrados nas áreas de Psicologia, Letras, História, Geografia, Educação etc. Assim, estudantes que pretendam revisar a literatura sobre mídia e fenômenos esportivos podem precisar "saltar algumas cercas" para encontrar interlocução mais numerosa e qualificada.

Alguns caminhos teóricos e metodológico na pesquisa sobre esporte e comunicação no Brasil

Para colaborar com estudantes e estudiosos que se interessam pela pesquisa de fenômenos ligados ao universo do futebol, comentarei neste tópico algumas vertentes teóricas e possíveis caminhos metodológicos para desenvolvimento de pesquisas sobre o universo do esporte em perspectiva comunicacional. Evidentemente, não se trata de categorização exaustiva, nem de catalogação de qualquer espécie. São apenas exemplos de abordagens possíveis e indicações de literatura relevantes que espero possam ser de valor para estudantes e pesquisadores(as).

a) Práticas e vivências no universo esportivo: a perspectiva etnográfica

A perspectiva etnográfica é característica da antropologia e originalmente foi empregada para o estudo de sociedades sem escrita⁴. Bre-

4 Para uma boa introdução ao método etnográfico, ver Winkin (1998).

vemente, trata-se de um método de pesquisa que consiste na combinação de duas técnicas: "observação participante" – convivência direta, intensa e prolongada do pesquisador na situação de pesquisa – e "diário de campo etnográfico" – relato minucioso e sistemático das experiências de campo. Outras técnicas de pesquisa normalmente estão envolvidas, como entrevistas e produção de mapas, fotografias ou vídeos.

A produção de uma etnografia demanda paciência, disciplina metodológica e um insumo de pesquisa raro: tempo. Não se pode forçar as pessoas em cuja companhia se constrói uma etnografia a confiarem em um pesquisador só porque este deseja, e construir relação de confiança demanda tempo. Na antropologia, a realização de etnografias é fundamentada em ampla base teórica e metodológica; é, por assim dizer, o coração metodológico da disciplina. Para pesquisadores de outras áreas, é importante tomar cuidado com apreensões levianas do método. Ele é lento, trabalhoso e repleto de ciladas⁵. Não existe nenhuma "proibição" em fazer etnografias fora da área de antropologia, mas é preciso muita disposição e extensiva formação bibliográfica e metodológica complementar.

Para investigar fenômenos esportivos, a perspectiva etnográfica pode ser bastante útil em estudos de recepção midiática junto a grupos de torcedores. Normalmente, a primeira ideia acerca de um estudo etnográfico sobre torcedores de futebol consiste em fazer observação participante nos estádios. Existem ali interessantes fenômenos de comunicação, tanto face a face quanto mediatizada. Vários estudos da antropologia dedicaram-se a estudar as torcidas organizadas, como os trabalhos de Carlos Alberto Pimenta (1997), que estudou as lógicas dos discursos de masculinidade e violência dessas agremiações, quanto o de Luiz Henrique Toledo (1996), que estudou torcidas organizadas em São Paulo em termos de sua organização política e lógicas de relacionamento com os clubes e com outras instituições – principalmente a polícia. Outro trabalho etnográfico sobre torcidas organizadas foi publicado por Arlei Damo (2002), neste caso no Rio Grande do Sul, onde ele analisa letras dos cantos e músicas dos torcedores, juntamente com outros aspectos do cotidiano dos estádios. Outra etnografia

5 Ver, nesse sentido, Cardoso (1986).

a enfatizar é o uso social e a leitura que os torcedores fazem do espaço arquitetônico dos estádios – neste caso, pela comparação, do ponto de vista dos usuários, entre o modelo tradicional em relação ao modelo de “arena” é a tese de doutorado de Martin Curi (2012), feita sobre o Estádio Olímpico João Havelange, o “Engenhão”, no Rio de Janeiro.

Outra abordagem etnográfica entre futebol e comunicação inclui a recepção de futebol mediatizado em locais públicos, como bares e restaurantes onde se exibem jogos de futebol pela televisão. Realizei diversos trabalhos etnográficos nesses ambientes, tanto com relação ao cotidiano do futebol clubístico no Rio Grande do Sul (GASTALDO, 2005) e no Rio de Janeiro (GASTALDO, 2010a), quanto no período ritualizado da Copa do Mundo (GASTALDO, 2009; GASTALDO, 2013). Em qualquer dos casos, a recepção de futebol mediatizado se adapta bem às particularidades do método etnográfico. Por ocorrer em espaços menores do que um estádio, pode-se facilmente realizar mapas, contagens e entrevistas com frequentadores habituais. Além disso, a “entrada em campo” (situação bastante difícil a depender do contexto pesquisado) é relativamente simples: por se tratarem de locais públicos, basta ir ao bar ou restaurante, sentar-se e observar.

Além disso, grupos específicos como torcidas organizadas, dirigentes, jogadores, aspirantes a atletas e empresários (DAMO, 2007), entre outros atores da cena midiática esportiva, podem ser pesquisados sob essa perspectiva, bem como a rotina produtiva e as práticas profissionais de rádios, emissoras de TV e de jornal (MARTINS, 2007), na construção discursiva do esporte como fenômeno de mídia (RIAL, 2003).

b) Falando sobre futebol: análise do discurso midiático

As páginas dos jornais diários fornecem farto material de pesquisa em perspectiva analítica do discurso que se dedica aos fenômenos futebolísticos. Existem várias técnicas de pesquisa referidas sob o termo geral “análise do discurso”. Normalmente, o discurso em questão consiste em textos escritos e para a análise de textos jornalísticos já existe ampla e conhecida bibliografia corrente no campo da comunicação (por exemplo,

MAINGUENEAU, 2001; CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, MOUILLAUD, 1997). Em termos de mídia impressa, as crônicas esportivas e mesmo o noticiário cotidiano acerca dos principais eventos esportivos oferecem amplo campo de investigação sobre representações sociais, sistemas de valores, identidades, memórias e sociabilidades relacionada ao universo do futebol. A editoria de Esportes, por supostamente tratar de temas menos "sérios" do que política ou economia, normalmente é menos restritiva à expressão pessoal dos jornalistas, resultando em um estilo jornalístico mais leve, irônico, opinativo e metafórico do que outras editorias. O mestre do gênero foi, sem dúvida, Nelson Rodrigues, que, com seu estilo inconfundível, ajudou a construir e/ou consolidar muitas mitologias que cercam a memória do futebol brasileiro. Nesse sentido, cabe destacar o livro de José Carlos Marques (2000) que analisa a obra de Nelson Rodrigues sobre futebol a partir da leitura de 350 crônicas, muitas delas inéditas em livro. Trata-se de uma obra de referência para estudantes e pesquisadores.

Outro livro importante é *A Invenção do País do Futebol*, coletânea organizada por Ronaldo Helal, Hugo Lovisolo e Antônio Jorge Soares (2001). Destaco neste livro o debate acerca de outro importante nome da teoria social sobre o futebol no Brasil: Mário Rodrigues Filho, irmão mais velho de Nelson e autor do clássico *O Negro no Futebol Brasileiro*, publicado em 1947. No livro de Helal, Lovisolo e Soares é criticada a adesão ingênua à versão de Mário Filho sobre a participação negra no futebol por parte de cientistas sociais ao longo de muitas décadas. Ainda hoje, temas como o "pó-de-arroz" do Fluminense e narrativas sobre a possibilidade de ascensão social dos negros por meio do futebol são tomados como dados, quando há várias inconsistências históricas e sociológicas a serem discutidas.

Destaco também o debate acerca da "idolatria esportiva", fenômeno de interação entre o discurso midiático e imaginários sociais, que nos jornais, rádios e emissoras de televisão mitificam a imagem de jogadores extraordinários como Pelé, Zico, Ronaldo ou Neymar. Trata-se de um importante ponto de convergência entre comunicação midiática e cultura do futebol⁶.

6 Sobre isso, ver Helal (2001).

Apesar da forte ênfase metodológica da análise do discurso na leitura de textos escritos, outras técnicas de pesquisa, como a semiótica ou a análise de narrativa, podem ser empregadas na pesquisa de discursos em outros suportes, como rádio, fotografia, cinema ou televisão.

Em 2000, publiquei um artigo analisando as locuções dos narradores brasileiros da final da Copa de 1998, na França (GASTALDO, 2000). Naquela Copa do Mundo, cinco emissoras abertas brasileiras transmitiram a competição. Como as imagens eram geradas pela televisão francesa, foi relativamente simples (apesar de trabalhoso) transcrever e comparar o modo pelo qual locutores e comentaristas descreviam o que estava sendo visto em campo. No caso, a humilhante derrota brasileira. O resultado inesperado levou a uma série de mecanismos discursivos de "consolo" da audiência pelos profissionais de imprensa esportiva, sintetizada no título do artigo, *Os Campeões do Século*, retirado da fala de um comentarista: "perdemos um jogo, mas somos os campeões do século XX".

Em minha tese de doutorado, realizada em 1998 e publicada em livro alguns anos mais tarde (GASTALDO, 2002), empreguei outra abordagem comunicacional acerca do esporte, à parte do jornalismo. Analisei a representação do Brasil, dos brasileiros e do futebol nos anúncios publicitários veiculados antes, durante e depois da Copa do Mundo. Os anúncios publicitários são um objeto midiático bastante interessante para análise, por sua lógica mágica e relativamente livre de compromissos com "os fatos", sendo veículo de mitificações, metáforas e hipérboles bastante significativas.⁷

Finalmente, em termos de análise narrativa ou discursiva, eu destacaria a análise de produções de ficção, como filmes, livros e novelas em que o futebol desempenha papel de destaque. Trata-se de um objeto relativamente pouco explorado na produção ficcional brasileira, mas com ótimas possibilidades para uma leitura acadêmica. Como exemplo, cito o artigo de Melo e Knijnik (2009) em que os autores analisam a representação do futebol em dois filmes brasileiros dos anos 1980.

7 Sobre o tema, ver Rial (1998).

c) Vozes do passado: análise histórica de textos midiáticos

O ponto nodal da articulação entre comunicação e esporte parece residir no discurso jornalístico acerca dos fatos esportivos. A permanência da página impressa (ao contrário da volatilidade das ondas de rádio e TV) faz com que o recurso a jornais antigos seja muitas vezes a principal fonte de dados sobre eventos esportivos do passado. Considerando o peso que, no universo do esporte, o passado tem sobre o presente, a pesquisa de base histórica sobre o discurso da imprensa esportiva representa importante aporte metodológico para o estudo de "mitos" que representam e configuram ações no presente, mas cujo "passado mítico" está documentado na imprensa e ocorreu há menos de 100 anos.

Nas páginas dos jornais, podemos saber detalhes sobre o desempenho de Friedenreich no Campeonato Sul-americano de 1919 ou comentários sobre a derrota brasileira na final da Copa de 1950. Além do já citado debate em torno de *O Negro no Futebol Brasileiro*, outra pesquisa importante a ter dados históricos de imprensa como fundamento metodológico foi a de Simoni Guedes (1998) sobre os escritos de João Lyra Filho nos anos 1950 e o debate sobre raça e identidade nacional no Brasil. Lyra Filho, além de chefe da delegação da Seleção Brasileira na Copa de 1954, era também político e jornalista. A análise de seus textos permitiu lançar um olhar mais sofisticado para os termos do debate entre eugenia e mestiçagem na intelectualidade brasileira nos anos 1950, período em que se consolidava a ideologia do "país do futebol".

Cabe ressaltar que, como em qualquer pesquisa histórica, é necessário fazer sempre a crítica das fontes: o fato de que uma dada versão foi publicada em um jornal não implica que o fato tenha ocorrido daquela maneira, ou mesmo que tenha sequer ocorrido. O "fato" a se levar em conta é que aquela versão foi publicada naquele dia. Fatores como a orientação editorial do periódico, o momento político vivido no período e mesmo as idiossincrasias do jornalista (que, na imprensa esportiva, muitas vezes assume a torcida por determinado clube) podem influenciar decisivamente os termos com que dada versão é publicada. Destaco, nesse sentido, a

dissertação de Mestrado em Comunicação de João Paulo Teixeira (2011), acerca do histórico campeonato carioca de 1923, vencido pelo Vasco da Gama com seu time que incluía jogadores negros e mestiços. Analisando as páginas esportivas dos jornais daquele ano, Teixeira questiona várias das interpretações e narrativas de Mário Filho sobre o "racismo" do qual a equipe do Vasco da Gama teria sido vítima, contestando até mesmo dados factuais, como a narrativa de uma briga generalizada, com invasão de campo narrada (em 1947) por Mário Filho, à qual os jornais de 1923 absolutamente não fazem referência.

Outra abordagem interessante para lidar com o passado futebolístico é por meio da chamada "história oral", ou "história de vida". Técnica de pesquisa criada por historiadores, mas amplamente utilizada por antropólogos e cientistas sociais, consiste na gravação e análise sistemática de depoimentos de pessoas que vivenciaram os acontecimentos narrados em primeira mão⁸. Assim como em qualquer outra pesquisa de análise histórica, cabe sempre fazer a crítica das fontes, ainda mais em um domínio tão matizado por afetos como as lembranças do universo esportivo. Muitas pesquisas de qualidade têm sido feitas com base em entrevistas de história oral. Essa técnica é particularmente importante para trazer à tona aspectos do universo do futebol que não são publicados nos jornais, por não fazerem parte da narrativa dominante. Destaco aqui, entre outros, o trabalho de Osmar Souza Jr. e Heloisa Reis (2018) sobre as vicissitudes do futebol feminino em São Paulo, e de Luiz Carlos Rigo *et al.* (2005), sobre o que eles chamam de "futebol infame" (sem fama, esquecido) jogado nas várzeas e torneios amadores dos confins do país, nesse caso no extremo sul do Brasil. Trata-se de um trabalho meticuloso de resgate de memórias fragmentadas, que articula fotografias, bilhetes, recortes e cartazes às narrativas gravadas dos(as) depoentes. Uma arqueologia simbólica de "universos do futebol" que deixaram apenas fragmentos, mas que existiram e resistem.

8 Para uma referência clássica sobre essa técnica, ver Queiroz (1991).

Para Concluir

Este capítulo procurou apresentar a estudantes e pesquisadores de Antropologia, Educação Física e Comunicação (e Psicologia, Geografia, Educação, Letras...) elementos para pensar sobre a produtiva confluência entre essas áreas como agenda de pesquisa. Após apresentar a pertinência dos estudos no cruzamento desses temas, os três caminhos metodológicos aqui esboçados são apenas um estímulo à reflexão. Outras possibilidades são também produtivas, como pesquisas sobre a economia política da comunicação esportiva, analisando a complexa teia de relações de poder entre clubes, federações e emissoras de rádio e televisão; as relações de gênero na mídia esportiva; ou ainda, sobre as interações sociais em comunidades e blogs de torcedores na internet.

Gostaria de deixar claro o potencial de desenvolvimento teórico da convergência entre comunicação e esporte e seu caráter indisciplinar: sem pular algumas "cercas", não se avança nesse campo. Minha ressalva final seria que, apesar de não haver problema em se deixar influenciar por teorias e métodos de outros campos disciplinares, é preciso cautela e seriedade no seu emprego.

Para evitar o risco da "psicologia de botequim" em versão antropológica, sociológica, pedagógica ou histórica, é preciso mais do que um rápido passeio pelo campo alheio: é preciso tempo, leitura, trabalho duro e interlocução qualificada. A perspectiva social acerca do esporte pode permitir desenvolvimentos que iluminem tanto o que sabemos sobre o esporte quanto o que sabemos sobre a sociedade.

Referências

BERNARDET, Jean Claude. *Filmografia do cinema brasileiro, 1900-1935*: Jornal O Estado de S. Paulo. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo; Secretaria da Cultura; Comissão de Cinema, 1979.

CARDOSO, Ruth C. L. As aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: CARDOSO, Ruth (Org.). *A aventura antropológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 95-105.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2006.

CURI, Martin. *Espaços da Emoção*: arquitetura futebolística, torcida e segurança pública. 2012. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – UFF, Niterói, 2012.

DAMO, Arlei S. *Do Dom à Profissão*: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Hucitec, 2007.

DAMO, Arlei S. *Futebol e identidade social*: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

GASTALDO, Édison. As relações jocosas futebolísticas: futebol, sociabilidade e conflito no Brasil. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, 2010a. Disponível em: www.scielo.br/pdf/mana/v16n2/03.pdf. Acesso em: 2 mar. 2021. p. 311-325.

GASTALDO, Édison. Estudos sociais do esporte: vicissitudes e possibilidades de um campo em formação. *Revista Logos*, Rio de Janeiro, ed. 33, v. 17, n. 2, 2010b. p. 6-15. Disponível em: http://www.logos.uerj.br/PDFS/33/01_logos33_gastaldo_estudossociais.pdf. Acesso em: 2 mar. 2021.

GASTALDO, Édison. O complô da torcida: futebol e performance masculina em bares. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, v. 24, p. 107-123, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v11n24/a06v1124.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2021.

GASTALDO, Édison. O Fato Social Total Brasileiro: uma perspectiva etnográfica sobre a recepção pública da Copa do Mundo no Brasil. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 19, n. 40, 2013. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ha/v19n40/a07v19n40.pdf. Acesso em: 2 mar. 2021. p. 185-200.

GASTALDO, Édison. Os Campeões do Século: notas sobre a definição da realidade no futebol-espetáculo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 22, n. 1, 2000. Disponível em: www.revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/757/431. Acesso em: 2 mar. 2021. p. 105-124.

GASTALDO, Édison. *Pátria, Chuteiras e propaganda*: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo. São Paulo: Annablume; São Leopoldo: Unisinos, 2002.

GASTALDO, Édison. Ritos da Nação: uma videoetnografia da recepção coletiva da Copa do Mundo no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 31, n. 1, 2009. Disponível em: www.revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/644. Acesso em: 2 mar. 2021. p. 209-222.

GUEDES, Simoni Lahud. O povo brasileiro no campo de futebol. In: GUEDES, Simoni Lahud. *O Brasil no campo de futebol*: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: Eduff, 1998. p. 56-63.

HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antonio Jorge. *A Invenção do País do Futebol*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HELAL, Ronaldo. Mídia, Construção da Derrota e o Mito do Herói. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antonio Jorge. *A Invenção do País do Futebol*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

MARQUES, José Carlos. *O futebol em Nelson Rodrigues*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.

MARTINS, Marcel Neves. *Sala de Redação*: um estudo etnográfico das dinâmicas e estratégias de enunciação dos apresentadores. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação) – Unifra, Santa

Maria, 2007. Disponível em: <https://lapecjor.files.wordpress.com/2011/04/marcel-neves-martins.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2021.

MATTOS, Claudia. *100 anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MELO, Victor Andrade de; KNIJNIK, Jorge Dorfman. Futebol, cinema e masculinidade: uma análise de *Asa Branca*, um *Sonho Brasileiro* (1981) e *Onda Nova* (1983). *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, v. 9, n. 2-3, p. 183-191, 2009.

MELO, Victor Andrade de. O esporte: uma diversão no rio de janeiro do século XIX. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, v. 2, n. 3, p. 49-66, 2016.

MOUILLAUD, Maurice (Org.). *O Jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. *Torcidas Organizadas de Futebol: violência e auto-afirmação*. São Paulo: Vogal, 1997.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações Sobre a Técnica de Gravador no Registro da Informação Viva*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

RIAL, Carmen S. Futebol e mídia: a retórica televisiva e suas implicações na identidade nacional, de gênero e religiosa. *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política*, Niterói, v. 14, n. 1, p. 61-80, 2003.

RIAL, Carmen S. Japonês está para TV como mulato para cerveja: imagens da publicidade no Brasil. In: ECKERT, Cornelia; MONTE-MÓR, Patricia. *Imagem em Foco: novas perspectivas em antropologia*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1998. p. 1-33.

RIGO, Luiz Carlos *et al.* Memórias de corpos esportivizados: a natação feminina e o futebol infame. *Movimento*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 131-146, 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2872/1486>. Acesso em: 2 mar. 2021.

RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

SOUZA JR., Osmar Moreira de; REIS, Heloísa Helena Baldy dos. *Futebol de Mulheres: a batalha de todos os campos*. Paulínia: Autor Esporte, 2018.

TEIXEIRA, João Paulo Vieira. *1923: investigação sobre a existência de racismo no noticiário esportivo carioca*. 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – UERJ, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.ppgcom.uerj.br/teses/2011/04/files/search/searchtext.xml>. Acesso em: 2 mar. 2021.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. São Paulo: Autores Associados; Anpocs, 1996.

WINKIN, Yves. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. São Paulo: Papirus, 1998.

Amigas e irmãs: os diálogos entre a Antropologia do Esporte e a História do Esporte^{1,2}

Victor Andrade de Melo

Introdução

No Brasil, ainda que estudos históricos sobre os esportes e as diferentes práticas corporais institucionalizadas sejam realizados desde o século XIX, foi a partir dos anos 1990 que tais iniciativas melhor se estruturaram num campo acadêmico, a princípio liderado por oriundos da área de Educação Física, posteriormente por gente vinculada à História, em todos os momentos integrado por pesquisadores de várias origens disciplinares.

Certamente, tais encontros de diferentes perspectivas de investigação sempre tiveram em conta as características dos objetos de estudo, mas talvez isso tenha se dado por conta de algo menos epistemológico e mais contextual: éramos poucos e sentíamos algum preconceito com o tema no âmbito das ciências humanas e sociais; juntos, conseguimos nos fortalecer em um incrível movimento de colaboração e fraternidade³.

Naquele momento, todos nós bebemos da experiência da Antropologia do Esporte, que já estava em processo de estruturação em função

1 O diálogo com os estudos históricos apareceu pela primeira vez no GT de Antropologia dos Esportes na 23ª RBA (2002) por meio do trabalho de Luiz Carlos Ribeiro, *História e historiografia do futebol brasileiro*.

2 Boa parte das reflexões neste artigo apresentadas foram em outras ocasiões sistematizadas. Para mais informações, ver Melo *et al.* (2013).

3 Nesse ponto, gostaria de deixar minha homenagem a um dos pesquisadores que integrou esses primeiros momentos, o amigo Gilmar Mascarenhas, que nos deixou recentemente. Gilmar soube, como poucos, nos apresentar as lições da Geografia, na mesma medida em que incorporou em seus estudos os aportes advindos de outras áreas, especialmente da História e da Antropologia.

das contribuições de José Sérgio Leite Lopes e Simoni Lahud Guedes, bem como dos olhares de Roberto DaMatta, pesquisadores que, na década de 1970, pioneiramente se debruçaram sobre o futebol brasileiro a partir do arcabouço das Ciências Sociais. Da mesma forma, quando sentíamos um vazio de literatura, os estudos de Norbert Elias e Pierre Bourdieu nos serviram de porto seguro, por vezes seguro até demais, em certo momento chegando mesmo a "uniformizar" as investigações realizadas.

De toda forma, é inegável reconhecer que foram muitos os diálogos entre essas duas amigas e irmãs: História do Esporte e Antropologia do Esporte. Este artigo tem por intuito apresentar uma visão sobre tal encontro, articulando uma leitura teórica sobre o tema com a experiência pessoal de mais de 30 anos dedicados à investigação das práticas corporais.

A fim de facilitar a reflexão, o capítulo se divide em dois itens: a formação do campo acadêmico e a natureza do conhecimento. Na prática, ressalve-se, por certo é preciso considerar que são duas dimensões que a todo tempo estiveram articuladas.

A formação do campo acadêmico

No cenário internacional, a conformação do campo acadêmico da História do Esporte, cujos primórdios se encontram na transição dos anos 1960 e 1970⁴, é tributária da configuração da Nova História Cultural, proposta metodológica na qual se destacam os diálogos com a Antropologia. O fato chegou a chamar a atenção de Peter Burke, que citou o caso quando destaca o quanto as "práticas" passaram a ganhar relevância como tema de investigação histórica:

4 Em 1967 foi fundada a primeira sociedade internacional, o Internacional Comittee for History of Physical Education and Sport. Em 1973, uma nova associação é criada, a International Association for History of Physical Education and Sport. Em 1989, as duas se uniram dando origem à Internacional Society for History of Physical Education and Sport (Isheps). Nos Estados Unidos, os primeiros departamentos universitários ligados ao tema surgem nos anos 1960 e as primeiras conferências específicas são organizadas em 1971. Um grande impulso se deu com a criação da North American Society of Sport History (em 1972), que realizou sua primeira reunião anual em 1973 e desde 1974 é responsável pela edição do Journal of Sport History.

"Práticas" é um dos paradigmas da Nova História Cultural: a história das práticas religiosas e não da teologia, a história da fala e não da linguística, a história do experimento e não da teoria científica. Graças a essa virada em direção às práticas, a história do esporte, que antes era tema de amadores, tornou-se profissionalizada, um campo com suas próprias revistas, como *International Journal of History of Sport* (BURKE, 2005, p. 78).

A propósito, Burke lembra que Elias e Bourdieu, dois dos autores já citados como de grande influência nos primeiros momentos mais estruturados de investigação da história do esporte, foram também de grande importância nas definições dos rumos da História Cultural. Porém, eles não foram os únicos.

Outros nomes importantes para a Antropologia, mesmo que não *stricto sensu* originários da disciplina, tais como Michael Foucault e Mikhail Bakhtin, também influenciaram o campo de estudo. De fato, podemos argumentar que havia um trânsito de reflexões entre a Antropologia e a História que acaba por se manifestar na História Cultural e nas decorrentes "subdisciplinas" que emergiram com ela, entre as quais a História do Esporte⁵.

No cenário internacional, ainda que a História do Esporte seja uma filha da História Cultural, demorou algum tempo para se tornar mais usual o diálogo com a Antropologia. Explica-se isso pelo fato de que o primeiro relacionamento se deu com uma sociologia crítica do esporte que foi se definindo no pós-Segunda Grande Guerra e se tornou melhor materializada nos anos 1960, a partir da interlocução com o marxismo clássico ou com os teóricos da Escola de Frankfurt⁶.

Na transição para os anos 1980, o diálogo com a Antropologia se enfatizou até mesmo pela conformação de certas tendências historiográficas. Não só a História Cultural se tornou mais sólida e aceita⁷, como também se difundiram outras formas de conceber o marxismo (com destaque para

5 Para mais informações sobre autores influentes nos estudos do esporte, ver Giulianotti (2004, 2005).

6 Para mais informações, ver Edelman (1993).

7 Sobre o assunto, ver Burke (2005).

a obra de E. P. Thompson⁸ e Eric Hobsbawm) e distintas concepções do estudo da política (como proposto por René Remond⁹).

Perceba-se que dos investigadores citados por Roberta Park (1987), como pontos fulcrais da mudança no âmbito da História do Esporte, boa parte estabeleceu relações com autores do pensamento antropológico de alguma maneira: J. A. Mangan (História Cultural), Melvin Adelman (História Social), Donald Mrozek (História Intelectual), John MacAloon (Psico-história/Semiótica) e Bruce Haley (História Social e Cultural).

Há também que se ter em conta que, no decorrer da década de 1990, mais notadamente a partir dos anos 2000, influenciaram os historiadores do esporte perspectivas de investigação decorrentes dos Estudos Culturais, com destaque para os estudos de gênero e as teorias pós-coloniais. Uma vez mais foram intensos e produtivos os diálogos com a antropologia, obviamente tendo-se em conta a força que a ideia de cultura assumiu no quadro contemporâneo, algo do qual o esporte fez parte de forma denotada. Como sugere Cevasco (2003, p. 69):

A mecanização, a estandardização, a superespecialização e a divisão do trabalho, que antes determinavam apenas a esfera da produção de mercadorias nas fábricas, penetram agora em todos os setores da existência – da agricultura à recreação e, é claro, à produção cultural [...]. Nunca se produziu tanta cultura e nem tantos meios de comunicação diferentes como a partir dos anos 1960, e nem nunca ela foi tão claramente um produto feito e consumido para azeitar o funcionamento do sistema vigente.

No Brasil, o diálogo desde o início foi mais pronunciado. Como os estudos pioneiros melhor estruturados no formato acadêmico já demonstravam um denotado diálogo com a antropologia, foi esse o ponto de partida dos primeiros historiadores do esporte. Mais ainda, quando a História do Esporte começou a melhor se conformar já eram mais correntes os insights originários da História Cultural, das novas leituras do marxismo e da Nova História Política.

8 Para uma leitura de Thompson na sua relação com os temas afeitos à história do esporte, ver Melo (2010).

9 Para mais informações, ver Remond (2003).

Mais ainda, os pesquisadores da Antropologia do Esporte já estavam a estruturar iniciativas de melhor organização no âmbito da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), bem como da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), e mesmo em sociedades internacionais, como no Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (Clacso), algo que serviu de inspiração para a criação dos primeiros grupos de trabalho dedicados à História do Esporte no âmbito da Associação Nacional de História (Anpuh), na seção nacional, mas também em muitas regionais¹⁰. Não surpreende saber, a propósito, que o número de trabalhos sobre a história do esporte cresceu nos âmbitos dos Simpósios Nacionais da Anpuh exatamente quando se tornaram mais claros nesses eventos os diálogos estabelecidos com a História Cultural, algo que teve relação com os avanços da pós-graduação no Brasil:

O ambiente intelectual ou mais propriamente ideológico que envolvia a produção historiográfica brasileira, cada vez mais atrelado à produção universitária, embarreirava ou bloqueava o diálogo com estas correntes que nem sequer eram novidades, pois estavam, algumas delas, plenamente consolidadas em seus centros originais. Foi com o avanço da pós-graduação, de um lado, e a crise do regime militar, de outro, que a pesquisa histórica no Brasil pouco a pouco se abriu a estes novos campos (VAINFAS, 2009, p. 228).

O que se deve destacar é que, para além dos diálogos teóricos e metodológicos, há laços de colaboração entre os historiadores e os antropólogos de esporte; constantemente estiveram juntos em iniciativas acadêmicas de: promoção de eventos, organização de livros e periódicos, palestras e bancas. Na verdade, o que se viu gestar, especialmente no Rio de Janeiro, foi um campo profícuo de investigadores dedicados aos Estudos do Esporte, algo que se exponenciou em 2010, devido ao tema ter entrado na ordem do dia em função de o Brasil ter sediado os mais importantes eventos esportivos mundiais.

¹⁰ Para mais informações, ver Melo (2016).

A natureza do conhecimento

Como já previamente apontando, um dos elementos que induziu a um maior diálogo entre os historiadores e os antropólogos do esporte foi a exacerbação da ideia de cultura no cenário mundial. O esporte tornou-se uma das mais populares manifestações em um cenário em que "o humanismo da mercadoria se encarrega dos lazeres e da humanidade, simplesmente porque agora a economia política pode e deve dominar essas esferas como economia política" (DEBORD, 1997, p. 31).

A prática se constituiu em poderosa representação de valores, sensibilidades e desejos que permeiam o ideário e o imaginário do século XX: a necessidade de superação de limites, o extremo de determinadas situações (comuns em um cenário em que a tensão e a violência foram notáveis), a valorização da tecnologia, a consolidação de identidades nacionais, a busca de uma emoção controlada, o exaltar de certo conceito de beleza (MELO, 2006).

Nesse cenário, pode-se perceber que, no decorrer das suas décadas de configuração, houve uma tendência de forjar uma história do esporte mais etnográfica, mais multilateral e multifocal, menos sustentada na perspectiva dos grandes acontecimentos e de heróis (que também passaram a ser encarados como representações), mais focada nas suas manifestações do cotidiano e na ação dos indivíduos.

Nesse processo, emergiram as preocupações com o simbólico, por vezes até mesmo de forma excessiva, relativamente abandonando-se as perspectivas da história social ou história econômica (algo que tem sido retomado recentemente). Estamos argumentando, portanto, que, mais do que diálogos com certos autores da antropologia, percebe-se uma maior proximidade metodológica, com as devidas ressalvas e particularidades, entre a História e a Antropologia do Esporte.

Em uma mediação estabelecida, em muitas ocasiões via questões de reflexão da História Cultural (mesmo quando as abordagens se dedicavam mais à História Política, algo que teve a ver com os já citados diálogos com a Nova História Política, ou mais à História Social, a partir das searas abertas pelas novas leituras do marxismo), é possível indagar: nesse processo, quais

foram os principais aportes conceituais/temáticos que aproximaram História e Antropologia do Esporte?

Um dos conceitos-chave que se deve ter em conta para responder a essa questão é o conceito de representação. Trata-se de uma noção central da História Cultural, muito utilizada nas últimas décadas, por vezes de forma apressada¹¹. Para Sandra Pesavento (2007):

A representação, no âmago de seu entendimento – “estar no lugar de” –, já apresenta em si uma condição basculante e de imprecisão, pois assinala uma relação ambivalente e ambígua entre ausência e presença. Ambivalente porque a representação é tanto exposição e presença quanto ausência e referência a um outro distante. É, pois, ser e não ser, ou, no limite, é ser ela mesma e ser um outro. E, neste ponto, revela-se a sua ambiguidade, ou seja, a insinuação de um deslizamento de sentido e de uma manifestação de uma terceira ideia/ser oculto. *Twilight zone*, sem dúvida, que joga com uma triade: o referente, a imagem e o significado. Ora, sendo o texto histórico representação, ele pretende trazer informações sobre uma realidade exterior. No caso, um referente que já não mais existe e que não pode ser sujeito à verificação. Isto passa a se tornar problema quando se tem em conta que a narrativa histórica é um tipo especial de representação, porque estabelece um pacto com a verdade (PESAVENTO, 2007, p. 3).

Usando um termo já consagrado por Roger Chartier (1990), tratar-se-ia de entender os nossos objetos entre as práticas e as representações. O historiador do esporte, ao estabelecer o diálogo com a antropologia, estaria interessado em entender como o fenômeno é mobilizado para os mais distintos fins, pelos mais diferentes agentes que ao seu redor interagem; que sinais, signos e símbolos são à manifestação esportiva atribuídos de acordo com as intencionalidades e desejos dos envolvidos.

Essa utilização do conceito nos estudos históricos do esporte se concretiza na investigação de vários temas, já levantados em livro por mim organizado em conjunto com João Santos, Mauricio Drumond e Rafael Fortes¹². Aqui os reproduzo na íntegra, com algumas poucas adaptações.

11 Para uma discussão sobre o uso do conceito na historiografia brasileira, ver Capelato e Dutra (2000).

12 Ver Melo *et al.* (2007).

Identidades nacionais

Como o esporte tem sido mobilizado por diferentes agências de poder, não necessariamente governamentais, para a construção de representações de nacionalidade? Como isso nos permite refletir sobre as tensões políticas e os projetos de país em debate? De que maneira as competições internacionais e os atletas e equipes que delas participam são mobilizados em relação à identidade nacional?

Relações de grupos sociais

De que forma a performance dos esportistas – bem como a prática esportiva do dia a dia – envolve questões como as de gênero, etnia, raça, geração, religiosidade, migração? Que parâmetros de masculinidade e/ou feminilidade são reforçados e/ou contestados a partir de sua associação ao desempenho de indivíduos, grupos e modalidades? De que maneira o esporte funciona como uma arena para manifestações de racismo e homofobia e, ao mesmo tempo, como palco para a luta contra tais preconceitos? Como as situações de violência no âmbito esportivo ajudam a entender a violência social e vice-versa? Como as elites mobilizam práticas corporais de forma a construir símbolos de status e distinção? Como as classes sociais se apropriam do esporte, tanto como estratégia direta de contraposição quanto como forma de gestação de um modo de vida próprio?

Diálogos de linguagens

Como o esporte tem sido representado pelas diversas linguagens artísticas e como tal representação ajuda a entender a própria prática, a arte e um certo quadro social? Como se estabeleceram diálogos intersemióticos entre o esporte e outras linguagens?

Apropriações

Em que medida produções variadas – textos, crônicas, fotografias, artes plásticas, pôsteres, campanhas publicitárias, blogues, comunidades e fóruns de discussão na internet, pinturas em muros e ruas em época de Copa do Mundo, indumentária e, claro, esta instância privilegiada de construção de representações chamada jornalismo esportivo – dialogam e contribuem para as apropriações individuais e coletivas do esporte? E, inversa e dialogicamente, de que maneira essas apropriações e representações informam, constroem e tensionam as produções sobre o fenômeno esportivo?

Nesses estudos, são mobilizados vários conceitos oriundos da antropologia, em geral mediados pelas perspectivas da História Cultural. Mesmo as distintas adjetivações da cultura têm sido muito utilizadas pelos historiadores do esporte, noções como as de cultura de classe, subcultura, cultura popular, cultura política, cultura do consumo, entre outras. Em decorrência disso, há uma série de outros conceitos que têm se mostrado úteis, tais como: circularidade, discurso, estrutura de sentimentos, hegemonia, hibridismo, identidade, memória, mito, modernidade, polifonia, representação, ritual, simulacro, tradição inventada e tribo urbana.

Conceitos como os de construção, invenção e imaginação têm sido particularmente pertinentes nos estudos históricos do esporte em função da grande presença social do fenômeno, bem como de sua conexão com muitos outros temas da economia, da política e da cultura. Há que se ter em conta o fato de que lidamos com um tema muito transespacial e transtemporal. Percebe-se a estruturação do fenômeno (ou de fenômenos correlatos) em muitos distintos períodos históricos e espaços. Ele sempre atende a duas dimensões: uma base universal e uma leitura local, dimensão importante para entender sua peculiaridade e popularidade.

Historiadores do esporte se dedicam a desvelar a mobilização de símbolos que existem ao redor dessa grande presença do objeto. Em seus esforços, interpretam a produção de memórias e a construção de narrativas, algumas até mitológicas, não poucas vezes relacionadas à própria dinâmica de uma prática na qual algumas ideias são muito enfatizadas, por exemplo, heroísmo, entrega e superação.

Para prospectar a materialidade dessas representações, historiadores do esporte também dialogam com a antropologia no que tange às fontes a serem utilizadas. Como se desenvolve uma tentativa de uma história mais etnográfica, o desafio passa a ser buscar indícios que permitam melhor perceber o cotidiano. Se num primeiro momento, os documentos governamentais eram os mais usados, a partir das provocações da História Cultural descortinam-se suas limitações.

Assim sendo, na impossibilidade de um "trabalho de campo" à moda antropológica, o historiador se vale de outros recursos. Por exemplo, o uso de jornais e revistas permite acessar outras facetas do fenômeno, ainda mais tendo em conta que a prática ocupou espaço constante nos meios de comunicação desde o século XVIII.

A propósito, isso tem levado alguns pesquisadores a trabalhar com outras mídias, como rádio, televisão e cinema. Obviamente, não se considera uma fonte mais ou menos verdadeira do que outra, mas percebem-se as diferentes representações veiculadas em cada uma, sempre a partir do uso da crítica interna e externa de indícios, isso é, identificando a natureza e o perfil do emissor e do veículo, a expectativa de apreensão e, quando possível, o que não é muito fácil, a ressignificação por parte do público-alvo.

Tendo em conta os limites impostos, uma das estratégias tem sido trabalhar com a literatura ou com memórias, descortinando novas representações do esporte nesse material. Da mesma forma, documentos como processos policiais podem trazer uma certa visão sobre a prática não contida em outros tipos de documentação oficial. Enfim, as provocações da antropologia acabam por estabelecer como desafio a busca de outros indícios que nos permitam múltiplas aproximações com o tema.

Deve-se ainda ter em conta que essa perspectiva de investigação aproximou os historiadores do esporte de outros campos de pesquisa que foram melhor se delineando no âmbito das propostas da História Cultural. Pelo menos quatro grandes trilhas têm sido percorridas com frequência, com assuntos que merecem referência por serem também usualmente investigados na Antropologia e na Antropologia do Esporte:

Corpo

A reflexão sobre as mais distintas performances corporais e do trato do corpo no âmbito de nossos objetos de investigação (as práticas corporais institucionalizadas).

Política

A abordagem do esporte como valorosa representação das dimensões culturais da política, sejam de caráter macro – estruturadas em projetos de governo e/ou de Estado –, sejam de caráter micro – conformadas como mecanismo cotidiano. Destaca-se a tendência de tratar o tema não somente como imposição de um lado mais poderoso sobre outro mais fraco, mas também como negociação e resistência, sem negar os desníveis de poder.

Violência

Como a prática dramatiza padrões de permissão ou contenção de violência nos diferentes cenários, em tempos e espaços distintos.

Emoções

A construção de posturas públicas e privadas relacionadas a um objeto que sempre se estabeleceu como excitabilidade possível, ainda que muito regulada.

Esses são, na verdade, apenas alguns exemplos que bem ilustram como têm sido férteis, como procuramos demonstrar neste artigo, as aproximações entre a Antropologia do Esporte e a História do Esporte. Na verdade, destacamos as contribuições da primeira para a segunda, mas não temos dúvida de que também os estudos antropológicos ganharam muito com os

estudos históricos desenvolvidos. Amigas e irmãs, suas contribuições foram, são e oxalá seguirão sendo mútuas.

Referências

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CAPELATO, Maria Helena Rolim; DUTRA, Eliana. Representação política. O reconhecimento de um conceito na historiografia brasileira. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (Orgs.). *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papirus, 2000. p. 227-249.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

EDELMAN, Robert. Socialism and spectator sports (Marxism, sports, and popular culture – theoretical debates and approaches). In: EDELMAN, Robert. *Serious fun*. A history of spectator sport in the URSS. Nova York: Oxford University Press, 1993. p. 3-25.

GIULIANOTTI, Richard (Org.). *Sport and modern social theorists*. New York: Palgrave Macmillan, 2004.

GIULIANOTTI, Richard. *Sport: a critical sociology*. Cambridge: Polity, 2005.

MELO, Victor Andrade de. *Cinema e esporte: diálogos*. Rio de Janeiro: Aeroplano/Faperj, 2006.

MELO, Victor Andrade de et al. *Pesquisa Histórica e História do Esporte*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

MELO, Victor Andrade de. Lazer, modernidade, capitalismo: um olhar a partir da obra de Edward Palmer Thompson. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 45, p. 5-26, jun. 2010.

MELO, Victor Andrade de. O trato do esporte nos simpósios da Associação Nacional de História (ANPUH). *Recorde: Revista de História do Esporte*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 1-17, jun. 2016.

PARK, Roberta J. Sport History in the 1990s: Prospects and problems. In: SAFRIT, Margaret J.; ECKERT, Helen M. *The cutting edge in Physical Education and exercise science research*. Champaign: Human Kinetics, 1987. p. 96-108.

PESAVENTO, Sandra. Apresentação do dossiê História Cultural e multidisciplinaridade. *Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*, Uberlândia, v. 4, n. 4, p. 1-5, out./dez. 2007.

REMOND, René (Org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

VAINFAS, Ronaldo. História cultural e historiografia brasileira. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 50, p. 217-235, jan./jun. 2009.

“O corpo não traslada, mas muito sabe”¹: refletindo sobre construção de corporalidades na Antropologia dos Esportes no Brasil²

Cilene Lima de Oliveira

Introdução

Quando fui convidada a escrever este capítulo sobre as temáticas da corporalidade e da Antropologia do(s) esporte(s) e suas mútuas contribuições, imediatamente comecei a organizar, mentalmente, os trabalhos brasileiros que conheço a respeito desses temas (especificamente falando sobre a presença dos estudos sobre construção de corporalidades³ nos estudos sociais do esporte). Comecei a me dar conta de que não eram muitos, mas que essa lacuna, que eu havia apontado na minha dissertação três anos atrás, vinha sendo preenchida. Eu coloco a palavra esportes com o “s” entre parênteses para destacar a pluralidade dessas práticas. Então, aqui, quando ressalto essa lacuna, o faço para localizar a pontualidade com que os estudos sociais dos esportes foram sendo ancorados no futebol, até pouco tempo atrás.

Isso, do meu ponto de vista, achou, por algum período, as possibilidades de alargamento dos estudos sobre corpo na Antropologia dos

1 Frase de Guimarães Rosa, em *Grande sertão: veredas*.

2 O tema da corporalidade apareceu pela primeira vez no GT de Antropologia dos Esportes na 23ª RBA (2002) por intermédio do trabalho de Ana Maria de Souza, *A construção da corporalidade em mulheres surfistas*.

3 Quando me referir aqui à “construção de corporalidades”, estarei evidenciando a presença de referenciais sobre corpo (o que pode estar relacionado a diferentes aspectos como: emoções, gênero, dor, envelhecimento, sofrimento etc.). Isso inclui, por exemplo, conceitos como o de técnicas corporais, *habitus*, *performance*, *selves*, dentre outros.

Esportes, sobretudo no Brasil, uma vez que, a maioria dos trabalhos sobre futebol investia pouco sobre a construção de corporalidades, investindo mais em questões como identidade nacional, torcidas organizadas e violência nos estádios, por exemplo. Embora já na década de 1990 houvessem publicações sobre o tema, como o livro *Jogo de Corpo*, de Simoni Lahud Guedes (1997), pioneira e fundadora da Antropologia dos Esportes no Brasil. Nessa produção, a autora discorre longa e generosamente sobre a questão do corpo, no entanto, me parece que "corpo" ou "corporalidade" ficavam, na maior parte das vezes, de fora da maioria das reflexões nas pesquisas sobre esportes, incluindo os trabalhos produzidos sobre o futebol (que eram a maioria), nessas últimas décadas.

Nesse exercício reflexivo em que me debrucei, recordei de um Grupo de Trabalho (GT) elaborado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), que aconteceu em Brasília no final de 2018 e que, embora a maior parte dos trabalhos ainda versasse sobre futebol, teve uma sessão inteiramente organizada para comportar os trabalhos que se dedicavam especificamente à questão do "corpo" ou das "construções de corporalidades". A presença dessa sessão com variadas pesquisas sobre diferentes esportes (vôlei, natação, escalada, malha, ultramaratonas) não apenas enriqueceu o GT, como também apontou para uma significativa contribuição da presença da Antropologia dos Esportes nos espaços de circulação de saberes antropológicos, dados os ricos debates possibilitados.

Nesse mesmo evento, eu participei também do Grupo de Trabalho de Antropologia da Saúde. Neste, agora não mais como proponente, mas como ouvinte, coloquei a questão do esporte para os debatedores como participe das reflexões sobre corpo, saúde e políticas públicas. Ao que coloquei a reflexão e apontei para ausência da discussão sobre esporte naquele espaço, os interlocutores concordaram que aquela era uma questão interdisciplinar que não se apartava da temática ali proposta e que, de fato, a ausência de algum trabalho sobre ou a partir de uma prática esportiva indicava um espaço que poderia ser preenchido.

Descrevo essa situação para sublinhar duas coisas importantes: a primeira para apontar a importância de pensarmos a temática da corporali-

dade como uma temática complexa que não apenas se expande para outras linhas de reflexão (como a Antropologia da Saúde, por exemplo), como também se entrelaça dialeticamente no sentido teórico das reflexões, isto é, há muitas imbricações a falar sobre corpo que não somente a clássica revisão referenciada nas "técnicas corporais" (MAUSS, 1974) (como melhor se discutirá adiante). A segunda coisa que essas ocasiões me proporcionaram observar foi que a correlação entre construções de corporalidade e esportes ainda era vista como um tema menos relevante por outras linhas de reflexão que muito se aproximam dos subtemas que esse assunto comporta, como a questão da saúde. Esse fato reforça ainda mais a importância da consolidação da Antropologia dos Esportes nos espaços de discussão antropológica.

Ainda no mesmo mote de retomar o estado da arte da confluência da temática da corporalidade com a Antropologia dos Esportes, vejo que é relevante dizer que, embora eu tenha me lembrado da mais recente Reunião Brasileira de Antropologia para ressaltar a inserção do eixo temático sobre corpo no grupo de trabalho sobre esportes, a inclusão desse eixo nos GTs desse evento (mais particularmente o GT Antropologia dos Esportes) já podia ser percebida desde a 23ª RBA (Embora, nessa reunião e nas subseqüentes, os grupos ainda apresentavam predominância de trabalhos sobre futebol na perspectiva apontada anteriormente, ou seja, com pouquíssimas reflexões sobre as corporalidades)⁴.

Eu, particularmente, venho me dedicando à temática da corporalidade de forma mais engajada desde a construção de minha dissertação, intitulada *Aventura, Performance, Sofrimento: construção de corporalidades em Esportes de Aventura*. Desde então todos os meus trabalhos estão sob a égide dos estudos sobre o corpo. O que ampara e referencia meus trabalhos são meus interesses em investigar o papel, usos e os significados que os interlocutores conferem aos seus corpos nos esportes que venho pesquisando. Hoje, no doutorado, a minha pesquisa trata sobre a relação entre corpo e mente, dores, sofrimentos e limites corporais em ultramaratonas, que são corridas pedestres com distâncias superiores aos 42km 195m

4 Essa revisão pode ser acompanhada no site da Associação Brasileira de Antropologia, com as informações sobre os Grupos de Trabalhos nas RBAs.

oficiais da maratona. Nesse sentido, minha participação neste livro será apresentar o estado da arte da temática da construção de corporalidades e sublinhar intersecções relevantes dentro dessa temática a partir de sua inserção nos fenômenos sociais que são as práticas esportivas e, por sua vez, articular essa reflexão ao diálogo estabelecido nos trabalhos e Grupos de Trabalhos (focando um pouco mais nas reuniões da Associação Brasileira de Antropologia) em que esse campo toma forma, de modo que aqui aponto as dialéticas maneiras de alimentá-lo.

Além disso, minha inserção na temática busca compreender a corporalidade a partir da perspectiva de que ela é uma construção constantemente em mutação. Ainda que eu recorra, por exemplo, ao conceito de *habitus* (BOURDIEU, 1983, 2001) e fale de uma estrutura, estruturada e estruturante, das práticas dos sujeitos, assume-se que as práticas estão sujeitas não apenas aos seus respectivos contextos, mas que estão constantemente sendo moldadas pelos indivíduos. Também compete dizer que falar sobre corporalidade engloba investigar interseccionalmente subtemas, como: emoções, gênero, performances, consumo, envelhecimento, dor, saúde etc.

Assim, falarei da noção de corporalidade tentando aprofundar suas interlocuções e articulações com os supracitados subtemas, importantes e recorrentes, que, ao aparecerem nos trabalhos dentro dos grupos que pesquisam esporte, acrescentam camadas de análises frutíferas não apenas para a Antropologia dos Esportes, mas que, no caminho de volta, acabam proporcionando novas reflexões sobre eles mesmos e, a partir daí, possibilidades de construção de novas teorias da análise social.

Corporalidade: um conceito guarda-chuva

Falar sobre as contribuições do tema da corporalidade na Antropologia dos Esportes certamente nos impulsiona a falar de conceitos como o de *habitus*, técnicas corporais, *self*⁵, *performance*, dentre outros. Quero

5 Para mais aprofundamento sobre o conceito de *self*, ver os trabalhos de Luiz Fernando Dias Duarte (1998) e Mary Jane Spink (2011). Os demais conceitos que utilizo como exemplos-chave dentro dos estudos sobre

deixar claro que isso não nos *obriga* a tal dissertação. Existem muitos outros conceitos que podem aparecer nos trabalhos que se dedicam ao tema da corporalidade na Antropologia dos Esportes, mas me sinto inclinada a dialogar com esses conceitos porque pavimentam a maior parte das pesquisas que referenciam os trabalhos dentro da temática aqui discutida, tanto no Brasil, quanto fora dele.

Nesse sentido, quando me deparo com trabalhos como o de Loïc Wacquant (2002), Bourdieu (1983, 2011), Guttman (1978), ou mais localmente com os trabalhos de Simoni Guedes (1997), Luiz Fernando Rojo (2009, 2012), Alan Camargo Silva (2014), Leonardo Turchi (2013), Mônica Araujo (2011), Ingrid Fonseca (2015), Marília Bandeira (2012), Édison Gastaldo e Braga (2011) e Arlei Damo (2007), só para citar alguns exemplos, me deparo também com os conceitos que mencionei aqui. Se não todos os conceitos, a maioria deles. No entanto, não me deterei aqui a explicar cada um deles, mas a sublinhar e enfatizar a complexidade de falar de construção de corporalidade e evidenciar a contribuição de tratar, dentro do campo dos estudos sociais do esporte, esses conceitos. Isto é, falar de construção de corporalidade, além de admitir falar de *habitus*, técnicas corporais, *self*, *performance* etc., é também falar de como essa temática se coloca em um lugar epistemológico muito extenso. Da mesma maneira, falar de corpo não é somente falar de construção de corporalidades, mas envolve também processos de construção de conhecimentos de forma pendular. O lugar epistemológico desse tema é o espaço da construção de conceitos que ou surgiram a partir do corpo ou por causa dele.

Então eu posso falar sobre *habitus*⁶, para discutir sobre como esse conceito atribui aos estudos da construção de corporalidade nuances e camadas de interpretação que descongelam o próprio conceito, que podem amplificá-lo. Eu dizia, na minha dissertação, que o *habitus* podia ser completamente recriado naquele contexto em que eu estudava esportes de aven-

construção de corporalidades estão sendo referenciados à medida que aparecem neste texto.

6 O conceito de *habitus* definido por Bourdieu pode ser entendido como “estruturas estruturantes”, “esquemas de percepção, apreciação e ação adquiridos pela prática e colocados em obra no estado prático” (BOURDIEU, 1983, p. 151).

tura⁷. Essa recriação do *habitus* se dava à medida que meus interlocutores estilizavam suas performances. Para esses processos eu usei a expressão "performatividades esportivas", para tomar de empréstimo um termo de Judith Butler (2002, 2006). Essas performatividades constituíam-se, naquele contexto, de combinações de atos treinados com a subjetividade do atleta.

Desse modo, aquilo que chamamos performance, agora de maneira reconfigurada, nos permite estabelecer uma cisão entre o conceito de performance esportiva (muito relacionado à mensuração, à racionalização de resultados, ao rendimento etc.) e os conceitos de performance elaborados pelos estudos da performance na Antropologia (sobre os quais se debruçaram inicialmente autores como Victor Turner (1966, 2005, 1968, 1974, 1975, 1985, 1987), Goffman (1959, 1967) e Richard Schechner (1977)). Dessa maneira, cito um trecho de minha dissertação, na qual pontuo que:

Essa cisão, do meu ponto de vista, acontece porque comumente as *performances* esportivas ficam alocadas ao domínio de uma técnica, com ênfase ao termo domínio, embora Mauss tenha elaborado que as técnicas corporais sejam socialmente construídas. A proposição de que a forma como estas técnicas são transmitidas constitui o "tríplice ponto de vista", o do "homem total" (MAUSS, 1974, p. 405), pode contribuir para a separação entre o domínio da natureza e o da cultura, ainda que ambos se construam mutuamente. Essa proposição é consonante com o conceito de *habitus*, já previamente posto por Mauss. Fazendo um breve paralelo com os estudos de gênero, para retomar minha posição em relação à proposição de Butler (2002, 2006), poderíamos dizer que o conceito de *habitus* parece se aproximar da maneira como Simone de Beauvoir elaborou seu conceito de gênero quando se referindo ao mesmo como construção cultural sobre sexo, este funcionando como uma categoria quase essencialista ou metafísica. O conceito de sexo/gênero de Beauvoir está para o conceito de técnicas corporais em Mauss, assim como a desconstrução do conceito de sexo e gênero em Butler, está para o conceito de performatividade esportiva, como proponho aqui. [...] A maneira como essas concepções são

7 Aqui utilizarei o trabalho etnográfico que realizei com corridas de aventura como exemplo para apontar a presença dos conceitos que venho destacando, para dissertar sobre como falar sobre corporalidade abarca muitos conceitos (que se estendem para inúmeras perspectivas temáticas: emoções, dor, envelhecimento, sofrimento etc.).

construídas expõe o corpo como "matéria-prima de inscrição simbólica e de materialização da cultura, locus privilegiado de análise do sujeito social." (PERUCHI, 2007, p. 91). Para Butler (2002), no entanto, os corpos não são superfícies de inscrições, mas a materialização das produções discursivas (OLIVEIRA, 2016, p. 76-77).

Ainda para exemplificar essas questões avanço um pouco mais no caso etnográfico que mencionei anteriormente para apontar como esses vários conceitos citados vão sendo trabalhados, reconfigurados e postos à reflexão nos respectivos contextos empíricos. Assim, as performatividades esportivas a que me referia em relação aos praticantes de esportes de aventura, interlocutores do meu trabalho, estão ligadas ao que eles chamam de *pace*. O *pace* é o ritmo empreendido pelo atleta durante a corrida, ou seja, é uma relação entre o tempo e a distância percorrida, formando, assim, a velocidade média do corredor. Por exemplo, se um atleta corre 1 km em 6 minutos, significa que seu *pace* é 6 min/km, quanto mais alto é o *pace* menor é a velocidade média do corredor, significa que ele correu uma determinada distância em um tempo maior. No entanto, o que pode parecer extremamente matemático e mensurável é, na verdade, uma significação muito mais ampla dentro do corolário de técnicas participantes da construção de corporalidade dos atletas em questão. O *pace* é uma categoria que implica toda uma significação do *self* dentro desse campo esportivo.

Uma situação de campo é bem explícita para ilustrar o que estou querendo dizer. Eu estava, certo dia, na orla da praia de Copacabana, junto aos meus interlocutores; havíamos terminado um treino e conversávamos descontraidamente enquanto nos preparávamos para ir embora, quando, na ciclovía, passou uma criança, de no máximo quatro anos, trajando bermuda, camiseta e um capacete, montada em uma bicicleta e pedalando vigorosamente, ao passo que todos os atletas olhavam a cena, até que um deles comentou: "Aí, Ed: futuro namorado da Laurinha" (filha desse professor). Ele, imediatamente, respondeu: "É! Pra namorar minha filha eu vou ter que perguntar: 'qual é o teu *pace*?'". Eu notava ali que o *pace* denotava não apenas a racionalização de números e resultados, mas que constituía uma identidade dentro da construção da *performance* dos atletas e que, portan-

to, participava da construção de suas corporalidades de modo distintivo. Em miúdos, o *pace* não denotava uma competição entre os atletas em questão, como uma forma de estabelecer uma linha entre os mais rápidos ou melhores corredores. Perguntar "qual é o teu *pace*?" denota incluir na resposta inúmeros significados para além da contagem do relógio. Quando os atletas, por exemplo compartilhavam seus *paces* entre si, conversando sobre eles, isso era um modo de apresentação diante de outros atletas, apresentar sua experiência enquanto sujeitos "da própria prática e uma forma também de marcar estas *performances* como uma formação de seus *selves*" (OLIVEIRA, 2016, p. 84).

Estou buscando, com esse exemplo etnográfico, apontar para a variabilidade de conceitos (no exemplo que usei aparecem: performance, *habitus*, técnicas corporais, *selves*) que podem surgir para contribuir para a narrativa analítica sobre construção de corporalidades. Embora eu use um exemplo pontual de minha pesquisa anterior, posso afirmar que em outros trabalhos, de autores que já citei e de outros que se apropriam da temática do corpo e do esporte, essas configurações e reconfigurações sobre os mesmos conceitos também compõem boa parte das atenções teóricas a que se dedicam os pesquisadores. Isso não significa dizer que tais conceitos sejam os únicos a serem evocados quando falamos de corporalidade, apenas quis deixar registrada a maneira como a noção de construção de corporalidade abarca muitos outros conceitos e que muitos deles insistem em configurar a lista daqueles "conceitos básicos", ou embrionários, nos trabalhos dentro do escopo "corpo e esporte". Ou seja, é por causa desse abarcamento que trato aqui da corporalidade como um conceito guarda-chuva.

Ainda, para além disso, a temática da corporalidade também revela, como mencionei anteriormente, uma complexidade que expressa grande variabilidade de subtemas, ou abordagens temáticas, atreladas a ela. Compete, então, destacar que temas como emoções, dores, sofrimento, gênero estão completamente articulados às possibilidades e perspectivas nos estudos sobre o corpo. Na Antropologia dos Esportes no Brasil é possível observar isso nos trabalhos dos supracitados autores (Bandeira, Guedes, Gastaldo, Silva, Rojo, Fonseca), e, mais atualmente, autores como Marcos Silbemann (2014) e Mariane Pisani (2018).

Ainda nessa intenção, me lembro de uma pergunta que levantei em minha dissertação (quando discutia sobre a significação do que é "esporte") e que ficou posta da seguinte maneira:

Não importaria, mais do que saber se tal e tal atividade se constitui um jogo, um esporte ou uma brincadeira, identificar os elementos que a constituem como algo singular? A pergunta, então, poderia se transformar em "o que esta prática pode dizer sobre o que se convencionou chamar jogo, esporte ou brincadeira e em que medida ela pode contribuir para flexibilizar estes conceitos?" ao invés de "o que é esporte?" ou "isto é esporte?" (OLIVEIRA, 2016, p. 31).

Neste momento eu faria essa pergunta novamente com a seguinte complementação: em que medida as práticas corporais estudadas por diversos autores contribuem para refletir aspectos sociais importantes como aqueles expostos nos conceitos de *habitus*, técnicas corporais, recrutados para pensar as corporalidades no esporte? São perguntas sempre com volta. Há uma flexão em perguntar para a noção de construção de corporalidade como ela ajuda a pensar o esporte, e perguntar ao esporte como ele ajuda a pensar as noções de construção de corporalidades.

Em outras palavras, estou querendo dizer que, quando recorro a diversos conceitos e temas abarcados pela construção da noção de corporalidade, estou estabelecendo uma dialética profícua não apenas para a Antropologia dos Esportes, mas para a própria Antropologia. Então, por exemplo, quando falo de performatividade e recorro à Butler para isso estou apontando que para se falar de corporalidade recorreremos a diversas linhas de pesquisa, como na perspectiva que tem sua imputação nos estudos de gênero, que é o contexto em que se insere o trabalho desta autora.

Além disso, ao falar ainda desse mesmo exemplo conceitual, ou seja, o de performatividade, estou aqui problematizando ideais regulatórios implícitos na construção da noção de práticas esportivas ou, mais especificamente, do que se convencionou chamar de *performances esportivas* (no sentido da utilização de termos como "alto-rendimento" ou "desempenho"). É aí que acredito residir a espinha da reflexão inicialmente pontuada: colocar

essas questões em suspeição a partir de ou por causa das pesquisas que residam nos estudos dos esportes enquanto fenômenos sociais permite compreender a relevância desses trabalhos, uma vez que falar de esporte requer indissociavelmente falar de corpos e seus usos, bem como dar luz às diversas manifestações dos indivíduos nos seus contextos e, conseqüentemente, às várias formas de elucidar o que temos chamado de cultura, aos diferentes conceitos fundantes, como os de indivíduo, sociedade e da noção de pessoa, por exemplo.

Procurei, já concluindo esta sucinta explanação, sublinhar como a temática da corporalidade, ao abarcar muitos conceitos, os quais tentei ilustrar com exemplos mais específicos, amplifica e enriquece os estudos sociais do esporte e como ela alimenta e é alimentada pela Antropologia, mais particularmente a Antropologia dos Esportes. Busquei, também, apontar para o fato de que a criação dos eixos temáticos sobre corpo nos Grupos de Trabalhos sobre esporte, nos eventos realizados pela Associação Brasileira de Antropologia, contribuiu significativamente para o alargamento e aprofundamento das questões em torno do corpo. A presença desse eixo temático não apenas revelou que a maior parte dos estudos que eram voltados para o futebol debruçava-se pouco sobre o tema aqui apresentado, como também possibilitou conhecer as diversas pesquisas sobre outros esportes e suas vastas contribuições para os estudos sobre construção de corporalidade e para as diferentes abordagens e perspectivas correlacionadas.

Referências

ARAUJO, Monica da Silva. *O corpo atlético da pessoa com deficiência: uma etnografia sobre corporalidade, emoção e sociabilidade entre nadadores paraolímpicos*. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.

BANDEIRA, Marília Martins. No *galejo da remada*: estudo etnográfico sobre a noção de aventura em Brotas, SP. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, Pierre: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-153.

BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan*: sobre os limites materiais y discursivos del “sexo”. Buenos Aires/ Barcelona; México: Paidós, 2002.

BUTLER, Judith. *Deshacer el género*. Barcelona: Paidós, 2006.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão*: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Hucitec; Anpocs, 2007.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Investigação antropológica sobre doença, sofrimento e perturbação: uma introdução. In: DUARTE, Luiz Fernando Dias; Leal, Ondina Fachel (Orgs.). *Doença, Sofrimento, Perturbações*: perspectivas etnográficas. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 1998. p. 9-27.

FONSECA, Ingrid. *Sociabilidades no clube de malha*: perspectivas antropológicas sobre jogo, masculinidade e envelhecimento. 2015. 242 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

GASTALDO, Édison; BRAGA, Adriana Andrade. Corporeidade, esporte e identidade masculina. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 875-893, 2011.

GOFFMAN, Erving. *Interaction ritual*. Garden City, NY: Doubleday, 1967.

GOFFMAN, Erving. *The presentation of self in everyday life*. Garden City, NY: Doubleday, 1959.

GUEDES, Simoni Lahud. L. *Jogo de corpo*: estudo de construção social de trabalhadores. Niterói: Eduff, 1997.

GUTTMANN, Allen. *From Ritual to Record*. New York: Columbia University Press, 1978.

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Anthropologia*. PUF, [1936] 1974. p. 368-369.

OLIVEIRA, Cilene Lima. *Aventura, performance e sofrimento*: construção de corporalidades em esportes de Aventura. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

PISANI, Mariane da Silva. “Sou feita de chuva, sol e barro”: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – USP, São Paulo, 2018.

ROJO, Luiz Fernando. Borrando los sexos, creando los géneros: construcción de identidades de género en los deportes ecuestres en Montevideo y Río de Janeiro. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, Brasília, v. 6, n. 2, 2009. Disponível em: <http://www.vibrant.org.br/issues/v6n2/luiz-fernando-rojoborrando-los-sexos-creando-los-generos/>. Acesso em: 3 mar. 2021.

ROJO, Luiz Fernando. “Vivendo ‘nu’ paraíso”: comunidade, corpo e amizade na Colina do Sol. Rio de Janeiro: Dígrafo Produção de Mídias Ltda, 2012.

SCHECHNER, Richard. *Performance Theory*. New York; London: Routledge, 1977.

SILBERMANN, Marcos. *No limiar do humano*: doping e performance esportiva em perspectiva antropológica. 2014. 180 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SILVA, Alan Camargo. “Limites” corporais e risco à saúde na musculação: etnografia comparativa entre duas academias de ginástica cariocas. Rio de Janeiro: UFRJ; Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, 2014.

SPINK, Mary Jane P. Pessoa, indivíduo e sujeito: notas sobre efeitos discursivos de opções conceituais. In: SPINK, Mary Jane P.; FIGUEIREDO, Pedro; BRASILINO, Jullyane (Orgs.). *Psicologia social e personalidade*. Rio de Janeiro: Biblioteca Virtual de Ciências Humanas do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2011. p. 1-22.

TURCHI, Leonardo. Corpo, envelhecimento e desengajamento esportivo: notas sobre o voleibol de alto rendimento. In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL, 10., 2013, Córdoba. *Trabalho apresentado [...]*. Córdoba: UNC, 2013.

TURNER, Victor. *Floresta dos símbolos: aspectos do ritual Ndembu*. Niterói: EdUFF, [1967] 2005.

TURNER, Victor. *On the edge of the bush: Anthropology as experience*. Tucson: Arizona University Press, 1985.

TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, [1969] 1974.

TURNER, Victor. *Revelation and divination in Ndembu ritual*. Ithaca: Cornell University Press, 1975.

TURNER, Victor. *Schism and continuity in an african society*. Manchester: Manchester University Press, [1957] 1996.

TURNER, Victor. *The Anthropology of Performance*. Nova York: PAJ Publications, 1987.

TURNER, Victor. *The drums of affliction: a study of religious processes among the Ndembu of Zambia*. Oxford: Oxford University Press, 1968.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

Sexualidade e Esporte: contribuições para um diálogo¹

Wagner Xavier de Camargo

Vamos falar de sexualidade?

Trazer a temática "sexualidade" para dentro dos estudos sobre esportes não é tarefa simples. Primeiro porque o tema ressoa-se de comuns preconceitos instituídos socialmente, os quais confundem sexualidade e práticas de sexo. Em que pese haja uma relação entre tais denominações, elas são distintas entre si. Como aponta Facchini, Daniliauskas e Pilon (2013, p. 169), a sexualidade, "[...] apesar de significativos avanços nas últimas décadas, figura como um tema tabu em muitos aspectos". No artigo em que resgatam historicamente e ponderam sobre a produção de conhecimento nas áreas de Gênero e Sexualidade no mundo e no Brasil, tais autoras também destacam que temas relativos à multiplicidade de expressões e vivências da sexualidade "[...] ainda são controversos, em âmbitos político, social e até acadêmico" (FACCHINI; DANILIAUSKAS; PILON, 2013, p. 170).

Em segundo lugar, porque sexualidade acaba sendo considerada marginal, haja vista a pouca importância conferida a ela por pesquisadoras(es) na Educação Física, área de conhecimento que tem os esportes como objeto primordial. Além de ser praticamente ausente enquanto pauta de investigação, quando abordada em pesquisas biológicas, sociais ou educacionais nessa área, a sexualidade geralmente acaba sendo encampada a partir do binarismo de gênero (homem/mulher ou menino/menina), do

1 Não da forma como desenvolvido aqui, mas tema da sexualidade apareceu pela primeira vez no GT de Antropologia dos Esportes na 23ª RBA, em 2002, por meio do trabalho de Marcel Freitas, *Um estudo acerca do homoerotismo no futebol e sua correlação com a construção da masculinidade entre torcedores*.

sexo biológico (macho/fêmea) e, frequentemente, não se questiona o *status* invisível de poder da heterossexualidade compulsória (obrigatória).

Desta feita, de parte das chamadas Ciências Sociais, apresentam-se outras possibilidades de tratamento analítico para a sexualidade, como mostram alguns escritos que se debruçaram sobre a produção de conhecimento entre ela e o campo conhecido como Estudos de Gênero (FRANCH; NASCIMENTO, 2020; FACCHINI; FRANÇA, 2017; DANILIAUSKAS; PILON, 2013; GROSSI, 2010; PISCITELLI, 2009, 2004).² Nessa área há uma longa tradição de pesquisas sobre sexualidade, datada de meados dos anos 1950, em âmbito internacional, que busca abordá-la como atividade humana (incluindo aspectos sociais como o desejo), passível de ser estudada (GAGNON, 2006). E, pelo que demonstraram os balanços bibliográficos mencionados, há um lastro de pesquisas em âmbito nacional sobre a temática. Tal desenvolvimento aconteceu *em concomitância com os* de Estudos de Gênero, signatários das críticas postuladas pela segunda onda do feminismo e do estudo das mulheres, que acabariam por firmar o termo "gênero" como categoria de análise nos anos 1980 (SCOTT, 1986). Em que pese os Estudos de Gênero e de Sexualidade terem adquirido importância no contexto de pesquisas do país em suas múltiplas subdivisões temáticas (como nos mostrou Grossi), o tema esporte tem sido marginalizado, não sendo elencado nem como problema sócioantropológico de pesquisa.

Por outro lado, na Sociologia do Esporte (disciplina que traz o esporte como mote investigativo), uma das subáreas da Sociologia, assuntos relativos à sexualidade pouco ou nada aparecem no rol de considerações analíticas. Nesse sentido, o máximo que autores consagrados da área (como Bourdieu, Elias, Brohm, Guttman) proporcionaram em relação à temática "esporte" foi discutir a dominação masculina (BOURDIEU, 2007), as ativi-

2 Particularmente o artigo de Facchini, Daniliauskas e Pilon (2013) mostra a influência dos campos de estudo de gênero e de sexualidade no âmbito internacional sobre uma produção científica brasileira, que, na opinião das autoras, é bastante particular – por isso, propõem manter a ambiguidade da aproximação/afastamento entre os campos de estudo (gênero e sexualidade), do que defender qualquer separação (mais detalhes, conferir p. 172 e ss.). No texto de Piscitelli (2009) é importante perceber as demarcações eletivas que a autora faz, mostrando em dados momentos a separação analítica entre os dois campos de estudos, mas também como o "gênero adquire centralidade na produção de convenções eróticas" (p. 15).

dades esportivas como “área de reserva” dos homens (ELIAS; DUNNING, 1992) ou o esporte como fator de repressão sexual (BROHM, 1993). O caso de Guttman (1996), no entanto, é paradigmático: como historiador e um dos nomes respeitados na sociologia do esporte, ofereceu uma obra enigmática intitulada *The Erotic in Sports*, que resgata dimensões sexuais e eróticas nas expressões corporais de gladiadores, lutadores gregos/romanos, e mesmo de esportistas contemporâneos.³

Neste capítulo, portanto, pretendo explorar a partir de minhas pesquisas a sexualidade como um dispositivo, segundo acepções foucaultianas, ao mesmo tempo em que demarcarei contribuições entre ela e o campo dos Estudos de Gênero, no contexto de investigações de uma *antropologia das práticas esportivas*.⁴

O dispositivo da sexualidade e sua contribuição

Em uma obra magistral, Michel Foucault (1985) questiona nossas crenças tácitas em uma sexualidade como “dado da natureza”, cuja verdade intrínseca poderia ser capturada pelas ciências (psicológicas, fisiológicas, médicas). A fim de destacar seu caráter artificial como reguladora de corpos, comportamentos e produção de subjetividades, o autor nos oferece a concepção de “dispositivo da sexualidade”. Inscrito em um jogo de poder e

3 Reconheço como uma das limitações deste texto não conseguir fazer um levantamento nacional (e mesmo internacional) sobre uma possível produção acerca da temática sexualidade no campo da Sociologia do Esporte, mas isso transbordaria o propósito aqui instituído.

4 Adoto aqui “antropologia das práticas esportivas” em vez de Antropologia do Esporte por acreditar que tal nomeação confere um caráter mais dinâmico aos estudos que dão conta das práticas que vão sendo esportivizadas cotidianamente e tornam-se alvo de uma analítica antropológica em desenvolvimento. Toledo (2001, p. 137) já fizera uma defesa semelhante, noutros termos, afinal “Não se trata aqui de uma simples disputa terminológica, mas incorporar à análise uma gama de práticas sociais tangíveis observadas entre grupos sociais que praticam determinadas atividades físicas reguladas, mas que, não necessariamente, se esgotam numa definição como a de esporte [...]”. Porém, há quem defenda “Antropologia do Esporte” na medida em que tal campo necessita de legitimação acadêmica e reconhecimento (inclusive institucional) para poder se ampliar e desenvolver. Por outro lado, acredito também que eu mesmo possa ser considerado representante da primeira geração de “antropólogos esportistas” (que eu chamaria de “antropólogos do esporte”), como destaca Toledo em seu capítulo *Sociabilidade: etnografia de um conceito*, presente neste livro.

ligado a configurações de saber⁵, o dispositivo se caracterizaria como estratégias de relações de força sustentando tipos de saber/conhecimento. Para ele, a sexualidade é um ponto de passagem particularmente denso pelas relações de poder. Em suas palavras:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 1985, p. 100).

Portanto, a sexualidade não é algo "natural" ou inerte ao próprio sexo, mas se caracteriza como um dispositivo histórico de poder, que segundo Foucault deixa marcas indeléveis nas sociedades ocidentais modernas. O dispositivo de sexualidade origina-se, então, dos novos poderes instituídos (soberano, disciplinar e regulador) que foram se estabelecendo em relação à vida, desde o século XVII, desenvolvendo técnicas para sujeição do corpo e controle da população: o sexo torna-se foco de disputa política.

Nos ditos de Foucault (1985, p. 136): "de um lado, [ele] faz parte das disciplinas do corpo: adestramento, intensificação e distribuição das forças, ajustamento e economia das energias. Do outro, o sexo pertencente à regulação das populações, por todos os efeitos globais que induz". Em resumo, o sexo é "acesso, ao mesmo tempo, à vida do corpo e à vida da espécie" (FOUCAULT, 1985, p. 137).

Portanto, a partir do século XVIII, quatro conjuntos estratégicos desenvolvem dispositivos específicos de saber-poder acerca do sexo: a) a *histerização do corpo da mulher*: a mãe em sua figura de "mulher nervosa" é o exemplo disso; b) a *pedagogização do sexo da criança*: crianças são "seres sexuais liminares" e devem ser vigiadas/controladas no tocante à masturbação; c) a *socialização das condutas de procriação*: controle da fecundidade

5 Importante lembrar que ele não entende poder como "sistema geral de dominação", mas sim como uma situação estratégica e onipresente, pois se produz a cada instante, nas relações entre um e outro ponto.

dos casais; d) a *psiquiatrização do prazer perverso*: desenvolveram-se tecnologias corretivas contra "anomalias" (aspas irônicas e minhas). (Cf. FOUCAULT, 1985, p. 99-100).

Como nos mostra o autor, a preocupação com o sexo aumenta ao longo do século XIX e alvos vão se edificando como empreendimentos dos dispositivos específicos de saber-poder, quais sejam, "a mulher histérica, a criança masturbadora, o casal malthusiano, o adulto perverso" (FOUCAULT, 1985, p. 100). Aos poucos, e por meio de uma mecânica que esquadrinha em detalhes corpos e desejos vinculados às práticas sexuais, uma nominação e classificação conceitual vai ganhando espaço, hierarquizada entre o que se definia como "normal" e, por conseguinte, "anormal" (termos foucaultianos).

Numa palavra, uma vez constituído o dispositivo histórico da sexualidade, o sexo (com seus misteriosos desejos, com sua fisiologia complexa, com suas aberrações assustadoras) se tornou uma instância privilegiada de determinação da verdade mais íntima dos sujeitos e de sua classificação enquanto pertencentes à classe das anomalias ou da normalidade, separando-se os indivíduos e as populações entre os que constituem perigos a serem socialmente disciplinados, vigiados, castigados e os que fornecem o parâmetro para as boas sociabilizações (CÉSAR, 2017, p. 244).

Das novas subjetividades em cena, produzidas no âmbito do dispositivo histórico da sexualidade, Foucault destaca a figura do "jovem homossexual" e como ela foi produzida por um discurso médico:

O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre (FOUCAULT, 1985, p. 43).

Ora, o autor vai sublinhar que, com o nascimento do "sujeito homossexual" (nos meios médicos ainda em fins do século XIX), a homossexualidade habita o universo das "sensações contrárias", e a sodomia, que veio à tona, era um tipo de "ato interdito". A homossexualidade nasce, portanto, quando ocorre a passagem da sodomia para um "hermafroditismo da alma" (FOUCAULT, 1985, p. 44).

No curso no *Collège de France*, entre 1974-1975, e também em *Os anormais* (2001), o autor vai dizer que o grupo dos "anormais" se formou via 3 elementos, a saber: 1) o "monstro humano", exceção em relação à espécie que, particularmente, trazia a perturbação frente às realidades jurídicas (como casamento, batismo e sucessão); 2) "o indivíduo a se corrigir", preferencialmente com enclausuramento; e 3) o "onanista" ou a criança masturbadora, que "abusava" da sua sexualidade (FOUCAULT, 1997).

Dentro do primeiro grupo estava o chamado "hermafrodita" – ou o que se define atualmente por "intersexo" –, sujeito que habita o domínio das sexualidades não normativas e, possivelmente, participe junto com homossexuais e afins das denominadas "sexualidades periféricas" em relação às que compõem o dispositivo de aliança (FOUCAULT, 1985, p. 41 e ss.).

No longo trato com vasta literatura médico-jurídica sobre tais sujeitos, Foucault (2001) percebeu um deslocamento acerca da abordagem da questão: o/a hermafrodita deixava de ser "monstro" e passava a ser caso clínico (ou anormalidade anatômica e fisiológica). Nesse sentido, pontuando como o hermafroditismo não estaria fora da natureza (mas habitaria a monstruosidade do caráter), a partir do século XVIII, as questões médicas vão se centrar na reintegração de tal sujeito ao sexo verdadeiro. Pode-se inferir que, mediante o que fora apresentado pelo autor, aquilo que se observa no trajeto histórico em relação à figura de hermafroditas diz muito sobre a configuração do dispositivo da sexualidade, o qual somente se estabeleceu por completo com a consolidação dos discursos das instituições médico-jurídicas, ao longo do século XX.

Conforme Maria Rita César também expressou: "no interior do dispositivo de sexualidade não se pode tolerar qualquer dubiedade na determinação do sexo, de modo que se não houver perfeita correspondência entre

o sexo e uma anatomia definida, então será necessária a produção de uma verdade médica que estabeleça a correta definição" (CÉSAR, 2017, p. 245).

Não seria absurdo considerar, dadas as preocupações endereçadas por Foucault em vários escritos, que a sexualidade chega ao século XXI como um elemento crucial na definição e organização da verdade mais íntima dos sujeitos, capaz, portanto, de produzir inúmeros e danosos efeitos de normalização e patologização sobre suas vidas e de populações inteiras. Sobre isso me deterei mais especificamente no próximo tópico.

Sexualidade como dispositivo nos esportes

A discussão da sexualidade como dispositivo no meio esportivo foi extremamente útil em minha investigação doutoral. Levada a cabo durante 6 anos (iniciada 2 anos antes do ingresso no programa), acompanhei vários eventos esportivos internacionais direcionados ao público LGBTQIAP+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, *queer*, intersexo, assexuais, pansexuais e demais), em vários países.⁶ Notadamente havia um predomínio de "homens que mantinham relações afetivo-sexuais com outros homens" (FRANÇA, 2012) ou também autorreferenciados "homossexuais" e "gays".

No decorrer da pesquisa, percebi que a suposta identidade a qual conclamavam ("homossexual" ou "gay") estava longe de ser fixa, e que se colocava como múltipla, híbrida, instável e, por vezes, invisível (CAMARGO, 2012). Assim, encontrei em pistas, tatames, piscinas, campos e ginásios corpos não alinhados à estética da heterossexualidade (sim, vou tratar aqui a heterossexualidade como apenas uma estética, afastando seu caráter hegemônico e cooptador), a qual posta os corpos de modo binário e os circunscreve às categorias masculina e feminina. Tratava-se de, como nos

6 As competições foram: VIII Gay Games Chicago – 2006 (EUA), II World Outgames Copenhagen – 2009 (Dinamarca), IX Gay Games Colônia – 2010 (Alemanha) e II North American Outgames Vancouver – 2011 (Canadá). Além disso, acompanhei atletas LGBTQIAP+ em nível local (Berlim), durante minha estada na cidade por quase 2 anos nesse mesmo período.

sugeriu Judith Butler (2003, p. 22), criticar as categorias de identidade que "as estruturas jurídicas contemporâneas engendram, naturalizam e imobilizam".

Tais sujeitos se designavam, igualmente, atletas, mesmo que não o fossem ou encampassem, necessariamente, aquilo que o senso comum entende por "atleta" (isto é, um corpo regularmente treinado, atravessado por substâncias alimentícias e injetáveis, pronto para apresentar performance e desempenho). Esses atletas (gays, mas também assexuados, bissexuais, *queer*, outros ainda "a-gêneros" ou transgêneros) negociavam com a chamada "masculinidade hegemônica" (CONNELL, 2005), apresentando o que acabei por definir como uma "masculinidade *queer*", ou seja, uma "masculinidade" nem dominante, tampouco subordinada, mas constantemente em negociação. Eu a denominei "masculinidades *queer*", justamente por seu caráter descentralizador e abjeto.⁷

São tipos performatizados de "masculinidades" por diferentes e diversos sujeitos, que interseccionam marcadores de diferença, como etnia, classe social, gênero e geração. Dessa forma, alguns dos entrevistados (como o atleta transexual mexicano, o idoso gay estadunidense de 70 anos, o corredor gay etíope e a tailandesa transexual voleibolista) apresentavam "substrato comum", por assim dizer, que os aproximava. Ao passo que as "masculinidades hegemônicas" (dominantes ou prescritas) colhem frutos do *White, Anglo-Saxon and Protestant* (Wasp), as "masculinidades *queer*" (ou também podemos pensar em "feminilidades *queer*") derivam de outros elementos subjetivos, em outro extremo. Entendi tais masculinidades não como pejorativas ou subversivas, mas como estratégias políticas de negociação. Masculinidades *queer* emergiram como estratégias discursivas de corpos desviantes naqueles ambientes esportivos inacreditavelmente masculinistas e machistas.

7 Apesar de polêmico, aqui utilizo o termo *queer* por querer marcar exatamente o caráter controverso e de pária adquirido por tais masculinidades em tal cena esportiva. Parte das pesquisas encampadas pelo livro *Sport, Sexualities, and Queer/Theory*, organizado por Jayne Caudwell (2006) trata das possibilidades analíticas da nomenclatura *queer* para entender o dispositivo da sexualidade nos esportes. Os textos do livro forneceram subsídios para a tese, particularmente os capítulos de Sykes (2006), McDonald (2006), Eng (2006) e Wellard (2006).

A partir da investigação sobre o cotidiano esportivo e privado dos atletas via uma etnografia multissituada, percebi a formação do que denominei zona dos dispositivos, por inspiração foucaultiana. Nessa zona trabalhei os elementos que afloraram da pesquisa de campo, transpassando sujeitos e relações sociais, e estabelecendo trânsito, movimento, proposições.

Dessa forma, problematizei os vestiários como espaços enigmáticos e ambíguos nos discursos e posturas dos atletas; estabeleci distanciamentos e aproximações entre banheiros e vestiários (masculinos, no caso) como locais em que as *práticas do olhar* são interditas, e onde se estabelecem, aleatoriamente, códigos sexuais e de gênero para os corpos (CAMARGO, 2014). Se esses códigos de gênero são prescritivos e obrigatórios, os códigos sexuais são interditos e incorrem em tabus, quando acionados. Tal reflexão me permitiu especular a respeito da relação entre olhar pornográfico e o voyeurismo erótico, estabelecidos em tais locais comuns e, definitivamente, não reconhecidos em espaços de práticas esportivas.⁸

A exploração dos vestiários me permitiu adentrar ao mundo dos "armários" ou closets, nos quais alguns dos atletas mantinham suas sexualidades. A partir do "estar fora" ou "estar dentro" do armário, por parte dos esportistas, traziam-me questões que colocavam em xeque um complexo sistema de controle (e autocontrole) de suas próprias sexualidades e das de outras(os), em um marco de referências sobre o "segredo" (a ser mantido ou liberado) do armário. Por meio das entrevistas, entendi que muitas vezes o armário da sexualidade era uma estrutura porosa e que algumas vezes o entrar/sair dela implicava um "armário para dois" ou conferia um "armário" para alguém que não precisava estar nele. O armário nunca tinha fundo e, como bem explicou Sedwigk (2007), era uma "pesada estrutura epistemológica que define a sexualidade no Ocidente".

Ainda consegui desenvolver interpretações sobre as chamadas festas esportivas em que participavam tais atletas e seus estritos códigos de vestimenta (ou *dress codes*) baseados em roupas esportivas⁹; ou ainda, sobre os eventos esportivos a que denominei circuitos itinerantes do desejo e

8 Recentemente esboço um desdobramento do raciocínio em Camargo (2019b).

9 Daí meu interesse nesse tópico temático, desenvolvido em Camargo (2017a).

para tal análise evoquei uma bibliografia sociológica sobre o "gueto homossexual" (conceito sociológico), os mercados, o consumo de entretenimento, o turismo sexual e a globalização (CAMARGO, 2015).¹⁰

Gostaria de registrar, portanto, que os dispositivos da sexualidade nesses atletas, nas competições por mim etnografadas, continham elementos oriundos dos dispositivos disciplinar e de segurança. Por exemplo, a Federação dos Gay Games (FGG), organizadora dos Gay Games, oficializa a regulação e controle da população LGBTQIAP+ em trânsito nos eventos via prescrições de "boas condutas" (ou *best practices* – como comportar-se para mostrar à sociedade heterossexual o quanto tais sujeitos são "civilizados") e com isso disparando o dispositivo disciplinar, pois abomina qualquer prática de sexo em ambientes durante os jogos. Quando me referi a tais competições como "guetos sexualizados globais" (CAMARGO; RIAL, 2011) foi porque percebi que, em que pese esses discursos proibitivos e persecutórios, há microrresistências dos sujeitos que transformam o espaço para o regozijo próprio, inclusive com práticas de sexo em dados locais.

Para finalizar, apresento rapidamente esforços atuais de pesquisa, que continuam dialogando com Foucault, mas também interagem com os escritos de autoras(es) pós-estruturalistas como Judith Butler (2000, 2003, 2006, 2008), Paul B. Preciado (2008, 2014) e também Berenice Bento (2006) no estudo de corpos transexuais e intersexo no esporte. Da sexualidade ao gênero, porém, pensando como a centralidade do sexo mobiliza saberes e poderes em um tipo de controle mais sofisticado e complexo (o biopoder), que com suas tecnologias envolve elementos jurídicos e disciplinares de modalidades de poder passadas. Alguns casos na história do Olimpismo são paradigmáticos para compreender o controle, o modelamento, a "correção" e a "adequação" de corpos de tais atletas em espaços esportivos.

O caso mais notório é o da corredora sul-africana Caster Semenya, que há mais de 10 anos tem mobilizado os órgãos esportivos diretivos. Em 2009, quando foi campeã pela primeira vez nos 800 metros rasos, acabou

10 Neste último tópico temático não vou muito além nesse espaço, porque me distancio do propósito aqui estabelecido e porque saímos de uma seara bibliográfica que pensa o corpo para adentrar uma que enaltece a primazia do espaço.

levantando suspeitas sobre sua "condição de mulher". Sob acusações de ser uma pessoa intersexo, devido a exames que mostraram a ausência de útero e a presença de testículos internos, a corredora vive dramas intermináveis, inclusive envolvendo a justiça esportiva (CAMARGO, 2019a).¹¹

As "polêmicas" têm um longo histórico na trajetória dos Jogos Olímpicos modernos e, inclusive, já provocaram a criação de testes de verificação de gênero e outras estratégias de biopoder (SILVEIRA, 2013). Foi o caso da polonesa naturalizada norte-americana Stella Walsh, medalhista nos Jogos Olímpicos de 1932 e 1936, que foi reconhecida como intersexo em 1980; de Heinrich Ratjen, em 1936, alemão que competiu no salto em distância representando o país em Berlim (consta que Ratjen fora obrigado pelos nazistas a inscrever-se como mulher, quando em realidade era homem); de Tamara Press, atleta soviética do arremesso de peso e lançamento de disco, que estabeleceu recordes nos Jogos Olímpicos de 1960 e 1964, sendo mais tarde "acusada" de ser intersexo; da também polonesa, Ewa Klobukowska, competidora do revezamento 4 x 100 metros nos Jogos de Tóquio (1964), que em razão de um teste de verificação sexual aplicado três anos mais tarde, foi declarada possuidora de "cromossomos masculinos" em seu organismo (CAMARGO, 2019b).

A problemática postulada pela World Athletics de que corpos – principalmente de mulheres – devem controlar seus níveis de testosterona para poderem competir clama por "justiça" e "igualdade de chances" quando, em realidade, visa estabelecer vigilância/controlar sobre corpos que não se encaixam no binarismo de gênero proposto pelo mundo esportivo. O argumento de uma "terapêutica para alterar níveis hormonais e poder competir" é uma desculpa que objetiva estabelecer "corpos legítimos", que requisitam o status de "natural" e, por isso, seriam então legitimados (e autorizados) a atuarem no esporte de alto nível.

11 Em julho de 2019, o Superior Tribunal Federal da Suíça foi desfavorável ao recurso instituído por Semenya, o qual garantiu por alguns meses que ela competisse sem se sujeitar às novas regulamentações de controle hormonal da World Athletics (antiga Federação Internacional de Atletismo Amador IAAF). Diante disso, ela não pôde participar do Mundial de Doha, no Qatar, entre setembro e outubro passado daquele ano. Nova derrota nos tribunais esportivos retirou sua chance de participar dos Jogos Olímpico de Verão de Tóquio (2020).

A questão envolve gênero e também sexualidade. Homens e mulheres não são tratados da mesma maneira (e pelas mesmas lógicas) no universo esportivo, que, muitas vezes, mantém prerrogativas machistas e sexistas. O caso do nível de testosterona é um exemplo. Atletas homens, que possuem testosterona acima do limite permitido, podem se submeter a exames que atestem tal fato e, a partir disso, estão liberados para competir sem risco de serem flagrados em testes de doping. Atletas mulheres já passaram por muitos controles, dos grosseiros testes de sexo às humilhantes verificações de gênero, e, no caso de mulheres trans (que estão transicionando de um corpo biológico de homem para o de uma mulher), os alertas são colocados no nível máximo.

Parece sintomático que as questões se tornam "polêmicas" aos olhos de uma sociedade binária, machista e preconceituosa. Como apontei certa vez, corpos transgênero e intersexo se desviam das normas porque não cabem nelas (CAMARGO, 2017b), e nós, de uma sociedade que mantém um vicioso olhar para questões alheias relativas a corpos e sexualidades, devemos levar em conta que são corpos que talvez nunca terminem suas transições de gênero.

Quando consideramos o corpo de uma pessoa trans, em geral, tomamos como padrões os corpos biológicos cisgênero (que nunca questionaram o gênero a eles atribuído no nascimento), os quais tomamos como representantes legítimos, desconsiderando completamente as transformações em curso, propostas por corpos em transição. Há que se levar em conta, portanto, as transformações sofridas em cada corpo, não no sentido de observar "como", "de que forma" e se está transicionando ou se adaptando a um corpo biológico cisgênero, mas pensar numa perspectiva de que tal corpo permanecerá em processo e, muito provavelmente, se posicionando em fronteiras categoriais.

Notas finais

Minha intenção aqui foi resgatar parte de minha trajetória acadêmica como mote incentivador para que outras pesquisas sejam realizadas dentro

dos estudos sobre esportes e se utilizem das teorizações acerca da Sexualidade e dos Estudos de Gênero, porém não de uma perspectiva binária (DUNNING; MAGUIRE, 1987). A ideia deste capítulo foi deslocar o olhar e as considerações para o tema sexualidade no campo esportivo, uma discussão bastante tímida na trajetória dos vinte anos do GT de Esporte na RBA. Sem dúvida, falar de sexualidade implica entendê-la atravessada por fatores históricos e culturais (VANCE, 1995) e que, em muitas vezes, ela aparece em sintonia a gênero, seu complemento e contraponto. Este capítulo desenvolve um pequeno esforço de iluminar outros pontos dessa relação.

Os Grupos de Trabalho (GTs) voltados às práticas de esporte, lazer e sociabilidades, um debate teórico instituído como campo no interior da Antropologia desde os anos 2000 (GUEDES, 2010) têm aumentado em número e se multiplicado tematicamente, galgando uma repercussão ampla e importante, junto ao público acadêmico especializado. Há várias edições em que são mantidos dois GTs que garantem espaço para discussões temáticas específicas (futebol, gênero, sociabilidade, etc.) e também gerais (dos esportes). Como apontou Guedes (2010, p. 432), "por dialogarem os estudos sobre esporte com outros temas clássicos das Ciências Sociais, entre eles identidade social, relações raciais, gênero e sociabilidade, muito de sua produção encontra-se inserida em temáticas mais amplas".

Resta, no entanto, o desabrochar de temas mais contemporâneos como sexualidade, erotismo, homofobia, transgeneridade, intersexualidade, transfobia, entre outros, nos fenômenos socioculturais ligados aos esportes para diversificar o escopo de possibilidades e conseguir alavancar outra (e nova) literatura para discussões grupais.¹²

12 Na 29ª edição da RBA (em Natal, 2014), apresentei um texto intitulado *Corporalidades disruptivas? Considerações antropológicas sobre práticas esportivas específicas*, no qual pondero sobre a sexualidade em corpos dissonantes no esporte. Na 30ª edição (em João Pessoa, 2016), Rarielle R. Lima, da Universidade Federal do Maranhão, expôs um pôster com o trabalho *"É de brincadeira, professora!": dizeres sobre as habilidades femininas nas aulas práticas de Educação Física Escolar* sobre associação do desempenho técnico e tático à sexualidade das meninas na brincadeira de pular elástico. Já nessa edição e na 31ª RBA (em Brasília, 2018), Bárbara Gomes Pires, do Museu Nacional/UFRJ, apresentou textos que desenvolveram discussões sobre intersexualidade nos esportes (respectivamente, os títulos foram: *Políticas de gênero, resoluções antidoping: quando a verificação de gênero da intersexualidade torna-se "doping natural" no esporte* e *Corpos elegíveis, corpos soberanos: sobre a regulação das variações intersexuais no esporte de alto rendimento*).

Referências

- BENTO, Berenice. *A (re)invenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond/Clam, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BROHM, Jean-Marie. 20 teses sobre esporte. In: BROHM, Jean-Marie et al. *Materiales de Sociologia del deporte*. 2. ed. Madrid: La Piqueta, 1993. p. 47-55.
- BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. In: LOURO, Guacira L. *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del 'sexo'*. 2. ed. Buenos Aires: Paidós, 2008.
- BUTLER, Judith. *Deshacer el género*. Barcelona: Paidós, 2006.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAMARGO, Wagner Xavier. Agenda trans para o esporte. *Ludopédio*, São Paulo, v. 122, n. 29, 2019a. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/agenda-trans-para-o-esporte/>. Acesso em: 28 dez. 2019.
- CAMARGO, Wagner Xavier. Atletas intersexo em competições esportivas. *Ludopédio*, São Paulo, v. 117, n. 28, 2019b. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/atletas-intersexo-em-competicoes-esportivas/>. Acesso em: 3 jan. 2020.
- CAMARGO, Wagner Xavier. Circulação do Desejo: esporte, corpos atléticos e práticas de sexo. *Textura: Revista de Educação e Letras (Ulbra)*, v. 17, n. 33, p. 110-138, 2015.
- CAMARGO, Wagner Xavier. *Circulando entre práticas esportiva e sexuais: etnografia em competições mundiais LGBTs*. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- CAMARGO, Wagner Xavier. Corpos Transgêneros no Esporte: algumas questões. *Contemporânea – uma (quase) revista*, Florianópolis, v. 6, p. 10-12, 7 jan. 2017b. Disponível em: https://www.academia.edu/31933761/Corpos_Transg%C3%AAneros_no_Esporte_algumas_quest%C3%B5es. Acesso em: 4 jan. 2020.
- CAMARGO, Wagner Xavier. No reino da pornografia, futebol é coadjuvante. *Ludopédio*, São Paulo, v. 121, n. 37, 2019c. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/no-reino-da-pornografia-o-futebol-e-coadjuvante/>. Acesso em: 2 jan. 2020.
- CAMARGO, Wagner Xavier. Notas Etnográficas sobre Vestiários e a Erotização de Espaços Esportivos. *Revista Ártemis*, v. 17, n. 1, p. 61-75, 2014.
- CAMARGO, Wagner Xavier; RIAL, Carmen S. Competições esportivas mundiais LGBT: guetos sexualizados em escala global? *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 977-1004, set./dez. 2011.

CAMARGO, Wagner Xavier. 'Vestidos para transar': notas etnográficas sobre roupas esportivas masculinas e festas de sexo. In: SIMILI, Ivana Guilherme; BONADIO, Maria Claudia (Eds.). *Histórias do vestir masculino: narrativas de moda, beleza, elegância*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá – Eduem, 2017a. p. 151-174.

CÉSAR, Maria Rita de A. O dispositivo da sexualidade ontem e hoje: sobre a constituição dos sujeitos da anomalia sexual. *Revista Dois Pontos*, Curitiba/São Carlos, v. 14, n. 1, p. 243-252, 2017.

CONNELL, Robert W. *Masculinities*. 2. ed. Berkeley: University of California, 2005.

DUNNING, Eric; MAGUIRE, Joseph. A relação entre os sexos no esporte. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 321-348, 1997.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Diffel, 1992.

ENG, Heidi. Queer athletes and queering in sport. In: CAUDWELL, Jayne (Org.). *Sport, sexualities and queer/theory*. London: Routledge, 2006. p. 49-61.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora. *Estudos de Gênero no Brasil*. 20 anos depois. In: MICELI, Sergio; MARTINS, Carlos Benedito (org.). *Sociologia Brasileira Hoje*. Cotia: Ateliê Editorial, 2017. p. 283-357.

FACCHINI, Regina; DANILIAUSKAS, Marcelo; PILON, Ana C. Políticas sexuais e produção de conhecimento no Brasil: situando estudos sobre sexualidade e suas conexões. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 44, n. 1, p. 161-193, 2013.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber* I. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)*. Tradução de Andrea Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FRANÇA, Isadora Lins. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

FRANCH, Mônica; NASCIMENTO, Silvana. *A produção antropológica em gênero e sexualidades no Brasil na última década (2008-2018)*. BIB, São Paulo, n. 92, 2020 (publicada em abril de 2020), pp. 1-29

GAGNON, John. *Uma interpretação do desejo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GROSSI, Miriam P. Gênero, sexualidade e reprodução: a constituição dos estudos sobre gênero, sexualidade e reprodução no Brasil. In: MARTINS, Carlos B.; DUARTE, Luiz Fernando D. *Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: antropologia*. São Paulo: Anpocs, 2010. p. 293-340.

GUÉDES, Simoni Lahud. Esporte, lazer e sociabilidade. In: MARTINS, Carlos B.; DUARTE, Luiz Fernando D. *Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: antropologia*. São Paulo: Anpocs, 2010. p. 431-456.

GUTTMANN, Allen. *The Erotic in Sports*. New York: Columbia University Press, 1996.

MCDONALD, Mary. Beyond the pale: the whiteness of sport studies and queer scholarship. In: CAUDWELL, Jayne (Org.). *Sport, sexualities and queer/theory*. London: Routledge, 2006.

PISCITELLI, Adriana *et al*. Apresentação. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria F.; CARRARA, Sérgio (Orgs.). *Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 9-35.

PISCITELLI, Adriana. Prefácio. In: DÍAZ-BENITEZ, Maria E.; FIGARI, Carlos E. *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Manifesto contrassexual*: práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Ribeiro. São Paulo: N-1 Edições, 2014.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Testo yonqui*. Madrid: Espasa, 2008.

SCOTT, Joan. Gender: a useful category of historical analysis. *The American Historical Review*, v. 91, n. 5, p. 1053-1075, 1986.

SEDGWICK, Eve K. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 1, n. 28, p. 19-54, 2007.

SILVEIRA, Viviane Teixeira. *Tecnologias e a mulher atleta*: novas possibilidades de corpos e sexualidades no esporte contemporâneo. 2013. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SYKES, Heather. Queering theories of sexuality in sport studies. In: CAUDWELL, Jayne. (Org.). *Sport, sexualities and queer/theory*. London: Routledge, 2006. p. 13-32.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002). *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, São Paulo, n. 52, p. 133-165, 2001.

VANCE, Carole S. A Antropologia redescobre a Sexualidade: um comentário teórico. *Physis: Revista da Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 7-31, 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v5n1/01.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2021.

WELLARD, Ian. Exploring the limits of queer and sport: gay men playing tennis. In: CAUDWELL, Jayne (Org.). *Sport, sexualities and queer/theory*. London: Routledge, 2006. p. 76-89.

Fragmentos de Pesquisa no Futebol: a circulação transnacional e as práticas religiosas de futebolistas brasileiros(as)¹

Carmen Silvia Rial

Introdução

O título do livro inspira a balanços e avaliações retrospectivas. Segui-rei a sugestão. Tenho pesquisado futebol, ou melhor, "os" e "as" praticantes de futebol, nos últimos vinte anos², época em que cresceu exponencialmente os estudos de antropologia sobre esportes, e especialmente sobre futebol no Brasil. Não sem tempo. O futebol é um objeto antropológico, não só porque reúne milhões de pessoas, mas porque tem um calendário sazonal, uma terminologia própria, um panteão de protagonistas, símbolos totêmicos, afirmação de pertencimento e identidade que envolve sentimentos como o desejo, a vingança, o sacrifício, o dom, a glória. Envolve performances que não são iguais a dos atores de teatro pois seus protagonistas não conhecem o final da peça, nem a de filmes, pois ocorre ao vivo (AUGÉ, 2019). Também abrange diferentes escalas, sendo uma excelente via de acesso a processos de globalização (finanças, mobilidade dos principais praticantes, mediatização), bem como de identidades nacionais, regionais e locais. O futebol pode ser, assim, uma porta de entrada para a antropologia compreender diversas dimensões da sociedade.

Ainda que sejam pautas relevantes, e que não desprezo, meu interesse nunca foi o esporte em si, o "jogo", suas táticas e estratégias, seus

1 O tema da religião apareceu pela primeira vez no GT de Antropologia dos Esportes na 24ª RBA (2004) por meio do trabalho de Reinado Aguiar, *Apropriações simbólicas da ética religiosa entre atletas de Cristo*.

2 Desde a organização em 2000 do primeiro GT na Reunião Brasileira de Antropologia de Brasília, *Futebol e Imagem*, conjuntamente com José Sérgio Leite Lopes.

movimentos e nem os discursos em torno do futebol, com exceção de um estudo que resultou em artigo sobre mídia (RIAL, 2003). Os praticantes diretos do futebol, os futebolistas e as futebolistas, foram sempre o centro da pesquisa.

Sigo de algum modo a famosa consignação de Geertz de que antropólogos (e antropólogas, acrescento eu) devem estudar no lugar e não o lugar. No meu caso, as questões que estudei no lugar incluíram mobilidade, migração (enfocando o fluxo de atletas brasileiros expatriados); mudança nas relações de gênero (concentrando-me na crescente presença das mulheres no futebol e na homofobia presente nesse espaço); novas práticas religiosas (com a enorme crescimento de neoevangélicos e sua presença no espaço público); segurança e securitização (abordando as arenas esportivas como laboratórios para novas tecnologias de vigilância) e racismo. Em cada um desses focos, explorei mais detidamente algumas categorias: "rodar"³, circulação, transmigrante, bolha ao focar a mobilidade; "fé", "sacrifício" e novas expressões de masculinidade ao focar as práticas religiosas. Abordei também "bicha", invisibilidade, lesbianidade, ao enforçar as relações de gênero e sexualidade e, ainda, panóptico e pansônico ao focar a securitização dos estádios⁴.

Inicialmente, o interesse foi na saída para o exterior dos futebolistas, nossa exportação de talentos, que teve um crescimento considerável no séc. XXI. Abordei essa migração por meio de uma etnografia multisituada que me levou a visitar mais de quinze países, estádios, centros de treinamento, casas, e ter contatos com mais de sessenta futebolistas – e também com sua *entourage*: familiares, agentes, secretários e diretores de clube. Alguns dos dados e conclusões dessa pesquisa compartilho aqui.

3 Uso aspas para as categorias próprias dos e das futebolistas.

4 Por conta do espaço, não tratarei neste capítulo de relações de gênero e sexualidade nem de segurança.

Rodar: Circulação transnacional

Dos cerca de 2,5 milhões de brasileiros que vivem no exterior⁵, estima-se que cerca de dois mil sejam futebolistas. Um grupo de acadêmicos que pesquisa estatística no futebol mundial, o Cies, afirmou que "o jogador brasileiro é o único trabalhador verdadeiramente global na indústria do futebol profissional" (POLI *et al.*, 2018, p. 2). Embora possa soar lisonjeiro, não concordo com a afirmação. Comparando a população brasileira com a de países vizinhos, vemos que a Argentina tem quase duas vezes mais futebolistas expatriados e o Uruguai 8,5 vezes mais. Ainda, mundialmente, levando-se em conta a relação entre população e números de futebolistas expatriados, até a Grécia teria um lugar mais alto, embora futebolistas gregos não contem com um reconhecimento muito elevado, pois, fora a conquista inédita e inesperada de uma Eurocopa, pouco destaque tiveram no futebol mundial. Nessa perspectiva, o Uruguai é de longe o líder mundial em futebolistas expatriados.

País	Número estimado de futebolistas expatriados (2017)	População do país (2017)	Porcentagem da população (2017)
Uruguai	300	3.500.000	0,0082
Argentina	800	44.000.000	0,0017
França	800	67.000.000	0,0011
Grécia	110	10.800.000	0,0010
Brasil	2000	220.000.00	0,00096

Quadro 1 – Futebolistas Expatriados.

Fonte: Elaborada pela autora.

É claro que na era pós-Bosman, com a facilidade da circulação de atletas europeus entre os vinte e sete países da União Europeia, mais difícil

5 A estimativa do Ministério das Relações Exteriores (2,5 milhões) difere da do IBGE (500 mil) e me parece mais próxima ao número real dos brasileiros vivendo em 193 países no mundo. Cf.: BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Censo IBGE estima brasileiros no exterior em cerca de 500 mil. [date unknown, cited 2016 Jan 15]. Disponível em: <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/noticias/censo-ibge-estima-brasileiros-no-exterior-em-cerca-de-500-mil/impressao>. Acesso em: 23 maio 2019.

ficou a comparação entre migrações sul-americanas ou africanas (DARBY, 2013) e as europeias. Tivessem o mesmo estatuto legal para ultrapassar as fronteiras, o número de sul-americanos e africanos muito provavelmente seria bem maior do que o dos europeus, tendo em conta também a diferença econômica enorme que os torna muito mais acessíveis no mercado futebolístico.

Se levarmos em conta como parâmetro as destinações, aí sim, podemos concordar com a afirmação de que os brasileiros são os únicos trabalhadores verdadeiramente globais no futebol. Os futebolistas brasileiros expatriados (FBE) estão em todos os continentes e lideram em número de países receptores. Além dos 500 futebolistas brasileiros expatriados que são celebridades em clubes globais na Europa (e mais recentemente na China), há também um fluxo numericamente significativo de futebolistas não famosos que procuram trabalho em países que são destinos improváveis para outros emigrantes brasileiros, como Rússia, Índia, Coreia e Marrocos (RIAL, 2016; JAHNECKA, 2020).

Outro parâmetro favorável, seria a performance esportiva: o Brasil tem sido o primeiro em número de futebolistas que participaram da Liga dos Campeões da Europa, em muitas edições, ainda que nenhuma equipe brasileira participe deste que é o mais importante torneio futebolístico de clubes no mundo. Os futebolistas brasileiros não estão apenas presentes numericamente, porém, mais importante que isso, têm uma presença qualitativamente crucial. Eles são as principais estrelas em muitas equipes, tendo por exemplo, presença em todas as equipes que disputaram as semifinais em 2019. Neymar, (como Ronaldinho, Ronaldo em suas épocas, e Pelé sempre) está certamente entre os indivíduos mais conhecidos no planeta, ainda que desde 2007 apenas Marta entre brasileiros tenha recebido o prêmio Fifa de melhor jogadora.

Essa emigração tem consequências para as finanças nacionais, ainda que não seja tão influente na paisagem financeira quanto na paisagem mediática (APPADURAI, 1990). A exportação dos cerca de mil futebolistas anualmente representa pouco mais em divisas do que a de produtos dentários (RIAL, 2008). Essa exportação se tornou, sim, uma fonte vital para os clubes da primeira divisão no Brasil, sem a qual dificilmente conseguiriam manter os salários pagos a seus outros profissionais.

Considerado como emigrantes cujas saídas são vistas como perdas para o seu país de origem – uma espécie de “fuga de pés” –, os jogadores não são normalmente chamados de “imigrantes” nos países receptores (RIAL, 2006), uma vez que “imigrantes” seria uma categoria negativa designando pessoas de baixa renda, redes de tráfico de drogas, desempregados, empregos ilegais, mercados negros e assim por diante. De fato, podem ser caracterizados como transmigrantes: que vivem entre dois países, pela manutenção de fortes laços com o local de origem (BASCH; SCHILLER; SZANTON, 1994; RIAL, 2008, VAILATI; RIAL, 2016).

Embora retratada pela mídia como inédita, a emigração de futebolistas brasileiros não é um fenômeno recente. A primeira onda desse tipo aconteceu na década de 1930, no rescaldo da primeira Copa do Mundo, no Uruguai. O principal destino era a Itália, pátria dos ancestrais de muitos dos futebolistas emigrados, o que de certa forma transformou esse deslocamento em retorno ao lar (RIAL, 2008). Na pesquisa, observamos muitas mudanças desde a migração de futebolistas como Queiroz⁶, que desembarcou em Portugal nos anos 1960, e Sílvio Pereira, que conheci em 2005, na Espanha – ambos já haviam atuado pela seleção brasileira, embora Sílvio tenha tido mais destaque (ele estava sendo cortejado por clubes globais europeus quando o encontrei). O consumo e a proteção de uma *entourage* (família, “parças”, empresários, clube) cria em torno desses jogadores celebridades uma proteção e um afastamento do contexto local, de modo que se pode dizer que vivem em uma bolha (RIAL, 2014a, 2014b), na qual o sentimento nacionalista predomina. A bolha é presente também entre FBE que circulam por países periféricos do sistema futebolístico (RIAL, 2014c, 2016), variando sua espessura e o número de integrantes de suas *entourage*, em ambos os casos, maior entre os futebolistas celebridades.

Em suas histórias de vida, falam com orgulho (e exagero, em alguns casos) de passado de “necessidade”, próprio as classes subalternas (trabalhadores rurais, trabalhadores domésticos, operários). Raros foram os que tiveram uma infância em uma classe média baixa (o filho de um detetive da polícia, de uma enfermeira), e apenas um diretamente da classe média (o pai

6 Anonimizei meus interlocutores, ainda que tenha tido suas permissões para usar os nomes verdadeiros.

era médico e a mãe professora). Nesse aspecto, eles não são diferentes de outros emigrantes brasileiros. Sílvia, que costumava esmolar nas ruas, é um extremo, uma vez que não são os mais pobres que migram, como teorias economicistas mais ingênuas apontariam.

Curiosamente, analisando as relações de parentesco, constatei que a maioria dos Futebolistas Brasileiros Expatriados se situa entre os mais jovens de suas famílias. Esse caçulismo se explica aí sim economicamente e pela relação com a mãe. Muitos tinham irmãos mais velhos que também queriam jogar futebol, mas foram retirados desse projeto (VELHO, 2003) para ajudar a sustentar a família de origem com trabalhos que garantiam uma renda imediatamente e não numa aposta futura, como com o futebol, que requer um longo aprendizado (DAMO, 2005; BITTENCOURT, 2009).

A carreira de futebolistas é um projeto familiar em que ter algum excedente econômico é pré-condição para liberar um membro da família do trabalho remunerado. Por outro lado, parte desse aprendizado ocorre nos clubes ou em escolinhas, o que implica em deslocamentos e, muitas vezes, a necessidade de acompanhamento de um adulto. Mesmo sendo menos frequente que o caçulismo, outra característica recorrente entre os futebolistas brasileiros expatriados é sua origem nas famílias monoparentais chefiadas pela mãe, o que corresponde a estatística de camadas subalternas no Brasil. Mulheres dispensadas do cuidado de filhos menores podem acompanhar os caçulas.

A carreira no futebol é um projeto familiar que muitas vezes antecede ao nascimento do futuro jogador. Natan conta que quando nasceu, o pai levou os cordões umbilicais dele e do seu irmão gêmeo para o centro de um campo de futebol e os enterrou lá. Olhou para o céu e disse: "Se Deus quiser, um deles será bem-sucedido". A narrativa de Natan que tem o peso de um mito termina com: "Acabou sendo eu". Muitas vezes enquadrada como parte de algum projeto divino, a entrada no sistema futebolístico ocorre por diferentes caminhos, com certa recorrência. A religião tornou-se uma questão incontornável na pesquisa.

Religião

Autores como Marcel Mauss (1968b), Malinowski (1948), Marx (1976), Weber (1996), Durkheim (1968), Clifford Geertz (1966) Marc Augé (1998) moldaram significativamente perspectivas teóricas sobre religião e esportes. É preciso registrar que esforços mais recentes para definir e entender a categoria da religião ainda não penetraram totalmente no campo do esportivo. Também aí, como Talal Asad (1983) recomendou, é mais interessante observar práticas reais do que cosmologias abstratas.

A noção de que esportes podem funcionar como uma religião (HIGGS, 1995; PUTNEY, 2001; BAKER, 2007; HOFFMAN, 2010) é controversa. Futebol e religião claramente têm uma relação próxima e não seria exagero dizer que o futebol contemporâneo é frequentemente palco da propaganda religiosa mais assistida do mundo. No entanto, devemos ter cuidado para não reduzir uma coisa à outra. DaMatta fez uma crítica pertinente à afirmação de Michael Novak (1976) de que o esporte é uma religião, mostrando que a redução de uma dimensão social à outra não resolve a questão. Se o esporte pudesse ser reduzido à religião, diz DaMatta (2003), teríamos de nos perguntar: o que é religião?

A observação de DaMatta é apropriada e esclarece: o futebol é, acima de tudo, uma atividade lúdica e antiutilitária, embora seja fortemente influenciada por interesses econômicos e políticos. Ela não precisa ser transformada em uma outra para merecer a reflexão acadêmica. Tal perspectiva não implica, no entanto, a completa ausência de religião (incluo como religião o que outros denominariam magia), em algumas de suas práticas, sejam elas de fãs ou jogadores.

De fato, o futebol e a religiosidade são fácil e vantajosamente relacionados um com o outro. Há símbolos religiosos em vestiários em diferentes estádios do mundo; certos jogadores ascendem a um status sacralizado entre os fãs; e na mídia termos como "milagre", "Messias" (em referência a Messi) e "Deus" são frequentes em manchetes e artigos.

O Brasil não é diferente. Desde o início da história do "futebol" no Brasil, o esporte e a religião católica estão intimamente ligados. Todos os

grandes clubes brasileiros têm capelas e santos padroeiros⁷. É sabido que muitos e muitas futebolistas buscam apoio espiritual nas religiões afro-brasileiras, embora a religião oficial dos clubes seja o catolicismo. O catolicismo popular e as práticas religiosas afro-brasileiras (macumba) sempre foram e continuam presentes no futebol brasileiro. Embora não tenhamos mais lido sobre práticas de macumba na imprensa (à exceção do futebol africano, em que mereceram uma proibição explícita da Fifa), é mais provável que elas ocorram, envolvendo um menor número de futebolistas. O que é certo é que outros rituais de sorte continuam a ser realizados, como tocar o chão com a mão antes de entrar no campo, sempre colocar o pé direito no chão, chutar os postes do gol, benzer-se, ajoelhar-se. Sem dar muito espaço à relação entre religião e esporte (ou melhor, ao símile "o esporte é como uma religião"), as perguntas que tentei responder (RIAL, 2012) foram: Por que as práticas religiosas são tão comuns no futebol? Por que elas são tão importantes para os e as futebolistas? Por que a maioria escolhe igrejas neopentecostais?

Inicialmente, respondi com um ponto de vista prático, similar ao de Gmelch (2003) – desconhecido para mim na época. Seguindo a análise de magia⁸ de Malinowski em Trobriand, Gmelch (2003) explicou que no beisebol se usa a magia para controlar a ansiedade gerada por eventos imprevisíveis. Essa também foi minha explicação, mostrando que a migração para o exterior é um fator que aumenta as incertezas (assim como a migração das áreas rurais para as cidades para outras pessoas (FRY, 1978)). Além disso, seguindo Marcel Mauss e Henri Hubert (1968), que havia debatido a magia e a religião com Malinowski, tanto em escritos quanto face a face (RIAL; GROSSI, 2001), apontei para a força física extra que as crenças e práticas religiosas poderiam fornecer. Como os caçadores australianos que recitando versos

7 Por exemplo, São Jorge para o Corinthians, Judas Tadeu para o Flamengo, Nossa Senhora de Lurdes para o Atlético Mineiro, Nossa Senhora das Vitórias para o Vasco da Gama; São Gennaro para o Palmeiras; Santa Rita para o Santos, Nossa Senhora da Glória (e também o Papa João II) para o Fluminense; Nossa Senhora da Conceição para o Botafogo e Náutico; São Sebastião para o Cruzeiro; Nossa Senhora de Fátima para o Sport; São Paulo para o clube do mesmo nome, Nossa Senhora das Vitórias para o Internacional e assim por diante.

8 Não diferencio magia e religião. Uso "magia" quando a palavra é usada por outros autores, pois para mim todas essas práticas são religiosas e chamá-las de magia é de algum modo colocá-las em uma posição inferior e etnocêntrica.

mágicos podiam ficar horas montados em árvores, futebolistas também se sentiam mais fortes após seus rituais.

Porém, as respostas (RIAL, 2012, 2013) não me satisfizeram. Jesus não é um calmante para as incertezas e nem apenas uma vitamina que fortalece os músculos. Também não é preciso ter músculos fortes para ser capaz de reverenciá-lo – como queriam os partidários do Cristianismo Muscular. Como observei no trabalho de campo, o impacto da religião não ocorria apenas no campo profissional, apresentando um efeito muito mais amplo, transformando e construindo subjetividades. Aderir à religião (preferem chamar de “fé”), transforma-os de maneira radical, abrindo para novas experiências de vida (RIAL, 2017).

A religião oferece uma cosmologia que ordena seu cotidiano, prescreve o que se deve e o que não se deve fazer, incentivando a autodisciplina diária e o constante monitoramento do corpo e das emoções – a famosa ascese grega. Obediência, autodisciplina, autocontrole, autoconsciência e reflexão são alguns dos efeitos que essa ética religiosa oferece e da qual são beneficiários(as). A “fé” ajuda a diferenciar o “bem” e o “mal”, e mantém os fiéis longe das “tentações” de um estilo de vida prejudicial às suas carreiras profissionais (RIAL, 2012).

Por que a maioria escolhe igrejas neopentecostais? A adesão de futebolistas ao neopentecostalismo coincidiu com a adoção pelas igrejas pentecostais brasileiras da Teologia da Prosperidade nos anos 1970. Até então, os evangélicos pentecostais eram proibidos de beber álcool, ouvir música, ver televisão ou praticar esportes – bolas de futebol eram chamados de “ovo do diabo”. Para ser capaz de atrair jogadores milionários recém-enriquecidos (e novos cidadãos de classe média geral), o neopentecostalismo também teve de incluir o acesso a bens materiais e prazer. Isso mudou quando as igrejas neopentecostais passaram a adotar a “Teologia da Prosperidade” que prega que os fiéis têm o direito de desfrutar de sua felicidade na Terra e que podem (e devem) buscar sucesso financeiro e aproveitá-lo. A posse de bens materiais é prova de um bom diálogo com Deus. Princípios de autoajuda e controle mental (“pensamento positivo”) são parte importante de sua pregação bíblica.

Claramente, o futebol une-se ao neopentecostalismo brasileiro em perfeito matrimônio de interesses – todos se beneficiam. Para as igrejas, isso é claro. Os futebolistas, especialmente aqueles situados na Europa, estão entre os principais contribuintes financeiros para essas igrejas. Um diálogo direto com Deus ou Jesus foi visto como estratégico para lidar com a "saúde", que encurtou a carreira de muitos deles no exterior. Embora as melhores condições econômicas dos jogadores no exterior possam sugerir o contrário, a palavra frequentemente empregada para caracterizar suas vidas diaspóricas para mim foi "sacrifício" e muitos(as) insistentemente falavam sobre sua "fé". O que querem dizer com fé? Encontrei uma resposta direta em uma foto do Twitter do jogador brasileiro Elias, que definiu a fé como "a substância das coisas esperadas, a evidência das coisas não vistas" (RIAL, 2017). A definição cita o Novo Testamento (Hebreus, 11,1), e tem sido empregada em muitas religiões, embora tenha sido usada com mais sucesso no cristianismo.

Futebolistas tem expressado o conceito abstrato de fé em formas específicas: palavras, gestos e marcas corporais (por marcas corporais me refiro às tatuagens). Em várias religiões, no momento de um ritual de iniciação, os crentes recebem uma marca em seus corpos, para lembrá-los do vínculo especial que agora possuem com a divindade. Essa marca serve para marcar sua fé e mostrá-la aos outros. Tais rituais inexistem no cristianismo. O batismo tradicional usa apenas a água, que flui, deixando um traço simbólico, mas não permanente, de sua existência. Contudo, a necessidade de marcas materiais persiste e, no caso de futebolistas, é substituída por tatuagens que eles mesmos escolhem. Tatuagens são provas materiais de sua fé, como um penhor de lealdade, um lembrete diário, uma maneira de evitar a quebra do vínculo que traria punição e desgraça. Elas também constroem uma narrativa de uma subjetividade diferente, indicando alguém guiado por princípios éticos e morais cristãos. Por meio dessas tatuagens, seus corpos tornam-se outdoors do cristianismo, servindo para propagar a fé, no que chamei seguindo Billig (1995) de uma religiosidade banal (RIAL, 2013). Tornam-se soldados da fé, pastores globais.

Gestos também são formas de demonstrar fé. Há uma variedade de pequenos gestos que os atletas realizam antes, durante e depois de cada

partida de futebol, sendo que o mais recorrente é levantar as mãos para o céu em comemoração a um gol. Às vezes esse gesto é feito enquanto ajoelhado e em grupo, com muitos jogadores em um círculo. Como o cristianismo não detém o monopólio das relações com o divino no futebol, mais recentemente, os jogadores apareceram curvando-se e ajoelhando-se na posição de prece muçulmana ao celebrar um gol.

Esses gestos religiosos podem ser interpretados como um reconhecimento de que os objetivos alcançados são um presente de Deus, não apenas uma conquista individual, mas também o resultado da vontade de Deus. Os objetivos alcançados são vistos como prova de fidelidade recíproca: do crente para com Deus e de Deus para com o crente. Assim, um dos significados da fé é quase um sinônimo de lealdade: um vínculo especial que liga Deus ao crente.

A fé se expressa em lealdade, mas também em obediência. Mesmo quando um crente não tem tarefas específicas para realizar, eles se sentem obrigados a obedecer às leis de Deus expressas na Bíblia – eles geralmente se referem à Bíblia como “a Palavra”. Alguns inscrevem a Palavra no corpo, por meio de tatuagens, outros enviam palavras pelo Twitter, Instagram e Facebook, como “Que Deus nos abençoe e proteja”, frase que Neymar publica para milhões de seguidores antes de cada partida.

Frequentemente, aqueles que já conhecem a palavra tomam o microfone nas igrejas e dão testemunho de sua própria experiência de vida – geralmente contando como eles viviam uma vida de farra (envolvendo álcool, bordéis) e como tudo isso mudou após o encontro com Jesus. Pregam uma vida de obediência à Palavra. Outros vão mais longe, abrindo suas próprias igrejas, nos Brasil e no exterior: Emirados, Alemanha (RIAL, 2016).

A obediência à Palavra implica um certo comportamento moral. É uma mudança profunda na conduta socialmente esperada para os homens das classes sociais mais baixas do Brasil. Ao abraçar a fé, novos homens são feitos, envolvendo o núcleo de sua masculinidade (ALMEIDA, 1995). Porém, ao contrário do que o Cristianismo Muscular pregou, não é a virilidade que é enfatizada agora – ao menos não publicamente. As práticas religiosas, a fé

como experiência, especialmente como experiência neopentecostal⁹, construíram novas subjetividades e legitimamente permitiram que os homens fossem menos viris, de algum modo transformando o *habitus*. Um novo status é alcançado, o de pais (ou/e filhos) amorosos. Ainda que também vivam na fronteira entre uma masculinidade prescritiva que se expressa em libertinagem e uma nova masculinidade, doméstica e domesticada.

Considerações finais

Longas imersões em um mesmo campo, no meu caso, no futebol, podem levar a explorar diferentes aspectos e a colocar diferentes questões. O campo pode servir como porta de entrada para se abordar temas sociais diversos.

O contato com essas celebridades do futebol me mostrou que ser contratado por um grande clube estrangeiro implica uma iniciação precoce no sistema de futebol, apoiada por um projeto familiar. Por outro lado, permanecer com sucesso no exterior é mais fácil para os que estão em casamento ou tem amigos íntimos em casa, se possível com filhos e que pertencem a uma religião, preferencialmente evangélica, pois suas práticas religiosas ajudam a sustentar a disciplina imposta por uma carreira profissional intensa no futebol. A fé tem um papel fundamental na consolidação de uma ética pessoal justa. Estabelece e consolida laços de amizade com outros atores brasileiros e lhes dá apoio em um campo profissional extremamente competitivo.

Por outro lado, a pesquisa mostrou que os(as) futebolistas brasileiros(as) não se encaixam em um perfil de imigrante, geralmente reservado para o trabalho manual e frequentemente associado ao crime e à ilegalidade. O viver em uma bolha lhes aproxima do que, na literatura de migração, tem sido chamado de expatriados – uma categoria usada para emigrantes/imigrantes abastados. Contudo, sua origem social, práticas religiosas e expressões subjetivas os distanciam dos sujeitos assim denominados. Re-

9 Na qual o Espírito Santo toma posse do corpo do crente, conforme: Mariano (1999, 2010), Oro e Batista (2015).

ferir-se a eles(elas) como imigrantes ou expatriados é fazer uso do que foi ironicamente chamado de "categoria zumbi".

Referências

- ALMEIDA, Miguel Vale. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim do Século, 1995.
- APPADURAI, Arjun. Disjuncture and difference in the global cultural economy. In: FEATHERSTONE, Mike (Org.). *Global culture*. London: Sage, 1990. p. 295-310.
- ASAD, Talal. Anthropological Conceptions of Religion: Reflections on Geertz. *Man, New Series*, v. 18, n. 2, p. 237-259, 1983.
- AUGÉ, Marc. *Anthropologie de la Revanche et Autres Textes*. Paris: Rivages Poche; Petite Bibliothèque, 2019.
- AUGÉ, Marc. Un Sport ou un rituel? *Le Monde Diplomatique*: Manieres de Voir n. 39 Football et Passions Politiques, p. 74-78, 1998.
- BAKER, W. J. *Playing with God: religion and modern sport*. Cambridge: Harvard University, 2007.
- BASCH, Linda Green; SCHILLER, Nina Glick; SZANTON, Blanc Cristina. *Nations Unbound: transnational projects, postcolonial predicaments, and deterritorialized nation-states*. London; New York: Routledge, 1994.
- BILLING, Michael. *Banal Nationalism*. London: Sage, 1995.
- BITENCOURT, Fernando Gonçalves. *No reino do Quero-Quero: corpo e máquina, técnica e ciência em um centro de treinamento de futebol – uma etnografia ciborgue do mundo vivido*. 2009. 314 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- DAMATTA, Roberto. Notas sobre as imagens e representações dos Jogos Olímpicos e do Futebol no Brasil. *Antropolítica*, n. 14, p. 17-39, 2003.
- DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- DARBY, Paul. Moving Players, transversing perspectives: global value chains, production networks and ghanian football labour migration. *Geoforum*, v. 50, p. 43-53, 2013.
- DURKHEIM, Émile. *Les Formes élémentaires de la vie religieuse: le système totémique en Australie*. Paris: PUF, [1912] 1968.
- FRY, Peter. Manchester e São Paulo: industrialização e religiosidade popular. *Religião e Sociedade*, v. 3, p. 25-72, 1978.
- GEERTZ, Clifford. *Religion as a Cultural System*. London: Tavistock, 1966.
- GMECH, George. Baseball Magic. 1978. In: HARPER, Douglas A. et al. *The cultural study of work*. New York; Toronto; Oxford: Rowman & Littlefield, 2003. p. 181-191.

HIGGS, Robert. *God in the Stadium: Sports and Religion in America*. Lexington: University Press of Kentucky, 1995.

HOFFMAN, S. J. *Good game: Christianity and the culture of sports*. Waco: Baylor University Press, 2010

HUBERT, Henri; MAUSS, Marcel. Introduction à l'analyse de quelques phénomènes religieux. In: MAUSS, Marcel. *Oeuvres*. Paris: Editions de Minuit, [1906] 1968. v. 1, p. 16.

JAHNECKA, Luciano. Sobre a trajetória de futebolistas infames: poder da vida e poder sobre a vida. *CSONline: Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, n. 31, p. 39-50, 2020.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Magic, Science and Religion and Other Essays*. Glencoe: [s. n.], 1948. v. 3.

MARIANO, Ricardo. Império Universal. *Folha de São Paulo*, Caderno Mais, p. 4, 5 fev. 2010.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

MARX, Karl. *Introduction to a Contribution to the Critique of Hegel's Philosophy of Right*. New York: Collected Works, [1843] 1976. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/marx/works/1843/critique-hpr/intro.htm>. Acesso em: 5 mar. 2021.

MAUSS, Marcel. Les techniques du corps. *Sociologie et anthropologie*. Paris: PUF, [1934] 1968a.

MAUSS, Marcel. *Oeuvres*. 1. Les fonctions sociales du sacré. Paris: Les Éditions de Minuit, [1909] 1968b.

NOVAK, Michael. *The joy of sports: end zones, bases, baskets, balls, and the consecration of the American spirit*. New York: Basic Books, 1976.

ORO, Ari Pedro; BATISTA, Marcelo Tadvald. A Igreja Universal do Reino de Deus e a reconfiguração do espaço público religioso brasileiro. *Ciencias Sociales y Religión*, Porto Alegre, v. 17, n. 23, p. 76-113, 2015.

POLI, Rafaelle et al. The transfer of footballers: a network analysis. *Cies Observatory Monthly Report*, n. 31, p. 2, jan. 2018.

PUTNEY, C. *Muscular Christianity: Manhood and sports in protestant America, 1980-1920*. Cambridge: Harvard, 2001.

RIAL, Carmen. Banal Religiosity: Brazilian Athletes as New Missionaries of the Neo-Pentecostal Diaspora. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, Brasília, v. 9, n. 2, 2012. Disponível em: <http://www.vibrant.org.br/issues/v9n2/carmen-rial-football-and-religion/>. Acesso em: 2 mar. 2021.

RIAL, Carmen. Circulation, bubbles, returns: the mobility of Brazilians in the football system. In: ELIOTT, Richard; HARRIS, John (Orgs.). *Football and Migration: Perspectives, places, players*. Londres: Routledge – Taylor and Francis Group, 2014a.

RIAL, Carmen. From 'Black Kaká' to Gentrification: the New Motilities of Expatriate Brazilian Football Players. In: GLEDHILL, John (Ed.). *World Anthropologies in Practice: situated perspectives, global knowledge*. Londres: Bloomsbury, 2016.

RIAL, Carmen. *From Playboys to Dads: Football Players as Global Pastors of Neo-Pentecostal Religions*. Paper presented in Global sport End-of-Project Conference, Praga. Praga: [s. n.], 2017.

RIAL, Carmen. Frontières et zones dans la circulation globale des footballeurs brésiliens. In: PIRAUDEAU, Bertrand (Org.). *Le Football Brésilien Regards Anthropologiques, géographiques et Sociologiques*. 1. ed. Paris: L'Harmattan, 2014b.

RIAL, Carmen. Futebol e mídia: a retórica televisiva e suas implicações na identidade nacional, de gênero e religiosa. *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política*, Niterói, v. 14, n. 2, p. 61-80, 2003.

RIAL, Carmen; GROSSI, Miriam. As alunas de Marcel Mauss. *Antropologia da Religião*. Filme, NAVI/UFSC, 53 min. 2012. Disponível em: <https://antropologiadareligiaoufpe.wordpress.com/2012/03/27/mauss-segundo-suas-alunas/>. Acesso em: 5 mar. 2021.

RIAL, Carmen. Jogadores brasileiros na Espanha: emigrantes porém... *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares*, v. 61, n. 2, p. 163-190, 2006. Disponível em: <http://dra.revistas.csic.es/index.php/dra/article/view/20/20>. Acesso em: 15 abr. 2021.

RIAL, Carmen. Neo-Pentecostals on the Pitch: Brazilian Football Players as Missionaries Abroad. In: NEEDELL, Jeffrey D. (Org.). *Emergent Brazil: Key Perspectives on a New Global Power*. Gainesville: University Press of Florida, 2015. p. 147-162.

RIAL, Carmen. New Frontiers: the transnational circulation of Brazil's female soccer players. In: AGERGAARD, Sine; TIESLER, Nina Clara (Orgs.). *Women, Soccer and Transnational Migration*. Londres; Nova Iorque: Routledge – Taylor and Francis Group, 2014c.

RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. *Horizontes Antropológicos* [on-line], v. 14, n. 30, p. 21-65, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832008000200002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 2 mar. 2021.

RIAL, Carmen. The “Devil's Egg”: Football Players as New Missionaries of the Diaspora of Brazilian Religions. In: ROCHA, Cristina; VASQUEZ, Manuel Arturo. *The Diaspora of Brazilian Religions*. Leiden: Brill, 2013.

VAILATI, Alex; RIAL, Carmen. *Migration of Rich Immigrants: gender, ethnicity, and class*. New York: Palgrave Macmillan, 2016.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1996.

Emoções e esporte em diálogo¹

Luiz Rojo

Abrindo o diálogo

Penso que iniciar este capítulo expondo parte de minha biografia acadêmica possa ajudar a compreender a importância que atribuo a este diálogo entre a Antropologia dos Esportes e a Antropologia das Emoções. Desde minha monografia de graduação, na qual analisei algumas das tensões entre adolescentes de camadas médias e suas famílias, contrastando filhos de pais casados com filhos de pais separados (ROJO, 1998), passando pela dissertação de mestrado, na qual estudei as relações de amizade entre estudantes de Medicina de uma universidade pública do Rio de Janeiro (ROJO, 2001), até minha tese de doutorado, na qual abordei as relações entre corpo, gênero e amizade em uma comunidade naturista no Rio Grande do Sul (ROJO, 2005b), o tema das emoções e, particularmente, da amizade como emoção, para além de sua dimensão socializadora, sempre esteve presente.

Desse modo, quando decidi mudar meu campo de investigações para a área dos estudos do esporte, eu não abandonei a discussão sobre as emoções, apenas reorientei meu foco para um novo objeto de pesquisa. Assim, minha primeira investigação na Antropologia dos Esportes foi sobre os discursos emocionais presentes na cobertura da mídia esportiva nos Jogos Olímpicos (ROJO, 2005a) e todas as minhas pesquisas subsequentes estabeleceram algum tipo de diálogo entre esses dois campos da Antropologia.

1 O tema da emoção apareceu pela primeira vez no GT de Antropologia dos Esportes na 27ª RBA (2010) por meio do trabalho do próprio Luiz Fernando Rojo, *O campo no mar: fazendo observação participante na vela*.

Desde o primeiro momento, um aspecto chamou fortemente a minha atenção. Apesar da significativa importância dessa temática no campo dos esportes, reconhecida por muitas das pessoas que já pesquisavam este tema, a única referência teórica utilizada em quase todos os trabalhos apresentados era o livro *Em Busca da Excitação* (ELIAS; DUNNING, 1992). Ao mesmo tempo, olhando de forma retrospectiva para todo o período em que estive mais próximo aos grupos que se dedicavam à Antropologia das Emoções, eu fiquei surpreendido pela quase absoluta ausência das práticas esportivas como objetos empíricos.

Portanto, um dos meus principais objetivos neste trabalho, para além da celebração dos vinte anos do grupo de Antropologia dos Esportes nas reuniões da Associação Brasileira de Antropologia, será dar alguma contribuição para a redução dessa lacuna. Para tal, partirei de algumas referências teóricas da Antropologia das Emoções que entendo pertinentes para apontar algumas limitações na perspectiva de Elias e Dunning. Com isso, buscarei apresentar algumas teorias alternativas para a análise das emoções e dos discursos emotivos no esporte. Em seguida, irei refletir sobre como as atividades esportivas podem ser não apenas um campo profícuo para o estudo das emoções, mas como possibilitam um aprofundamento do debate sobre as relações entre corpo e emoção. Finalmente, na conclusão, pretendo apresentar com um pouco mais de detalhamento, alguns dos caminhos pelos quais este diálogo tem mostrado toda a sua capacidade de contribuir tanto do ponto de vista mais estritamente etnográfico quanto para a elaboração teórica da Antropologia, bem como indicar algumas possibilidades para futuros desenvolvimentos de pesquisas que articulem essas duas dimensões.

Das Emoções para os Esportes

Em consonância com a perspectiva de Elias sobre o processo civilizatório (ELIAS, 1989), iniciado por volta do século XVIII na Inglaterra e, a partir daí, disseminado pela Europa Ocidental, o livro *Em Busca da Excitação*

analisa o papel dos esportes nessa nova "configuração social". Na obra, Elias e Dunning dedicam grande atenção para o estudo dos aspectos emocionais relacionados ao esporte. Na teoria que apresentam, o processo civilizatório seria responsável por uma extraordinária contenção de pulsões naturais que, em tempos passados, poderiam ser mais livremente expressas. A partir desse controle da agressividade, uma nova etiqueta exigida à mesa, bem como nas mais cotidianas atividades sociais e em outras dimensões que estabeleciam regras de expressão do corpo e das emoções, o "homem civilizado" teria começado a apresentar uma demanda de novos espaços nos quais ele poderia ser socialmente autorizado a dar vazão a suas pulsões originais. Para esses autores, portanto, os esportes constituíram uma arena em que as pulsões poderiam ser canalizadas por meio do que eles denominaram "um controlado descontrole das emoções".

Esta teoria poderia contribuir para o entendimento do processo pelo qual jogos populares e outras atividades corporais foram transformados em esportes regulados e universalmente codificados, particularmente a partir de sua origem na Inglaterra do século XIX. Ao mesmo tempo, para Dunning, isso poderia explicar o fenômeno do aumento da violência entre torcedores de futebol, na mesma Inglaterra do século XX, como falhas na incorporação dessa "civilização dos costumes" principalmente nos estratos inferiores das classes trabalhadoras, o que se encontra presente em alguns de seus trabalhos que analisam a questão do hooliganismo, na mesma obra.

Em todos esses aspectos, tais trabalhos reproduzem um entendimento de que as emoções são "dimensões internas", partes de uma natureza humana. Desse modo, as restrições a essas emoções consideradas inatas implicam, automaticamente, a necessidade de uma válvula de escape, como em uma panela de pressão. Nesse contexto, os esportes funcionariam como tais válvulas.

Ao lado dessas concepções fiscalistas e universalistas, que naturalizariam o que as emoções são, essa perspectiva se apresenta como incapaz de pensar sobre o que os discursos sobre as emoções produzem nas arenas sociais. Esse é exatamente um dos pontos mais importantes da teoria contextualista das emoções, tal como proposta por Lila Abu-Lughod

e Catherine Lutz (1990). Partindo de uma compreensão própria a respeito do conceito de discurso apresentado por Foucault, as autoras concentram suas análises principalmente sobre o que esses discursos emocionais produzem, entendendo as emoções não como uma essência, mas como se originadas à parte dos distintos contextos nos quais as pessoas interagem.

Esse pressuposto pode contribuir para interpretar como as dimensões do gênero, da etnicidade, de idade e da deficiência, entre outras, podem se enredar com os discursos das emoções nos esportes. Isso significa que as emoções precisam ser situadas dentro de uma rede de relações de poder para adquirirem significados. Ao mesmo tempo, elas devem ser entendidas como importantes discursos nativos na legitimação de divisões e hierarquias nas atividades esportivas. Uma das mais significativas destas é a que desqualifica as modalidades praticadas pelas mulheres em comparação com as praticadas por homens. Entretanto, essa não é a única possibilidade do uso de referências teóricas da Antropologia das Emoções para construir melhores interpretações sobre a questão das emoções no campo dos esportes. Pussetti propõe um interessante diálogo entre a Neurociência Cultural e a Antropologia das Emoções, na tentativa de ultrapassar a dicotomia entre os aspectos biológicos e socioculturais do corpo:

A noção de plasticidade ocupa hoje um lugar central no âmbito das neurociências e as experiências conduzidas confirmam que o cérebro humano não é um órgão definitivamente formado à nascença, mas antes uma entidade dinâmica, moldada pelo ambiente e pela experiência individual e capaz de criar continuamente novas configurações. Se antes pensava-se na plasticidade como uma característica só dos primeiros meses ou anos da vida e de determinadas partes do cérebro, os neurocientistas agora comprovaram que a plasticidade se aplica a todo o cérebro e para todo o curso da vida (PUSSETTI, 2015, p. 26).

Essa contribuição pode abrir um novo campo de diálogo entre as Antropologia Física e Cultural nos esportes, algo praticamente inexistente neste momento, pelo menos na Antropologia brasileira. Tradicionalmente, as atividades esportivas estiveram associadas com mudanças corporais, mas estas sempre foram entendidas a partir da dicotomia corpo/mente, cindindo

suas análises entre aqueles dois subcampos da Antropologia dos Esportes. A partir da perspectiva de Pussetti torna-se possível pensar sobre como essas atividades, bem como as emoções sentidas durante a prática, podem ser parte de um incessante remodelamento do cérebro.

A associação entre as contribuições de Pussetti e as de Abu-Lughod e Lutz pode nos ajudar a construir novas interpretações sobre como determinados discursos sobre as emoções, principalmente aqueles envolvendo gênero, etnicidade e deficiência, podem não apenas produzir efeitos sociais, mas também trazer consequências individuais, operando como um tipo de catalizador na introjeção de hierarquias sociais e na naturalização das desigualdades a partir das dimensões supracitadas.

Desse modo, no curto espaço dedicado a apresentar algumas contribuições da Antropologia das Emoções para o estudo dos esportes, eu pretendi sublinhar um caminho que parte da completa associação entre emoções e algum tipo de "natureza humana", na qual as primeiras eram compreendidas como sendo causadas pela segunda, passando por uma leitura mais culturalista para chegar até uma tentativa de articular ambas as dimensões, mediante a integração da mente no corpo e destes na cultura.

Dos Esportes para as Emoções

O boxeador domina suas emoções à medida que é capaz de escondê-las e controlá-las. O medo é um trunfo para um combatente. Ele o faz se mexer mais velozmente, faz ele ficar mais rápido e mais alerta. Os heróis e os medrosos sentem exatamente o mesmo medo. Simplesmente os heróis reagem a ele de um modo diferente (WACQUANT, 2002, p. 113).

Wacquant é um dos pioneiros a discorrer sobre a articulação entre corpo e emoções nos esportes. Seu livro *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*, um clássico em nossa área, ilustra como o estudo dos esportes pode contribuir para uma compreensão mais refinada dessas dimensões na Antropologia das Emoções e, ao mesmo tempo, sublinhar a importância desse tema em nossas próprias investigações nos esportes.

Partindo de uma leitura maussiana que estabelece uma divisão entre uma origem natural das emoções e uma expressão cultural destas, o autor irá nos mostrar como as características das atividades esportivas podem servir como uma arena excepcional para analisar tais interseções.

Desse modo, na citação apresentada, Wacquant expressa como a emoção é entendida por ele como alguma coisa internamente produzida – o medo sendo natural para heróis e medrosos – mas cujas expressões podem ser socialmente moldadas. Proponho aqui conectar essa passagem com as considerações de Archetti sobre o esporte como uma das "zonas livres" existentes nas sociedades.

As tendências ordenadoras da sociedade estão relacionadas com instituições públicas como a escola, o serviço militar, o trabalho, as cerimônias públicas e os rituais de nacionalidade. As zonas "livres" [...] permitem a articulação de linguagens e práticas que podem desafiar um domínio público oficial e puritano. Nas sociedades modernas, o esporte, os jogos e o baile são espaços privilegiados para a análise da liberdade e da criatividade cultural (ARCHETTI, 2003, p. 42).

Com isso e com o entendimento de que a emoção pode ser pensada também como uma linguagem, é possível criar uma melhor interpretação de situações tais como o medo no boxe ou no alpinismo, o choro dos torcedores e jogadores homens no futebol em contraste com outros espaços públicos em que se afirma que "homens não choram" e outros discursos sobre emoções os quais nem sempre são possíveis de serem observados em outros espaços "oficiais". Tais discursos também reforçam a dimensão contextual das emoções, enfatizando como a produção destas está grandemente associada com os diferentes contextos nos quais adquirem significado. Desse modo, para a análise das múltiplas e mutáveis emoções que podem ser observadas, é preciso levar em consideração se o atleta está em um ponto decisivo de um torneio, em um treinamento, em uma partida que envolva um tipo específico de rivalidade, se a modalidade é individual ou coletiva, bem como se o atleta está representando apenas a si mesmo, um time particular ou a nação.

Em outra direção, trabalhos sobre os chamados “esportes de risco” podem nos trazer inúmeros caminhos para pensar emoções tais como o medo. Em que medida essa única palavra dá conta de descrever o que é produzido por algo desejado e controlado, tal como ocorre na prática de atividades como o *base-jump*, no qual uma pessoa se lança de grandes altitudes sustentada apenas por um cabo de aço e pelo que é provocado por uma situação inesperada tal como um acidente ou um assalto à mão armada. Embora seja possível listar muitos outros exemplos aqui para ilustrar como os estudos dos esportes podem contribuir com o campo das emoções na Antropologia, eu gostaria de finalizar esta seção com uma questão específica, oriunda de meu trabalho de campo com atletas com deficiência. Nessa pesquisa eu pude observar como duas emoções interagindo em um contexto particular podem mudar as avaliações específicas sobre cada uma delas.

Durante os Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, em 2016, a equipe brasileira de futebol de sete, para pessoas com paralisia cerebral, foi derrotada no jogo semifinal pelo Irã pelo placar de cinco a zero. Muitas vezes, frente a esse tipo de derrota com um resultado tão expressivo, mesmo frente a um adversário considerado superior, é esperado o surgimento de emoções como tristeza, decepção e outras semelhantes, principalmente quando essa derrota é acompanhada por intensas vaias da torcida, como foi o caso. Entretanto, no vestiário, muitos dos jogadores brasileiros estavam exultantes e felizes, celebrando não o resultado, admitido como além de uma derrota esperada, mas justamente o fato de terem sido vaiados. Um deles se expressou da seguinte maneira:

Em 2007, durante os Jogos Parapanamericanos, nós jamais teríamos sido vaiados desta forma porque nós éramos vistos como “coitadinhos”, como pessoas que mereciam pena, compaixão. Então nós podíamos jogar muito mais e, mesmo assim, as pessoas ainda aplaudiriam, mas hoje foi diferente! Hoje nós fomos tratados como atletas. A compaixão acabou!

Isso implica que as emoções entre esses jogadores foram construídas a partir de uma série de particularidades que constituem aquele contexto, sendo distinto para quem participou dos Jogos de 2007, tendo vivido

o que eles mesmo chamavam de "outros tempos" e aqueles, mais jovens, que reagiram àquela derrota e às vaias a partir de outro referencial. Além disso, em sintonia com o que foi discutido por Clark (1997), esses discursos reforçam o entendimento de que a compaixão pode ser lida como uma emoção fortemente discriminadora, ao colocar em patamares hierarquicamente diferentes aqueles que sentem compaixão, aqueles que mereceriam compaixão e quem sequer mereceria que as pessoas se compadecessem delas, sendo essas diferenciações normalmente determinadas por padrões morais hegemônicos.

Considerações finais

Durante vinte anos de atividades, o Grupo de Trabalho (GT) de Antropologia dos Esportes, da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), produziu diversos tipos de diálogos e contribuiu para o fortalecimento desse campo de estudos. Muitas pessoas foram importantes nesse processo, mas quero aproveitar a conclusão deste capítulo para homenagear o papel singular de Simoni Lahud Guedes, não apenas na constituição do grupo, na internacionalização de nossa área e na formação de gerações de pesquisadores, mas também no início de um diálogo entre as emoções e os esportes.

Como falei na introdução, minha trajetória acadêmica se iniciou fortemente vinculada aos estudos das emoções e foi por esse caminho que entrei no campo dos esportes. Durante meu pós-doutoramento, supervisionado por Simoni Guedes, tive a oportunidade de ministrar um curso sobre Antropologia das Emoções, na pós-graduação, o qual ela gentilmente estimulou que muitos de seus orientandos acompanhassem. Por outro lado, o contato sempre permanente com minha orientadora de mestrado e doutorado, Claudia Rezende Barcellos, possibilitou que este diálogo se mantivesse e se aprofundasse, inclusive com a ampliação de pesquisadores que, vindos desse mesmo campo de estudos das emoções, tomassem os esportes como objeto privilegiado de análise.

Sou profundamente grato a essas professoras que foram determinantes na minha formação profissional e que, por diversos caminhos, ajudaram a tecer os fios que unem, de forma cada vez mais forte, esses dois campos. Há, ainda, muito trabalho a ser feito no aprofundamento das contribuições teóricas e etnográficas, particularmente no diálogo entre corpo, etnicidade, gênero e emoção. Espero que o debate que apresentei neste capítulo possa ter, simultaneamente, apresentado um panorama de alguns dos principais eixos de pesquisa atuais que conectam as emoções e os esportes no Brasil, bem como estimulado que novas pesquisas e novas pessoas se somem a esta trajetória.

Referências

- ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine. Introduction: emotion, discourse, and the politics of everyday life. In: LUTZ, Catherine; ABU-LUGHOD, Lila (Ed.). *Language and the politics of emotion*. New York: Cambridge University Press, 1990. p. 1-23.
- ARCHETTI, Eduardo. *Masculinidades*. Buenos Aires: Editorial Antropofagia, 2003.
- CLARK, Candace. *Misery and Company*. Chicago: University of Chicago Press, 1997.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Diffel, 1992.
- ELIAS, Norbert. *El proceso de la civilización*. México: Fondo de Cultural Economica, 1989.
- PUSSETTI, Chiara. As razões do coração: entre neurociências culturais e antropologia das emoções. *RBSE: Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 14, n. 42, p. 23-41, dez. 2015.
- ROJO, Luiz Fernando. Discursos sobre a emoção entre atletas olímpicos brasileiros. *Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2005a.
- ROJO, Luiz Fernando. *Os diversos tons do branco*: relações de amizade entre estudantes de Medicina da UERJ. 2001. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – UERJ, Rio de Janeiro, 2001.
- ROJO, Luiz Fernando. *Problema ou privilégio*: analisando adolescentes filhos de pais casados e separados em uma escola particular do Rio de Janeiro. 1998. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia em Ciências Sociais) – UERJ, Rio de Janeiro, 1998.
- ROJO, Luiz Fernando. *Vivendo “hu” paraíso*: comunidade, corpo e amizade na Colina do Sol. 2005. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – UERJ, Rio de Janeiro, 2005b.
- WACQUANT, Loïc. *Corpo e alma*: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

Provocações das práticas de lazer de aventura à antropologia: entre esporte e turismo, ou não

Marília Martins Bandeira

Introdução: esportes nem tão recentes

Embora sejam partes que parecem ter ficado por mais tempo inexploradas, já eram mencionados nos clássicos da antropologia do corpo, filosofia do jogo e sociologia do esporte os tipos de práticas problematizadas no presente trabalho. No inaugural *As Técnicas do Corpo*, Mauss ([1934] 2003, p. 421)¹ afirmava:

A principal utilidade que vejo em meu alpinismo de outrora foi essa educação de meu sangue-frio, que me permitia dormir em pé num degrau à beira do abismo [...] E este é, antes de tudo, um mecanismo de retardamento, de inibição de movimentos desordenados; esse retardamento permite, a seguir, uma resposta coordenada de movimentos coordenados, que partem então na direção do alvo escolhido. Essa resistência à perturbação invasora é fundamental na vida social e mental.

Caillois ([1958] 1990, p. 43) aprofunda essa discussão sobre a educação do corpo pelo risco, não do ambiente natural, mas ao examinar situações nas quais o descontrole corporal é deliberadamente provocado por brincadeiras. O autor discorre sobre jogos ao ar livre e também jogos que denomina de *inlix*:

1 Esta revisão foi organizada cronologicamente. Quando possível, entre parênteses apresento o ano da edição da obra a que tive acesso, em sua tradução para o português, e em colchetes a data de publicação do original.

[...] consistem na tentativa de destruir por um instante a estabilidade da percepção e infligir à consciência lúcida uma espécie de voluptuoso pânico. Em todos os casos, trata-se de atingir uma espécie de espasmo, de transe ou de estonteamento que desvanece a realidade com uma imensa brusquidão. A perturbação provocada pela vertigem é um fim em si mesma.

O autor cita acrobacias, saltos, projeções no espaço, voos, ou sua combinação, como característicos dessa categoria de brincadeiras e jogos, além da invenção de máquinas lúdicas, como as de parques de diversão, para estimular esse estado de evasão do controle e depois sentir prazer em recobrá-lo.

Bourdieu ([1980/1983] 1990, p. 209) sinalizou para a importância do estudo do conjunto das modalidades esportivas de "combate contra a natureza", mas no contexto de gestos esportivos de deslize e controle do equilíbrio como o surfe e o skate. Elias e Dunning ([1985] 1992, p. 83-84) consideram algumas das práticas em questão como parte de sua teoria geral sobre o esporte, mas reduzem-nas a uma disputa contra elementos da natureza:

O desporto pode traduzir-se num combate entre seres humanos que lutam individualmente ou em equipes. Pode ser uma luta de cavaleiros e de uma matilha de cães em perseguição a uma raposa veloz. Pode assumir a forma de uma corrida de esquí desde o cimo da montanha até o vale, um tipo de desporto que não é só um confronto entre seres humanos, mas é, também, um desafio com a própria montanha coberta de neve. Assim é o montanhismo, em que os seres humanos podem ser derrotados por uma montanha ou, depois de muitos esforços, podem atingir o topo e gozar a sua vitória. O desporto é sempre, em todas as suas variedades, uma luta controlada, num quadro imaginário, quer o adversário seja a montanha, o mar, a raposa ou outros seres humanos.

Bourdieu, embora mencionasse o ambiente natural, mais especificamente, chamou de "esportes californianos" modalidades importadas dos Estados Unidos pela burguesia francesa no contexto de problematização do gosto das elites por novos lazeres individuais com equipamentos pecu-

liares que implicavam algo de *inlix*, como em Caillois. Porém, não podemos realizar tal redução (chamar de esportes californianos todo o conjunto dos desafios físicos e/ou lúdicos de interação com fenômenos ou exposição a ambientes naturais) quando incluímos o montanhismo, sistematizado na Europa, especialmente nos países alpinos, o que inclui a França. Ademais, povos polinésios já deixaram claro seu descontentamento com o surfe sendo caracterizado como californiano, visto que reivindicam para si a origem dessa prática, antes de esportiva, ritual².

Allen Guttman escreve um posfácio de duas páginas chamado *Postmodernism and les sports californiens*, em 2004, para seu livro *From ritual to record* (1978). Guttman sinaliza para uma discussão sobre se essas práticas enfatizam valores de um recorte temporal mais contemporâneo, mas não se convence. Discorda dos teóricos que viam a popularização de tais práticas impulsionadas pela consciência da crise ecológica planetária e movimento hippie, pós-1960, e as situa como Mauss e Elias e Dunning em uma teoria mais geral sobre modernidade e a invenção da noção de esporte, a qual já previa o montanhismo.

Parlebas (1988) classifica jogos e esportes em relação ao ambiente em que ocorrem. Tendo como critério a possibilidade de o jogador controlar as informações da arena esportiva, o autor as organiza em três tipos: domesticado, semidomesticado e selvagem. Enquanto Pociello ([1993] 1995) ressalta que esses desafios esportivos diferem dos "convencionais" por trocarem as demonstrações de força e potência exclusivamente musculares observadas no Jogos Olímpicos por aquelas de controle informacional do corpo na interação com fenômenos naturais e criatividade constante na invenção de novas tecnologias e gestos esportivos. É na década dessa publicação que a preocupação em não só tipificar e descrever, mas também problematizar esses conjuntos de práticas corporais, começa a se configurar. Principalmente o maior risco à integridade física do praticante que os outros esportes.

2 Para uma melhor apreensão dessa tensão, assistir o documentário *Bustin' Down the Door: as lendas do surf* (2008). Sobre o desenvolvimento do skate e do windsurfe como estadunidenses, o documentário *Dog Town and Z-boys* (2001).

Entre a natureza e o *inlix*, tais práticas corporais passam, então, a ser tratadas na bibliografia internacional em coletâneas que compilam capítulos sobre modalidades esportivas diversas, como *To the extreme: alternative sports inside and out* (RINEHART; SYDNOR, 2003), *Understanding lifestyle sports: consumption, identity and difference* (WHEATON, 2004) e *Berkshire Encyclopedia of Extreme Sport* (BOOTH; THORPE, 2007). Em específico na antropologia, no mesmo ano da última coletânea citada, a revista *Anthropology Today* (n. 6, v. 23), dedicou volume exclusivo aos esportes que, intitulados em seu editorial "hazardous"³, lidos, como sugerem os títulos das coletâneas, extremos no sentido de arriscados ou perigosos.

No Brasil, as expressões *esportes extremos*, *esportes de risco* e *esportes radicais* também foram mobilizadas. O último termo sobretudo para práticas mais recentes com equipamentos, arenas ou novos usos das cidades recém-inventados e focados em execução de manobras agudas. Entretanto, o termo *aventura* se estabilizou na interface com a questão ambientalista, como demonstram *Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente* (SERRANO; BRUHNS, 1997), com capítulo de Gustavo Lins Ribeiro e Flávia de Barros intitulado *A corrida por paisagens autênticas: turismo, meio ambiente e subjetividade no mundo contemporâneo*. Diferentemente de Bourdieu e Elias, nesses trabalhos, as viagens e práticas esportivas aparecem também como comunhão com a natureza, e não confronto com ela.

As práticas que inspiram o presente texto tiveram maior expansão no Brasil na virada do milênio. Apesar das técnicas e equipamentos muito diversos, vêm sendo agrupadas como de um tipo semelhante por terem em comum o risco percebido como maior (no sentido de lesões mais graves e irreversíveis, desaparecimento e morte) do que perigos dos esportes de quadra, campo, ginásio e/ou piscina. Relação com os imponderáveis dos locais não controlados escolhidos para sua prática (ambientes ou fenômenos naturais), relação inovadora subversiva com os espaços arquitetônicos urbanos ou manobras agudas propiciadas por equipamentos e arenas re-

3 Expressões entre aspas indicam palavras estrangeiras, citações e termos do senso comum. Termos grafados em itálico correspondem neste texto a expressões próprias ao campo etnográfico ou títulos de publicações, jornais e filmes.

centemente inventados e relacionados com grande velocidade, altura e/ou mudança de direção.

Enquanto no âmbito da Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) se galgava estabilizar o espaço que garantisse o debate sobre Antropologia do Esporte, em 2006, as coletâneas *Viagens, Lazer e Esporte: o espaço da natureza* (MARINHO; BRUHNS, 2006) e *Aventuras na natureza: consolidando significados* (SCHWARTZ, 2006) sinalizavam a emergência do termo *aventura* como fenômeno da atualidade em franca expansão e a importância da análise acadêmica sobre tais práticas na fronteira da educação física e do turismo, abraçada pelo campo dos estudos interdisciplinares do lazer e cristalizada com a primeira edição do Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura (CBAA) no mesmo ano.

Após iniciação científica sobre surfe apresentada no último evento, em monografia de pós-graduação lato sensu, realizei minha aproximação da ideia mais ampla de um subcampo multimodalidades, interior ao campo esportivo, na forma de um levantamento de sua divulgação na mídia escrita, com o intuito de compreender como escolher chamar esse conjunto de práticas. Diante do debate terminológico que havia no Brasil com a popularização de tais práticas corporais, entre *esportes na natureza*, *esportes radicais*, *esportes de aventura*, *esportes de risco*, *esportes de ação* ou *esportes ao ar livre*.

Ao analisar as publicações sobre tais atividades no ano de 2007 nos jornais impressos de maior circulação no país como *O Globo*, *A Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, notei que as notícias sobre essas atividades apareciam com muito mais frequência nos cadernos: cotidiano (como formas lúdicas de apropriação dos espaços das cidades) e turismo (como formas de passear e interagir com as paisagens e fenômenos naturais), em vez de aparecerem no caderno esportes. Selecionei o jornal de maior frequência de publicações acerca da temática para aprofundar a análise em Bandeira (2009).

Embora os termos *radical* e *aventura* fossem os mais frequentes entre as expressões anteriormente listadas, não havia consenso no que se referia a sua utilização pelos praticantes entrevistados e os termos pareciam

intercambiáveis para os jornalistas, talvez como recurso literário para evitar a repetição de palavras. Entretanto, uma Comissão de Esporte de Aventura foi criada no âmbito do Ministério do Esporte em 2007, e elaborou definição oficial publicada pela no Diário Oficial da União. Tal proposta associou o termo *aventura* ao risco do imprevisível dos ambientes e fenômenos naturais, enquanto o termo *radical* estaria associado ao contexto urbano, manobras agudas e/ou arenas construídas. Não por acaso, há estudos antropológicos (MACHADO, 2011; MARQUES, 2011) sobre *skate* e *le parkour* situados na interface da antropologia urbana, da ou na cidade com a antropologia do lazer e não necessariamente com a antropologia dos esportes. No entanto, tal termo não encontra equivalente internacional.

Os adeptos dessas práticas eram ora reportados como esportistas, ora descritos como mais comprometidos com seu prazer e divertimento ou autoconhecimento e autossuperação. Quando apareciam no caderno esportes, geralmente em pequenas notas, tratava-se de resultados de campeonatos e rankings e atletas competitivos. Entretanto, as reportagens de maior espaço de redação, dos cadernos cotidiano e turismo, apresentavam praticantes mais preocupados com a fruição de uma atividade física atual e peculiar ou de adeptos de estilos de vida interessantes do que com resultados formais de comparação de desempenho por instituições esportivas.

Contudo, há que se ponderar que, segundo afirmam Dias, Melo e Alves Jr. (2007), nem todas as modalidades assim classificadas são mais recentes/novas em relação às consideradas convencionais, visto que há associações e clubes de alpinismo e montanhismo na Europa com anos de fundação mais antigos que os de futebol. Além disso, o processo de esportivização, no sentido de Guttmann (1978), dessas práticas também esteve em curso desde sua apropriação pelo Ocidente ou no contexto contracultural, como registram *Bustin' Down the Door* (2008) e *Dogtown and Z-Boys* (2001).

O processo de esportivização de tais práticas se intensificou recentemente a ponto de a escalada, o skate e o surfe serem incorporados, depois dos Jogos Olímpicos da Juventude, aos Jogos Olímpicos principais, de Tóquio, que ocorreriam em 2020. O que nos provoca a repensar caracterização dessas modalidades como “não olímpicas”, “alternativas” ou menos

competitivas, como já propunham criticamente Rinehart e Sydnor (2003), ao considerarem que há modalidades compondo tal subcampo que foram criadas especificamente para os Extreme Games (X-games), por exemplo, um evento estritamente competitivo idealizado por um canal de televisão para sua exploração imagética e midiática. Ou seja, desde sua fundação como esporte espetáculo.

Contudo, embora algumas dessas modalidades estejam sendo praticadas em paredes de escalada artificiais e corredeiras e ondas de piscina, ainda há versões que mantêm o contato com a natureza como eixo privilegiado de significação. Nesses casos, quando há comprometimento do praticante em manter certa regularidade de prática ou em avançar tecnicamente, as viagens – em busca de condições geográfica e meteorologicamente adequadas ou mais desafiadoras – são constantes, além de as próprias viagens no formato de expedições e travessias como desafio corporal caracterizarem certa aventura contemporânea, com pitadas de show de sobrevivência, inaugura-se um tipo de turismo esportivo específico.

Aventura e Antropologia

Como afirmei em Bandeira (2012a, 2012b), Lévi-Strauss já agendava o tema das “viagens de aventura” para investigação como fenômeno social: “Quase não se viajava há cerca de vinte anos, e não eram as salas Pleyel cinco ou seis vezes repletas que acolhiam os contadores de aventuras” (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 16). Contudo, criticava-as:

Ser explorador agora é um ofício; ofício que não consiste, como se poderia acreditar, em descobrir, ao cabo de anos de estudo, fatos até então desconhecidos, mas em percorrer elevado número de quilômetros e acumular projeções de fotos e vídeos, de preferência em cores, graças as quais se encherá uma sala, vários dias seguidos, com uma multidão de ouvintes para quem as trivialidades e banalidades parecerão milagrosamente transmutadas em revelações [...] fragmentos desbotados de informação, disponíveis há meio século em todos os manuais, e que uma dose pouco comum de impudência, mas na exata

medida da ingenuidade e da ignorância dos consumidores, não teme em apresentar como um testemunho (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 15-16).

Paradoxalmente, Lévi-Strauss, como outros antropólogos, procurou, em um primeiro momento, distanciar a antropologia da noção de aventura contemporânea para afirmá-la como ciência. Como para Durham e Cardoso (1986):

A nossa *Aventura Antropológica* pode lembrar a visão romântica que cerca os antropólogos, quase sempre confundidos com excêntricos aventureiros que se lançam em estranhas viagens por regiões desconhecidas ou espaços urbanos inabitais. Mas, mesmo rejeitando estas pinceladas românticas, não seria enganoso dizer que a pesquisa é sempre uma aventura nova sobre a qual precisamos refletir (DURHAM; CARDOSO, 1986, p. 13).

Assim, empreendiam um julgamento que desencorajaria a levar a sério a ideia atual de aventura como fenômeno digno de investigação científica:

Não há lugar para a aventura na profissão de etnógrafo; ela é somente sua servidão, pesa sobre o trabalho eficaz com o peso das semanas ou dos meses perdidos no caminho; das horas improdutivas enquanto o informante se esquia, da fome, do cansaço, às vezes da doença; e, sempre, destas mil tarefas penosas que corroem os dias em vão e reduzem a vida perigosa no coração da floresta virgem a uma imitação do serviço militar... que sejam necessários tantos esforços e desgastes inúteis para alcançar o objeto dos nossos estudos não confere nenhum valor ao que se deveria mais considerar como o aspecto negativo do nosso ofício. As verdades que vamos procurar tão longe só tem valor se desvencilhadas dessa ganga (LÉVI-STRAUSS, [1955] 2009, p. 15).

Entretanto, no documentário *Viajantes Radicais, pelo caminho de Lévi-Strauss* (2009), há trechos de entrevista em que o autor afirma: "Eu era muito apaixonado por campismo, caminhada e alpinismo, além disso tinha o desejo de conhecer outros horizontes" e "eu tinha uma carreira em filosofia, uma carreira nobre, mas monótona, por outro lado, meus gostos pessoais

tinham mais a ver com a aventura". Essa aparente ambiguidade nas declarações de Lévi-Strauss não foi suficiente para estabilizar as práticas de aventura como objeto de reflexão antropológica, mas, para alguns, acomodou a impressão de característica metodológica do fazer antropológico.

Como já revisei em trabalho apresentado na própria RBA (BANDEIRA, 2012b), o termo aventura tem sido tratado na bibliografia em ciências humanas, na maioria das vezes, como um adjetivo para o que tem um componente desconhecido e de coragem. Para Simmel ([1912] 1971), a aventura produz uma necessidade nova e significativa para a vida: a de se retirar da estabilidade para construir sua própria legitimação. O aventureiro seria aquele que trata o que na vida é incalculável, como, em geral, tratamos o que pode ser calculado com segurança, por sua confiança no destino. Nas palavras do autor, que analisa os perfis dos "aventureiros amorosos", ele seria um tipo social de ousadia peculiar. Na *aventura* como fenômeno recente, por sua vez, inserida em contextos de lazer, o aventureiro calcula e gere de fato o risco que corre.

O *aventureiro* do qual trata o presente texto, então, não se pretende, como em Simmel, um intelectual ou um amante, mas um esportista-turista, que crê que o desconhecido é seguro para ele por sua convicção nas técnicas, nos equipamentos e em sua excelência em lançar mão deles, em acordo com o imponderável. Isso devido a sua dedicação ao desenvolvimento de capacidades físicas, habilidades motoras, compreensão dos padrões de comportamento dos fenômenos naturais e treinamento de protocolos de segurança.

O tipo de *aventura* pensado aqui, portanto, em suas muitas versões possíveis, não é operado como uma questão de sorte, como em Simmel, mas antes como uma questão de treino, e também não é uma experiência vaga. Há discursos oficiais e oficiosos sobre ela: projetos de lei, estatutos, normas e manuais de boas práticas, que a regulam enquanto empreendimento coletivo. Iniciativas que, especificamente no contexto brasileiro, associam práticas conhecidas como *ecoturismo*, *educação ambiental* e *esportes radicais* em categorias síntese como *esportes de aventura*, *turismo de aventura* e, mais recentemente, apenas, *aventura*.

Encontrei em minha dissertação de mestrado, Bandeira (2012a) e tese de doutorado (BANDEIRA, 2016), que, nessas dinâmicas aventureiras, as fronteiras entre esporte e turismo são borradas, mas não sem conflito e disputa. Isso porque, ao menos no contexto brasileiro, *aventura* passou a nomear e definir instituições, tais como *clubes de aventura*⁴; a *Associação Brasileira de Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura* (Abeta), em 2002; a *Brazilian Adventure Society* (BAS), em 2008; revistas especializadas⁵ e programas de rádio e televisivos⁶ que têm relação com o tema, bem como *eventos* cada vez maiores e mais frequentes, por exemplo: circuitos de *corrida de aventura*⁷, *Festival Brasileiro de Filmes de Aventura, Turismo e Sustentabilidade* (Fatu) e *Adventure Sports Fair*.

De acordo com pesquisa realizada pelo Observatório de Turismo da Diretoria de Turismo e Entretenimento de São Paulo, em sua edição de 2009, a *Adventure Sports Fair* recebeu, em quatro dias, cerca de cinquenta e cinco mil pessoas. 53,7% eram do gênero masculino e 48,5% trabalhavam como autônomos. A renda da maioria (31,7%) era de 5 a 10 salários mínimos e a faixa etária predominante de 30 a 39 anos (38,4% do total). O grau de instrução mais citado foi o superior (41,1%) e mais de 21% do público foi composto por turistas, dos quais 1,5% eram estrangeiros (LAGE, 2010). O evento, por seu tempo de existência, dimensão e perfil dos participantes, foi considerado recorte privilegiado para monitoramento do campo reconhecido como setor estratégico de mercado pelo Programa Aventura do Ministério do Turismo, lançado em 2006 e encerrado em 2011. Desde 1998, a feira que se chama

4 Como o Clube da Aventura Kalapalo (Disponível em: <http://clubedaaventurakalapalo.blogspot.com/>. Acesso em: 15 mar. 2021), o Clube de Aventura de Londrina (Disponível em: <http://www.clubedeaventura.com.br/>. Acesso em: 15 mar. 2021) e o Clube dos Aventureiros (Disponível em: <http://www.clubedosaventureiros.com/>. Acesso em: 15 mar. 2021).

5 Além da *Aventura e Ação*, *Ecoaventura*, e *Go Outside* (que promove desde 2006 o prêmio *Outsiders: Aventureiros do Ano*).

6 No canal ESPN, *Planeta EXPN: Aventuras*; e no Multishow, *Extremos*. Além dos programas, também houve a criação de canais a cabo inteiramente associados ao tema como *Woohoo* e *Off*.

7 As *corridas de aventura* são expedições competitivas, geralmente realizadas em ambiente *natural*, nas quais equipes de dois a cinco integrantes, com ao menos um participante de sexo oposto aos demais, utilizam-se da combinação de variadas técnicas corporais (entre as quais as mais comuns são: o *trekking*, o *mountainbike*, a *canoagem* e as *técnicas verticais*) para chegar a pontos determinados com uso de bússola e orientação por mapa e carta topográfica.

de esportes de aventura, mas contém diversos elementos do turismo com grande espaço para exposição de autodenominados "destinos", aconteceu anualmente até ser cancelada pela primeira vez em 2015, por inviabilidade devido ao baixo número de expositores. A situação de pandemia da covid-19 implica em nova investigação para compreender possíveis mudanças nessas dinâmicas.

Outra pesquisa realizada no contexto da mesma política pública, intitulada *O perfil do turista de aventura e ecoturista no Brasil* (2009), aponta que dos 904 entrevistados selecionados após *survey* nas capitais dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais (que seriam os estados em que "mais pessoas procuram por serviços turísticos"), 30% dos entrevistados eram de classe A, 56% de classe B e 10% de classe C, segundo o Critério de Classificação Econômica Brasil. Além disso, traços marcantes encontrados sobre o *turista de aventura* foram a predominância de solteiros (42%) e alta escolaridade (22% ensino médio, 27% ensino superior completo, 31% ensino superior incompleto, 13% pós). Desses, 29% afirmaram que nas viagens feitas nos últimos 12 meses, dentro do Brasil, o principal objetivo foi entrar em contato com a natureza.

Seria interessante comparar esses dados com os de 10 anos depois, pois nesse primeiro levantamento é aparente o recorte de classe. De acordo com Barreto (2003), embora os primeiros turistas fossem nobres europeus entre os séculos XVI e XVIII, certa democratização do turismo aconteceria no século XIX e o turismo contemporâneo, de massa, praticado também pela classe média, se iniciaria na década de 1950. Embora a Organização Mundial de Turismo (OMT) indique que o movimento turístico internacional é realizado por 10% da população mundial, o que denuncia a limitação da democratização supracitada, a autora afirma que, na década de 1970, havia entre organismos internacionais de desenvolvimento a ideia de que o turismo poderia auxiliar as economias do "terceiro mundo".

Talavera (2003) afirma haver um movimento em busca de um turismo que permite tanto a anfitriões como a visitantes desfrutar positivamente do encontro, após o contexto de crise ambiental, econômica e ideológica do final dos anos 1980 criar o ideário de um pós-turista. Segundo o autor, em

resposta aos problemas da massificação do turismo, no final da década de 1980, assistimos à formalização de uma miríade de novos turismos, apoiados em um conjunto de valores, condições de vida e exigências de mercado contemporâneos. Na construção desses tipos de turismo, destacam-se as ideias de autenticidade, responsabilidade e sustentabilidade. Entre esses tipos o turismo de base comunitária, turismo social e/ou cultural e ecoturismo, do qual o turismo de aventura seria parte.

Contudo, há alertas para o perfil elitista da maioria dos praticantes de aventura (homem, branco e de classes abastadas), considerando o alto custo dos equipamentos de algumas modalidades e condições climáticas que exigem tecnologia sofisticada e dos deslocamentos para áreas cada vez mais remotas que permitam experimentação lúdica de fenômenos desejáveis quanto mais exclusivos. Humberstone (2009) analisa a relação problemática de divergência acerca da concepção de risco entre comunidades locais e esportistas viajantes. No caso brasileiro, consequências negativas das peregrinações de lazer à natureza foram problematizadas em estudos antropológicos como o de Baducci Jr. (2003) sobre o Pantanal e o de Prado (2003) sobre a Ilha Grande.

Especificamente relacionados aos gostos e objetivos das práticas esportivas aqui consideradas estão turismos que são concebidos como "na natureza", mas que acabam acontecendo, mais frequentemente, não em ambientes naturais desabitados de humanos, mas em contextos rurais ou próximos a populações tradicionais. A frequência dessas áreas naturais tanto em formato de passeio ou expedição, quanto em formato de campeonatos, pode trazer problemas de impacto ambiental e para populações tradicionais, se a sua consideração não for parte do planejamento da atividade. Por isso, é preciso problematizar esses esportes não apenas como *arriscados*, mas vinculados a questões socioambientais específicas, visto que há pesquisadores que alertam que a rubrica eco se tornou, em alguns casos, uma fachada para o lucro, sem real comprometimento com valores de conservação e mínimo impacto que inspiraram o termo e que deixava de fora a reflexão sobre as populações não urbanas que podem ser incomodadas nessas iniciativas esportivo-turísticas.

Considerações finais: RBA e os esportes de aventura

Ao analisar os anais dos vinte anos de espaço reservado à antropologia do esporte (que se inicia como fórum, passa a Grupo de Trabalho e se desdobra em dois) na Reunião da Associação Brasileira de Antropologia (RBA), é notável a prevalência da importância do futebol para o país em seu surgimento. Entretanto, desde o primeiro fórum não exclusivo sobre futebol, já estavam presentes trabalhos sobre surfe, skate e escalada.

No entanto, entre as pessoas interessadas em estabelecer relações lúdicas com a *natureza* ou a cidade, produzindo corpos aptos a brincar, interagir e/ou se provar nas dinâmicas de suas intempéries e/ou arquitetura, há perfis de prática muito variados. Em observações de diferentes edições da *Adventure Fair*, pude perceber tipos aventureiros que lutam pela causa ambiental e pelo respeito às populações locais dos seus destinos e os que as objetificam como meio de acesso a uma sensação de prazer ou que têm a natureza estritamente como cenário de competição, valorizada pela dificuldade que representa um ambiente não controlado esportivamente, mas não engajados em seu cuidado.

Contudo, a formulação comum entre eles parece ser de que é preciso testar-se na *natureza* para conhecer a si mesmo e conhecer a *natureza* para conhecer o mundo. Para isso é preciso sempre "trocar" de condições "naturais". Primeiro porque há condições sazonais para alguns fenômenos. Tais como a temporada com ou sem ondas em alguns litorais, a cheia e a seca dos rios dependentes da época de chuvas, e a mudança do vento e da neve conforme estações.

Há quem pratique por lazer em localidades e estações específicas, mas quando há compromisso com o rendimento, em que é preciso manter o treinamento, para se manter sempre praticando surfe, *rafting* ou *snowboard*, por exemplo, é preciso ir até onde se possa praticar quando a estação do ano ou condição climática não for propícia no lugar em que se está. Em segundo lugar, pois a lida com o inesperado, o incomum, ou o inóspito parece mais desejável em local que ainda contenha surpresa. Ou seja, na *aventura* de lazer contemporânea, a noção de *natureza* é cumulativa, a *natureza* é conhecida em viagens para destinos distintos.

Além disso, como já afirmei em Bandeira e Toledo (2010), primeira comunicação que apresentei na RBA, encontrei em trabalho de campo na *Adventure Fair*, aventureiros que se negam ser enquadrados nos fenômenos do turismo e do esporte, cientes de suas características sócio-históricas, preferindo os termos *aventureiro*, *viajante*, *expedicionário e/ou caminhante*. Contextos que nos desafiam a compreender que apesar de circularem usando sua força corporal ou terem a provação física como motivação de seus passeios, deliberadamente querem se distanciar dos conceitos turismo e esporte, por serem críticos a estes e que, junto dos adeptos de práticas como dança, yoga, pilates, antiginástica, meditação, entre outras, impõem pensar na importância de um espaço na RBA também para a interface da antropologia do corpo com a antropologia do lazer sem necessariamente ter a antropologia urbana e do esporte como eixo. Demanda acolhida em parte pelos coordenadores, com o desdobramento do Grupo de Trabalho sobre Antropologia do Esporte em dois, com ênfases temáticas diferentes.

Referências

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EMPRESAS DE ECOTURISMO E TURISMO DE AVENTURA – ABETA. *Perfil do Turista de Aventura e do Ecoturista no Brasil*, 2010. Disponível em: <http://abeta.tur.br/download/perfil-do-turista-de-aventura/>. Acesso em: 15 mar. 2021.
- BANDEIRA, Marília Martins. Da aventura antropológica à Antropologia da Aventura. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 28., 02 e 05 de julho de 2012, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: RBA, 2012. Disponível em: <http://www.porta.labant.org.br/2013/07/06/anais-28-rba/>. Acesso em: 29 jul. 2019.
- BANDEIRA, Marília Martins. “No galejo da remada”: estudo etnográfico sobre a noção de aventura em Brotas/SP. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.
- BANDEIRA, Marília Martins. Os novos esportes e a cobertura jornalística: o caso da Folha de São Paulo. In: DIAS, Cleber; ALVES JÚNIOR, Edmundo (Orgs.). *Em busca da aventura: múltiplos olhares sobre esporte, lazer e natureza*. Rio de Janeiro: EDUFF, 2009. p. 125-140.
- BANDEIRA, Marília Martins. *Políticas públicas para o lazer de aventura: entre esporte e turismo, fomento e controle do risco*. 2016. 1 recurso online (233 f.). Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/305338>. Acesso em: 4 mar. 2021.

BANDEIRA, Marília Martins. Resenha de Visão de Jogo: antropologia das práticas esportivas. *Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar*, São Carlos, v. 2, n. 2, p. 349-355, jul./dez. 2010.

BANDEIRA, Marília Martins; TOLEDO, Luiz Henrique. Correr Aventura: notas etnográficas sobre uma feira de esportes de aventura e eventos correlatos. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 27., 2010, Belém. *Anais [...]*. Belém, 2010.

BANDUCCI JR., Álvaro. Turismo Cultural e Patrimônio: a memória pantaneira no curso do rio Paraguai. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 9, n. 20, p. 117-140, out. 2003.

BARRETO, Margarita. O Imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 9, n. 20, p. 15-29, 2003.

BOOTH, Douglas; THORPE, Holly. *Berkshire encyclopedia of extreme sports*. Berkshire: Berkshire Publishing Group, 2007.

BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 207-220.

BUSTIN' Down the Door: as lendas do surf. Direção Jeremy Gosch. USA: Fresh & Smoked, 2008. (1h 36min).

CAILLOIS, Roger. *Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem*. Lisboa: Cotovia, 1990.

DIAS, Cleber Augusto G.; MELO, Victor Andrade de; ALVES Jr., Edmundo. Os estudos dos esportes na natureza: desafios teóricos e conceituais. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, v. 7, n. 3, p. 358-367, 2007.

DOG TOWN and Z-Boys: onde tudo começou. Direção de Stacy Peralta. USA: Sony Pictures, 2001. (91 min).

DURHAM, Eunice Ribeiro; CARDOSO, Ruth. *A Aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Diffel, 1992.

GUTTMANN, Allen. *From Ritual to Record: the nature of modern sports*. New York: Columbia University Press, 1978.

HUMBERSTONE, Barbara. Inside/outside the Western 'Bubble': The nexus of adventure, adventure sports and perceptions of risk in UK and Mauritius. In: ORMROD, Joan; WHEATON, Belinda (Eds.). *On the edge: leisure, consumption and the representation of adventure sports*. Eastbourne: Leisure Studies Association, 2009.

LAGE, Beatriz (Coord.). *Boletim Semestral 2009/2 do Observatório do Turismo da Cidade de São Paulo*. São Paulo: Comtur; Prefeitura de São Paulo, 2010.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MACHADO, Giancarlo. *De "carrinho" pela cidade: a prática do street skate em São Paulo*. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MARINHO, Alcyane; BHRUNS, Heloisa (Orgs.). **Viagens, Lazer e Esporte: o espaço da natureza**. Barueri: Manole, 2006.

MARQUES, Rafael. Cidade lúdica: um estudo antropológico sobre as práticas de Parkour em São Paulo. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MAUSS, Marcel. As Técnicas do Corpo. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, [1935] 2003. p. 399-422.

PARLEBAS, Pierre. *Elementos de sociologia del deporte*. Málaga: Junta de Andaluzia, 1988.

POCIELLO, Christian. Os desafios da leveza: as práticas corporais em mutação. In: SANT'ANNA, Denise (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 115-120.

PRADO, Rosane. As espécies exóticas somos nós: reflexão a propósito do ecoturismo. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 9, n. 20, p. 205-224, 2003.

RINEHART, Robert; SYDNOR, Synthia (Eds.). *To the Extreme: alternative sports inside and out*. Albany: State University of New York Press, 2003.

SCHWARTZ, Gisele (Org.). **Aventuras na Natureza: consolidando significados**. Fontoura: Jundiá, 2006.

SERRANO, Célia; BRUHNS, Heloisa. *Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente*. Campinas: Papirus, 1997.

SIMMEL, Georg. The adventurer (1911). In: SIMMEL, Georg. *On Individuality and Social Forms*. Selected Writings. Chicago: University of Chicago Press, 1971.

TALAVERA, Agustín Santana. Turismo Cultural, Culturas Turísticas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 9, n. 20, p. 31-57, out. 2003.

VIAJANTES RADICAIS, pelo caminho de Lévi-Strauss. Direção de Jader Lago. Exibição: Rio Mountain Festival – 2010 Mostra: Competitiva. São Paulo: Canal Azul e ESPN Brasil, 2009. (53 min).

WHEATON, Belinda (Ed.). *Understanding lifestyle sports: consumption, identity and difference*. London: Routledge, 2004.

Epílogo

e a trajetória segue...

Este livro é uma pausa no entre-fluxo dos eventos acadêmicos relativos às temáticas das práticas esportivas na antropologia, a fim de resgatar um percurso estabelecido. O olhar em perspectiva permite rever, reconsiderar, repensar e, sobretudo, abrir perspectivas para continuar o estabelecimento de linhas de pensamento e pesquisa.

Ainda vale uma palavra final sobre o esforço empreendido no livro. Coletâneas têm o mérito de agregar especialistas, que mostram o estado-das-artes de um campo de estudos e vislumbram o porvir. Parte do que aqui foi feito, diz um tanto desse intuito, porém se refere mais a um registro inédito da trajetória do GT de esportes, que ainda seguirá desempenhando seu papel de aglutinador de entusiastas, antropólogas(os) do esporte ou não, do que propriamente uma sistemática revisão do campo.

De qualquer forma, cumpriu-se o objetivo de enfeixar uma produção, localizada em um tempo e espaço como subproduto de importantes reflexões, e isso certamente contribuirá para olhares perspectivados futuros. Nesta obra falamos de uma "Antropologia dos Esportes" que se impõe como área de investigação internacional, mas que ainda tenciona com a pluralidade de enfoques de uma "Antropologia das Práticas Esportivas".

Se, de um lado, corremos o risco de nos apresentar demasiadamente desconexos, pois autoras(es) não se relacionaram entre si, por outro, alcançamos o mérito de deixar o registro de um recorrido e dar a tônica de um momento futuro, de temáticas que se desdobram, materializando novos e outros esforços analíticos.

Isso serve, sem dúvida, não apenas de guia para o desabrochar de investigações que nascerão, como também de inspiração para a própria pós-graduação nacional em seu esforço de crítica e autorreflexão acerca

dos caminhos seguidos. Uma obra de coletânea, igualmente, pode ter a capacidade de inspirar autoras(es), formadas(os) e em formação, e de situar a produção e as linhas de investigação.

A organizadora/Os organizadores

Índice remissivo

A

ANTROPOLOGIA 3, 142, 196, 197

ANTROPOLOGIA DOS ESPORTES 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 17, 19, 20, 43, 56, 70, 85, 93, 97, 105, 119, 131, 132, 133, 134, 135, 138, 139, 140, 143, 159, 174, 175, 178, 181, 199, 203, 205

C

CORPO 18, 24, 33, 42, 47, 50, 54, 58, 66, 67, 70, 72, 74, 75, 129, 131, 132, 133, 135, 137, 138, 140, 141, 146, 147, 150, 152, 154, 156, 167, 169, 170, 171, 174, 175, 176, 177, 178, 182, 183, 185, 196, 198, 203, 206

CORPORALIDADE 14, 19, 33, 71, 74, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 205

E

EMOÇÕES 12, 14, 18, 19, 38, 52, 92, 131, 134, 136, 138, 167, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182

ETNICIDADE 12, 15, 56, 58, 59, 64, 69, 177, 178, 182

ETNOGRAFIA 24, 25, 26, 29, 30, 32, 33, 36, 37, 40, 41, 42, 66, 67, 83, 102, 110, 140, 141, 145, 151, 156, 160, 171

F

FUTEBOL 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 20, 21, 25, 31, 34, 35, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 60, 61, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 79, 80, 81, 82, 84, 96, 98, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 131, 132, 133, 140, 141, 143, 155, 156, 159, 160, 161, 162, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 176, 179, 180, 188, 195, 203, 204, 205

G

GÊNERO 12, 14, 15, 18, 26, 43, 44, 47, 54, 58, 61, 62, 63, 68, 69, 70, 112, 116, 118, 122, 126, 131, 134, 136, 138, 139, 143, 144, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 160, 173, 174, 177, 178, 182, 192, 203, 205, 206

H

HISTÓRIA 2, 17, 18, 39, 41, 54, 84, 109, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 157, 205, 206

I

IDENTIDADE 12, 43, 45, 47, 54, 59, 65, 68, 90, 104, 114, 117, 118, 126, 127, 132, 137, 141, 149, 150, 155, 156, 158, 159, 173, 204

L

LAZER 11, 12, 16, 20, 21, 26, 36, 38, 41, 42, 44, 57, 60, 66, 89, 92, 155, 157, 183, 187, 188, 191, 194, 195, 196, 205, 206

M

MARCADOR SOCIAL DA DIFERENÇA 16

MASCULINIDADE 15, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 54, 60, 110, 118, 126, 141, 143, 150, 160, 169, 170, 171

MÍDIA 15, 17, 43, 44, 46, 47, 48, 54, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 116, 118, 160, 163, 165, 173, 174, 187

P

PERFORMANCE 117, 126, 131, 134, 135, 136, 137, 138, 141, 150, 162

PRÁTICAS CORPORAIS 11, 41, 119, 120, 126, 129, 139, 185, 186, 187, 198, 206

PRÁTICAS ESPORTIVAS 7, 8, 9, 12, 13, 15, 16, 18, 24, 26, 27, 31, 32, 33, 38, 40, 56, 57, 60, 62, 70, 71, 72, 76, 78, 81, 82, 83, 84, 106, 107, 134, 139, 145, 151, 155, 175, 186, 194, 197, 199, 204, 205, 206

R

RACISMO 58, 59, 62, 63, 64, 68, 115, 118, 126, 160

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS 16, 57, 58, 60, 64, 66

S

SEXUALIDADE 18, 47, 58, 61, 63, 68, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 157, 160, 203, 206

T

TORCIDAS ORGANIZADAS 21, 41, 42, 118

TURISMO 12, 19, 20, 152, 183, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 196, 197, 198

Sobre as(os) organizadoras(es)

Wagner Camargo

É antropólogo e tem se dedicado a investigar corpo, gênero e sexualidade na Educação Física e nos Esportes a partir de referenciais conceituais da Antropologia, da Sociologia e dos Estudos de Gênero. Realizou pós-doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). Seu doutorado foi desenvolvido tanto na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) quanto na Freie Universität von Berlin, em Berlim/Alemanha, e contou com financiamento da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Conselho Nacional Científico e Tecnológico (CNPq) e Deutscher Akademischer Austausch Dienst (DAAD). Sua tese de doutorado foi premiada nacionalmente em 2013, pela Capes.

Mariane Pisani

Graduada em Ciências Sociais e mestra em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP), com estágio de pesquisa no exterior desenvolvido, durante o doutoramento, na Universidade de Amsterdam. É professora adjunta e antropóloga na Universidade Federal do Tocantins (UFT). Coordena o Grupo de Pesquisa em Antropologia Social e Interseccionalidades (Antropos), em que desenvolve pesquisas sobre Gênero e Sexualidades, Antropologia Audiovisual, Antropologia dos Esportes e Práticas de Lazer. É uma das organizadoras do livro *As mulheres no universo do futebol brasileiro*, publicado em 2020.

Luiz Rojo

É cientista social formado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com mestrado e doutorado em Ciências Sociais, com ênfase em Antropologia (PPCIS/UERJ). Realizou pós-doutorado em Antropologia na Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente é o coordenador da Comissão de Antropologia dos Esportes da International Union of Anthropological and Ethnological Sciences (IUAES).

Sobre as(os) autoras(es)

Carlos Eduardo Costa

Graduado e mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). É doutor em Antropologia Social, também pela UFSCar. Atualmente está vinculado ao Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Futebol e Modalidades Lúdicas (Ludens-USP) e ao Laboratório de Estudos das Práticas Lúdicas e de Sociabilidade (Lelus-UFSCar), nos quais desenvolve pesquisa sobre práticas esportivas e sociedades indígenas.

Carmen Sílvia Rial

Jornalista e antropóloga, é doutora em Antropologia pela Université Paris Descartes-Sorbonne. É professora titular do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Foi presidente da Associação Brasileira de Antropologia (2013-2015). Atualmente é presidente do Conselho Mundial de Associações Antropológicas (WCAA) e cocordenadora da União Mundial de Antropologia (WAU). Coordena o Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem (Navi) e o Grupo de Antropologia Urbana e Marítima, além de integrar o Instituto de Estudos de Gênero (IEG), onde desenvolve pesquisas nas seguintes áreas: globalização, antropologia da alimentação, visual, futebol, história da antropologia e consumo.

Cilene Lima de Oliveira

Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e em Educação Física pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É mestra em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFF. Integrou Grupo de Pesquisas Esporte, Lazer e Natureza, no qual desenvolveu pesquisas na linha de Antropologia do Corpo e do Esporte.

Edison Luis Gastaldo

Graduado em Comunicação Social e mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutor em Multimeios pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É professor adjunto no Centro de Estudos de Pessoal – Forte Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, onde desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão nas áreas de antropologia, comunicação visual e publicidade. Em 2008 recebeu o Prêmio Brasil de Esporte e Lazer de Inclusão Social do Ministério do Esporte pelo vídeo "Praça Pública". Realiza pesquisa sobre as seguintes áreas: sociabilidade, interação social, futebol, publicidade, identidade nacional, Copa do Mundo e comunicação.

Leonardo Turchi Pacheco

Graduado em Ciências Sociais, mestre em Sociologia e doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É professor na Universidade Federal de Alfenas (Unifal) onde atua como coordenador e pesquisador do grupo de pesquisa Laboratório de Etnografia (Labet), também é pesquisador do Gefut/UFMG (Grupo de Estudos Sobre Futebol e Torcidas). Trabalha com os seguintes temas: esporte, lazer, jornalismo esportivo e dimensões políticas, relações de gênero, envelhecimento, corporeidade e dor.

Lía Ferrero

Graduada em Antropologia na Universidad de Buenos Aires. Atualmente é docente pesquisadora da Universidad Nacional de José C. Paz e da Universidad Nacional de La Plata, além de integrar o Centro de Estudios del Deporte de la Universidad Nacional de San Martín. É editora da Revista Publicar (em Antropologia e Ciências Sociais) e co-editora de Déjà Lu, iniciativa do Conselho Mundial de Associações de Antropologia (WCAA). Junto a Rosana Guber é editora de *Antropologías hechas en la Argentina*, volumes I, II e III. É, igualmente, presidenta eleita da Associação Latinoamericana de Antropologia (Alas), para o período 2021-2024.

Luiz Henrique de Toledo

Graduado em Ciências Sociais, mestre e doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). É professor titular no departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Atua na área de Antropologia, com ênfase em antropologia urbana, antropologia das práticas esportivas, festas e corporalidade. É líder do Laboratório de Estudos das Práticas Lúdicas e de Sociabilidade (Lelus-UFSCar). É autor dos livros *Lógicas no Futebol* (2002) e *Remexer anotações: o trabalho de um arguidor antropológico* (2019).

Luiz Fernando Rojo

Graduado em Ciências Sociais, mestre em Ciências Sociais e doutor em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É professor associado II, do Departamento de Antropologia da Universidade Federal Fluminense (UFF). É Coordenador da Comissão de Antropologia dos Esportes na *International Union of Anthropological and Ethnological Sciences* (IUAES). Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia dos Esportes, atuando principalmente nos temas: esporte, emoção, identidades de gênero e corporalidade.

Mariane da Silva Pisani

Graduada em Ciências Sociais e mestra em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). É professora adjunta e antropológa na Universidade Federal do Tocantins (UFT). Coordena o Grupo de Pesquisa em Antropologia Social e Interseccionalidades (Antropos), no qual desenvolve pesquisas sobre Gênero e Sexualidades, Antropologia Audiovisual, Antropologia do Esportes e Práticas de Lazer. É uma das organizadoras do livro *As mulheres no universo do futebol brasileiro*, publicado em 2020.

Marília Bandeira

Graduada em Educação Física pela Universidade de São Paulo (USP). Mestra em Antropologia Social pela Universidade de São Carlos e Doutora em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É professora adjunta da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Desenvolve pesquisa nas seguintes áreas: antropologia do corpo; estudos do lazer; sociologia do esporte; metodologia da pesquisa qualitativa; gênero, interculturalidade e práticas corporais na natureza, alternativas e de aventura.

Pablo Alabarces

Licenciado em Letras pela Facultad de Filosofía y Letras de Buenos Aires (1987), ingressou em seguida no mestrado em Sociologia da Cultura, na Universidad Nacional de General San Martín, concluindo em 1999. Em 2002, doutorou-se em Sociologia pela University of Brighton, Inglaterra. Trabalhou como coordenador do Grupo de Trabalho "Deporte y Sociedad", do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (Clacso), de 1999 a 2003. Atualmente é professor titular da Cátedra "Sociología del Deporte", na Universidad Nacional de La Plata (UNLP). Fundou, em 2003, a Cátedra de Estudios Argentinos, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e dirigiu a Secretaria de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências Sociais, da Universidad de Buenos Aires (UBA) entre 2004 e 2010.

Victor Andrade de Melo

Graduado, mestre e doutor em Educação Física. É professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde atua no Programa de Pós-Graduação em História Comparada/ Instituto de História e no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação. É bolsista de Produtividade de Pesquisa do CNPq desde 2003. Atua como coordenador do Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer e é membro do Laboratório de Estudos da Educação do Corpo (Labec/UFRJ). As ênfases das suas pesquisas são: História do Esporte, da Educação Física, do Lazer e das Práticas Corporais; História da Educação; Estudos do Lazer e da Animação Cultural; e Estudos Culturais.

Wagner Xavier de Camargo

Graduado em Ciências Sociais e mestre em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Doutor em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Pós-Doutor em Antropologia Social, pela Universidade Federal de São Carlos (UFS-Car). É membro-fundador da Rede Brasil-Alemanha de Internacionalização do Ensino Superior (Rebralint) e colaborador permanente do Deutscher Akademischer Austausch-Dienst (DAAD). É membro do Laboratório de Estudos das Práticas Lúdicas e de Sociabilidade (Lelus-UFSCar), desenvolvendo pesquisas com os temas corpo, gênero, sexualidade, erotismo e abjeção em práticas esportivas.

Um time de pesquisadores e pesquisadoras, de distintas origens e de diversas formações disciplinares, resolveu jogar junto e produzir conhecimento científico sobre práticas corporais e esportivas sob o espectro da Antropologia, mas também na interface com outras Ciências Humanas.

É nesse contexto que esta coletânea se propõe a, simultaneamente, celebrar os vinte anos dos estudos sobre esportes nas Reuniões Brasileiras de Antropologia (RBAs), bem como apontar caminhos para as próximas etapas de construção da Antropologia dos Esportes no Brasil e no mundo. Realizando um balanço dos diálogos propostos entre o campo de pesquisa nas práticas esportivas e as diversas áreas com as quais se construiu interlocução, esta equipe de especialistas faz girar um caleidoscópio de possibilidades analíticas sobre o objeto em questão. Se tais estudos sistematizam até o momento uma trajetória consolidada, abrem, igualmente, potenciais desdobramentos teóricos e etnográficos a investigações futuras.

